



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
COORDENADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
STRICTO SENSU EM LETRAS, COM ÁREA DE CONCENTRAÇÃO  
EM LINGUAGEM E SOCIEDADE, NÍVEL DE MESTRADO**

**ROSANGELA MARTINS NABÃO**

**O ESTUDO DE NOMES PRÓPRIOS DE NIPO-BRASILEIROS DE TERRA ROXA**

**CASCADEL – PARANÁ  
2007**

**ROSANGELA MARTINS NABÃO**

**O ESTUDO DE NOMES PRÓPRIOS DE NIPO-BRASILEIROS DE TERRA ROXA**

Dissertação apresentada para a Banca de Defesa de Mestrado como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, pelo Curso de Pós-Graduação em Letras, *Stricto Sensu*, área de concentração em Linguagem e Sociedade, do Centro de Educação, Comunicação e Artes da Universidade Estadual do Paraná – Unioeste.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Clarice Nadir von Borstel.

**CASCADEL – PARANÁ**  
**2007**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)

Nabão, Rosangela Martins

N113e O estudo de nomes próprios de nipo-brasileiros de Terra Roxa / Rosangela Martins Nabão.  
– Cascavel, 2007.

190 p.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Clarice Nadir von Borstel

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel,  
2007.

1. Sociolinguística. 2. Multiculturalismo. 3. Língua japonesa. 4. Cultura japonesa. I.  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná. II. Título.

CDD 21.ed. 306.44

306.446

CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Marcia Elisa Sbaraini Leitzke CRB-9/539

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**ROSANGELA MARTINS NABÃO**

### **O ESTUDO DE NOMES PRÓPRIOS DE NIPO-BRASILEIROS DE TERRA ROXA**

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Letras – Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, do Centro de Educação, Comunicação e Artes da Universidade Estadual do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Clarice Nadir von Borstel  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste

Profa. Dra. Elza Taeko Doi  
Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

Prof. Dr. João Carlos Cattelan  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste

Prof. Dr. Ciro Damke  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste

Profa. Dra. Elzimar Goettenauer de Marins Costa (suplente)  
Universidade Federal de Minas Gerais

Cascavel, 15 de dezembro de 2006

## DEDICATÓRIA

*A Deus, sempre.*

*Para Narciso e Elza, meus pais, por tudo e tanto!*

*A Eliamar Aparecida Elias Novo, inesquecível e querida professora de língua portuguesa da 5ª série, lá pelos idos de 1974.*

*Ao Devanir, companheiro de vida e de viagens.*

*Ao Rafael e a Regiane, nossos amados filhos.*

## AGRADECIMENTOS

Uma dissertação é o resultado de um árduo desafio que envolve pessoas, tempo, dinamismo, disciplina, trabalho, focalização de metas e muito estudo e, ao longo da caminhada, descobrimos pessoas que se tornam companheiros, parceiros, amigos, pilares fundamentais que sustentam a possibilidade de alcançar as metas propostas, por isso quero sinceramente agradecer.

À professora-orientadora Clarice Nadir von Borstel que, com profissionalismo conduziu as orientações de leitura, solucionou dúvidas cognitivas e sugeriu procedimentos de pesquisa. Também aos professores que souberam repartir, além do conhecimento específico, também um pouco de sua magnitude humana. Destaco os professores Maria Ceres Pereira, João Carlos Cattelan, Ciro Damke e, abraçando o professor Wander do Amaral desejo prolongar aos professores e coordenadores do Mestrado, os agradecimentos.

Um especial agradecimento ao grupo de nipo-brasileiros residentes em Terra Roxa, participantes da pesquisa e, abraçando a Emilia Fumiko Yassue, abraço efusivamente a todos os outros participantes. Também cito a professora e colega Setuko Matsubara, que emprestou livros específicos de estudos da (i)migração japonesa ao Brasil.

Através dos amigos Mirtes Teiss, Helena Mioko Miura da Costa, Hegrisson Carreira Alves e Andréia Carmona prolongo a todos os colegas do Mestrado os agradecimentos.

Também a minha cunhada professora Cidinha Nabão Penteado e ao seu esposo Dílson Penteado, a ela, pelo apoio psicológico quando o desafio do Mestrado se tornou árduo demais; a ele, pelo auxílio referente à pesquisa do aspecto histórico do Município. Também aos meus familiares pela compreensão por tantas horas de ausência por me dedicar ao estudo.

Aos colegas-professores do Colégio Estadual Antônio Carlos Gomes e, entre eles, ao José Carlos do Nascimento, pela leitura da versão preliminar e revisão da escrita do abstract.

## RESUMO

O presente estudo constitui-se em uma pesquisa sociolingüística, objetivando compreender a relação intercultural entre japoneses e seus descendentes no Brasil, sistematizando, através da pesquisa de cunho etnográfico junto à comunidade de nipo-brasileiros residentes no município de Terra Roxa, no estado do Paraná, Brasil, a presença da etnia japonesa no Município. O fato lingüístico em estudo são os nomes próprios “brasileiros” e “japoneses” de pessoas dentro do espaço enunciativo sociocultural deste grupo étnico. O nome personativo evidencia características próprias em seu desenvolvimento morfossintático e semântico-enunciativo revelando aspectos sociais, culturais e lingüísticos, especialmente para o grupo de nipo-descendentes, pois os nomes destes brasileiros transitam por dois sistemas onomásticos diferentes: o ocidental e o oriental, sendo que o primeiro reflete a adaptação, adequação e/ou aculturamento de aspectos culturais de/no Brasil e o segundo demonstra uma forma de conservar os valores de sua origem étnica. O nome português e o nome japonês não se constituem em tradução ou versão simultâneas. Os primeiros imigrantes japoneses chegaram ao Brasil a partir de 1908. Atualmente, o Brasil possui a maior comunidade de japoneses e nipo-descendentes fora do Japão e, entre os entrevistados, os dois *nisseis* mais velhos possuem 94 anos e 77 anos. Não vieram diretamente para esta região, mas a presença da etnia japonesa está presente desde a formação do Município, em 1955. No ano de 2008 completaram-se 100 anos de imigração japonesa no País, por isso, já não é possível manter a invisibilidade deste grupo étnico e, por outro lado, a tese do conceito de monolingüismo brasileiro já não se sustenta na prática social. Os imigrantes japoneses, ou *isseis*, vieram em busca de riqueza. Pretendiam voltar ao Japão, mas a Segunda Guerra Mundial afetou suas identidades e decidiram ficar. No Brasil constituíram famílias e nasceram gerações *nissei*, *sansei*, *yonsei*, *gossei*, respectivamente, segunda, terceira, quarta e quinta. Recebem ainda outras denominações: nipo-brasileiros, *etno-brasileiros* e *nipons*, o que evidencia na própria linguagem a separação entre “nós” e “outros”, separação tanto por parte dos participantes do grupo étnico, que chamavam aos brasileiros de *gaijin*, como também pelos considerados “brasileiros”. Tantos “eles”, faz inferência a significados de diferença e de estigmatização na formação da identidade de um país que se manifesta discursando como aberto para a diversidade étnica/cultural. A investigação revela que a primeira geração foi mais conservadora quanto à manutenção da língua, demonstrando estranhamento diante dos nomes “brasileiros” que lhes eram designados, citando-os como “apelidos”; já, a segunda geração buscou no nome “brasileiro”, através do batistério da igreja Católica, uma forma de fazer parte da cultura do Brasil; entre os representantes da terceira geração, alguns nomes se revelaram híbridos culturalmente, transitando entre a língua japonesa e a língua portuguesa, revelando criatividade e inclusão de valores étnicos e culturais, mas também entre os incluídos na terceira geração, o grupo entrevistado demonstrou em alguns casos apontados dúvida entre como é chamado pelas pessoas da família e como prefere ser conhecido socialmente, revelando uma ambigüidade de identificação.

**Palavras-chave:** *estudos sociolingüísticos, multiculturalismo, nomes e sobrenomes, nipo-brasileiros, japoneses.*

## ABSTRACT

This study discusses theoretical results of the research project “A Study of personal names of the Brazilians whom are Japanese descendents and live in Terra Roxa, Parana, Brazil”. The purposes of this study is to try to understand the intercultural interaction among Japanese and their descendents in Brazil through the sociolinguistics information got with place research or ethnography and participant observation with traditional families group that have been living in the town, somebody since 1955, when the town was formed and to trace the history this people in this town as too. The research group is divided into the first generation – the immigrants that were born in Japan and began to live in Brazil, called *isseis*; the second generation – they are the first was born in Brazil, called *nisseis*; the third generation – they are grandsons and granddaughters of the Japanese immigrants, called *sanseis*. These participants are people were born since 1928 until 1999 and are involved in a sociocultural context. The personal names are the linguistic object of this study, showing how Brazilian and Japanese denominations belong to different onomastic systems: the oriental and the occidental, with morphological, syntactic and semantic different characteristics, but than they had evidenced in these etymons first name and/or middle name and family one begin ethnic/cultural values and their traditions. The issues had evidenced the level of the adaptation and assimilation to the Brazilian culture and identity with more or less social representation of the Portuguese name and it has evidenced the pacific belonging cultural with creativeness. In 2008 will be completed 100 years what the first Japanese immigrants arrived in Brazil and it is not possible to say about this ethnic-descendents that they are “invisible” like participants of the historical, social and economical life in Brazil. In the other hand, the discussion had was showing than the various classified ethnic names as *gaijn*, several generations and adjectives that straight the Japan/Japanese, had indicated the stigmatization into the same country. This factor could take the identity crises, which is characteristic by the post-modernity. Then, beginnings of the knowledge of the cultural process Japanese person’s personal name, in fact this search suggests that what is important above Brazil to need have recognized the interaction cultural and linguistic and respect to minorities groups and the education should have a culturally responsive pedagogy.

**Palavras-chave:** *Sociolinguistic studies, multiculturalism, names and patronimics, niphon-Brazilians, Japaneses.*



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 MAPA SITUANDO TERRA ROXA NO ESTADO DO PARANÁ.....	33
FIGURA 2 PROSPECTO REFERENTE À VISTA DE ALDEIA DE CIUDAD REAL.....	37
FIGURA 3 PROSPECTO DE PROPAGANDA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO .....	38
FIGURA 4 PROSPECTO DE PROPAGANDA PARA A CONSCIENTIZAÇÃO DO VALOR TURÍSTICO .....	39
FIGURA 5 DOCUMENTO COMPROVANTE DO TOMBAMENTO COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO.....	40
FIGURA 6 TERRA ROXA: LOCALIZAÇÃO PRIVILEGIADA PARA EXPORTAÇÃO INDUSTRIAL PARA O MERCOSUL.....	43
FIGURA 7 FOTO DO CLUBE ACENIBRA E A COLÔNIA JAPONESA DE TERRA ROXA.....	55

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 TABELA 1: RELAÇÃO DE NOMES “BRASILEIROS” DAS PESSOAS PESQUISADAS, GERAÇÃO <i>ISSEI</i> E GERAÇÃO <i>NISSEI</i> .....	97
TABELA 2: TABULAÇÃO DE INFORMANTES POR PERÍODO DE ANOS E COMO SÃO CHAMADOS, GERAÇÃO <i>ISSEI</i> E <i>NISSEI</i> .....	99
TABELA 3: RELAÇÃO DE NOMES “BRASILEIROS” DAS PESSOAS PESQUISADAS, GERAÇÃO <i>SANSEI</i> .....	103
TABELA 4: TABULAÇÃO DE INFORMANTES POR PERÍODO DE ANOS E COMO SÃO CHAMADOS, GERAÇÃO <i>SANSEI</i> .....	104
TABELA 5: NOMES MASCULINOS JAPONESES .....	111
TABELA 6: NOMES FEMININOS JAPONESES.....	113
TABELA 7: PATRONÍMICOS JAPONESES .....	121

## LISTA DE SIGLAS UTILIZADAS NA TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS E TEXTOS ESCRITOS

- A. I.: representante *sansei*, com 7 anos, sexo masculino.
- A.T.: representante *issei*, com 65 anos, sexo masculino.
- A. Y. representante *sansei*, com 9 anos, sexo masculino.
- A.H.: representante *sansei*, com 15 anos, sexo feminino.
- Ad.Y. representante *sansei*, com 7 anos, sexo feminino.
- Al.H.: representante *nissei*, com 18 anos, sexo feminino.
- Ali.H.: representante *nissei*, com 20 anos, sexo masculino.
- C. Y. representante *sansei*, com 14 anos, sexo masculino.
- C.H.: representante *nissei*, com 13 anos, sexo feminino.
- C.I.: representante *sansei*, com 30 anos, sexo feminino.
- E.T.: representante *issei*, com 63 anos, sexo feminino.
- E.Y.: representante *nissei*, com 43 anos, sexo feminino.
- Er.Y.: representante *sansei*, com 18 anos, sexo feminino.
- F.K.: representante *issei*, com 94 anos, sexo feminino.
- G. K: representante *issei*, falecido com 53 anos, sexo masculino.
- H.K: representante da *etnia alemã*, com 69 anos, sexo masculino.
- I. K.: representante *nissei*, com 75 anos, sexo feminino.
- I.M.: representante *nissei*, com 67 anos, sexo feminino.
- Ig.Y.: representante *sansei*, com 16 anos, sexo masculino.
- J. H.: representante *sansei*, com 9 anos, sexo feminino.
- J.M.: representante *sansei*, com 19 anos, sexo masculino.

K.M.: representante *issei*, com 7 anos, sexo feminino, nascida no Japão quando os pais como decasséguis trabalhavam no Japão.

L. H.: representante *nissei*, com 44 anos, sexo feminino.

M.M. representante *nissei*, com 70 anos, sexo feminino.

M.N.: representante *issei*, com 77 anos, sexo masculino.

M.Y.: representante *nissei*, com 58 anos, sexo masculino.

Me.Y.: representante *sansei*, com 40 anos, sexo feminino.

N.G.: representante *issei*, com 75 anos, sexo masculino.

R.I.: representante *sansei*, com 33 anos, sexo masculino.

R.N.: representante *nissei*, com 45 anos, sexo feminino.

S.K. representante *issei*, com 43 anos, sexo feminino.

S.M: representante *nissei*, com 75 anos, sexo masculino.

S.T.: representante *issei*, com 77 anos, sexo masculino.

Sa.Y.: representante *nissei*, com 75 anos, sexo feminino.

Se.M.: representante *nissei*, com 66 anos, sexo feminino.

Si. H.: representante *sansei*, 11 anos, sexo feminino.

T. H: representante *nissei*, falecido aos 75 anos, em 1993, sexo masculino.

T.M.: representante *nissei*, com 70 anos, sexo masculino.

T.T. representante *nissei*, com 72 anos, sexo feminino.

Ta. H: representante *issei*, com 77 anos, sexo feminino.

To.M.: representante *nissei*, com 69 anos, sexo masculino.

W.Y.: representante *sansei*, com 15 anos, sexo masculino.

Y. M.: representante *issei*, com 68 anos, sexo feminino.

Y.H.: representante *issei*, com 47 anos, sexo feminino.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1 A PESQUISA DE CAMPO ETNOGRÁFICA</b> .....	19
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO MÉTODO .....	19
1.1.1 Etnografia: a Observação Participante .....	20
1.2 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	23
1.2.1 Visitando as Famílias.....	25
1.2.2 Histórico de como a Linguagem (nome) foi trabalhada.....	28
1.2.3 Procedimentos para Análise do Nome.....	30
<b>2 ESPAÇO GEOGRÁFICO E LINGÜÍSTICO</b> .....	33
2.1 TERRA ROXA: TEMPO, ESPAÇO, MULTICULTURAS E ENRAIZAMENTO.....	33
2.2 O ESPAÇO TEMPORAL DA FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO .....	34
2.2.1 Fundação da Ciudad Real del Guayrá .....	35
2.2.2 Terra Roxa: Século XX e Início do Século XXI .....	40
2.2.3 Fatores Econômicos do Município .....	43
2.3 (RE)LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E SOCIAL .....	44
2.4 PLURALIDADE E CULTURA DOS NIPO-BRASILEIROS: (I)MIGRAÇÃO .....	47
2.4.1 A Migração de Nipo-descendentes a Terra Roxa.....	50
2.4.1.1 Para Preservar a Cultura: a Acenibra.....	54
2.4.2 (Re)Territorialização e Valores Éticos do Grupo .....	56
<b>3 LINGUAGEM E SEUS ASPECTOS SOCIOCULTURAIS E IDENTITÁRIOS</b> .....	61

3.1 ENUNCIACÃO E EFEITO DE SENTIDO .....	63
3.2 CULTURA E IDENTIDADE .....	65
3.2.1 Alguns Aspectos da Integração Social e Língua-Cultural .....	71
3.2.2 O Fim da Segunda Guerra: Identidade em Crise .....	75
3.2.3 Em Busca da Competência Intercultural .....	78
<b>4 A CONSTRUÇÃO DE NOMES PERSONATIVOS</b> .....	<b>81</b>
4.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DA ONOMÁSTICA .....	82
4.2 FUNCIONAMENTO MORFOSSINTÁTICO E SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO DE NOMES PERSONATIVOS .....	88
4.3 NOMES E SOBRENOMES: UMA VIAGEM CULTURAL .....	94
4.3.1 Nomes “Brasileiros”: de Primeira e de Segunda Geração .....	96
4.3.2 Nomes Brasileiros: de Terceira e de Quarta Geração .....	102
4.3.3 Nomes Masculinos Japoneses: de Primeira a Terceira Geração .....	111
4.3.4 Nomes Femininos Japoneses: de Primeira a Terceira Geração .....	113
4.3.5 Fatores para a Escolha de Nomes de Pessoa .....	115
4.3.6 Sobrenomes de Famílias de Japoneses .....	121
4.4 O ENUNCIADO DE NOMES PERSONATIVOS NO ACONTECIMENTO DE LINGUAGEM .....	125
4.4.1 A Não-Unicidade do Nome Próprio de Pessoa .....	129
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>132</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>138</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>145</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>145</b>

## INTRODUÇÃO

Buscar em uma investigação no nível micro as figurações que podem estar ocorrendo no nível macrossocial é uma das prerrogativas desta pesquisa, pois com os dados coletados, delinea-se como objetivo geral compreender a relação intercultural entre japoneses e seus descendentes no Brasil, tendo como amostragem os entrevistados enraizados no município de Terra Roxa, Paraná, há três gerações.

O Município é considerado de pequeno porte, com uma área terrestre de 838,53 km<sup>2</sup> e com um total aproximado de 17.000 habitantes. Os nipo-brasileiros se destacam, não porque representem um grande percentual demográfico, mas porque é o grupo étnico mais representativo, estando presente desde a colonização do Município, iniciada no ano 1955. A história deste grupo étnico no Brasil a partir de sua imigração em 1908, em busca de melhores condições de vida, fugindo da explosão demográfica em seu país de origem e em busca de trabalho, é por vezes comovente.

O interesse sociocultural foi despertado em 2002, pela atitude da jovem *Adriana Hiromi Hata*, então na 5ª série, com 11 anos de idade, aluna atenciosa e adiantada, que, mesmo tendo sido chamada pela professora diversas vezes pelo nome em português constante do livro de chamada, ela continuava suas atividades como se ninguém estivesse falando com ela. O olhar da professora estranhou a desatenção, mas percebeu que ela prontamente atendia aos colegas e estes a chamavam por *Hiromi*. Esse fato desencadeou a curiosidade sociolinguística, nestes termos: (a) por que há dois nomes em japonês? Ambos são sobrenomes? São da genealogia do pai ou da mãe? (b) Se o nome é em português, por que ela parece não ouvi-lo como seu nome e dá preferência ao segundo nome, que está em japonês? Depois dessas, outras curiosidades foram se somando e também foram sendo realizadas leituras específicas sobre a cultura japonesa, então, deu-se a origem à produção escrita do

projeto de pesquisa e, após, foi acontecendo a complementação e o desenvolvimento de estudos bibliográficos e etnográficos que deram suporte e embasamento tanto para a discussão e apontamentos na/para a pesquisa teórica quanto na/para a pesquisa com os informantes.

A linguagem faz parte do ser humano e é usada como meio de comunicação e de integração social do falante ao seu grupo social e à sociedade como um todo. A linguagem verbal é, pois, o constructo básico das representações simbólicas realizadas pelo ser humano e se dá *na* e *pela* linguagem através do tempo e dos espaços na sociedade. A linguagem que pode unir pessoas, também pode separá-las, sendo assim, como se comportam pessoas sobre um mesmo espaço geográfico, mas que possuem línguas tão diferentes, como o português do Brasil e a língua japonesa? Como é o processo de identificação de um grupo considerado minoritário, em “um país que se considera monolíngüe”? (CAVALCANTI, 1999; SAVEDRA, 2003).

Parafraseando Bakhtin sobre a palavra como uma espécie de ponte lançada entre o usuário e os outros (1999), tem-se a compreensão de que, para interpretar a identidade de um grupo humano, faz-se necessário conhecer o contexto sócio-histórico em que a língua é utilizada, mesmo que seja uma língua considerada de “pouca vitalidade entre os etno-brasileiros a partir da terceira geração” (NAWA, 1988). Também segundo Guimarães, as línguas são afetadas, no seu funcionamento, por condições históricas específicas e funcionam de acordo com o modo de distribuição dos falantes. As línguas são elementos fortes no processo de identificação social dos grupos humanos (2006).

Mas, como realizar um estudo sociolinguístico sem ter o conhecimento da língua japonesa, que é falada pela primeira e segunda geração dos entrevistados e que, mesmo representando-se como um grupo minoritário, já não pode ser relegado à “invisibilidade” (ERICKSON, 1986 *apud* PEREIRA; JUNG, 1998, p. 306). O Brasil possui a maior



comunidade de japoneses e nipo-descendentes fora do Japão e, no ano de 2008, completar-se-ão 100 anos de imigração japonesa no País e, com a vivência na sociedade brasileira, como está demonstrada a formação da identidade cultural desse grupo?

Assim refletindo, a opção foi realizar a pesquisa escolhendo como principal objeto de estudo *os nomes personativos do grupo de nipo-brasileiros*. “No Brasil, a designação personativa corresponde ao nome civil. É o nome completo da pessoa, iniciando pelo prenome e finalizando pelo último nome aposto”<sup>1</sup>. Na seqüência de decisões, a escolha foi por um método para obter informações lingüísticas referentes ao nome próprio de pessoa, mas que também favorecesse a coleta de dados sociais e históricos de representantes deste grupo étnico, residentes no Município. O registro de dados da história da imigração/migração japonesa na cidade e a história dos nomes personativos do grupo, foi realizado a partir de relatos das entrevistas e das narrativas biográficas. Portanto, nesta pesquisa de cunho sociolingüístico, social e etnográfico, tentar-se-á ligar por diferentes vieses duas problemáticas: ser brasileiro sendo *nipon*<sup>2</sup>, com seus nomes e sobrenomes de família, sistematizando o resgate histórico e cultural de nipo-brasileiros a partir de entrevistas e relatos das mais antigas famílias da etnia enraizadas na comunidade de Terra Roxa.

Segundo Handa “quando vieram ao Brasil, os imigrantes japoneses visavam ir atrás da árvore de dinheiro para depois retornar ricos ao Japão” (1987, p. 9). Mas o retorno não se concretizou. Ao chegarem ao Brasil ficaram em núcleos, formando comunidades de sua etnia, verdadeiras “ilhas lingüísticas” (WIESINGER, 1980 *apud* BORSTEL, 2003b, p. 112), mas a política de nacionalização estabelecida pelo governo de Getúlio Vargas (1937-1945), tornou ilegal o uso e o ensino de todas as línguas européias em território nacional e, por conseqüência, a comunidade japonesa ficou sem acesso à imprensa escrita e falada. E ainda, o desfecho da Segunda Guerra Mundial (1945), atingiu os japoneses em suas identidades e

---

<sup>1</sup> <[www.espacovital.com.br](http://www.espacovital.com.br)> Acesso em 20 julho 2006.

<sup>2</sup> Esta expressão foi utilizada em Wilde, 1891 *apud* Abdalla-Pretceille (2004, p. 75).

assim, “quando viram que não iam voltar ao Japão, resolveram buscar melhores condições de educação para os filhos, e lhes permitir uma educação adequada para viver como brasileiros, no Brasil” (NAWA, 1988).

No Brasil constituíram família e, então, nasceram as gerações *nissei* – sendo que o elemento prefixal *-ni* significa *segunda* e *sei* vem a ser *geração*; seguida da geração *sansei* – que provém de *san*, que significa a *terceira* geração: netos de imigrantes japoneses (NAWA, 1988, p. 12-13), seguida da geração *yonsei* e da geração *gossei* – respectivamente quarta e quinta gerações (OGUIDO, 1988, p. 227). De uma forma conjunta, são chamados de *nipo-brasileiros*. E, atualmente, no início do século XXI, são percebidos como “iguais” ou como “diferentes” dos outros brasileiros? (SILVA, 2003, p. 75).

Com o desenvolvimento das entrevistas, à medida que os dados iam sendo coletados, verificaram-se no discurso dos entrevistados relatos que mereceriam análise detalhada, mas que não pôde ser realizada, devido ao tempo da pesquisa e também para não se desviar do foco a que se propôs o trabalho e ainda, devido à impossibilidade de se realizar o estudo de todos os aspectos culturais e lingüísticos de uma comunidade em um único trabalho dissertativo.

O enunciado personativo evidencia fatos, necessidades de grupos humanos que se revelam e/ou são revelados em seus traços lingüísticos e culturais. “Em território brasileiro, o registro civil de pessoas naturais é regido pela *Lei Federal de Registros Públicos nº 6015, de 1973* e, ao ser registrado, o ser humano obtém direito e deveres, pois perante a lei ganha o estatuto de ser cidadão” (OLIVER, 2005, p. 8).

A organização desta dissertação está sendo apresentada em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta a *Pesquisa de Campo Etnográfica* com abordagem de pesquisa centrada em André, Jovchelovitch; Bauer e Pais, o capítulo sinaliza como o estudo foi realizado, desde as gravações até a transcrição dos dados quando trata do significado literal,

metafórico das ações deste grupo no cenário do cotidiano na comunidade, na interação com os outros sob a concepção sociológica e sob o enfoque da sociolinguística interacional (GUMPERZ, 1982 *apud* BORSTEL, 2003c) na comunidade investigada.

No segundo capítulo, *Espaço Geográfico e Lingüístico*, é que estão referenciados fatores socioculturais sobre a história de Terra Roxa no tempo e no espaço do enraizamento das pessoas que povoaram o Município, recorrendo ao *site* eletrônico<sup>3</sup> e, referente à chegada dos imigrantes japoneses ao Brasil, estão referenciados estudos de autores como Oguido, Handa e à Aliança Cultural Brasil-Japão; estes estudos apresentam a história sobre a pluralidade e a cultura dos japoneses e, referente à migração para o município, a reflexão foi apresentada e discutida a partir dos relatos da pesquisa de campo, apresentando o contexto dos etno-brasileiros no município.

O terceiro capítulo apresenta a fundamentação teórica sobre *Linguagem e seus Aspectos Socioculturais e Identitários*, em que são expressas teorias de Bakhtin e Orlandi e, no tópico *Cultura e Identidade*, foram apresentadas teorias de Sarup, Silva, Hall e Certeau, discutindo a construção da cultura *na* e *pela* diferença, enfocando a construção da *cultura no plural* e, recorreu-se também aos PCN's como um documento que justifica a necessidade de estudos sobre o *multiculturalismo*.

Para finalizar, no quarto capítulo *A construção de nomes personativos*, apresenta-se a fundamentação teórica sobre os estudos de Guimarães, Bakhtin, Pêcheux, Orlandi e Maingueneau, analisando os nomes representativos do *corpus* da pesquisa, sob o enfoque morfossintático e semântico-enunciativo da cultura étnica deste grupo de *isseis* e de seus descendentes, assim como os referenciais dados pelo dicionário onomástico de nomes japoneses.

---

<sup>3</sup> <[www.terraroxa.pr.gov.br](http://www.terraroxa.pr.gov.br)>

Como o objeto de pesquisa é o nome personativo, não há como não citá-los em nome e em sobrenome; assim, na parte da análise, para não entrar em questões jurídicas por apresentar o nome real de uma pessoa, optou-se por reuni-los em grupos representativos, mas em que nomes e sobrenomes fiquem separados, evitando assim, a identificação da pessoa. Já, quando a referência é aos primeiros moradores que fizeram parte da organização e formação cultural do Município, estes étimos estão apresentados integralmente.

Na parte referente a *Apêndices*, as informações estão transcritas literalmente quanto à fala dos entrevistados, desde que estes tenham permitido que sua entrevista fosse gravada. No corpo do trabalho, às vezes a fala está escrita literalmente e, em outras, está o resultado da interpretação do olhar do entrevistador.

A realização deste estudo pode promover a conversação intercultural e, com o conhecimento obtido levar para o espaço escolar alguns conhecimentos que permitam a desmistificação de *tabus* e do enfrentamento de estigmatização de minorias, auxiliando não simplesmente a convivência entre grupos étnicos no mesmo espaço geográfico, mas, também a cooperação entre o multiculturalismo social com a diversidade cultural.

## 1 A PESQUISA DE CAMPO ETNOGRÁFICA

Para a realização de uma pesquisa, é necessário escolher uma metodologia que melhor possibilite alcançar os objetivos propostos naquele determinado estudo e que também viabilize a sua efetivação. Assim, inicia-se esta dissertação, apresentando a síntese de algumas abordagens de estudo da linguagem até chegar à escolha da pesquisa de cunho etnográfico.

### 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO MÉTODO

Parafraseando Bakhtin, não se deve subestimar a função comunicativa da linguagem (2000, p. 290). A linguagem cria a imagem do mundo, mas é também produto social e histórico. Assim, a linguagem criadora de uma imagem de mundo, é também criação desse mundo. Mey afirma que a língua não é somente a expressão da “alma” ou do “íntimo” do indivíduo, é, acima de tudo, a maneira pela qual a sociedade se expressa como se seus participantes fossem sua fala (2002, p. 76). A língua surge da necessidade que o ser humano tem de se comunicar e de construir o mundo ao seu redor.

Mas, se atualmente, no início do século XXI, parece evidente relacionar língua e sociedade, esta realização se deve a William Labov. Segundo Tarallo, “foi ele quem insistiu veementemente na relação entre língua e sociedade, e na possibilidade, virtual e real, de sistematizar a variação existente e própria da língua falada” (2004, p. 7). O modelo de descrição e interpretação do fenômeno lingüístico no contexto social de suas comunidades ficou conhecido como Sociolingüística Variacionista, sendo também chamado de Sociolingüística Quantitativa.

Também há a abordagem qualitativa e/ou interpretativa que tem como base os estudos de Gumperz (1982, *apud* BORSTEL, 2003c), que interpretam dados empíricos, analisados ideologicamente, ou seja, de forma econômica, histórica, cultural, étnica e religiosa, juntamente com os fatores internos e externos da língua de uma determinada comunidade de fala, a partir da observação participante. Ficou conhecida como Sociolingüística Interpretativa. De acordo com Borstel,

Gumperz propôs um modelo centrado no discurso que pudesse dar conta das funções comunicativas das variações lingüísticas, ocorridas numa interação contextualmente situadas. Este enfoque engloba, na sua análise, as diferenças no estilo comunicativo e o conhecimento subjacente que caracteriza comunidades culturalmente diversas (2003c, p. 167).

As abordagens quantitativa e interpretativa, unidas para o desenvolvimento de um estudo sociolingüístico, permitem investigar temas na área, como o surgimento e extinção de línguas, a variação e a mudança lingüística, o bilingüismo, o multilingüismo, as línguas *de* contato e línguas *em* contato, a língua nativa, a língua materna nacional, entre outras áreas de interesse da Sociolingüística.

A Sociolingüística encara os grupos humanos em sua interação e em contexto de funcionamento; “a vida das palavras” e porque elas dão sentido à vida. A Sociolingüística caminha junto com a etnografia.

### 1.1.1 Etnografia: Observação Participante

Para a atual pesquisa, que tem como objeto de estudo os nomes e sobrenomes personativos de famílias de *isseis*, *nisseis* e *sanseis* enraizados no município de Terra Roxa, Paraná, a opção escolhida foi por um método que fornecesse subsídios para obter informações com famílias de nipo-brasileiros do Município, um método que favorecesse obter informações

lingüísticas referentes ao nome personativo, mas que também favorecesse registrar dados sobre fatos sociais e históricos da vida deste grupo étnico. Assim, a metodologia deste estudo realizou uma interdisciplinaridade com a Antropologia, mais especificamente no método etnográfico e social.

O precursor sobre estudos etnográficos sob o enfoque lingüístico foi Gumperz, que realizou pesquisa em comunidades bilíngües no ano de 1964. A partir dos anos 1980, a pesquisa etnográfica tornou-se popular no Brasil. Segundo André, “a etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvida pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade” (2004, p. 27-28). A etnografia é a tentativa da descrição da cultura. Cultura que, segundo Geertz, citando Ryle, é conceituada como um sistema de símbolos construídos, “não é um poder, algo a quem pode ser atribuída a causa dos eventos sociais, comportamentos, instituições ou processos: é um contexto, algo dentro do que os símbolos podem ser inteligivelmente descritos” (GEERTZ, 1973 *apud* ANDRÉ, 2004, p. 19-20). A cultura é sustentada pela capacidade humana de simbolizar e exercer a função simbólica através dos significados destas representações.

André aponta os seguintes princípios da pesquisa etnográfica:

- a) interação constante entre o pesquisador e o objeto pesquisado;
- b) o pesquisador é o instrumento principal na coleta e na análise dos dados;
- c) ênfase no processo, naquilo que está ocorrendo e não no produto ou nos resultados finais;
- d) preocupação com o significado, com a maneira própria com que as pessoas vêem a si mesmas e o mundo que as cerca;
- e) trabalho de campo: os eventos, as pessoas, as situações são observados em sua manifestação natural;
- f) descrição: situações, pessoas, ambientes, depoimentos, diálogos;
- g) indução: busca e formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não-testagem (2004, p. 28-30).

Uma pesquisa de cunho etnográfico demanda conhecimento prévio, respeito, tempo, convivência, organização de fatos, aceitação da pessoa do outro e, ainda uma certa empatia entre entrevistador e grupo entrevistado, pois o entrevistador não pode simplesmente querer entrevistar, é preciso ser aceito e para a entrevista fluir é necessário saber pontuar o diálogo, trazer ao assunto o interesse da pesquisa.

Há o que é parte do entrevistador, mas há uma parte que não depende dele, como, por exemplo, o tempo em uma pesquisa etnográfica. Não é possível em curto espaço de tempo explorar todos os aspectos que envolvem a construção da onomástica de um grupo de pessoas, mesmo que este grupo seja uma amostra relativamente pequena, pois, o tempo age também para o(s) informante(s) que estabelece(m) seu horário para receber visitas, precisando que o entrevistador não se faça inconveniente e tente elaborar estratégias para que seja recebido. Em uma cidade pequena, em que muitos se conhecem, o conhecimento na comunidade é de certa forma um facilitador, mas pode ser um complicador, se, por acaso houver mal-entendidos, má interpretação quanto aos objetivos da pesquisa ou quanto à pessoa do entrevistador.

Assim, uma parte da preparação é trabalhar a acolhida no interior do próprio entrevistador, que fará com que se “limpe os olhos” de preconceitos e de estigmatizações, pois na pesquisa etnográfica, o entrevistador<sup>7</sup> é parte fundamental para que se crie um ambiente de receptividade e as informações possam surgir fluidas e claras, pois na entrevista, como sugere Erickson, recolhe-se “dados em potencial”<sup>8</sup>, mas que sob o olhar do pesquisador tornar-se-ão dados e informações.

Foi a possibilidade de descrever e interpretar as relações culturais a partir das narrativas orais dos nipo-brasileiros que fez com que a Etnografia fosse escolhida como abordagem metodológica. E, mesmo ciente de que a inter-relação entre pesquisador e objeto

---

<sup>7</sup> André utiliza-se do termo “pesquisador”, mas aqui foi trocado para entrevistador.

<sup>8</sup> “Notas de campo, entrevistas, gravações e documentos locais, na sua forma bruta, não constituem dados, são mais apropriadamente consideradas como fontes para dados potenciais” (ERICKSON, 2001 *apud* COX; ASSIS-PETERSON, 2001, p. 14).



de estudo leve a aproximação entre eles, envolvidos pela motivação e emoção, buscou-se, dentro do possível, a neutralidade, desejando que, com base nas evidências apresentadas, seja possível formular, por indução, hipóteses e conceitos sobre a cultura, simbolizada e/ou representada na enunciação dos nomes personativos dos nipo-brasileiros.

Esta dissertação objetiva apresentar algumas abordagens culturais e étnicas da comunidade de Terra Roxa, fundamentada na pesquisa de cunho sociolinguístico/pragmático e fazendo o uso do método etnográfico e social.

## 1.2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Tratando-se de uma pesquisa sociolinguística e etnográfica, houve o registro do corpus da pesquisa referindo-se ao resgate histórico deste grupo humano no Município, como também houve a anotação de seus pré-nomes, nome do meio e sobrenome e o incentivo para explicações sobre origens, causas e critérios que levaram à escolha do nome próprio dos entrevistados. Mas o que se estabelecem nestas informações como verdadeiras? Jovchelovitch e Bauer citam que “a resposta está totalmente a cargo do pesquisador, que tenta tanto apresentar a narrativa com máxima fidelidade, como organizar informações adicionais de fontes diferentes, para cotejar com material secundário e revisar a literatura ou documentação sobre o acontecimento a ser investigado” (2002, p. 110).

Os registros de nomes de nipo-brasileiros de Terra Roxa estão delimitados até a geração de *sanseis*, tendo como ponto de partida o sobrenome das primeiras famílias que vieram para o Município, pesquisando seus nomes desde a primeira até a terceira geração.

Os procedimentos metodológicos estão sustentados na Sociolinguística Interpretativa. O *roteiro de entrevistas* e a *narrativa biográfica* foram os instrumentos selecionados para a

investigação. O roteiro de entrevistas<sup>9</sup> é utilizado como um modelo de apoio, buscando equitativamente direcionar as perguntas para todos os entrevistados. A narrativa biográfica, especialmente com os *isseis*, transporta para uma época distante – a da imigração –, em que sonhos, expectativas, frustrações, aceitação e dificuldades no país em que escolheram para viver são lembradas. A biografia étnica/cultural obedece ao fluxo da memória e, às vezes, é entrecortado por saudosismo, silêncio, choro, nervosismo, dificuldade de expressão. Segundo Pais,

há que se entender que os documentos biográficos (memórias, biografias, histórias de vida, etc.) não podem ser considerados reflexos passivos de uma entidade individual, isolada, sem envolvimento social. O indivíduo não constitui um átomo social representativo da unidade heurística mais elementar da sociologia. O indivíduo é simplesmente, como refere Ferraroti, “uma síntese complexa de elementos sociais”. Por seu lado, o relato biográfico revela-se sempre como uma “prática humana”. Ora, se cada biografia aparece como síntese de uma história social e, paralelamente, cada comportamento ou acto individual aparece como síntese de uma estrutura social, há sempre lugar a um movimento de vaivém, da biografia ao sistema social e deste à biografia. Ou seja, o sistema social – na medida em que não existe fora dos indivíduos – manifesta-se sempre na vida individual, de tal forma que pode ser apreendido a partir da especificidade das práticas individuais (2003, p. 151).

A entrevista narrativa leva a compreender como objetos simbólicos, como as enunciações nominativas, por exemplo, produzem sentidos. O roteiro de entrevistas que induz à narrativa vai possibilitando a realização do resgate histórico da presença da etnia japonesa e colhendo informações sobre o nome personativo, solicitando dados que fazem parte do *corpus* da investigação desta pesquisa etnográfica, para tanto, foram obedecidas algumas etapas, como o tempo para a pesquisa bibliográfica, com a qual foi possível atualizar conhecimentos teóricos e práticos e descobrir novos conhecimentos e recortar a fundamentação teórica que dá base também à pesquisa de campo.

---

<sup>9</sup> O roteiro de entrevistas está em anexo.

### 1.2.1 Visitando as Famílias

Geralmente, as famílias de origem japonesa demonstram-se reservadas sobre a sua tradição etno-cultural e lingüística e, a entrevistadora, que não tem ascendência nipônica, esbarrou no desconhecimento da língua japonesa; então, como fazer acontecerem possibilidades para a coleta de informações? A entrada na pesquisa de campo, assim como o tempo de permanência, exige cuidados do entrevistador, como aponta Pereira:

A entrada de campo é um momento crucial para o desenvolvimento de uma pesquisa de campo, sendo assim, cabe ao pesquisador valer-se de sua intuição e sensibilidade para criar um contexto favorável ao seu trabalho. Nessa negociação, um dos objetivos postos se relaciona com a confiança a ser estabelecida entre as partes envolvidas (1999, p. 103).

As famílias visitadas foram escolhidas a partir de sobrenomes da lista telefônica e após anotar, procurar entre as famílias, uma das participantes com quem a entrevistadora tivesse um acesso mais normal para o diálogo e ter a primeira aproximação visando à pesquisa. A aproximação atual com a comunidade aconteceu pela busca de dados no clube *Acenibra* (Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira de Terra Roxa/Paraná) e houve a colaboração de algumas mães e pais líderes, cujos filhos haviam sido alunos da entrevistadora, que é residente há mais de 30 anos no município de Terra Roxa, sendo que a mesma sempre manteve diálogo com nipo-descendentes, seja por amizade em sala-de-aula como aluna, ou como professora em escolas estaduais, particulares e de idiomas. Este contato no passado e no presente tem facilitado receptividade às entrevistas.

Uma dificuldade tem sido marcar o horário para a entrevista e depois perceber que a hora se fez imprópria, tendo que marcar para ocasião posterior, com o aval do entrevistado e do(a) acompanhante da entrevistadora, que é geralmente uma outra pessoa da família do entrevistado, que lhe inspire confiança e que fale a língua japonesa, ou seja: para chegar aos mais velhos (os *isseis* e *nisseis*), foi preciso ser acompanhada por um integrante mais jovem, seja *nissei* ou *sansei*. Também foi revelado por parte dos entrevistados um certo desconforto

quando as entrevistas eram com representantes do sexo masculino; então as visitas foram implementadas com o acompanhamento do esposo da entrevistadora; ele é pertencente a uma família de antigos moradores da cidade.

A primeira pessoa com quem a entrevistadora manteve diálogo no sentido de buscar ajuda para a pesquisa, foi a Sra. Emília Fumiko Yassue, mãe da jovem Érika Harumi Yassue, com 18 anos, ex-aluna da entrevistadora e com quem esta mantivera laços de amizade. Através da filha, chegou-se até a mãe, que é uma das principais líderes femininas do Clube *Acenibra (Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira)*; então, juntamente com a Sra. Emília, foi realizado o paralelo dos nomes copiados da lista com os nomes de quem realmente residem no município de Terra Roxa e também foi descoberto que há dados escritos de posse do presidente da Acenibra, não chegam a ser documentos, mas estão escritos em língua japonesa em que relatam os nomes dos primeiros moradores de origem japonesa na cidade e a data em que as famílias chegaram. A escolha não foi totalmente aleatória, pois para ocorrer a seleção entre os nomes sugeridos, teve relevância fatores como: o pioneirismo, a idade de vida, o tempo de moradia, a amostra de gerações de *isseis*, *nisseis*, *sanseis*, a saúde dos entrevistados, a provável disponibilidade, o acesso à residência e, rede de contatos. Após a análise, chegou-se aos nomes de famílias selecionadas para a pesquisa: Miyakawa, Nakamura, Takayama, Hata, Yassue, Mori, Kakimori, Takahashi, Ymazato, Kawase, Matsubara, Tokumi, Shimokawa e Tanaka (mas chegou o término da pesquisa e não se tornou possível entrevistar pessoas denominadas com os dois últimos sobrenomes arrolados acima).

A primeira entrevistada foi Helena Miwako Mori. A segunda foi a família de Mário Yoshio Yasse. Na ocasião, foi pedido à Emília F. Yassue, que acompanhasse a entrevistadora às residências de outros entrevistados. A próxima entrevista foi com o Tadashi Miyakawa e esposa e, a partir daí, estabeleceu-se uma rede de contatos. As entrevistas continuaram com as outras famílias.

Quanto à pesquisa etnográfica, Jovchelovitch e Bauer lembram que “primeiramente, o pesquisador necessita criar certa familiaridade com o campo de estudo. Isso pode implicar em ter de se fazer investigações preliminares, estudar documentos e tomar nota de boatos e relatos informais de algum acontecimento específico” (2002, p. 97). Assim foi feito. E com base nos objetivos da pesquisa, foi formulado o *roteiro de entrevistas* com a finalidade de homogeneizar os dados de vários informantes para analisar na seqüência posterior, bem como para não perder o foco da conversação e para estimular as narrativas de experiência pessoal. Antes de cada entrevista, houve o cuidado de procurar informação com a acompanhante sobre a pronúncia do(s) nome(s) e mais ou menos a idade do(s) entrevistado(s), porque às vezes o nome japonês causa estranhamento tanto quanto à pronúncia quanto à escrita e a entrevistadora poderia incorrer em uma situação de risco para a aceitação e realização da pesquisa.

Durante as entrevistas foram usados um caderno de campo para as anotações e um gravador de voz, *mp3*, e, quando havia o aceite dos entrevistados, o gravador era ligado e deixado à mostra. Aos entrevistados foi explicado que a gravação seria para não perder dados, que poderiam ser esquecidos ao longo do processo. Assim, as entrevistas foram concedidas de livre vontade e originaram um banco de dados que conta com sete entrevistas individuais<sup>10</sup> e doze entrevistas realizadas nas famílias. Uma entrevista em família e uma entrevista individual foram realizadas na casa da entrevistadora e uma no ambiente de trabalho do casal entrevistado, mas todas as outras, foram realizadas no espaço dos informantes, ou seja, em suas residências. A primeira fala da entrevistadora ao ser recebida, antes ainda da gravação, era: “muito obrigada por vocês estarem nos recebendo em seu lar”. Com exceção de três entrevistas, as demais foram todas gravadas e os áudios obtidos foram arquivados no computador.

---

<sup>10</sup> Embora tenham sido intermediadas por outro(a) falante da língua japonesa.

Durante as entrevistas, um traço cultural que se diz genuinamente brasileiro foi regular durante as entrevistas: o *humor*. De diálogos dos quais se esperava sisudez, primeiro devido a idade dos representantes das gerações mais velhas e, também, porque a cultura japonesa é vista pelos brasileiros como *fechada e muito séria*, sendo inclusive esta a opinião expressa por outros colegas, não nipo-descendentes, antes do início desta pesquisa: “mas como você vai entrar em um grupo tão fechado?” e “Japoneses são muito rigorosos, são muito sérios, mas são gente boa”, entre outras expressões, mas semanticamente semelhantes. Mas o diálogo face-a-face, não confirmou estas expectativas. Ocorreu que, durante as entrevistas, que começavam um pouco tímidas e com falas muito reservadas, após os primeiros dez minutos, surgiam risos, que foram, inclusive, registrados no áudio e marcados na transcrição, e percebia-se que falavam com normalidade as informações solicitadas pela entrevistadora, por isto, o contexto da pesquisa foi situado na transcrição. E, no interior da dissertação, ao se tratar de uma pesquisa qualitativa de base etnográfica, com relatos e memórias, utiliza-se algumas vezes, *vinhetas narrativas*.

Houve momentos nas entrevistas em que o(a) entrevistado(a) falava em língua japonesa com seu outro interlocutor, como se tentasse interpretar melhor a pergunta que lhe era dirigida, e depois, um deles transmitia a informação em língua portuguesa para a entrevistadora. As falas em português foram transcritas literalmente na sessão “apêndices”.

O fato da entrevistadora não saber a língua japonesa expôs algumas limitações ao trabalho, mas de certa forma, permitiu maior neutralidade para a observação participante.

### 1.2.2 Histórico de como a Linguagem (nome) foi trabalhada

Parafraseando Bittar, no que se refere às orientações de cunho jurídico sobre o nome próprio, a identidade é um direito fundamental da pessoa humana e inaugura os direitos de cunho moral, exatamente por se constituir em elemento de ligação entre o indivíduo e a

sociedade. O nome representa a identidade, que se considera como atributo ínsito na personalidade humana (BITTAR *apud* SILVA, 2004)<sup>11</sup>; nesse sentido, então, tendo em vista esta determinação, sempre que possível, o nome personativo do entrevistado foi mantido em forma de abreviatura, com o objetivo de resguardar sua identidade. Mas, paradoxalmente, como não citar os nomes, se eles constituem exatamente o objeto de estudo da pesquisa?

Tentando resolver este paradoxo, optou-se por manter o nome completo dos informantes no que se refere ao objetivo do resgate da história da etnia japonesa no município de Terra Roxa, pois os nomes dos pioneiros imigrantes e de famílias tradicionais japonesas foram descobertos e comprovados através do método de cunho etnográfico e estes nomes representam dados históricos, por isso, manteve-se o nome completo citado pelos entrevistados, tanto na parte apêndices, quanto no corpo do trabalho; mas, quanto ao estudo morfossintático e semântico-enunciativo do nome de nipo-descendentes, realizou-se de forma diferente, pois sempre que no corpo do trabalho ocorrer referência aos nomes próprios de pessoa, as siglas estarão representando o informante, com o objetivo de mantê-lo “anônimo”. Uma estratégia utilizada foi reunir nomes em língua portuguesa, nomes em língua japonesa e sobrenomes, que estão desarticulados, ou seja, pré-nomes, nomes e sobrenomes estão longe entre si, longe do nome completo que designe uma determinada pessoa. Assim é que, por exemplo, *Minaji Miyakawa*, o nome do pioneiro de origem japonesa no Município e que já é falecido, é apontado de forma que permite identificá-lo, mas seu nome e sobrenome serão estudados separadamente, e o nome do informante será representado através de uma sigla que o mantém não-identificável como pessoa física e jurídica dentro do corpo da pesquisa, mas à entrevistadora é natural conhecer cada sigla como representativa de um ser que tem um nome, o qual dá representatividade a um ser histórico, social, lingüístico e humano. Um mesmo informante será sempre designado com a mesma sigla. Embora respeitando a necessidade da

---

<sup>11</sup> Esta se refere a uma petição em que o Juiz de Direito, Antonio C. A. Nascimento e Silva, julga uma petição referente a retirada do sobrenome, mas no corpo do texto, aponta história e autores sobre o nome personativo. Disponível em <[www.espacovital.com.br/sentenca11032005](http://www.espacovital.com.br/sentenca11032005)>).

anomalia, houve momentos em que se percebeu relevante demonstrar a idade do(a) informante após a sigla, sendo que para a contagem da idade está sendo levado em conta o limite de 31 de dezembro do corrente ano de 2006.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa de base etnográfica, com relatos e memórias, utiliza-se de *vinhetas narrativas* e, no corpo do trabalho, nomes e sobrenomes foram escritos em *itálico*, bem como nomes de origem japonesa, já, nas entrevistas, nomes que representam localidades de origem ou de passagem dos entrevistados foram mantidas com letra em fonte normal, fosse o nome em japonês, ou português. Como as respostas das entrevistas foram escritas *ipses litéres*, houve momentos durante a transcrição em que se utilizou esta simbologia: “/Ø/”, como indicativo da falta de concordância plural; também foi utilizado “[ ]”, para indicar alguma explicação no momento pontual da entrevista oral e que foi assim informada no momento da escrituração e o símbolo “/(...)/”, que foi usado para demonstrar que algum relato não foi registrado por escrito. Mas, no corpo do trabalho, estes símbolos somente foram utilizados quando estritamente necessários. Também muitas informações, às vezes são transcritas literalmente, mas muitas vezes, são reescritas no corpo do trabalho como resultante da interpretação da fala do(a) entrevistado(a), interpretação realizada sob o aspecto do olhar etnográfico da entrevistadora.

### 1.2.3 Procedimentos para Análise do Nome

O sistema onomástico japonês é muito diferente do sistema ocidental, por isso, antes da abordagem dos nomes da pesquisa de campo, o capítulo 5 apresenta dados gerais e específicos sobre a onomástica e, apresenta um pouco de história pesquisada em meio eletrônico e em bibliografia especializada.

A coleta dos nomes dos entrevistados seguiu etapas como: a) reunir os nomes próprios, b) expor seu significado de acordo com as informações obtidas, c) reunir os nomes



em português, d) reunir os nomes em japonês e os sobrenomes, organizados de forma que se constituíssem em grupos representativos. Para melhor identificação dos dados, foram realizadas tabelas com os nomes em português, divididos em: primeira geração e segunda e terceira geração; também foram divididos em período de tempo, obedecendo em primeira instância o pertencimento a qual geração: *issei*, *nissei*, *sansei* e depois, dividi-las em períodos de tempo que envolvesse os entrevistados, além de pertencerem a mesma geração, em períodos de dez anos ou aproximadamente. Foi necessário o cruzamento destes dados porque idade e geração variam de acordo com a chegada da família ao Brasil. Esse critério de escolha de tempo não foi previsto no início das entrevistas, sendo decidido quando na reunião de dados, e obedeceu ao fator comum da data de nascimento e buscou-se uma forma para que a explicação ficasse um pouco mais sistematizada.

Assim, a *Tabela 1* (p. 93), referindo-se à primeira e à segunda geração, expõe informações sobre: nome, ano de nascimento, nacionalidade, como é/era mais conhecido; e, se o nome em português está/estava documentado oficialmente; logo a seguir, a *Tabela 2* (p. 96) reúne esses dados, tabulando-os. A *Tabela 3* (p. 100), semelhante à primeira tabela, mas referindo-se à terceira geração, expõe informações referentes ao nome em português, ano de nascimento, como é conhecido socialmente, como é chamado em casa pelos pais e como é chamado pelos avós; há também espaço para algumas observações consideradas relevantes, como o hibridismo cultural presente no nome, por exemplo. Logo a seguir, na *Tabela 4* (p. 102), são reunidos os dados e contados. O objetivo específico é verificar se há registro em cartório de nomes brasileiros, quantos receberam um nome em português e, como são referidos em família e na comunidade social. Não houve a necessidade de separar os nomes em gênero masculino ou feminino quando em língua portuguesa. O objetivo é verificar a vitalidade da língua através do uso lingüístico preferencial do nome.

Quanto aos nomes japoneses, foram divididos em masculinos e femininos para facilitar o reconhecimento da indicação do gênero do nome e pelos aspectos culturais que estes grupos diferentes apresentam. A sistematização também foi realizada através de tabelas. A *Tabela 5* (p. 109) informa os nomes masculinos e o significado atribuído quando no momento da entrevista e a *Tabela 6* (p. 110) faz o mesmo, mas referindo-se aos nomes femininos. O objetivo é tornar mais evidente o significado dos *kanjis* apresentados pelos informantes da pesquisa, mas os *kanjis* não estarão desenhados/escritos, pois exigiria maior conhecimento e tempo de pesquisa, tanto da entrevistadora, quanto dos entrevistados.

A *Tabela 7* (p. 117) reúne os patronímicos relacionados através da pesquisa a seu significado, sendo que com a pergunta: “Você conhece o *kanji* do seu sobrenome? Tem tradução, ou um significado específico em português?”, buscou descobrir a origem etimológica do patronímico, unindo o significado do *kanji* original do sobrenome e, observar relações com o significado atual.

Os significados apresentados tanto nos nomes quanto nos sobrenomes constantes nesta listagem estão escritos literalmente como foram apresentados pelos informantes. E, o recorte da memorialidade quando da escolha/seleção do nome atribuído, seja de quando recém-nascido(a) ou depois de adulto(a) estão citados no interior do trabalho, paralelo à interpretação do fato de nomear. Mas, como os sobrenomes Miyakawa e Yassue ficaram sem a informação semântica, buscou-se, para estes, no dicionário onomástico de língua japonesa o auxílio para sua significação utilizando a sonoridade apresentada por estes sobrenomes.

Entre os étimos analisados, foi observado como fatores culturais e lingüísticos agem paralelamente sobre o sistema onomástico japonês e brasileiro.

## 2 ESPAÇO GEOGRÁFICO E LINGÜÍSTICO

Neste capítulo, serão apresentados os aspectos sócio-históricos e geográficos do Município em que reside o grupo de nipo-brasileiros que são os informantes da pesquisa de cunho etnográfico e lingüístico.

### 2.1 TERRA ROXA: TEMPO, ESPAÇO, MULTICULTURAS E ENRAIZAMENTO

Ao delimitar geograficamente a área de estudo, escolheu-se o município de Terra Roxa, localizado no oeste do Paraná, Brasil<sup>17</sup>. O Município possui uma área de 838,53 km<sup>2</sup>, que tem como limite geográfico ao norte os municípios de Altônia, Iporã, Francisco Alves e estado do Mato Grosso do Sul; ao leste, o município de Palotina; ao sul, os municípios de Nova Santa Rosa e Mercedes e, a oeste, o município de Guaíra.



**FIGURA 1 MAPA SITUANDO TERRA ROXA NO ESTADO DO PARANÁ**  
FONTE: <[www.terraroxa.pr.gov.br](http://www.terraroxa.pr.gov.br)> Último acesso em 15 de maio de 2006.

<sup>17</sup> O mapa situando o estado do Paraná no Brasil, encontra-se em *Anexos*.

Terra Roxa foi fundada em 1955, como distrito de Guaíba e era chamada de Terra Roxa d'Oeste. Foi elevada a Município em 1961. Atualmente possui dois distritos: Santa Rita d'Oeste e Alto Alegre.

Segundo pesquisas que reportam à origem de Terra Roxa, afirma-se que o uso lingüístico oral deu o nome ao Município<sup>18</sup>. Ainda que paradoxalmente parte das terras da região seja da cor roxa, especificamente no município a maior parte da extensão territorial é de cor branca (arenosa) ou rosa (mista) e só nos distritos é que a cor é acentuadamente “roxa”. Segundo a tradição oral, logo no início da colonização, vieram imigrantes italianos e seus descendentes para trabalhar nas lavouras de café na região. Estes se referiam à cor da terra em que moravam como “terra rossa” – com pronúncia fechada na vogal posterior média-alta /o/, referindo-se à cor vermelha – e os moradores que não falavam em italiano, entendiam a pronúncia como “roxa”. Assim, devido ao uso oral da designação para a cidade recém-nascida, a cidade foi registrada como Terra Roxa, aplicando, na realidade, a teoria de Guimarães: “a reescrituração de enunciados por outros no decorrer do texto, movimentam a construção das designações” (2002, p. 70).

## 2.2 O ESPAÇO TEMPORAL DA FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO

Quem ainda não ouviu sobre os bandeirantes para o processo de ocupação do Brasil e da ação dos missionários e viajantes no Brasil com o intuito de catequizar os índios? Esta ação reporta à metade do século XVI e o município de Terra Roxa tem a ver com essa história, pois, como informa Penteado (2006), neste espaço geográfico, encontra-se o sítio arqueológico da *Ciudad del Guayrá*, demonstrando a importância que a região teve nos

---

<sup>18</sup> Disponível em <[www.terraroxa.pr.gov.br](http://www.terraroxa.pr.gov.br)>. Último acesso em 28 junho 2006.

séculos XVI e XVII, no quadro político da época, para a expansão do território brasileiro, com a fundação da vila espanhola de *Ciudad Real del Guayrá*, fundada em 1557 e destruída por bandeiras paulistas em 1631/2. Segundo Penteado (2006), o local onde está o sítio arqueológico foi considerado patrimônio histórico e cultural. A lei nº 33, de 17 de janeiro de 1948 da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná, já havia decretado e sancionado a Lei, que em sua súmula constava: “Reserva como patrimônio inalienável do Estado, áreas territoriais, nas regiões onde estão situados os remanescentes das primitivas reduções jesuíticas”. Entre elas foi citada: “Guairá, localizada no Município de Foz do Iguaçu e situada à margem esquerda do rio Piquiri e junto à foz do mesmo com o rio Paraná”. Estava sendo referenciada naquele ano de 1948 a localização do sítio arqueológico, hoje localizado dentro do espaço geográfico e político do município de Terra Roxa.

### 2.2.1 Fundação da Ciudad Real del Guayrá

Os fatos históricos abordados nesta seção têm como base estudos de Igor Chmtyz, João Chmtyz e Lécio Brochier (1999), compilados por Penteado (2006), e também estudos sobre a região, realizados por Pontes Filho e Klüppel (2002), ele, geógrafo e arqueólogo; ela, historiadora, do Centro de Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná. A pesquisa foi realizada e documentada a pedido da Prefeitura Municipal de Terra Roxa em 2001-2002.

De acordo com o *tratado de Tordesilhas*, uma subdivisão imaginária, firmado em 07 de junho de 1494 entre Portugal e Espanha, as terras que ficassem na parte oriental do tratado, pertenceriam a Portugal e as que ficassem na parte ocidental pertenceriam à Espanha. Sendo assim, a totalidade do território que coube ao Reino da Espanha era praticamente toda a região que atualmente compreende o sul do Brasil. Para Portugal coube o leste, próximo ao litoral. Para consolidar a posse da terra, o governo espanhol iniciou um processo de conquista

e ocupação de algumas regiões sob sua jurisdição. Em 1535, a Espanha enviou a armada de D. Pedro de Mendoza com o intuito de conquistar e povoar a região do rio do Prata. O primeiro governo do Prata foi marcado exclusivamente por explorações. Na segunda fase do governo de Domingo Martínez de Irala, que reassumiu depois de uma rápida passagem de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca pelo governo, iniciou-se o povoamento da região do Guayrá, situado à margem esquerda do rio Paraná. As principais rotas utilizadas na conquista do território foram através dos rios e trilhas indígenas.

À procura de uma rota terrestre entre Assunción e o Porto de São Francisco, no litoral de Santa Catarina, os conquistadores espanhóis formaram, entre 1554 e 1589, vilas na antiga Província do Guayrá ao longo da trilha indígena *Caminho do Peabiru*, que partia da Costa Atlântica, nas proximidades de São Vicente, e atravessava os planaltos do sul do Brasil, cruzando o rio Paraná e o chaco paraguaio, chegando ao planalto do Peru e ao Oceano Pacífico.

Segundo estudos da Literatura Informativa e Jesuítica no Brasil, Nicola escreve que “o que impulsionaram as grandes Navegações eram de um lado a preocupação com a conquista material e, por outro, a preocupação com a conquista espiritual, a necessidade de ampliar a fé cristã, resultante do movimento religioso da Contra-Reforma” (1993, p. 206); ou seja, por princípio, com as Grandes Navegações, os europeus chegaram ao Novo Continente e, depois, pelo Tratado de Tordesilhas, Portugal e Espanha, através das expedições denominadas Entradas e Bandeiras, as quais vinham efetivar a posse da terra.

A trilha aberta para a conquista das terras da América iniciada pelos conquistadores espanhóis foi seguida pelos padres jesuítas, que vinham para difundir o cristianismo na América, por isso, pelo *Caminho do Peabiru*, chegaram a esta região, hoje determinada como pertencente à região oeste do Paraná.

Por determinação de Martinez de Irala, em 1554, foi fundada a cidade de *Ontiveros*, pouco acima da foz do rio Iguazu, que ocupou uma povoação indígena com o nome de *Canideyú*. A cidade foi desativada dois anos mais tarde e seus moradores transferidos. A Ciudad del Guayrá foi fundada em 1556, nas confluências dos rios Piquiri e Paraná e ocupou uma grande aldeia indígena, cujo cacique tinha o nome de *Guayrá*.



Vista da Igreja da Aldeia Turística

## **FIGURA 2 PROSPECTO REFERENTE À VISTA DA ALDEIA DE CIUDAD REAL**

FONTE: PENTEADO (2006)

NOTA: Prospecto veiculado pela Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo de Terra Roxa, com o intuito de reconstruir a imagem do que foi o local naquela época.

Em 1600, Ciudad Real se transforma em sede da Província de Guayrá e iniciam-se as atividades missionárias. Os padres jesuítas fundaram diversas reduções jesuíticas entre os anos 1610 ao ano de 1632. Os Jesuítas e os Bandeirantes entraram em conflito em relação ao tratamento dado aos índios e à forma de utilização de sua mão-de-obra.

Ciudad Real del Guayrá situa-se na passagem do *Peabiru* para o Mato Grosso e o Paraguai, nas proximidades do, então chamado, Salto Grande, as extintas *Sete Quedas*. Para a fundação destas vilas, os espanhóis contavam com a ajuda dos índios da região. As atividades iniciais eram facilitadas pela abundância de recursos de coleta, caça e pesca.

De acordo com dados da Secretaria de Comércio, Indústria e Turismo de Terra Roxa, em informações veiculadas por Penteado (2006), a Ciudad Real del Guayrá foi a segunda vila

espanhola fundada no território do atual Estado do Paraná, localizada na confluência dos rios Piquiri e Paraná. Foi fundada em 1557 pelo Capitão Ruy Dias de Melgarejo e destruída pela Bandeira Paulista de 1631.



**FIGURA 3 – PROSPECTO DE PROPAGANDA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO**  
 FONTE: PENTEADO (2006)

A principal atividade econômica de Ciudad Real era a extração da erva-mate, que chegou a ser exportada mais tarde para as *reduções* do Rio Grande do Sul. A erva-mate e o fumo, inicialmente, eram proibidos aos espanhóis, mas depois se tornaram de uso comum. Os espanhóis estavam à procura de pedras e metais preciosos, mas, em Ciudad Real só encontraram grande quantidade de cristais de rocha, de ametista e de minérios de ferro.

Mas estas informações ficaram esquecidas durante algum tempo, até que aconteceu o encontro de peças de cerâmica que demonstravam vestígios de uma época muito antiga. Levadas ao estudo científico, por volta do ano de 1978-80, e, depois, novamente, tendo sido encontradas urnas funerárias indígenas, foram feitos levantamento e catalogação de peças que comprovaram a historicidade do local.



Os remanescentes desta antiga vila espanhola são estudados conforme as prospecções realizadas no local, com escavações, levantamentos topográficos para delimitação da vila e caracterização das suas estruturas arquitetônicas. Os vestígios da cidade se encontram em um território de 121 hectares não disponível ao acesso do público, mas com grande potencial ao aproveitamento turístico e ao desenvolvimento de pesquisas históricas.



**FIGURA 4 – PROSPECTO DE PROPAGANDA PARA A CONSCIENTIZAÇÃO DO VALOR TURÍSTICO**

FONTE: PENTEADO (2006)

NOTA: No prospecto está escrito: “Projeto figurativo apresentado da antiga vila militar, remanescente da colonização espanhola ocorrida no sul do Brasil em meados do século XVI. A região contribui para a História do Brasil e do Estado do Paraná”.

Atualmente, a *Secretaria Municipal de Indústria Comércio e Turismo* do Município tem procurado documentar e valorizar este patrimônio histórico e cultural e está realizando estratégias de marketing para o turismo.

SECRETARIA DA CULTURA  
COORDENADORIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL  
Of. nº 078/05-CPC



Curitiba, 28 de março de 2005.

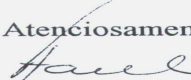
Prezado Senhor:

Pelo presente, vimos informar a V. Sa. que a Coordenadoria do Patrimônio Cultural deu início ao processo de tombamento do Sítio Arqueológico da Cidade Real do Guairá, na Fazenda Curupay, com área de 150,78865 ha, localizado na margem esquerda do Rio Paraná, foz do seu afluente, Rio Piquiri, Município de Terra Roxa.

Informamos, ainda, que, a partir do recebimento deste, a referida área já se encontra sob a proteção da Lei Estadual nº 1.211/53, que dispõe sobre o Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Estado do Paraná.

Sendo o que se apresenta para o momento, subscrevemo-nos,

Atenciosamente,

  
Rosina Coeli Alice Parchen,  
Chefe da CPC/SEEC

*Ilmo. Sr.*  
**DONALDO WAGNER,**  
*M.D. Prefeito Municipal de Terra Roxa.*  
*Av. Presidente Costa e Silva, 95*  
*5990-000 TERRA ROXA (PR)*



Rua Ébano Pereira, 240 – Centro  
80410-240 – Curitiba – Paraná – Brasil  
Fone 41 - 321-4700

## FIGURA 5 – DOCUMENTO COMPROVANTE DO TOMBAMENTO COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

FONTE: PENTEADO (2006).

### 2.2.2 Terra Roxa: Século XX e Início do Século XXI

Segundo informações veiculadas em meio eletrônico e sob a responsabilidade da *Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo do Município*<sup>19</sup>, até o século XIX, não se estimulou a fixação de colonos na região, mas foi instalada uma colônia militar nas proximidades da região. Em 09 de dezembro de 1882, junto com as empresas Mary Anna e

<sup>19</sup> Disponível em <www.terraroxa.pr.gov.br>. Último acesso 02 de setembro 2006.

Espéria, a Companhia Mate Laranjeira foi concessionária de uma faixa de terra que ia de Foz do Iguaçu até Ponta Porã, com a finalidade de explorar a erva mate.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, a Argentina, principal consumidor da produção regional da erva-mate, incentivou a cultura da erva a fim de poupar divisas a seu país, levando a Companhia Mate Laranjeira praticamente à falência. Frente a esta situação, a Companhia teve que entregar suas terras ao Estado do Paraná para posteriores concessões.

A Fundação Paranaense de Terras concedeu a área de terra a Oscar Martinez. Em 20 de agosto de 1955, a Companhia Ipiranga, posteriormente denominada de Companhia de Colonização e Desenvolvimento Rural (CODAL), adquiriu a área de terra que era de Oscar Martinez e a dividiu em lotes rurais, delimitando o perímetro urbano com área de 3 km<sup>2</sup>, onde atualmente está o centro da cidade de Terra Roxa.

Para lotear as terras, a CODAL, firma radicada na cidade de Londrina, Paraná, deslocou seus maquinários pelo rio Paraná, embarcando-os no Porto Epitácio, em São Paulo, com destino a Guaíra. Após o desembarque, vinham abrindo estradas até a atual sede do Município, onde foi erguido o acampamento da Companhia.

De acordo com as informações veiculadas no site do Município<sup>20</sup>, as primeiras famílias que se radicaram no Município foram a de Nilo Benigno Faya Corte, em 15 de dezembro de 1955, seguido por Sebastião Leão, formando a primeira comunidade e o início da colonização.

A 03 de outubro de 1956, pela Lei Estadual nº 45/56, criou-se o novo Distrito do município de Guaíra, denominando-o Terra Roxa d'Oeste. Devido à ação da Colonizadora e ao forte fluxo de migrantes, no dia 14 de dezembro de 1961, através da Lei nº 220, criou-se o município de Terra Roxa.

---

<sup>20</sup> Disponível em <[www.terraroxa.pr.gov.br](http://www.terraroxa.pr.gov.br)>. Acesso em 26 de junho 2006.

Ainda de acordo com os dados obtidos no site da história do Município, a população inicial de Terra Roxa foi composta por migrantes da região norte do Estado do Paraná, oriundos do nordeste e sudeste do Brasil e, segundo dados obtidos nas entrevistas etnográficas/bigráficas, em 1955, chegaram também famílias de imigrantes japoneses, *isseis*, e alguns nascidos no Brasil, *nisseis* adultos e crianças, que antes residiam no estado de São Paulo, na região de Cafelândia.

Segundo informações veiculadas em meio eletrônico do Município<sup>21</sup>, na década de 1960, também vieram migrantes da região sul do Brasil, radicando-se, principalmente, no distrito de Santa Rita d'Oeste. Vieram também imigrantes alemães. Em entrevista com um representante desta etnia, *H*, com 67 anos de idade, foi declarado que, em 1961, vieram três casais, representados nas famílias *Lingnau* e *Kranish* – com grau de parentesco de primeiro grau: dois irmãos e uma irmã da família *Lingnau*; ela, casada com o representante da família *Kranish*. Os irmãos *Lingnau*, adquiriram lotes de terra no distrito de Santa Rita d'Oeste e dedicaram-se à agricultura e a família *Kranish* construiu casa para *comércio de compra e venda de cereais*, e aos poucos foi comprando terras para a produção agrícola.

Foi também durante a década de 1960, que, incentivados pelos representantes do mesmo grupo étnico que haviam chegado primeiro ao município de Terra Roxa e, atraídos pelos vendedores de lotes de terras para a agricultura, mais famílias nipo-brasileiras foram chegando.

Pelos dados apresentados pelo IBGE<sup>22</sup>, na realização do Censo Demográfico, o número da população total, em 01/09/1960 era de 5.916 habitantes; em 01/09/1970, era de 38.353 habitantes; em 01/09/1980, era de 25.215 habitantes; em 01/09/1991 era de 19.908 habitantes; em 01/09/1993 era de 18.414 habitantes; em 01/09/1996 era de 16.887 habitantes.

---

<sup>21</sup> Disponível em <[www.terraroxa.pr.gov.br](http://www.terraroxa.pr.gov.br)>. Último acesso em 02 de setembro 2006.

<sup>22</sup> À avenida Coronel Otávio Tosta 47, Guaíra, Paraná.

O Censo demográfico realizado no ano 2000 apontou que Terra Roxa possuía, na época, 16.291 habitantes. Hoje, percebe-se uma tendência para o aumento da população: em torno de 17.000 habitantes.

### 2.2.3 Fatores Econômicos do Município

De acordo com informações obtidas no site do Município<sup>23</sup>, nas primeiras décadas de emancipação do município de Terra Roxa, a economia predominante era a cafeicultura, mas uma geada ocorrida na década de 1970 dizimou os cafezais de toda a região e fez com que uma crise econômica e social fosse provocada. Com o constante êxodo rural iniciado após 1975, durante a década de 1980 a 1990, embora a agricultura ainda predominasse na economia terra-roxense, e fosse diversificada, a crise na agricultura fez com que o município ao longo de vinte anos, perdesse um terço de sua população. Segundo informações escritas em documentos da APL<sup>24</sup> (2002), consta que, o sucesso inicial da confecção realizada em casa, surgida do hobby de uma das moradoras da cidade foi tão grande, que daí surgiu a empresa Paraíso, a primeira empresa de moda de bebê do Município, que hoje exporta para todos os países do Mercosul.



**FIGURA 6 – TERRA ROXA: LOCALIZAÇÃO PRIVILEGIADA PARA A EXPORTAÇÃO INDUSTRIAL PARA O MERCOSUL**

FONTE: PENTEADO (2006)

<sup>23</sup> Disponível em <[www.terraroxa.pr.gov.br](http://www.terraroxa.pr.gov.br)>. Último acesso em 28 junho 2006.

<sup>24</sup> Sigla de *Arranjo Produtor Local*, Associação dos Empresários de confecção moda-bebê do Município, criada em 2000. Disponível em [www.aplterraroxa.com.br](http://www.aplterraroxa.com.br)

Foi assim que a partir dos anos 1990 Terra Roxa começou a se destacar pelas diversas indústrias de Confecção Infantil Moda-Bebê. Atualmente, o Município destaca-se como Pólo Nacional do Vestuário Infantil, tendo concentradas cerca de 50 empresas neste ramo, gerando 3.500 empregos diretos e indiretos. As indústrias têm mudado a história do êxodo populacional com a forte demanda de empregos. Não chegam a ser a economia predominante, pois a agricultura continua significativa em decorrência da extensão territorial do Município e, as famílias de origem japonesa no Município são proprietários de lotes de terra de pequeno e médio porte.

### 2.3 (RE)LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E SOCIAL

O Brasil e o Japão são países com características muito diferentes, até o fuso horário entre os dois países são opostos. “O Japão é considerado um país de tradição milenar e localizado no continente asiático. É um arquipélago<sup>25</sup> formado por quatro ilhas principais e mais de três mil ilhas pequenas. O solo em sua maior parte não é agricultável, mas bem aproveitado e oferece altíssima produtividade” (OGUIDO, 1988, p.9). A dieta alimentar dos japoneses se compõe de produtos do mar, legumes e verduras (HANDA, 1987).

O clima é frio, como disse a entrevistada M.M.: “lá eles não têm medo de terremoto, pois estão preparados, o maior castigo é a época do frio. Lá as casas têm três portas pra deixar o frio do lado de fora”.

No Japão, “as religiões mais tradicionais são o Xintoísmo e o Budismo, sendo a primeira considerada oficial por ser adotada pela Família Imperial”. (Oguido, 1988, p. 10),

---

<sup>25</sup> O Mapa do Japão encontra-se em “Anexos”. Disponível em <[www.noticiasdobrasil.com.br/mapadojapao](http://www.noticiasdobrasil.com.br/mapadojapao)>.

mas a pesquisa de campo apontou que a grande maioria das famílias *isseis* pesquisadas tiveram a certidão do batistério da Igreja Católica, com cuja certidão recebia um nome “brasileiro”<sup>26</sup>. Os entrevistados nascidos no Brasil, disseram que quando jovens queriam participar das festas da Igreja Católica e outros disseram que freqüentavam os terços. Quando na entrevista lhes foi indagado sobre qual religião praticavam, os representantes da primeira geração: N.G, Y.M, e M.M. e Ta. H declararam-se pertencentes à Seicho-no-ie e I.K., S.K., Y.H., E.Y., Er.Y., R.I, T.T., declararam-se pertencentes à religião Católica e A.T. e E..M declararam-se da religião Budista. Aos entrevistados da segunda geração e terceira, quando a pergunta foi feita, A.H declarou-se pertencer à religião Adventista, os demais disseram seguir a religião dos pais.

Segundo Oguido, “atualmente não existem analfabetos no Japão, todos têm altíssimo nível de escolaridade” (1988, p. 10). O nível de escolaridade também pôde ser averiguado quando da chegada dos imigrantes adultos ao Brasil, conforme relatou F.K.: “Meu pai era professor, era diretor de escola no Japão” e segundo a afirmação de T.M.: “Diz que meu pai era cartorário lá no Japão” e conforme a informação de A.T.: “Meu pai veio em 1962, e eu fiquei lá pra acabar de me formar como dentista”. Pelas informações obtidas pode-se chegar à conclusão que especialmente os homens que emigravam para o Brasil eram letrados. A importância à educação escolar aqui no Brasil também pôde ser observada na ênfase da fala dos pais em relação à formação dos filhos, e dos filhos que têm a formação universitária em relação ao sacrifício financeiro dos pais para dar a eles condições para o estudo. Como no diálogo entre a entrevistadora e E.T: “Olha, onde está o filho mais novo de vocês?”, “Ele está dando aula na Faculdade em Santa Catarina” e, Se.M. afirmou emocionada que “Meu pai estudou todos os filhos só com o dinheiro da feira”. Na família desta entrevistada, eles eram em três irmãos e quatro irmãs, são representantes da segunda geração, nascidos em Curitiba,

---

<sup>26</sup> Brasileiro será mantido entre aspas, pois deveria ser escrito “português”, mas optou-se por conservar o enunciado usado pelos entrevistados.

entre estes, só o irmão mais velho não tem curso superior e os três filhos da entrevistada, bem como o esposo, também cursaram a Universidade. Estes relatos confluem com as informações divulgadas por Oguido (1988) e pela ACBJP (2006, p. 56) que ressaltam a importância dada à educação escolar a partir dos núcleos da comunidade, sendo que, muitos dos filhos dos imigrantes foram batizados para ganhar um nome em português para poder se matricular na escola. É o que salienta a fala de T.M. e S.M.

Conforme afirmações de Mey (2001) há um espaço social onde as macro-condições e o trabalho dos seres humanos individuais são suporte que serve como aporte para que este espaço entre em funcionamento. Já que a formação da sociedade não é o trabalho individual, mas cada um particularmente é responsável por este espaço social, na medida em que se torne agente e autor e que tenha voz, vez, atitude, desde as mais simples, este conjunto de fatos constitui-se na *formação societal*. Segundo Mey, “uma formação societal é o produto diferido de fatores determinados e semi-determinados denominados condições econômicas e *habitus*” (2001, p. 28). Mey cita Bordieu para explicar que *habitus* é

entendido como um sistema de disposições duradouras e transponíveis que, integrando experiências passadas, funciona a todo momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações e torna possível a realização de tarefas infinitamente diversificadas, graças à transferência analógica de esquemas que permitem a solução de problemas de configurações similar e graças às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidos por aqueles resultados (BORDIEU 1977 *apud* MEY 2001, p. 28).

Seria como costume arraigado que se tem de fazer algo, porque assim foi ensinado. Em determinado meio cultural, vive-se daquela forma, aprende-se a pensar daquela forma e é no fazer e refazer que se vai aprendendo, desenvolvendo esquemas e a inteligência, que, a partir de esquemas simples, vão se tornando mais complexos e se adquirem formas de fazer. De acordo com Mey, “formação societal é aquilo que os seres humanos ativos e perceptivos podem promover, dadas certas condições temporais e espaciais, e no interior do quadro de



natureza e cultura, história e visões que os cercam” (2001, p. 28) e, no século XIX, com a mobilização de imigrantes estrangeiros para o Brasil, configura-se um novo contexto societal.

## 2.4 PLURALIDADE E CULTURA DOS NIPO-BRASILEIROS: (I)MIGRAÇÃO

O Brasil tem uma extensa área geográfica, fator que, segundo Oguido, levou à imigração:

A farta propaganda feita no Japão sobre um país de dimensões continentais, que oferecia grandes facilidades de fazer fortuna, entusiasmou milhares de japoneses que, à época, encontravam-se sem perspectiva de vida sequer razoável na terra onde nasceram. Eram basicamente camponeses, que ficaram alijados do processo de modernização artificial que se tentou imprimir ao Japão. A transição da era feudal para a capitalista havia trazido reflexos dolorosos para a comunidade rural daquele país (1988, p. 8).

Portanto, ficar rico e retornar era o objetivo do imigrante japonês. Esta afirmação foi registrada na fala dos entrevistados S.M, S.T., Ta.H. e T.M.

Ainda referente aos motivos que possibilitaram a corrente emigratória da época, N.G., citou “pensar que no Japão a área era muito pequena e não tinha oportunidade de crescer, e pensar que no Brasil juntava dinheiro como papel... e nisso aí caiu e veio, mas aí demorou, juntou dinheiro, comprou terra, aí não quis vender e daí não quis voltar mais”.

Mas as dificuldades encontradas foram muitas, inclusive porque a imigração implica em sacrifício, até mesmo em se acostumar com a vida em outro país, acrescente-se que, segundo Handa, o governo japonês ao enviar para o exterior o excedente da população nacional para enfrentar o problema populacional, deveria ter realizado maior estudo sobre a realidade do local de destino dos emigrantes, mas isto não foi feito, e também, já que o imigrante servia como suprimento de mão-de-obra para o país que o recebia, as fazendas

deveriam ter feito preparativos mínimos iguais àqueles efetivados quando do recebimento de imigrantes europeus (HANDA, 1987, p. 58-59).

Os primeiros imigrantes japoneses chegaram ao Brasil a partir de 1908 para suprir a mão-de-obra cafeeira no Estado de São Paulo. Depois, vieram outros grupos. Chegavam de navio e desembarcavam no Porto de Santos. Segundo informações obtidas com as entrevistas junto ao grupo de nipo-brasileiros e também de acordo com Oguido (1988), a corrente de imigração japonesa começou em 1908 e os imigrantes fixaram-se predominantemente no estado de São Paulo. Segundo dados da *Aliança Cultural Brasil-Japão do Paraná* – doravante ACBJP, “até 1914, chegaram mais oito navios com japoneses, elevando-se o total de imigrantes para 13.289. Mantém-se o fluxo e serão 186.272 em 1941 e 249.177 ao cessar a imigração em 1973” (2006, p. 48).

Os *isseis* (o elemento prefixal *i*, derivada de *iti*, tem o significado de *primeira* e *sei* o significado de geração, ou seja, os nascidos no Japão e que emigraram para o Brasil) vieram em família, embora às vezes essas famílias fossem “organizadas como um arranjo com o fito único de receber salários” (HANDA, 1987, p. 58). “No início, o casamento dos japoneses e de seus descendentes era arranjado entre as famílias, para unir e resguardar mútuos interesses. Tudo era feito dentro do regime patriarcal que imperava no Japão no final do século dezenove e que só começou a mudar após a Guerra” (OGUIDO, 1988, p. 227).

Mas se, ao chegarem, os *isseis* desembarcaram em Santos, São Paulo e, de lá foram levados a outras cidades do estado de São Paulo e neste estado trabalharam como colonos, à medida que obtinham lucro com seu trabalho, resolveram investir na compra de lotes de terra cultiváveis. Nawa cita que “quando vieram ao Brasil, os japoneses pretendiam voltar ao Japão, mas depois da Segunda Guerra Mundial, mudaram de atitude e resolveram ficar no Brasil” (1988, p. 22).

A Segunda Guerra Mundial, que teve início em 1938, levou o Brasil a declarar-se em guerra e a romper, em 28 de janeiro de 1942, as relações diplomáticas com a Alemanha, Itália e Japão. O Brasil declara-se em guerra no dia 31 de agosto. Os imigrantes dos três países são, segundo a ACBJP, “postos sob suspeita de colaboracionismo, impedidos de falar em seus idiomas, de ouvir rádio; passam a depender de salvo-conduto para viajar. Segue-se o confisco de bens, liquidação de empresas e a remoção dos que se encontravam nas zonas portuárias” (2006, p. 142).

Quanto aos entrevistados, não disseram nenhuma vez “Segunda Guerra Mundial”, o que foi percebido pela entrevistadora ser este um enunciado que deveria ser evitado também por ela. Mas, quanto a ficar no Brasil, conforme relatou o entrevistado *N.G.*, com 75 anos, nascido em Gifu-ken, Japão, e que chegou ao Brasil em 1936: “No Japão era muito pequena a área para a plantação, e tem que sair porque não tem jeito de crescer. O pai ficou aqui porque já não tinha pra onde ir”, outro entrevistado, *T.M.*, com 70 anos, nascido na localidade de Alto Pimenta, região onde atualmente se chama Barretos, São Paulo, assim fez um relato: “Meu pai veio do Japão e naquele tempo (1932), o governo japonês viu que estava muito cheio, lá não cabia o pessoal, porque o Japão é um país pequeno, lá não tinha ganho nenhum, era só guerra (...) Quando os rapazes vinham para o Brasil, vieram para não morar aqui, vieram para ajeitar alguma coisinha, ajeitar a vida, mas daí, os filhos nasceram aqui no Brasil e não tinham como voltar” e outro entrevistado, *S.T.* de 77 anos, nascido em Guma-ken, Japão, e que veio ao Brasil com dois anos de idade, declarou:

meu pai veio trabalhar como colono na lavoura de café em Barretos, São Paulo, depois foi para a região de Votuporanga, São Paulo, plantar algodão, lá deu certo. Trabalhou como arrendatário. Conseguiu comprar terreno no Paraná, no município de Nova Esperança. Depois que casei é que vim morar em Terra Roxa, abrir sítio e trabalhar com café.

Segundo as informações, denota-se que, com os lucros obtidos no trabalho como colonos e/ou arrendatários, resolveram investir na compra de lotes de terrenos para a agricultura e por este motivo, a geração de *nisseis* mais nova e a geração de *sanseis* já nascem em sítios em que geralmente seus pais eram os proprietários.

#### 2.4.1 A Migração de Nipo-Descendentes a Terra Roxa

Os *isseis* e *nisseis* residentes no município de Terra Roxa não vieram diretamente para a região oeste do Paraná. Segundo informações obtidas nas entrevistas, constatou-se que houve, no município de Terra Roxa, sete pioneiros japoneses que foram imigrantes, *isseis*, provindos do Estado de São Paulo. De acordo com o desenrolar das entrevistas foi observado que há medida de valor diferente entre ser “pioneiro” e “ser morador antigo”, como se verifica na fala dos entrevistados E.Y., com 43 anos, S.M., com 75 anos, I.K, com 74 anos, R.N, com 45 anos, Ta.H., com 77 anos: “o primeiro mesmo foi Minaji-san<sup>27</sup>, que chegou em 1955”. Os informantes estão se referindo a Minaji Miyakawa, pai do entrevistado T.M. O entrevistado, T.M., veio com dezoito para dezenove anos com seus pais à nova cidade que se formava.

O entrevistado S.M., com 75 anos, quando, na entrevista lhe foi perguntado “por que escolheu vir morar no município de Terra Roxa”, ele respondeu: “porque tinha vendedor que fazia propaganda de terra boa e barata. Veio direto para Terra Roxa, porque dez alqueires já não eram suficientes para a família”. Quando se tornou adulto e se casou, os dez alqueires de propriedade da família representavam pouca terra para muitas pessoas trabalharem e dela tirarem seu sustento. Disse que “ao vir para Terra Roxa, em 1965, comprou terras, perto da região onde se chama hoje São Benedito”, mas que só em 1967 trouxe a família para fixar residência, pois estava casado com Y. M. e tinham quatro filhos. Veio também a mãe de S.M.

---

<sup>27</sup> Segundo Shindo, “san é equivalente a ‘senhor’ e ‘senhora’. Em japonês, é rude chamar alguém diretamente pelo nome” (2006, p. 14).

Segundo uma entrevistada, *I. K.*, com 74 anos de idade e seu esposo, *G. K.*, falecido em 1985, vieram ao Município em 1963, tinham dois filhos e depois tiveram mais cinco filhos. Ela relatou que o marido e ela vieram “procurar um progresso, tinha umas quarenta e cinco casas só; a Companhia colocou bastantes capangas”. Ela relatou que “trouxe uma loja de Armazém, bazar com tecido, já tinha aqui os Miyakawa e o Murakami, e depois foi buscar meu sogro, sogra, cunhada e vieram morar também”. Conforme se interpreta, a “*Companhia*” referida na entrevista é a CODAL, Companhia de Colonização e Desenvolvimento Rural, que vendia os lotes de terra e planejava o desenvolvimento da região e, que apesar das dificuldades na cidade que surgia, esta fora escolhida por aquela família de nipo-brasileiros como esperança para um futuro melhor.

Segundo outra entrevistada, *T. H.*, com 77 anos, relatou que “nasceu em Aichi-ken, Japão, e veio com a família em 1933, no navio *Hawai-Marú*”. Ela e os pais residiram em Mogiana, estado de São Paulo. Casou em 1950 com *Te. H.* Seu marido na época morava em Lucélia, estado de São Paulo. Tinham os quatro filhos quando vieram para esta região. Tendo lhe sido perguntado por que vieram a Terra Roxa, ela respondeu: “Nós trabalhávamos como meeiro de café e ele juntava, juntava dinheiro e veio pra cá e comprou mato, né?”. Este relato expõe algumas das dificuldades encontradas pelos agricultores na região, como o árduo trabalho para fazer a derrubada do mato para depois plantar o café e esperar o tempo necessário para que ele produzisse.

Dos relatos obtidos e confrontados com documentos em posse da Associação Japonesa de Terra Roxa, constatou-se que são considerados pelo grupo como as primeiras as famílias:

a) Minaji Miyakawa: falecido em 26/10/89, natural de Aichi-ken, Japão<sup>28</sup>, casado com Shizue Miyakawa, falecida em 31/01/77. Da união, nasceram os filhos Mario Akira, Tadashi, Yoshiko, Tiekko, Shigueo, Miei, Sumiko e Teruko Hata. Minaji chegou a Terra Roxa em 29

---

<sup>28</sup> O Japão atualmente é dividido em quarenta e sete províncias e em nove regiões. Esses nomes encontram-se em “Anexos”. Disponível em <[www.noticiasdobrasil.com.br](http://www.noticiasdobrasil.com.br)>

de outubro de 1955. Estabeleceu-se em zona urbana, onde teve máquina de arroz e posteriormente construiu o “Mercado Ouro Verde”, praticamente em frente ao marco zero da cidade. Foi o primeiro morador a cultivar hortelã. Foi também o fundador da Associação Japonesa que deu origem à Acenibra (Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira).

b) Yoshikazu Tanaka: falecido em 29/07/90; natural de Okayama-ken, Japão, casado com Aiko Motizuki, sendo pai de Oscar (falecido), Elza (falecida), Mauro, Carlos e Thiago. Yoshikazu chegou a Terra Roxa em 1956 e trabalhou em sua propriedade na localidade de São José – que antigamente, era distrito de Terra Roxa, atualmente, é considerado um bairro.

c) Sakae Takayama: Natural de Guma-ken, Japão, nascido em 21/08/1939. Chegou ao Brasil em 1931. Casado com Tereza Emi Tanabe, Sakae é pai de onze filhos. Chegou a Terra Roxa na localidade de Alto Alegre, distrito de Terra Roxa, em 1961, formou sua propriedade de café e construiu um armazém de “Secos e Molhados”. Exerceu a atividade comercial durante trinta e cinco anos.

d) Hideo Hata: Natural de Promissão, São Paulo. Chegou a Terra Roxa, na localidade de Santa Rita do Oeste em 29 de setembro de 1959. Formou propriedade na *Estrada Marfim*. Casado com Tiyo Hata (ambos falecidos). Da união, nasceram Kimiko, Takeshi, Minoru, Yoshiko, Misako, Kiyoko, Setsuko, Toyoko e Nobuhide.

e) Tetsuo Hata: Natural de Promissão, São Paulo. Falecido em 14/12/93. Chegou em Terra Roxa em 1959 em Santa Rita do Oeste. Casado com Tatsuko Yassue, tiveram os filhos Valdemar Tadao, Alcides Hitoshi (falecido em 09/10/2005), Irina Takiko e Luis Mitsuro.

f) Nagao Yassue: Nasceu em Gifu-Ken, Japão, em 09/12/1931. Casado com Satsuki Akiyama em 07/12/1957. Da união, nasceram os filhos Mário Toshio, Valdomiro Hissao, Emílio Mitio, Luis Tatsui e Edgard Sueyoshi. Nagao chegou a Terra Roxa em Alto Alegre em 1963 na propriedade rural.

g) Juniti Mori: Natural de Gifu-ken, Japão. Falecido em 17/11/1995 aos 94 anos. Veio para o Brasil, casou-se e trabalhou na agricultura paulista em Cafelândia e veio para Alto Paraná, onde permaneceu até vir a Terra Roxa. Juniti chegou a Terra Roxa em 1964, com a esposa Shigee (falecida em 01/08/92). Desta união, nasceram os filhos Nelson Massanori (falecido em 22/02/1974), Hilário Hikaru (falecido em 16/11/1971), Antonio Fukuo, Maria Kofumi, Elisa Midori e Teresinha Haruka. A família Mori também vive no centro da cidade e tem posto de gasolina.

h) Suehiro Shimokawa: Natural de Promissão, São Paulo, nascido em 01/08/1924 e falecido em 1971. Casado com Naoko Shimokawa. Desta união, nasceram 11 filhos. Chegou na localidade de Alto Alegre em 1962, trabalhando em propriedade rural.

Estas famílias são consideradas pelos participantes da etnia como os precursores, com a vinda ao Município entre 1956 a 1964, sendo que a família Miyakawa, com sua chegada em 1955, é considerada a pioneira. Estes dados foram delimitados, pois são os sobrenomes que constam registrados no Clube Acenibra.

Segundo dados obtidos do IBGE<sup>29</sup>, do censo de 1970, havia no município, 38 chefes de família, que se reconheceram como pertencentes à etnia japonesa, mas os sobrenomes não foram demonstrados, estando ou não repetidos. Os *isseis* e *nisseis* trouxeram para o Município, sobrenomes como: Endo, Fujiwara, Hata, Hataoka, Kakimori, Kawase, Konno, Kushino, Makiyama, Matsubara, Matsui, Miike, Miyakawa, Momose, Mori, Murakami Nakamura, Nishida, Noda, Ogassawara, Shimokawa, Takahashi, Takayama, Tanaka, Tokumi, Yassue, Ymazato, Uno, inclusive, alguns deram nome a estabelecimentos comerciais, como Supermercado Hata, Miike Vídeo e Produções, Posto Mori Shell e Ipiranga, Mecânica Tokumi, entre outros. Há os agricultores, os trabalhadores com horta, os comerciantes, os feirantes e os profissionais liberais. Como foi salientado anteriormente, não foi possível

---

<sup>29</sup> O IBGE situa-se à avenida Coronel Otávio Tosta 47, Guaíra, Paraná.

contemplar a todos os sobrenomes, especialmente devido ao tempo da pesquisa, ou porque de alguns sobrenomes, as pessoas não mais residem no Município, ou até mesmo porque alguns já faleceram. Um primeiro critério adotado para as entrevistas individuais e em família foi verificar junto aos dados da Associação Nipo-Brasileira o nome dos precursores no Município e o outro critério foi verificar a possibilidade de acesso às pessoas mais velhas representantes daquele ramo patronímico. Assim, foram entrevistadas pessoas com os sobrenomes: Hata, Kakimori, Kawase, Matsubara, Matsui, Miyakawa, Mori, Nakamura, Takayama, Tokumi, Yassue e Ymazato.

#### 2.4.1.1 Para Preservar a Cultura: a Acenibra

A Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira, Acenibra, popularmente chamada de “O Clube Japonês” é o local onde este grupo étnico se reúne para os encontros sociais que contribuem para preservar e conservar a identidade cultural na região. A fundação deste clube no município de Terra Roxa, teve início em 1956, com a denominação de Associação Japonesa, entidade fundada por Minaji Miyakawa, com participação de várias famílias de origem japonesa residentes na época. O primeiro presidente foi Minaji Miyakawa e o segundo foi Tetsuo Hata.

Em 1978, na gestão de Takao Momose, o clube teve a denominação mudada para Acenibra – Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira de Terra Roxa, da qual o atual presidente pela segunda gestão consecutiva é Mário Toshio Yassue.

Na Associação são realizados eventos tais como jantares típicos, comemoração do dia das mães, dos pais, das crianças *undokai* (gincana esportiva), entre outras, que contribuem para dar continuidade à tradição japonesa nesta cidade.



Dentro desta Associação, há o *Fujinkai* (Clube feminino), um clube composto exclusivamente por senhoras, o qual tem como presidente, no segundo ano consecutivo Emília Fumiko Yassue. No *Fujinkai*, realizam-se jogos esportivos para a participação de todos os eventos promovidos pela Associação e excursões, entre outros.

Há também o *Seinenkai* (Associação de moças e rapazes), tendo como presidente atual o jovem Jader Hiroshi Matsui.

A Acenibra, local onde antigamente os nipo-brasileiros se reuniam para realizar festividades culturais e para recordar tradições e se comunicar em língua japonesa.



**FIGURA 7 – FOTO DO CLUBE ACENIBRA E A COLÔNIA JAPONESA DE TERRA ROXA**

FONTE: Arquivo particular de Nagao Yassue.

NOTA: Imagem fotografada em 13 de maio de 1984, com cópias vendidas às diversas famílias presentes na foto. Segundo informações obtidas junto aos entrevistados, esta é a foto que reuniu maior número de famílias.

Atualmente, o clube é liderado por seus descendentes, mas aberto a todos, independentemente da etnia, e seus participantes dividem suas tradições, inclusive, o típico prato da culinária japonesa, o *sukiaki*, servido em um jantar tradicional. Os ingressos são vendidos não exclusivamente dentro do grupo étnico e mobiliza muitas pessoas desde a compra e doação dos ingredientes da culinária, até a acolhida e a preparação da refeição, que é preparada exclusivamente por associados ao Clube.

Segundo o presidente da Associação, esta se mantém financeiramente através da mensalidade paga pelos seus sócios e através de aluguéis para festas de aniversário e de casamento e através de jantares típicos. É através do Clube que reuniões são marcadas, grupos de etno-brasileiros são recebidos e viagens em grupo são realizadas para o encontro de jogos esportivos e cognitivos.

#### 2. 4.2 (Re)Territorialização e valores éticos do grupo

“Uma pesquisa realizada na década de oitenta apontou para três valores mais expressivos da colônia nipo-brasileira: a honestidade; a dedicação no trabalho e no estudo, a educação”(DIAS, 1988 *apud* OGUIDO, 1988, p. V). Também uma das entrevistadas, I.K., *nissei*, com 75 anos, assim se expressou quando lhe foi feita a pergunta: “Fala pra nós alguma dificuldade que a senhora sentiu aqui no Brasil?” “Ahhh, acho que foi o estudo, né?”. A expectativa era de que a resposta iria relatar sobre aspectos financeiros ou ambientais, e a resposta foi sobre “educação escolar”, esta informação retrata a importância dada ao estudo realizado na escola.

Outra das entrevistadas, M.M, de 70 anos, assim se reportou referindo-se à vinda do pai ao Brasil:

Meu pai veio do Japão em 1912, ele tinha 17 anos. A viagem durou sessenta dias e eles estudavam com uma cartilha do povo brasileiro para aprender a

língua. Meu pai chegou em São Paulo na terceira expedição de imigrantes em Santos, no *Navio Santos Maru*. Quando desembarcou, ele já era delegado, ou seja, fazia parte da delegação como intérprete no Brasil, por saber um pouco da língua portuguesa. Ele foi trabalhar na fazenda Cafelândia, São Paulo. Por lá entrou toda<sup>30</sup> imigração, foi por Cafelândia, o custeio foi pago pela fazenda. Morou lá vinte anos, desbravando a terra.

Conforme o relato anterior, percebe-se a aceitação do desafio para o aprendizado da língua do Brasil, o estudo com zelo, a disposição para o trabalho. O pai da entrevistada era um imigrante culto e pobre, que se dispôs a aprender uma segunda língua tão diferente de sua língua materna.

Aos valores éticos citados no livro de Oguido (1988), outros valores foram também somados através dos relatos biográficos dos entrevistados, como: a força para o trabalho, a coragem e a persistência, que podem ser reportados na fala de vários entrevistados, tanto quando relembram da chegada ao Brasil, quanto quando especificamente estão relatando sobre as dificuldades relacionadas à vida no início da colonização do Município, conforme exemplifica a entrevistada Y.M., com 68 anos, referindo-se ao esposo: "Ele perdeu o pai quando tinha treze anos, era o filho mais velho, com treze anos precisou trabalhar na roça, puxou enxada". O senhor referido é S.M., com 75 anos, nascido no estado de São Paulo, na região chamada Primeira Aliança, no município de Mirandópolis. S.M. relatou que "os outros irmãos tinham nove, cinco e três anos". O relato de N.G., com 75 anos, declara que: "É, nós trabalhamos dezesseis anos e não tínhamos comprado terra, só depois conseguimos comprar. O Brasil cresceu por causa do estrangeiro que queria ficar rico e trabalhava muito, a gente tinha que trabalhar dobrado, até no domingo a gente trabalhava".

Quanto à chegada a Terra Roxa, o entrevistado T.M., *nissei*, com 70 anos, recorda emocionado: "É, a primeira missa que nós rezamos, não tinha nem capelinha, foi em 1955. Nós mesmos fomos no mato, cortamos madeira, fizemos a cruz e amarramos com cipó. Aí juntamos meia dúzia de gente e fomos buscar o padre em Guáira, que é cidade velha". Em

---

<sup>30</sup> Falado pela entrevistada no gênero masculino.

outra entrevista, I.K., *nissei*, com 75 anos, assim declarou: “aqui em Terra Roxa, em 1963, Nossa Senhora!, naquele tempo que nós viemos, aqui não tinha casa de material ou de tábua, era tudo coberto de prancha de palmito!”. O relato de T.T., com 72 anos, reforça as dificuldades encontradas:

Era puro mato aqui, tinha só dois casas. Poço também tinha um só. Cedo, levantava seis horas, tinha cinqüenta barde pra tirar no sarril<sup>31</sup>. Pra tomar banho tinha que sair de caminhão lá no rio São João, embaixo da ponte. A casa nós fizemos com tábua, mas quando nós entramos aqui, a gente morou um mês debaixo da lona, que nem bóia-fria, até fazer a casa, né?(...) E eu levava almoço na roça, com criança, nenenzinho nas costas e outro na mão, eu vi oncinha, não muito grande, sabe que meu pé tremeu, tremeu, quase não deu pra chegar lá onde meu marido estava, foi pulando galho, pulando galho (...) Nós cortávamos árvore com serrote, pegava trançador cortava redonda, depois pegava facon eu e ele, né?, batia, batia e depois com esses tabuinha nós cobria a casa que antes tinha sido de lona, né? Carregava da roça até aqui<sup>32</sup>.

Outra entrevistada, Ta.H, quando lhe foi perguntado: “E aqui em Santa Rita, comprou terra e foi trabalhar em quê?” Ela sem ironia, mas em seu discurso revela a decepção em vista das dificuldades sofridas: “Comprou mato, né? Teve que derrubar árvores e plantou café. Dava trabalho... plantei café e café, tudo [todo] ano morria, todo ano, geada, geada... Quando tem mato bastante tem mais geada, sempre dois graus, zero grau. Geou muito, nunca deixou criar café, era muito trabalho”. A força semântica de “comprou mato”, cria simbolicamente a imagem das dificuldades sofridas para desmatar e desbravar a terra, para torná-la agricultável.

Trazendo mais próximo do tempo presente, ainda no que se refere à disposição para o trabalho, o relato de R.I., *sansei*, nascido em 1973, demonstra que em 1990 foi como *decasségui*<sup>33</sup> ao Japão: “Fui ao Japão com 17 anos, 12 anos fiquei lá, só voltei duas vezes. Fiquei um ano e meio no Japão na Escola pra aprender a ler e escrever em japonês. Fui

<sup>31</sup> Cilindro disposto horizontalmente e no qual se enrola corda, cabo ou corrente de um aparelho de levantar pesos (FERREIRA, 1999, p. 1820).

<sup>32</sup> Fala literal, por exemplificar algumas das dificuldades sócio-língua-culturais a que se propõe registrar esta pesquisa.

<sup>33</sup> Variante de *dekassegui* (<[www.google.com.br](http://www.google.com.br)). No dicionário Ferreira (1999, p. 609), está em forma de verbete: *decasségui*, cuja escrita será seguida.

tradutor, a gente aprendeu lá”. Este entrevistado de 33 anos, com pouca escolaridade no Brasil, trabalhou como intérprete no Japão. Ele retornou em 2002 ao Brasil, casou, teve filho e para lá não voltou. Portanto, o enraizamento dos nipo-descendentes no Brasil é uma realidade.

E, se no início da colonização japonesa, a intenção dos imigrantes recém-chegados era ficar ricos e voltar ao Japão, o plano inicial de retornar não se concretizou. Nawa cita que um estudo realizado em 1939, constatou que 85% dos imigrantes esperavam retornar ao Japão e apenas 10% estavam decididos a enraizar no Brasil, mas que, numa amostragem feita em 1952, o quadro apresentou-se bem diferente: 87% pretendiam permanecer no Brasil e 11% pretendiam voltar (1988, p. 4). Mas, na atualidade, também muitos nipo-brasileiros estão fazendo o caminho inverso ao que foi percorrido por seus pais quando vieram ao Brasil à procura de melhores condições econômicas, pois o Japão é, na atualidade, um país moderno e rico e para lá se direcionam decasséguis brasileiros à procura de melhor remuneração salarial.

Atualmente, o Brasil ainda é o país que possui a maior expressão demográfica de etno-descendentes fora do Japão e o estado do Paraná “possui o maior contingente de imigrantes japoneses e seus descendentes, é o segundo dentro do espaço geográfico brasileiro” (OGUIDO, 1988, p. 53) e, no ano de 2008 estarão sendo completados cem anos desde que os primeiros imigrantes chegaram. No Brasil, nasceu a geração denominada *nissei*, seguida da geração *sansei* (NAWA, 1988, p.12-13), que foi seguida pela geração “*yonsei* e após, a quinta geração, denominada *gossei*” (OGUIDO, 1988, p. 227). De forma menos específica, os *isseis* enraizados no Brasil, naturalizados ou não, e as gerações de descendentes nipônicos, cidadãos nascidos no Brasil, são chamados nipo-brasileiros. Contudo, a própria forma de diversas classificações, e ao referir-se como eles, já traz embutida em sua forma semântica, mesmo que veladamente, um processo de não-identificação como um nós e assinala que a estigmatização do diferente persiste. Mas este grupo, mesmo minoritário, procura conquistar seu espaço, reelaborar um sentido “híbrido de cultura” (HALL, 2003, p.

91), e buscar integrar-se, encontrar com criatividade, meios para o pertencimento cultural de forma pacífica e ordenada.

Neste Município de terra vermelha, roxa, branca, ou mista; que tem as reminiscências de um passado que reporta às reduções jesuíticas, que é formado por comunidades de diferentes ascendências étnicas e por brasileiros vindos do norte e nordeste do Brasil, são todos terra-roxenses, brasileiros que, vivendo sobre esta terra, procurando por integração e integrando-se culturalmente, participando da economia do Município e mesmo no invisível do cotidiano, exercendo e recebendo influências mútuas, constroem identidades e são construídos por/com sua cultura social e lingüística.

### 3 LINGUAGEM E SEUS ASPECTOS SOCIOCULTURAIS E IDENTITÁRIOS

*Ai palavras, ai palavras  
Que estranha potência, a vossa,  
Todo o sentido da vida  
Principia à vossa porta.*

Cecília Meireles

Este capítulo tratará sobre a importância da linguagem como formadora da sociedade humana e para a formação da cultura e da identidade de um povo, buscando focalizar o estudo dos aspectos socioculturais e identitários junto aos nipo-brasileiros.

As palavras nascem, vivem e morrem porque são reflexos das pessoas que formam a sociedade humana. Mudam os homens, muda o mundo, muda-se a forma de se expressar; modismos chegam e passam; altera-se a carga semântica de uma palavra devido a determinado contexto social, ou geográfico, ou histórico/temporal e não é possível falar em linguagem descontextualizadamente. A linguagem é o “maior milagre humano”<sup>51</sup>; sem ela, não haveria sociedade estruturada como a que aos humanos foi dado conhecer, pois, como afirma Charaudeau, “todo ello se realiza com ayuda del lenguaje, por medio del lenguaje mismo, sin el cual no habría sociedad humana. El lenguaje, al poner a los individuos em relación, crea sentido y ese sentido crea el lazo social” (2005, p. 311). Pais resume e explicita o fundamento da construção da sociedade, via linguagem:

A linguagem aparece, ao mesmo tempo, como a base e o instrumento da ‘construção social da realidade’. Por um lado, a linguagem aparece como um dos principais meios da socialização do indivíduo – que se transforma em habitante de um mundo compartilhado por outros –, proporcionando, por

---

<sup>51</sup> Da autora Ana Maria Machado. Citado por Tarcísio Padilha no discurso da Sessão Solene à Acadêmica Ana Maria Machado, quando esta tomou posse na Academia Brasileira de Letras. Vide em <[www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua](http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua)> Acesso em 04 de set. 2006.

outro lado, os meios através dos quais, na convenção com os demais, o “mundo comum” ganha plausibilidade (PAIS, 2003, p. 104).

Para Bakhtin, as questões da linguagem estão além da noção de sistema lingüístico, além de um sistema fixo de sentido entre significado e significante, conceito este defendido por Saussure. Com sua crítica radical à postura saussureana, Bakhtin elabora uma concepção de linguagem que não a separa dos sujeitos reais e concretos, comprovando que a interação verbal constitui a realidade primordial da língua. Para Bakhtin, “toda palavra serve de expressão de um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade” (1999, p. 113), e também que “um signo é um fenômeno do mundo exterior, mas os signos só podem aparecer em um terreno interindividual (...) e ainda assim é fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo: só assim um sistema de signos pode constituir-se” (BAKHTIN, 1999, p. 35). A linguagem é vista como um lugar de interação humana, muito mais do que o modelo de informação entre emissor e receptor. Segundo Faraco,

A concepção de linguagem fundamentada por Bakhtin torna os falantes sujeitos. Os falantes não são meros atualizadores de leis e códigos de um sistema inacessível, nem são assujeitados em sentido absoluto a uma superestrutura ideológico-discursiva, mas também não são hipertrofiados na condição de fonte absoluta da expressão. (2001, p. 119).

Orlandi afirma que “a linguagem é uma prática [social]; não no sentido de efetuar atos, mas, porque pratica sentidos, intervém no real” (2001, p. 95), pois, no discurso, o sujeito significa a si próprio, dá significado à vida e ao mundo, a realidade se constitui nos sentidos que os sujeitos interpretam, compreendem e sentem.

Segundo a perspectiva de Bakhtin, a palavra não tem a intenção de ser monológica, e a força expressiva não está na palavra. Ela vem de alguém e se dirige a alguém e, quando se



fala em diálogo, não é somente aquele face-a-face, mas há um “tu” ou “outro” virtual (BAKHTIN, 2000, p. 356), afirmação a que Maingueneau acrescenta:

O outro no espaço discursivo não é jamais redutível a uma figura de interlocutor. Certamente, poder-se-ia considerar que, para cada um dos discursos, seu Outro é um tu virtual. Se quiser mesmo pensar em termos de pessoa lingüística, talvez seja mais justo ver no Outro um eu do qual o enunciador discursivo deveria constantemente separar-se. Ele seria então, de alguma forma o interdito de um discurso” (2005, p. 39-40).

Inscreve-se a visão do discurso como uma co-participação social, em que o sujeito do discurso não diz, ele é dito pelo discurso: o que uma determinada estrutura lhe permite e o que lhe disseram. O sujeito do discurso se enuncia enquanto ser afetado pelo simbólico e num mundo vivido através do simbólico, torna-se sujeito. Segundo Fiorin (2000, p. 49) “o sujeito inscrito no discurso é um ‘efeito de sentido’ produzido pelo próprio discurso, isto é, seus temas e suas figuras é que configuram a ‘visão de mundo’ do sujeito”.

Segundo Bakhtin, os indivíduos estão imersos nas relações sociais historicamente dadas, das quais participam de forma ativa e responsiva. Linguagem e sociedade são indissociáveis (1999). A visão bakhtiniana recusa-se a separar o individual do social. A linguagem é construída socialmente, é uma prática social. Ela cria a imagem do mundo, mas é também produto social e histórico. Assim, a linguagem criadora de uma imagem de mundo, é também criação desse mundo.

### 3.1 ENUNCIÇÃO E EFEITO DE SENTIDO

Segundo Bakhtin “a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno da interação verbal, realizada através da enunciação, ou das enunciações” (1999, p.

123). A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um ‘horizonte social’”(BAKHTIN, 1999, p. 16). Segundo o autor, “la vida es dialogica por su naturaleza. Vivir significa participar em um diálogo... El hombre participa em este diálogo todo y con toda su vida: com ojos, labios, manos, alma, espíritu, con todo el cuerpo, con sus actos” (BAKHTIN *apud* FARACO, 2001, p. 119).” Bakhtin afirma que “as leis da evolução lingüística não são de maneira alguma as leis da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas da atividade dos falantes. As leis da evolução lingüística são essencialmente leis sociológicas” (1999, p. 127), pois, ainda que o recém-nascido tenha a predisposição para a sociabilidade, será na relação com os outros que o seu mundo semiótico irá sendo construído, pois a criança, ao nascer, estará imersa nos sentidos culturais de sua comunidade de falantes, sentidos também expressos nos nomes dados e/ou nominalizados pelos pais aos recém-nascidos e na construção identitária do nome no percurso social de vida do sujeito, identificados e identificadores do ser que se esconde naquela designação onomástica.

Bakhtin afirma que “o discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora de outra forma” (2000, p. 293) e, de acordo com a posição da *Análise de Discurso* (Francesa), o enunciado *discurso* engloba tanto os enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva como as suas condições de produção, afirmação reiterada por Orlandi “o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (2001, p. 17).

Os sentidos não são fixos. Onde se fala em efeito de sentido, leia-se significação, em conta do discurso em que ele se insere: é efeito de interlocução, por isso não é estável. Orlandi, cita que “o discurso não é geral como a língua (ou a competência) nem individual e

assistemático como a fala (performance). Ele tem a regularidade de uma prática, como as práticas sociais em geral” (1986, p. 62). Assim, o discurso pode ser definido, não só como transmissor de informação, mas como efeito de sentido entre locutores. Não é suficiente, portanto, haver somente intenção de um locutor, mas o entendimento, a significação alcançada. As manifestações discursivas estão sempre relacionadas a um tipo de atividade humana e sempre marcadas por um sistema de valores, que se entrecruzam, complementam e concorrem entre si.

O nome personativo faz parte de um discurso, portanto também é discurso. O nome próprio diz quem é, então diz algo e é dito por alguém, procede de alguém e é dirigido a alguém. Cada ser humano constitui-se a partir do discurso do outro. Fiorin afirma que “o homem aprende a ver o mundo pelos discursos que assimila e, na maior parte das vezes, reproduz esses discursos em sua fala” (2000, p. 35). Um mesmo nome, referindo-se à mesma pessoa, pode carregar em si sentidos diferentes, dependendo do papel social de quem o expressa, seja a mãe, a professora, o amigo, a namorada, entre outros, confirmando Charaudeau sobre “o reconhecimento do poder: a legitimidade socioinstitucional (...), a legitimidade vem ao sujeito não somente do espaço externo, mas do grau de adequação que se estabelece entre a identidade psicossocial e seu comportamento enquanto ser linguajeiro, comunicante” (1996, p. 27).

Tanto o nascimento quanto a seqüência da vida do ser humano vão sendo marcados pelo diálogo com o outro, seja pelo olhar, pela “entonação expressiva da palavra” (BAKHTIN, 2000, p. 312), ou pelo silenciamento, por aquilo que este outro vê e sabe a respeito do mundo, da convivência, a respeito do “eu” do discurso.

### 3.2 CULTURA E IDENTIDADE

Bakhtin afirma que “toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim [o enunciador] e os outros” (1999, p. 113). O ser biológico ao qual se denomina “humano”, é um ser que se identifica, é um ser que se vê no “olhar” do “outro” pelo “olhar” desse “outro”, que se percebe pelas palavras e expressões utilizadas por esse “outro”. Se, por um lado, o ser é individualmente o articulador do discurso, por outro lado, é socialmente motivado para o determinado discurso e a sua sustentação advém do contexto. Segundo Fiorin, “sem linguagem não se pode falar [nem mesmo] em psiquismo humano, mas somente em processos fisiológicos ou processos do sistema nervoso, pois o que define o conteúdo da consciência são fatores sociais” (2000, p. 35). Neste sentido, Sarup afirma que:

a identidade é contraditória e fragmentada. O eu é necessariamente incompleto, inacabado, é o sujeito em processo. (...) a identidade é construída *na* e através *da* linguagem. Acrescente-se o ponto que é sempre dentro da representação que a pessoa se reconhece (...) a identidade é relacionada Àquilo que alguém não é o Outro. (...) a identidade só é concebida *na* e através *da* diferença (1996, p. 47).

Mas de que diferença se trata? São diferenças que se compõem pela negação de equivalência, seja ela forjada no aspecto físico, psicológico, social e histórico. Mas essa separação entre o “eu” e os “outros” sempre terá uma determinação cultural marcada por valores morais e sociais. Por isso, considera-se a identidade do indivíduo como um “algo” que se constrói e a linguagem age como meio para a identificação entre os componentes de um grupo, mas também é dinâmica, como a sociedade humana. A experiência traduz-se em expressões lingüísticas, em conceitos, que são o resultado da vivência pessoal e social.

De acordo com Silva,

a identidade e a diferença são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva. O processo de adiamento e diferenciação lingüísticos por meio do qual essas são produzidas está longe, entretanto, de ser simétrico. A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e lingüística – está sujeita a vetores de força, a relação de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias. Elas são disputadas (SILVA, 2003, p. 81).

Levando-se em consideração, que, conforme aponta Hall (2003), o pressuposto de identidade não está impresso nos genes e que não estão nos genes os princípios de raça, pois esta não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica, é pela interação entre o eu e a sociedade que a identidade individual e conseqüentemente a coletiva vão sendo formadas. O sujeito ainda tem um núcleo – sua subjetividade –, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. Segundo Erickson, “a formação da identidade está relacionada a reflexões e observações simultâneas feitas pelo indivíduo. Esse processo ocorre em todos os níveis do funcionamento mental e, por eles, o sujeito julga a si mesmo” (1976, apud LOUREIRO, 2004, p. 51).

Por sua vez, a cultura, como um conjunto de representações simbólicas, porque são compartilhadas socialmente, apresenta-se em um espaço social que oscila entre o rígido e o flexível. Segundo Certeau (1995), a cultura é o flexível. Do lado do rígido, estão o espaço planejado com seus sinais objetivos, o que é mensurável e/ou os textos; do lado do flexível, estão a organização efetiva dos espaços internos e externos, os deslocamentos ou enrijecimento de mentalidades, os “valores” de um grupo, “um enorme ‘resto’ na gestão de uma sociedade”. Aparentemente, ela melhor se representa no rígido, mas a cultura se faz e se refaz através do flexível, pois é constituída de atos e fatos do cotidiano, de cumprimentos de

tarefas, de respostas a incentivos/estímulos midiáticos e políticos. Assim, “a cultura oscila entre o que se inventa e entre o que permanece” (CERTEAU, 1995, p. 235).

Segundo Loureiro (2004, p.63; 67) “passa-se a perceber que as diferentes formas de organização social, de hábitos e crenças são apreendidas nas relações sociais (...) em que modelos de identidade, de identificação e de afinidades são oferecidos”. Parafraseando Silva (2003, p. 74-77), quando se refere que falar em identidade é invocar a identificação e a recusa pela não identificação. Aquilo que se imagina único, pessoalmente seu, já é fruto de uma cultura, que, já em sua representação a um novo grupo social causa estranhamento, e o que dizer deste impacto sobre a identidade dos imigrantes japoneses recém-chegados ao Brasil, que aqui foram imediatamente percebidos em sua diferente linguagem, seus hábitos alimentares e seu aspecto físico? Segundo Certeau (1995), uma autonomia cultural, social ou étnica sempre se manifesta dizendo não: “não, diz o negro, não sou um americano”; ou dizendo que eles são japoneses, portanto, eles não são brasileiros?

Mesmo em um país multicultural como o Brasil, busca-se caracterizar através de estereótipos o brasileiro. Segundo Silva, “a força homogeneizadora de identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade” (2003, p. 83), o que se torna um paradoxo com os nipo-descendentes, marcados pelas características físicas da etnia a partir de seus olhos “puxadinhos” e que se prolongam na manifestação cultural mais imanente, a língua, observada tanto no bilingüismo como nas variações dialetais, mas que, por outro lado, como um grupo de minoria, não aparece na história do País, ou, quando muito, somente sob aspectos folclóricos.

Segundo Fishman,

pode decir que cuanto más numerosos e importantes son los hablantes nativos de una variedad particular, tanto mayores son su vitalidad, autonomia e historicidade. Por el contrario, cuanto menos numerosa y más baja es la clase social de los hablantes nativos de una variedade, tanto más se puede reaccionar contra ella, si fuera un instrumento defectuoso o

contaminado, indigno de serios esfuerzos o funciones, y carente de parentesco y unidad adecuada” (1968, p. 52).

Quanto mais poderoso socioeconomicamente for o grupo representante de determinada língua, isto se verá refletido no poder de uso daquela língua, o que se verifica no sistema interior de uma mesma língua com suas variantes prestigiadas ou não e também entre línguas diferentes, de contato e em contato. As línguas que representam minorias étnicas não o são absolutamente de minorias em relação à quantidade de falantes, mas em relação à língua do grupo que está no poder. É em relação ao conjunto de forças estabelecidas pelo grupo mais poderoso e quem são os falantes usuários daquela língua. A convivência entre as línguas reflete, de certa forma, a competitividade humana, mostrando que as línguas concorrem entre si e se hibridizam umas com outras. Segundo Silva, “na perspectiva da teoria cultural contemporânea, o hibridismo é a mistura, a conjunção, o intercurso entre diferentes nacionalidades, entre diferentes etnias. A identidade que se forma não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas” (2003, p. 87).

Conforme afirma Savedra, no Brasil há uma língua majoritária, nacional: a língua portuguesa do Brasil, país considerado monolíngüe, que não é. Não há como negar a existência e coexistência de “mais de 180 línguas indígenas (autóctones), além de cerca de outras 30 línguas de imigrantes (línguas alóctones) provenientes da Europa, da Ásia, do Oriente Médio e até de países do continente americano” (2003, p. 41).

Segundo Fishman (1968, p. 50) “todas las variedades de todas las lenguas son igualmente extensibles y cambiables; de igual modo, todas são contráctiles e interpenetrables al influjo de los modelos extranjeros. Sus virtudes están en los ojos (u oídos) de sus cultivadores”, ou seja, as línguas têm uma tendência para a dispersão e para a hibridização que também são verificadas na cultura. Para Hall (2003, p. 91), o *hibridismo* e o *sincretismo* – a fusão entre diferentes tradições culturais – são uma poderosa fonte criativa, produzindo

novas formas de cultura, mais apropriadas à modernidade tardia que as velhas e contestadas identidades do passado. Outros, entretanto, argumentam que o hibridismo, com a indeterminação, a dupla consciência e o relativismo que implica, também tem seus custos e perigos.

De acordo com Guimarães (2006), o multilingüismo brasileiro tem a finalidade de caracterizar sua especificidade, enquanto um fato próprio do funcionamento de relações de línguas. As línguas são afetadas, no seu funcionamento, por condições históricas específicas. As línguas funcionam de acordo com o modo de distribuição de seus falantes. Elas estão sempre relacionadas com aqueles que as falam. É por isso que as línguas são elementos fortes no processo de identificação social dos grupos humanos. Isto caracteriza o que é, segundo o autor, o espaço de enunciação.

No Brasil, já não é possível deixar invisível a existência de grupos étnicos, mesmo que minoritários; já não é possível deixar de levar em consideração a inter-relação de culturas e identidades sociais em contextos simples ou complexos de aproximação de línguas e culturas. Um contexto específico é a Escola em que se encontram crianças e jovens, revelando-se culturalmente e convivendo com a diversidade cultural. Loureiro afirma que “a identidade nunca é estabelecida como uma realização, na forma de uma armadura da personalidade ou de qualquer coisa estática e imutável, é um processo em permanente construção”. (2004, p. 51)

O próprio documento que rege as Escolas de Ensino Fundamental de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, os PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais –, contempla o respeito pelo multiculturalismo. Ele convoca a Escola e, por extensão, os educadores, para o compromisso da cidadania. Nessa perspectiva, na forma de *conteúdos transversais*, os PCN's reconhecem a pluralidade cultural do Brasil e argumentam para a necessidade do debate de questões sociais, para que os alunos desenvolvam o respeito pelas diferenças, buscando uma forma de interação com o repertório sociocultural (PCN 1998a, p. 17-41).



Certeau (1995) faz o questionamento e também afirma: em que condições pode ser mudada a relação de forças que estabelece a maioria como limite de ação de uma minoria, já que há milhares de maneiras de eliminar outras existências? Elas têm como característica comum a vontade de instaurar uma unidade, isto é, um totalitarismo. A cultura no singular impõe sempre a lei de um poder. A cultura no plural exige incessantemente uma luta (CERTEAU, 1995, p. 241-242). O ser humano nasce culturalmente situado, o que não deixa de ser uma imposição histórica, mas, com a interação social e lingüística, ele também estará definindo e redefinindo o seu “pertencimento” cultural. Mesmo as minorias étnicas não são “mudas”; elas travam relações em que há uma hibridização cultural, étnica, lingüística e suas relações de poder se fazem presentes.

Os imigrantes japoneses trouxeram consigo sua cultura e no Brasil foram percebidos e mesmo estigmatizados, por seus traços físicos e pela língua muito diferente da majoritária do Brasil.

### 3.2.1 Alguns Aspectos da Integração Social e Línguo-Cultural

Aqui no Brasil, os imigrantes japoneses ficaram em núcleos, formando comunidades de sua etnia, verdadeiras “ilhas lingüísticas”. Segundo Wiesinger (1980 *apud* BORSTEL 2003b, p. 112), cita que “as ilhas lingüísticas são comunidades de fala relativamente fechadas, de uma região onde se fala outra língua”. Os *isseis* aqui no Brasil moravam em comunidades a que chamavam de “*coronia*”, a colônia japonesa, onde falavam sua língua de origem, como relatou T.M.: “lá era uma Colônia Japonesa, portanto que quando a gente chegou aqui em Terra Roxa, a gente quase não sabia falar em brasileiro”.

A convivência limitada ao espaço da colônia tornou comum o uso do enunciado *gaijin*. Pode-se citar que o contexto societal deu origem a estes dois enunciados de grande

representação etno-cultural no espaço geográfico brasileiro: *gaijin* e *decasségui*, o primeiro designa *estrangeiro* e o segundo designa *descendente de japoneses que vai trabalhar no Japão*. Ambos enunciados fazem parte do léxico brasileiro e estão dicionarizados (FERREIRA, 1999, p. 960; p. 609).

Quando para S.M., *nissei*, com 75 anos, foi-lhe perguntado na entrevista “e o que vem a ser *gaijin*?” ele riu e respondeu: “*gaijin* é o que veio de fora, de outro país, mas lá na Aliança, só tinha japonês, era o contrário: quando via um brasileiro, ele que era *gaijin*”, foi o uso de uma palavra para representar o Outro em contexto estrangeiro. De acordo com informações obtidas, depreendeu-se que ao virem ao Brasil, os *isseis* sentiram-se discriminados em sua etnia, mas também viram os “outros”, como “diferentes” de seu grupo de origem (T.M., A.K., Sa.T., F.K., E.K., N.G., M.Y, I.K. M.K. e Ta.H.). A estigmatização fica implícita quando se observa os casamentos, que, entre os entrevistados, nas gerações *issei*, *nissei* – com exceção de um entrevistado *sansei* do sexo masculino –, todos mantiveram casamentos interétnicos.

Uma entrevistada, F.K., *issei*, do sexo feminino, que veio ao Brasil com três meses de casada em 1931, naquela época, com 19 anos, relatou:

Ele queria se aventurar, em primeiro, veio sozinho, solteiro (...) Esse amigo arrumou duas noivas, uma pra ele e outra para o amigo aqui do Brasil, mas no navio, a [noiva] com quem ele se casaria, preferiu o filho de um trabalhador do navio, porque assim ela não teria que trabalhar na roça. Aí, sem a noiva prometida, ele voltou para o Japão. Ele gastou tudo que tinha ganhado no Brasil para voltar ao Japão à procura de uma esposa. Lá no Japão, ele procurou durante três meses, mas nenhuma não queria vir para o Brasil. Ia na vila, não deu jeito. Aí, meu tio que era amigo dele arranjaram o casamento. Ele ia lá em casa, “brincar de jogo” e meu pai falou que eu gostava [dele]. Aí meu pai ficou com dó dele voltar de novo sozinho para o Brasil, então meu pai mandou eu casar e vir. E quando o pai mandava tinha que obedecer. Ficamos três meses no Japão, depois viemos. O primeiro presente de casamento que recebi foi uma calça comprida.

A entrevistada supramencionada está com 94 anos. Segundo uma de suas filhas (Se.M), lá no Japão, a família da mãe era muito tradicional e rica, com ascendência dos *bushi* – samurais – e o pai era filho de um general do exército japonês. Na fala da entrevistada, pôde ser observado que houve decepção com a ocorrência destes acontecimentos. Em outra parte da entrevista, a decepção com o trabalho que tiveram que realizar no Brasil, pois “lá no Japão tinha máquinas para cortar as árvores e aqui era tudo com a mão, faltava energia elétrica e água” (F.K.).

A realização de uniões dentro da etnia japonesa é mais fácil de ser notada, mas o fato em si não permite concluir sobre qual grupo estigmatizava primeiro o outro, a ponto de não terem relações de namoro e casamento. Os casamentos entre descendentes japoneses e “brasileiros”<sup>52</sup> somente vão se realizar a partir da geração *sansei*.

Segundo informações dos entrevistados sobre a forma de comunicação com os brasileiros, foi respondido que “usava gestos”, referindo-se à mímica (N.G., representante *issei*, com 75 anos, sexo masculino e Ta.H., representante *issei*, com 77 anos, sexo feminino). Oguido afirma que o completo desconhecimento da língua do Brasil, às vezes, criava aos recém-chegados ao Brasil situações de ridículo, que levaram os brasileiros a ter certa desconfiança da capacidade cognitiva dos imigrantes (1988). Da afirmação de Oguido, pode-se depreender o grau de dificuldade e ainda ter comprovado como “a língua e a identidade se constituem em um todo indissociável que designa o falante”, como afirma Sarup (1996).

Em língua japonesa, o som de uma palavra em língua japonesa pode levar a uma palavra com sentido bem diferente em língua portuguesa, conforme foi relatado pelas informantes, Y.H., representante *issei*, com 47 anos e Ta.H., representante *issei*, com 77 anos,

---

<sup>52</sup> É conveniente lembrar que brasileiros são todas as pessoas com cidadania brasileira, cidadãos nascidos no Brasil, ainda que os pais sejam procedentes de diversos países, mas o enunciado é muito utilizado pelos entrevistados quando se referem aos brasileiros que não têm ascendência japonesa, neste sentido, optou-se por escrevê-lo entre aspas.

que, vivendo há mais de quarenta anos no Brasil, têm o conhecimento da língua e conseguem fazer uma comparação: “É, tem pessoa que chama, por exemplo, *Massayoshi*, aí todo mundo fica chamando de *Massa*. *Massa* em português é feio, mas em japonês é um nome bonito, homem bem direito”. Elas expressaram um componente da cultura no Brasil: o diminutivo hipocorístico, mas que no jogo intercultural passa a assumir novo significado.

Às vezes o jogo da palavra de uma língua para outra, provoca *cacofonia*, como, por exemplo, através das entrevistas, foi observado que diferentes *kanjis* têm igual pronúncia, como, por exemplo, os fonemas em língua portuguesa da sílaba /-ko/, em *kanji* representam um enunciado com significado completo, como, conforme apresenta Shindo (2006, p. 178), ele têm a significação de “criança e de filha” e são transcritos como *-ko* em *romaji* e geralmente fazem parte do nome de pessoas do sexo feminino, como foram citados: Chihoko, Miwako, Mitiko, Setuko, Tatsuko, Yoneko e Yoko; mas, na referida sílaba, muitas vezes, a vogal posterior média alta /o/ é pronunciada com o traço fônico da vogal posterior alta /u/, o que causa transtorno em diversos níveis, dependendo do interlocutor.

Há também a sílaba /-ku/, da mesma forma escrita em *romaji*<sup>53</sup>, mas esse mesmo fonema é a leitura de dois *kanjis* selecionados para nomes masculinos, em que cada qual tem a respectiva significação: a) céu, b) longo período de tempo; palavras que trazem embutidas, semanticamente uma ideologia positiva e, na cultura japonesa, muito escolhidas pelos pais para compor o nome dos filhos, mas, no meio cultural brasileiro, os nomes japoneses compostos com esta sílaba geram estranhamento cultural e até mesmo a estigmatização da pessoa dona do nome.

Nawa relata outras dificuldades sofridas pelo desconhecimento da língua portuguesa e também demonstra o embate cultural relacionado à linguagem e que foi vivido no interior das famílias japonesas, pois

---

<sup>53</sup> O desenho dos *kanjis* e sua leitura encontra-se em Shindo, 2006, p. 195.

se – por um lado a aprendizagem da língua portuguesa era tida como instrumento de sobrevivência, havia, por outro lado, a resistência em nome da preservação das suas tradições culturais, porque acreditava que o “espírito japonês” era inculcado através da língua japonesa. Com o decorrer dos anos, porém, a interferência do português no padrão de fala da língua dos imigrantes começava a recorrer com maior frequência. Devido ao ambiente sociolingüístico que não reforçava o repertório original, proporcionando assim, uma exposição maior ao novo repertório (NAWA, 1988, p. 20).

Em casa e até a idade escolar, falava-se a língua japonesa. Com o ingresso na escola, tinha-se o contato com a língua portuguesa e ampliava-se a situação de uso, conforme a necessidade para entender e se fazer entendido na comunidade escolar. O uso da língua torna-se competitivo conforme a situação comunicativa. Nawa (1988) afirma que a escolha lingüística era crucial; se, por um lado, era grande a vontade de participar deste novo meio ambiente, por outro, a língua materna simbolizava a tradição e a etnicidade.

### 3.2.2 O Fim da Segunda Guerra: Identidade em Crise

Uma agravante nas dificuldades em diversos aspectos e, sobretudo em aspectos lingüísticos para os nipo-brasileiros no Brasil foi a Segunda Guerra Mundial e a política de nacionalização estabelecida pelo governo de Getúlio Vargas, impondo que a comunidade japonesa ficasse sem os únicos canais de comunicação com as suas origens – a imprensa escrita e falada –, visto que a grande maioria não havia adquirido, ainda, competência lingüística em língua portuguesa. De acordo com a ACBJP, “entre 1942 a 1945, foram levados a Curitiba, japoneses denunciados por terem ligado os aparelhos de rádios para ouvir notícias do exterior” (2006, p. 142). Foi assim, em quase completa falta de informação que souberam sobre a Segunda Guerra Mundial e, depois, tiveram a notícia de seu trágico fim. Mas a falta de informações e, ou de informações desconstruídas, resultaram que, no Brasil, grupos de japoneses se dividissem em *makegumi* “os derrotistas” e *katigumi* “os vitoriosos”. Há o relato do professor Watanabe, registrado no livro da ACBJP, narrando que ele, ao

ouvir a fala do Imperador *Hirohito* admitindo a derrota e, ainda, duvidando, chorou incontrolavelmente. A seguir transmitiu a notícia a seus alunos. “Isto foi o suficiente para que me impingissem o estigma do *makegumi*, alvo, a partir de então, do ódio e perseguição dos *katigumi*. Alguns dias depois, na calada da noite, minha casa foi incendiada e reduzida a cinzas, obra dos seguidores dos *katigumi*” (2006, p. 144).

O Tratado de Paz entre Brasil e Japão foi realizado em 28 de abril de 1952, no governo do Presidente Getúlio Vargas (ACPJP, 2006, p. 145). Mas a Guerra atingiu os japoneses em sua identidade também aqui no Brasil e, quando viram que não iam retornar ao país de origem, resolveram criar raízes, buscando melhores condições de educação para os filhos, pois havia a necessidade de proporcionar a eles uma educação adequada para viver como brasileiros, no Brasil. Assim, começaram se mudar do campo para a cidade; por isso, a tendência rural-urbana dos imigrantes japoneses naquela época.

Nawa ao analisar a mudança de código entre os nipo-brasileiros residentes em Brasília, comparou a utilização da língua japonesa entre as gerações *issei*, *nissei* e *sansei* e afirmou que “com os *sanseis*, ocorre exatamente o inverso [dos *isseis*], isto é, as interferências tanto no nível fonológico como no nível morfossintático são do português no japonês, por ser a língua portuguesa, a mais usada” (1989, p. 201). Ainda de acordo com a autora,

o repertório lingüístico deste grupo de imigrantes varia conforme a geração, isto é, cada geração comporta-se seguindo um determinado padrão lingüístico. Entre os *isseis* há uma predominância da língua japonesa acrescida de interferências do japonês no português; com os *sanseis*, ocorre exatamente o inverso, isto é, as interferências tanto no nível fonológico como no nível morfossintático são do português no japonês, por ser a língua portuguesa a mais usada. A mais conflitante, sem dúvida, é a dos *nisseis* devido aos dois mundos superpostos que sempre nortearam suas vidas. (NAWA, 1988, p. 201).

Também, Bárbara e Kato apresentam que “quanto à variável ‘idade’, constatou-se que, com relação à proficiência oral geral, a faixa etária a que pertence o sujeito é um fator

significativo, sendo a proficiência média dos mais velhos, significativamente maior que a dos mais novos” (1982, p. 79), do que se conclui a pouca vitalidade da língua japonesa no Brasil.

Mas a língua japonesa falada no Brasil precisa morrer ou ela pode coexistir? Afinal, é ou não é positivo que uma língua consiga conquistar espaços sociais, sendo o motivo de decisão na escolha de um trabalho, mesmo que dela se diga que “não é de verdade”? Apresenta-se o relato de um dos entrevistados, *R.I.*, com 33 anos, *sansei*, que, com pouca escolaridade no Brasil, no Japão trabalhou como intérprete entre falantes de japonês/português do Brasil e intérprete entre brasileiros/língua japonesa; ou seja, foi graças ao conhecimento da língua materna, diferente da língua majoritária do país em que nascera que alcançou destaque e melhor salário, pois quando foi ao Japão trabalhar como operário, foi contratado como intérprete.

Pode-se citar que no contexto societal do Brasil originaram alguns enunciados de grande representação etno-cultural; além dos já citados, *gaijin* e *degasségui*, durante as entrevistas foram observados outros enunciados específicos da língua japonesa e que ainda não estão dicionarizados, mas já fazem parte da fala de muitos brasileiros, como “bachã” /bat[ã]/, [a pronúncia registrada no dicionário é “/obáasan/”] e *dichã* /didzãw/, [segundo o registro do dicionário, é “*ojiisan*”]<sup>54</sup>, na seqüência: *avó* e *avô*. Também foi observado o uso da expressão “né?” e o uso da palavra *-san*, usada quase exclusivamente pelos representantes da etnia, mas em todas as gerações para se referir a pessoas mais velhas, em sinal de polidez.

A partícula *-san*, foi revelada nas entrevistas, como em: “quando cheguei, *Ishiro-san* já estava aqui” (N.G., com 75 anos, sexo masculino), e em “Mãe, *Endo-san* está pedindo café” (C.H., com 13 anos, sexo feminino) e em “*Tadashi-san* é um *kanji*” (Ta.H., com 77 anos, sexo feminino) e em “*Minaji-san* é o pioneiro” (Ta.H., I.K. e S.K. do sexo feminino). Segundo Ta.H. “a gente não pode se dirigir a outra pessoa sem falar *-san*, ao que Y.H.

---

<sup>54</sup> Segundo Ogawa; Sato (1963, p. 287).

complementou bem baixinho: “é como *senhor*; em “brasileiro” também é falta de educação não chamar de *senhor*”, ou seja, essas palavras favorecem ao sentido de respeito entre o locutor e o seu interlocutor, este traço lingüístico da comunidade de origem japonesa exemplifica o que culturalmente se chama *polidez*. Utilizando a definição de Shindo, “-*san* é partícula mais comum, equivalente a *senhor* e *senhora* (...) Utiliza-se -*san* tanto depois do nome quanto de sobrenomes” (2006, p. 14). Também uma outra constatação é referente a expressão enfática “*né?*”. Certamente muitos brasileiros originários de diferentes etnias já o incluíram no repertório lingüístico. Falado com entonação suave, esta expressão é um dos elementos do diálogo oral, face-a-face, quando se busca a compreensão entre os interlocutores, com um interlocutor tentando persuadir o outro, mas sem imposição; ele não é exatamente uma pergunta. Bleiler informa que “o *né* que é colocado no fim de cada sentença tem a função equivalente a *n este-ce pas* do francês, a *nicht wahr* do alemão, a *isn't it* do inglês e a *não é – né –* do português. No português, *né* tem a função enfático-exclamativa” (1981, p. 22 *apud* NAWA, 1988, p. 116). O uso do *né* está presente na fala de todas as gerações de representantes da etnia e com reincidência na geração mais velha de *isseis* e de *nisseis* do sexo feminino. De certa forma, essa linguagem está representando a *polidez*, fator cultural identitário da etnia, com a tentativa de aproximação, de encurtar a distância para o diálogo e, por outro lado, o reflexo do sistema patriarcal japonês.

### 3.2.3 Em busca da competência intercultural

Innerarity afirma que “a cultura não representa uma unidade fechada. Um sistema cultural é uma realidade móvel e porosa, cuja vitalidade depende que se saiba gerenciar sua pluralidade interna e dialogar com sua estranheza interior” (2004, p. 67), mas, referindo-se aos nipo-brasileiros, segundo as entrevistas, ainda está muito presente a fala “brasileiro(s)”, como foi observado na fala dos informantes *issei* e *nissei*, enunciado tão marcante, que no



corpo deste trabalho foi necessário transcrevê-lo entre aspas, pois em sua carga semântica demonstrou significar “o oposto dos representantes do grupo da etnia japonesa” e, ao apontar o outro como diferente de si, estava também apontando a si como diferente do outro. Já, na terceira geração, os mais jovens optaram por falar baixinho: “ah, eu me sinto brasileiro(a)”, mas a pergunta sobre sentir-se pertencente mais a uma ou a outra cultura era sempre constrangedora.

Se, para a terceira geração e para a quarta está longe o significado de *gaijin*, para a primeira e a segunda geração ainda é demonstrado o sentimento de divisão cultural, de dilaceramento, que fica novamente implícito na fala de representantes da primeira geração, ao referirem-se que, quando seus netos precisam ir ao Japão, lá já não são considerados japoneses, “porque o sangue afinou, no Japão tem muito mestiço brasileiro preso”, ou “antes era diferente, tinha mais respeito”, sugerindo que conceitos de honestidade, respeito e autoridade tão valorizados no interior da cultura japonesa estão se perdendo nas novas gerações de etno-brasileiros. As afirmações dos entrevistados Sa.T., e de M.M. deixam implícitas uma crítica à influência da convivência com a diversidade cultural do grupo neste país, perdendo valores tradicionais da etnia e também aludem à crise de identificação sofrida pelo grupo, pois no Brasil, são rotulados de “japoneses” e no Japão são rotulados de “brasileiros”. A primeira e a segunda geração demonstram algumas dificuldades em aceitar e serem aceitos pelos “brasileiros”, pelo que representam com suas tradições, religião e língua. As dificuldades da imigração sofridas no Brasil estão ainda muito presentes, vivas em seus relatos, especialmente na fala de *nisseis* que têm a idade de vários dos *isseis* entrevistados. Ou seja, as dificuldades sofridas pelos filhos nascidos na terra foram tão grandes quanto da geração vinda do Japão. Já, as gerações *nissei*, descendentes de *isseis*, os quais eram ainda muito crianças quando vieram ao Brasil e *sanseis* têm uma história menos triste, relatando lembranças como “eu brincava embaixo do pé de café, que tinha quase três metros de altura”.

Visto que a identidade cultural é construída dentro da linguagem e pelo olhar do outro, num diálogo constante (BAKHTIN, 1999) e, visto que o grupo de nipo-brasileiros e seus descendentes vivem no Brasil em um espaço temporal de pelo menos três gerações, os *sanseis* demonstram maior integração à cultura brasileira, pois é no nível de interlocução que a influência cultural é mais forte e a escolarização é também um fator determinado e determinante para a interação social. Neste sentido, Bortoni-Ricardo e Dettoni citam o enunciado “uma pedagogia culturalmente sensível”, tradução de “a culturally responsive pedagogy”, citado originalmente por Erickson (1987, *apud* BORTONNI-RICARDO, DETTONI, 2001, p. 81). Segundo as autoras, uma pedagogia culturalmente sensível é

um tipo de esforço empreendido pela escola capaz de traduzir a dificuldade de comunicação entre professores e alunos, desenvolver a confiança e prevenir a gênese de conflitos que rapidamente ultrapassam a dificuldade comunicativa, transformando-a em amargas lutas de identidade negativa entre alguns alunos e professores (BORTONNI-RICARDO; DETTONI, 2001, p. 82).

Portanto, a história de vida dos nipo-brasileiros se constitui em um processo de assimilação, tradução e enriquecimento cultural, contribuindo com a construção da autoimagem de um Brasil jovem, multicultural e multilíngüe e, assim, um dos maiores objetivos da educação no século XXI, também no Brasil, talvez seja estimular, em todos os níveis de escolarização, a educação intercultural, o pertencimento cultural pacífico, com uma pedagogia culturalmente sensível.

## 4 A CONSTRUÇÃO DE NOMES PERSONATIVOS

O atual capítulo apresentará a respeito da importância do nome pessoal e a respeito de como acontece a construção do enunciado personativo segundo o acontecimento de linguagem, apresentando nomes e sobrenomes de nipo-brasileiros de primeira a terceira geração.

Uma pessoa humana, um ser único e também um nome exclusivo para uma pessoa única? A ciência genética informa que no momento da concepção de um novo ser humano, milhões de células entraram em competição para alcançar o alvo e, naquela corrida pela origem de uma vida, se fosse um ou outro o vencedor ou mais de um vencedor, a nova pessoa gerada seria outra pelos caracteres hereditários trazidos pelos genes daqueles específicos cromossomos do momento da fecundação. Cada ser humano carrega em seus genes características fenotípicas de seus pais biológicos, mas, mesmo os irmãos gêmeos univitelinos, não são absolutamente idênticos; cada ser humano é, assim, considerado único<sup>67</sup>. E, ao nascer, o novo ser humano vai imergir para a vida em sociedade, viver e conviver com outros seres semelhantes a ele, vai crescer e, durante o seu desenvolvimento cognitivo, vai ouvir, agir, dialogar, aprender, responder, interagir. Durante este processo, vai criando identificações, formando, modelando e remodelando sua identidade pessoal e social.

De acordo com a vida sociocultural, no espaço enunciativo, no caso, da língua portuguesa do Brasil, como nomear este novo ser? Afinal, a um ser, com o status de “único”, dever-se-á atribuir um nome único. Um nome específico para designar um sujeito específico, pois atribuir um nome a um novo ser humano é diferenciá-lo de um outro ser biológico semelhante a ele e registrá-lo é fazê-lo nascer como cidadão/cidadã nas leis de um país. Há

---

<sup>67</sup> Esta afirmação tem como base estudos apresentados em livros de biologia em que constam estudos sobre a genética humana.

leis jurídicas para o registro de nomes de pessoas, mas referente ao uso lingüístico, ao discurso, ao acontecimento do enunciado personativo, que leis determinam a construção do nome próprio de pessoa?

Como os nomes dos nipo-brasileiros situam-se entre dois sistemas onomásticos: o oriental e o ocidental, serão explorados alguns conceitos referentes à origem do nome para melhor compreender as intersecções línguo-culturais da onomástica que envolve o grupo da pesquisa.

#### 4.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DA ONOMÁSTICA

As origens do nome relacionam-se com as origens da civilização. Vampré<sup>68</sup> (1935) menciona que as origens do nome atribuído às coletividades e aos indivíduos “remontam a antiqüíssimo passado e se confundem com as origens do homem”. O nome, entre os povos primitivos, conforme Planiol<sup>69</sup> (1904) era único e individual, pois um só vocábulo designava as pessoas, que não o transmitiam aos descendentes.

O termo *antropônimo* é dado como um enunciado masculino, pertencente ao campo enunciativo referente a nomes e designa “nome próprio de pessoa ou de ser personificado; nome de batismo”. O dicionário Houaiss também explica que

na Grécia antiga, havia dois tipos de antropônimos: a) os *teofóricos*, etimologicamente conexos com o nome de um deus (Apolônio, Dionísio etc.) e b) os *athéa* (que não se referem aos deuses), etimologicamente conexos com profissões, localidades, qualidades físicas ou morais (Édipo, Sócrates etc.), como o menino só tinha um nome (em geral do avô paterno), a distinção se fazia pela adjução do nome paterno, no genitivo, às vezes do nome do demo, locativo; entre os romanos, de início, havia apenas dois nomes, mas, a partir de 300 a.C., começou a prevalecer o uso de três nomes – o praenomen “prenome

<sup>68</sup> Vampré (1935 *apud* SILVA, 2005). O Juiz de Direito, Antonio C. A. Nascimento e Silva, julga uma petição referente a retirada do sobrenome, mas no corpo do texto, aponta documentos e autores sobre o tema: nome personativo. Disponível em <[www.espacovital.com.br/sentenca11032005](http://www.espacovital.com.br/sentenca11032005)>.

<sup>69</sup> In: *op. cit.*

(no sentido antigo)”, o nomen ‘nome gentílico ou da gens’ e o cognomen ‘nome de família’ (Caio Júlio César, Marco Túlio Cícero). (2002. Dicionário eletrônico. Impressão realizada em 24/04/2006).

Borstel (2005a), referenciando Gandía, confirma que “nas sociedades primitivas o nome era único, para individualizá-lo, relacionava-o com o lugar ou a família de origem. Na Antigüidade, entre os hebreus, o nome também era único”. No *Velho Testamento*, pode-se identificar o nome pela família/parentesco e/ou pela procedência de localização: “Eis os nomes dos filhos de Israel que foram para o Egito: Jacó e seus filhos. O primogênito de Jacó: Rubem. Os filhos de Rubem: Henoc, Falu ...” (Ge 46, 9). No *Novo Testamento*, continua a designação do nome sem o sobrenome, com a pessoa sendo identificada pelo parentesco, localização de origem, pelo nome da profissão. No Evangelho de Mateus (1, 1), apresenta-se a “genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão”. E o Evangelho continua apresentando as gerações até chegar aos pais de Jesus, José e Maria, ambos, segundo o texto bíblico, descendentes da família de Davi. Em outra passagem (At 4, 10), lê-se “em nome de Jesus Cristo Nazareno”, um epíteto que soma: “o nome Jesus, significando salvador” (Mt 1, 21), “Cristo, que é equivalente à palavra hebraica Messias, que significa consagrado por unção” (Mt 1, 16), e “Nazareno”, fazendo alusão a Nazaré, uma pequena comunidade da cidade de Belém, onde Jesus nascera.

Neste trabalho, a Bíblia é citada, pois é antiga representante das sociedades letradas. Assim, no livro de Mateus, no capítulo 16, versículos 17-18, onde se lê “... Simão, filho de Jonas (...) tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja”, o que implica identificar, que, no caso, o enunciado “pedra” [do grego *pêtra*, pelo latim *petra*], é nome comum designativo de objeto, com um valor significativo de matéria mineral sólida, como algo rijo, forte – especialmente para a época; já o enunciado “Pedro”, passou a ser nome personativo, que recebeu a transferência do valor representativo da palavra original, trazendo o sentido de força para o nome próprio; houve uma transferência de sentidos. Os enunciados “pedra” e/ou

“Pedro” não pertencem à classe de palavras chamadas de adjetivos, mas têm em si a carga semântica de algo que qualifica e/ou é qualificado, o que indica que o enunciado designativo pode passar a formar o nome. O apóstolo passa a ser chamado de Simão Pedro. No exemplo, não deixa de ser, no início, uma relação referencial, mas não exclusivamente, e, com o processo social da utilização do nome, o referente foi ficando no passado, distanciando o significado original da designação com a atual significação da denominação, o que se verifica também na nomeação com referência na profissão, ou seja: pelo uso, o referencial vai se perdendo no tempo, o que fica é o acontecimento de linguagem com suas temporalidades próprias.

De que trata esta *temporalidade*? Segundo Guimarães, “um presente que se abre para uma latência de futuro. O acontecimento de linguagem tem como seu um depois incontornável e próprio do dizer. Todo acontecimento de linguagem significa porque projeta em si mesmo um futuro” (2002, p. 12). Ou seja, o *presente*, a presentificação é o momento do acontecimento de linguagem, mas que em si se projeta em uma possibilidade de *futuro* desse acontecimento (enunciação), entendido como seqüência, em forma de interpretação, compreensão, silenciamento... continuidade. E o *passado* não é recordação pessoal (de fatos anteriores); “é o apagamento necessário para que o sujeito se estabeleça um lugar possível na identidade dos sentidos: eles não retornam apenas, eles se projetam em outros sentidos, constituindo outras possibilidades dos sujeitos se subjetivarem” (ORLANDI, 2001, p. 54).

Ainda no *Novo Testamento*, é observado que o evangelista Mateus é chamado de “Mateus Publicano”, porque era um publicano, cobrador de impostos. Neste tempo, não era costume utilizar nome composto ou sobrenome, mas destacá-lo por uma especificação, ou seja, o adjetivo designativo passaria a determinar o nome próprio, costume que passaria a ser uma tendência para a formação dos sobrenomes. Segundo Borstel,

do século XIII, até hoje, os prenomes duplos começaram a generalizar-se, os sobrenomes se originaram das profissões, das funções e condições sociais, de qualidades físicas e morais, denominações da fauna e da flora, da origem espacial ou de lugar de habitação, à memorialidade de nomes célebres ou também de uma posição à memória de sujeito religioso, à excentricidade (2005a, p. 2).

A pesquisa realizada por Borstel, aponta também que,

na Antigüidade, os romanos possuíam, entre as famílias patrícias (classe nobre de Roma), um prenome (nome de batismo), um nome (da origem familiar) e um cognome (distinguia a família da mesma origem). Na Idade Média, com a perda do costume romano, os nomes voltaram a ser identificado como únicos. A hegemonia do nome único se dava à religião cristã. Por decreto do Papa São Gregório Magno, deveria ser dado às crianças somente nomes santos, mas trouxeram vários inconvenientes nos registros da época (2005a, p.3).

Segundo Houaiss,

na Idade Média, junto ao nome único, só em situações distintas se juntava um locativo, o que vai até a mais próxima época do Renascimento (Leonardo da Vinci, Erasmo de Rotterdam). Na tradição peninsular ibérica, começa a prevalecer, ademais do prenome, o patrônimo ou patronímico (Afonso Henriques, isto é, filho de Henrique); breve o patronímico perde seu conteúdo original, passando a nome da família (Rodrigues, Peres, Dias, Fernandes), mas este tanto pode ser paterno quanto materno, razão por que uma trílice denominação se vai aos poucos enraizando (primeiro com a anteposição do materno ao paterno, nos homens, e do paterno ao materno, nas mulheres, até que se unifica, para ambos os sexos, a seqüência 'prenome + nome materno + nome paterno, com a inversão dos últimos na Espanha e sua área de influência cultural (2002, Dicionário eletrônico. Impressão realizada em 24/04/2006).

Mesmo assim, é impossível definir toda a origem dos sobrenomes, pois eles estiveram suscetíveis a acontecimentos sociais, econômicos, históricos, políticos, de imigrações e de migrações, dos quais os sujeitos participaram em seu tempo e em seu espaço. Alguns fatos, especificamente como períodos de entre-guerras, levavam grupos humanos a migrações e imigrações forçadas e, por motivos de segurança, alguns eram obrigados mesmo a trocar de sobrenome, outros o mantinham, fazendo ou não as

modificações fonéticas para adaptar à língua do novo país. O estudo de Borstel informa como se sucedeu a adequação da enunciação nominativa em alguns sobrenomes:

como no caso do sobrenome que referencia um ofício ou profissão de ferreiro, o nome em polonês Kowal, no inglês Smith, no alemão Schmitt ou Schimtd, no austríaco Schmidt e judeu alemão Schmitd. Do sobrenome polonês Kowal encontra-se várias variáveis, como Kowalski, Kowalik, Kowalewski, Kowalezyk, hoje é muito difícil poder justificá-las, porém até o século XVII, essas eram possíveis de serem explicadas pelos seus sufixos (por região e classe social) na Polônia. Quando ocorreram as migrações para a Polônia, muitos imigrantes étnicos mantiveram a fonética ou grafia original de seus sobrenomes, como no caso Adank e Habdak (alemão), Baubonanbek (persa), Korniaht (grego), Korybutt (lituano), Kardosz (húngaro), Imbram (turco), Orman (armênio). (2005b, p. 30).

Também pode ser citada a tentativa de adaptação do sobrenome durante a imigração dos japoneses ao Brasil, que consistiu ao que se refere à escrita: “como transformar o ideograma japonês em alfabeto para adaptar-se ao país Brasil, com a língua portuguesa?” A realização fonética do sobrenome foi transformada em fonemas do alfabeto, conservando o som, mas modificando-se da escrita ideográfica para a alfabética.

Como se refere Shindo:

A transcrição de palavras japonesas para o alfabeto ocidental não é simples. Alguns sons difíceis de serem reproduzidos com letras romanas. É o caso das vogais prolongadas, que em *hiragana* são representadas por duas vogais ou, no caso do “o” longo, pelas letras equivalentes a “o” e “u”. Na transcrição para o alfabeto ocidental, um dos recursos utilizados para transcrever essa peculiaridade do idioma japonês é o *mácron*, traço alongado colocado sobre as vogais, como em *Tôkyô*. Em vez de *c*, utiliza-se *k*: *Mika*, e não *Mica*; o grupo *ch* tem som de *tch*. *Chieko* lê-se *Tchieko*, e não *Xieco*; para sons aspirados (como em *rosa*), utiliza-se o *h*, e não *r*. Assim, *Hana*, pronuncia-se *Rana*; *j* tem som como *dj*. Lê-se *Djun* para *Jun*; o *r* tem som fraco (como em *arara*). Por isso, o *r* de *Rina* é como o de *perigo*, e não como de *ritual*; o *s* nunca tem som de *z*, como ocorre em português. *Hisako*, lê-se *rissaco*, e não *rizaco*; para ditongos, utiliza-se o *y*, e não *i*: *Haruyo*; as vogais têm som fechado. Ou seja, a letra *o* de *Hiromi* é muito mais próxima de *ô* que de *ó*; a letra *h* é transcrita como *n*: em *Junichiro*, a pronúncia é *jun itchiro* (2006, p. 11).



O entrevistado A.K., dentista de formação e que, no município, foi professor de língua japonesa durante a década de oitenta, assim se referiu quando lhe foi indagado se o *katakana* era utilizado para os nomes estrangeiros:

Não, é que no japonês tem o *katakana*, o *hiragana*, e o *kanji*. O *katakana* vem também da China, usa muito lá também, mas se é uma coisa que não tem significativo, daí, igual, o nome... eu chamo *Akifumi*, mas, me chamarem de *Mário*, que não tem o nome em japonês, costuma se escrever com *katakana*, é letra totalmente diferente, é letra completamente diferente o *katakana* e o *hiragana*.

Também o entrevistado R.I., referente à mesma pergunta, respondeu que “por exemplo, *Roberto* entra no *katakana*, porque veio do estrangeiro”, e ele escreveu o nome em três alfabetos. Depois continuou: “Em japonês não tem o som /ɛr/”, ele estava se referindo à pronúncia aberta, como na palavra /*roberto*/. Em japonês as vogais: /a/, /i/, /u/, /e/, /o/, não têm traços de alternância vocálica

A partir destas informações, pode-se concluir que há sons que na língua japonesa não são utilizados, como /ɛr/, por exemplo, e também a vibrante palatina /r/, que é falada e lida pelos integrantes das gerações *issei* e *nissei* como se fosse a consoante lateral alveolar /l/. Assim é que foi falada pelo entrevistado: *lomanji* e estava se referindo a *romaji*, o sistema de alfabeto com os caracteres latinos, “um sistema de transcrição fonética da língua japonesa para o alfabeto latino<sup>70</sup>”. Por isso quando alguns nomes/sobrenomes tornam impossíveis de serem escritos na escrita japonesa, e/ou precisam ser representados no alfabeto ocidental, recorre-se ao *romaji*. Como por exemplo, orientou A.T. através de dicionário, onde na primeira coluna estava escrito “Boa tarde” e ao lado “*KONNICHIIWA*”, que, esta língua escrita é o *romaji*, depois o entrevistado acrescentou: “por isso que pode não saber nada de escrita japonesa, mas consegue aprender falar”.

<sup>70</sup> Disponível em: <[www.wikipedia.org/wiki/Romaji](http://www.wikipedia.org/wiki/Romaji)>.

## 4.2 FUNCIONAMENTO MORFOSSINTÁTICO E SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO DE NOMES PERSONATIVOS

Guimarães (2002, p. 36) aponta que “a ‘escolha’ do nome personativo não é bem uma ‘escolha’<sup>71</sup>. Sua ‘origem’ não é nem o Locutor-pai (lugar social) nem o enunciador-individual (lugar de dizer)”, então, onde está, como acontece? De acordo com a vida sócio-cultural, no espaço enunciativo, no caso, da língua portuguesa, como nomear um recém-nascido? Afinal, a um ser, com o *status* de ser “único”, dever-se-á atribuir um nome único. Um nome específico para designar um sujeito específico. Dar nome a um novo ser humano é diferenciá-lo de um outro ser biológico semelhante a ele e registrá-lo é fazê-lo nascer como cidadão/cidadã nas leis de um país.

De acordo com Pêcheux, “se nenhuma determinação pode ser aplicada ao nome próprio, devem necessariamente existir termos que não sejam nomes próprios, ou antes, as expressões parafrásticas que lhes correspondem, possam ser construídos por determinação” (1988, p. 100), o que leva a compreender que dentro do espaço enunciativo da língua portuguesa, o nome personativo tem suas particularidades específicas, tanto no processo do funcionamento morfossintático, quanto no processo de construção semântico-enunciativa, isto ocorre, em parte, porque a linguagem verbal em sua representação na forma oral ou escrita está submetida a fatores subjetivos e sociais, os quais condicionam a constituição do nome próprio de pessoa. Assim é que nomes e sobrenomes adquirem sentidos diferentes daquele do qual se originaram como palavra formada por composição, seja por aglutinação ou por justaposição. Por exemplo: provavelmente, os pais que nomearam a filha com o nome “Rosângela”, nem pensaram na junção de “Rosa”, de *flor* e “Ângela”, de *Angel, anjo*; e

---

<sup>71</sup> A *escolha* ficará entre aspas, pois não se constitui exatamente uma liberdade. Segundo Guimarães (2005), a “escolha” se faz no recorte de uma memorialidade do acontecimento.

formou uma palavra composta por aglutinação; ou “Mara”, tendo em mente o significado do radical de “amargo”. Assim, pode-se confirmar, na acepção de Guimarães, que “a descrição do sentido não pode se limitar ao estudo do funcionamento do enunciado” (2002, p. 28). Em língua portuguesa, o que leva à seleção do pré-nome de pessoa não tem em sua base o significado etimológico do radical, ou da grafia, ou referencial.

As entrevistas apontaram que a “escolha” do nome próprio tem razões subjetivas por conta dos que escolhem o nome, mas ainda assim obedece à estrutura do espaço enunciativo da língua Oficial do Estado, em que a autoridade responsável deve não registrar nomes “fora de propósitos” (GUIMARÃES, 2002, p. 35). É obrigação sustentada por lei que pais e/ou responsáveis registrem o recém-nascido para que este possa receber a *certidão de nascimento*, um texto que nomeia e inclui o nomeado no Estado, com os direitos e deveres recebidos com esta inclusão, por isso também foi determinativo o período do nacionalismo imposto aos cidadãos, proibindo o registro de nomes estrangeiros.

Nas considerações de Guimarães, “há uma constituição morfossintática do nome próprio de pessoa e ela se dá como relações de determinação que especificam algo sobre o que se nomeia, e estas relações são restrições que determinam o modo de nomear alguém” (2002, p. 34). Não é uma relação referencial, literal, entre palavra e objeto, mas, ainda assim, a nomeação obedece a regras para a sua consolidação no espaço enunciativo, sendo que o nome é escolhido pelos pais e/ou responsáveis pelo recém-nascido, já o sobrenome advém da família do pai ou da mãe, ou de ambos, o que já denota a “escolha” e a parte da herança cultural que a criança está recebendo, demonstrado no ato de ser nomeada. No caso, através da posposição do sobrenome do pai ao sobrenome da mãe, que em alguns nomes não aparece, a criança em várias culturas leva para a vida somente a genealogia paterna, mas há também culturas étnicas em que recebem o patronímico da mãe; ou, em outros casos, quando não há o reconhecimento do pai, a criança é registrada com o sobrenome somente da mãe; em outros,

com dois sobrenomes do pai, ou com o sobrenome da genealogia paterna e materna, mas quando tiver o sobrenome do pai e da mãe, o do pai será o último, dando a ele maior importância, mesmo que menor, pois, no Brasil, não se tem o costume de chamar a pessoa, mesmo na escola, pelo sobrenome, ou pelo pronome de tratamento “Mister” ou “Senhor”.

Há, ainda outros fatores intervenientes para nominalizar uma pessoa, como: ter um nome próprio escrito com inicial maiúscula, constituído por prenome simples ou composto e sobrenome(s); ter ou não elementos de ligação, os quais poderão realizar-se na forma da conjunção “e”, ou de preposição “de”, ou desta preposição mais artigo “a”, efetuando-se em “da”; ou por uma justaposição com ou sem hífen. Para Borstel, “os referentes concretos são designados pelo funcionamento morfossintático, fundamentalmente pelo substantivo próprio, quando é construído por uma determinação” (2005a, p. 4), ou seja, mesmo com a diversidade de nomes próprios, ainda assim, há características específicas, restrições determinativas representadas por uma realidade concreta para a designação do enunciado denominativo na certidão de nascimento.

O prenome que parece determinar um nome único para uma pessoa única também é parte determinante e identificadora, assim como o sobrenome o é para o prenome; ambos fazem parte do mecanismo de restrições para nomear alguém. Exemplificando, no nome “João Luís da Silva”, “João Luís”, no caso um nome composto que identifica entre os integrantes da família “Silva”, a qual deles se refere, assim como o patronímico define a que tronco genealógico pertence aquele ser chamado “João Luís”, para se estabelecer clara distinção da origem familiar do possuidor do nome. Segundo Borstel, “a determinação do nome próprio de pessoa é apresentada como um nome único para uma pessoa única quando o sobrenome determina o nome e o identifica, tanto no funcionamento morfossintático como no semântico-enunciativo” (2005a, p. 4).

O nome “Luís”, grafado com “z” no final, poderia estar representando uma grafia mais antiga, pode ter sido designada por alguém mais velho, tendo sido registrado antes da Reforma Ortográfica Brasileira, de 1971; já o mesmo nome escrito com “s” representar-se-ia ser mais moderno, e segundo a norma ortográfica, deveria ser registrado com acento agudo no “i” pois representaria um hiato seguido de s; mas, por ordem da legislação, nomes personativos não têm a obrigatoriedade de receberem o acento, para não incorrerem em risco de formações esdrúxulas, às vezes por desconhecimento das regras de acentuação pelo cartorário. Há ainda variações como “ph” em lugar de “f” e vice-versa, que tanto pode remeter a um nome escrito de forma antiga quanto a modismos, como por exemplo, “Raphael”, e, apontando para o uso das línguas indo-européias grafadas “ph” na idade média.

Em sua pesquisa, Borstel indica que sempre houve modismos também na permissão da seleção da preposição junto ao nome, assim,

o uso da preposição *de* como traço de nobreza pela França, quando “*Pierre de Corneille*”, dramaturgo e poeta francês, obteve de Luís XIII, a concessão do *de* depois da primeira apresentação de sua peça “Cid”. (...) o uso da preposição *von* para indicar a nobreza alemã, como no caso de nomes personativos de barão “Alexander *von* Humboldt”; ou pela preposição *van* para a nobreza holandesa “Vicent Willem *van* Gogh”, pintor impressionista holandês. Da mesma forma, observa-se hoje o modismo do uso de um artigo italiano antes de alguns nomes femininos “*La* Brunet”. Ou pela nobreza britânica quando homenageiam um cidadão com a comenda de *Sir* (título de barão ou de respeito), como foi dado ao músico “*Sir* Paul McCartney”, integrante da Banda dos Beatles (2005a, p. 4).

Afora o valor determinativo dos sobrenomes sobre o nome e do nome particularizando um sobrenome, no cotidiano, as pessoas podem ter seu nome modificado por títulos de dignidade e/ou de respeito, como Sr. Sra, Dr. Dra; o “Chefe”, o “Juiz”, “Pai”, entre outros pronomes de tratamento, são exemplos em que a primeira nomeação dada pelo Locutor em seu agenciamento discursivo vão sendo alterados pelo processo de identificação social. Os nomes podem ser substituídos por hipocorísticos, que são apelidos carinhosos, formados às vezes diminutivos do nome em forma de “inho”, como em “Juninho”, Ronaldinho; ou um

nome extenso ficado menor por conservar parte das sílabas, assim é que “Juliane”, torna-se “Ju”, “Regiane”, torna-se “Re”, “Osvaldino”, passa a ser “Val”, “Maria Regina”, passa a ser “Mara” e entre outras denominações, ou formado pelo valor semântico, como em “Bebê”, “Nenê”, “Garotinho” – sendo que o nomeado já se tornou um adulto. As alcunhas são geralmente constituídas por apelidos depreciativos, apegados a caracteres físicos, morais ou psicológicos do sujeito ou da família; nos textos policiais, o apelido é chamado de “vulgo”, cuja formação morfológica provém de “vulgar”. Os nomes também acontecem de ser substituídos por epítetos, como em “uma homenagem ao Chico, referindo-se a Francisco Buarque de Holanda, ou circunlóquios, como “o Rei do Futebol”, para se referir a Pelé – que é em verdade, Edson Arantes do Nascimento; “a Rainha dos Baixinhos”, substituindo Xuxa Meneghel, “a Dama de Ferro”, referindo-se a Margareth Thatcher.

A *Revista Época*, em 2003, anunciou em uma reportagem sobre nomes, que brasileiros com sobrenomes comuns, “latinos”, escolhiam os prenomes para seus filhos com a grafia com “w” e “y”, bem como nomes de celebridades americanas. Para citar um exemplo de construção: um prenome importado do inglês, que parece remeter ao ator Kevin Costner, é “Kelvin”, “Keve,” “Kevem”, “Keven”, que, pronunciado no Brasil, pode assumir o traço fonético de /kɛviw/ e, durante a identificação social do indivíduo, dependendo do grupo social, pode receber modificações, alterações que vão desde a maior valorização até o campo neutro, ou até o outro extremo, com valor depreciativo. Bakhtin afirma que a palavra é o signo e “todo signo é ideológico” (1999, p. 16). Portanto, a ideologia sempre está presente no discurso, assim como o está em um enunciado personativo, fazendo parte de um discurso, que veicula uma formação discursiva. Para Orlandi, “uma determinada formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (2001, p. 43), levando a uma formação de sentidos diferentes para um mesmo enunciado,

dependendo de quem fala e de qual *status* de autorização articula o enunciado. Neste sentido, a re-nomeação vai depender da performance da nominalização, que verá associado o nome ao seu desempenho individual, social e econômico, nas relações vividas e enunciativas que mantém com seus pares. Essa relação designativa provém da força do sentido entre o simbólico e o real. Do lado do simbólico, está o nome, ou seja, a palavra nominativa que vem a ser a enunciação personativa de uma pessoa; do lado do real, está o vivencial, num momento histórico e social bem definidos, com seus aspectos positivos e negativos alcançados e que vão sistematicamente sendo avaliados pelo olhar do Outro, que se constitui na alteridade, no processo de diálogo entre o exterior e o eu-interior que vai formando a identidade.

Ainda, é mistério ou é explicável porque, em uma sala de aula, com alunos da mesma idade, em um determinado ano, há três alunas com o nome de “Andréia”. Passam-se os anos e em outra turma com trinta e três adolescentes, quatro alunas têm o nome de “Jéssica”, inclusive grafados de formas diferenciadas. Na atualidade, há muitas meninas de dois a seis anos com o nome de *Maria Eduarda*, que é chamada de *Duda*, *Dudu*. O que sugere o fato de haver pessoas que, nascidas em um mesmo ano, em mesma cidade ou outras têm pré-nomes idênticos? São nomes que marcam uma época. A observação empírica tem demonstrado que há nomes que envelheceram, porque seus nomeados estão idosos, como os nomes Tereza, Elza, Antônio, Agripino, entre outros, e, há nomes que retornam rejuvenescidos depois de apresentados pela mídia televisiva, e que passam a ser adotados pelos pais nos recém-nascidos. A TV é um segmento formador de opiniões e tem efeito multiplicador de suas idéias, e, com ainda mais forte poder em “um país de tradição oral, como o Brasil” (BARBARA; KATO, 1982), assim, nomes indígenas, como *Luan*, *Kawê*, *Thainá*, entre outros, marcam uma época e, às vezes são escritos em letras do alfabeto inglês, já nascem representando uma hibridização intercultural, como no século XIX representou o nome *Iracema* ao lado de sobrenomes estrangeiros, após o sucesso do romance de José de Alencar.

### 4.3 NOMES E SOBRENOMES: UMA VIAGEM CULTURAL

Esta preocupação com o registro de nomes antigos ou modernos para os filhos, assim como a influência dos meios de comunicação, também foi verificada no grupo entrevistado.

De acordo com informações obtidas nas entrevistas biográficas e confrontadas com pesquisas em meio eletrônico<sup>72</sup>, foi apontado que, na maioria dos países orientais, como a China e a Coreia, o sobrenome é escrito antes do nome. No Japão, isto também ocorre. Entretanto, muitos japoneses preferem escrever seus nomes de acordo com o estilo ocidental, primeiro o nome e depois o sobrenome, quando estão escrevendo em inglês. Atualmente, os japoneses, nascidos e moradores no Japão, não possuem o nome do meio. Todos têm apenas um nome e um sobrenome.

Antes do século XIX, tornaram-se comum que personagens históricos tivessem entre o pré-nome e o sobrenome, vários nomes; estes se referiam ao ofício de trabalho realizado por eles.

Segundo pesquisas em meio eletrônico<sup>73</sup>, o Imperador do Japão e os pertencentes à família imperial não possuem sobrenome, apenas o nome. Quando uma mulher passa a fazer parte da família imperial, ela perde o seu sobrenome anterior sendo tratada apenas pelo prenome.

Até o século XIX, apenas os nobres e os *bushi* (samurais) possuíam sobrenome. Todas as outras pessoas, consideradas “comuns”, possuíam apenas o prenome. Quando a era *Edo* terminou, em 1867, o imperador *Meiji* determinou que todas as pessoas deveriam ter sobrenome. Antes disso, 80% dos japoneses não tinham sobrenomes, portanto, a atribuição de sobrenomes em geral é algo relativamente novo, menos de duzentos anos.

---

<sup>72</sup> Disponível em <<http://www.japaoonline.com.br/pt/nomes.htm>> Último acesso em 26 junho 2006

<sup>73</sup> Disponível em: <[www.geocities.com/sobreojapao/...](http://www.geocities.com/sobreojapao/...)>



No Japão, há milhares de sobrenomes e é comum serem compostos por dois *kanjis*. Assim é que *Tanaka* é formado a partir da união do *kanji ta*, que significa arrozal, com o *kanji naka*, que significa dentro.

Alguns nomes masculinos terminam com os sufixos *-ichi* ou *-kazu*; ambos significam *o primeiro filho*. Por exemplo: *Jun-ichi*, *Ken-ichi*, *Ryuichi*, *Masakazu*, *Toshikazu*. O sufixo *-ji* e *-zo* significam respectivamente *o segundo filho* e *o terceiro filho*.

A maioria dos nomes femininos modernos termina com o sufixo *-ko*, que significa *criança* e significa *filha*. Exemplos: *Aiko*, *Keiko*, *Masako*, *Mitsuko*, *Naoko*, *Reiko*, *Ritsuko*, *Rumiko*, *Yoko*, *Yumiko*. Alguns nomes femininos terminam com o sufixo *-mi*, que significa *beleza*, tais como: *Harumi*, *Mayumi*, *Naomi*, *Natsumi*, *Yumi*.

Segundo dados obtidos on-line<sup>74</sup>, os sobrenomes mais comuns no Japão são: *Sato*, *Suzuki*, *Takahashi*, *Tanaka*, *Watanabe*, *Ito*, *Nakamura*, *Yamamoto*, *Kobayashi*, *Sato*, *Kato*, *Yoshida*, *Yamada*, *Sasaki*, *Matsumoto*, *Yamaguchi* e *Kimura*.

Segundo o informante T.T., em empresas, no Japão, os trabalhadores são chamados somente pelo sobrenome: “Mas lá no Japão não chama pelo nome não, né? Lá, o pessoal para trabalhar lá no Japão, se é *Takayama*, por exemplo, “Ô *Takayama!*”, só é assim, tanto homem como mulher”. Outra informante, R.N., também se reportou aos sobrenomes: “Daí pra ver quanto *Nakamura* que tem no Japão. Meus filhos que estão lá, dizem que lá, a primeira coisa que fala é o sobrenome de família”. Esta colocação reforça o que cita Shindo: “No arquipélago, as pessoas apenas têm um nome e um sobrenome, nada de nomes compostos ou vários sobrenomes como em outros países”(2006, p. 11).

Muitos brasileiros não descendentes de japoneses e que, mesmo com vários conhecimentos em outros campos científicos, revelam seu desconhecimento cultural quando manifestam pensar que o nome em japonês é uma versão/tradução do nome em português ou

---

<sup>74</sup> Disponível em <[www.desa.com.br/desa2cultura/h...](http://www.desa.com.br/desa2cultura/h...)>. Acesso em 6 junho 2006.

vice-versa, como conta a experiência da pesquisadora, quando uma colega de trabalho se chamava *Tieko*, mas era chamada como *Terezinha* pelos alunos e pelos colegas de trabalho e, quando questionada, sempre afirmava que era “a mesma coisa”. Esta explicação que favorece uma interpretação não condizente com a realidade, talvez seja proveniente da dificuldade em explicar sobre detalhes da própria cultura para um interlocutor que nem sempre está atento às variantes culturais e, “em toda cultura, o ato de dar nomes é cheio de importância, por ser uma decisão com implicações definitivas. No Japão, essa relevância era ainda maior, já que vinha acompanhada da crença de que os nomes carregam a alma” (SHINDO, 2006, p. 8); então como explicar sobre um fator identitário tão valorizado na própria cultura a uma alguém desinteressado em saber? Às vezes a preferência de quem sabia explicar-se foi calar, evitando ironias de seu interlocutor e, estas posturas de ambas as partes ocasionou a ignorância e/ou interpretação errônea para aqueles que não compartilham da descendência étnica do grupo.

#### 4.3.1 Nomes “Brasileiros”: de Primeira e de Segunda Geração

Com base na Tabela 1 estão relacionados nomes da primeira e da segunda geração, exclusivamente coletados durante a pesquisa de campo. De alguns nomes a informação foi dada por familiares do portador do nome. O período aqui registrado compreende desde 1928 até 1973 porque é neste intervalo de anos, que está temporalmente situada a data de nascimento do grupo de imigrantes, *isseis*, e os primeiros nascidos no Brasil, *nisseis*, relacionados na pesquisa. Convém salientar que há entrevistados *isseis* com a mesma idade de entrevistados *nisseis*, o que se explica pelo fato de que algumas famílias vieram para o Brasil logo no início da imigração, e outras famílias saíram do Japão posteriormente, vindo como donos de terra, pois, segundo relato de S.M. e de T.M., o Japão comprara terras no Brasil e doara dez alqueires para cada família que viesse tomar posse delas no Brasil.

**TABELA 1 NOMES “BRASILEIROS” DA GERAÇÃO ISSEI E DA GERAÇÃO NISSEI**

Nº	Nome	Ano de nascimento	Nacionalidade	Como é mais conhecido	Como os pais o (a) chamam	O nome está no registro de nascimento	Observação
1	Alcides	1960	B	Np	Nj	S	Comerciante
2	Alzira	1934	B	Nj	Ø	N	Falecida
3	Ana	1954	B	Np	Nj	S	
4	Andréia Aparecida	1972	B	Np	Np	S	Só em port.
5	Carmem	1938	J	Nj	Nj	N	
6	Cecília	1931	J	Np	Ø	N	Comerciante
7	Cecília	1932	B	Nj	Ø	N	
8	Celina	1939	B	Nj	Nj	N	
9	Elisa	1959	J	Np	Nj	N	
10	Emília	1963	B	Np	Nj	S	
11	Estéfano	1965	B	Nj	Nj	S	
12	Flávio	1968	B	Np	Np	S	
13	Francisco, Chico	1929	J	Np	Ø	N	Comerciante
14	Guilherme	1929	B	Np	Ø	N	Falecido Comerciante
15	Helena	1936	B	Np	Ø	N	Comerciante
16	Irina	1951	B	Nj	Nj	S	* **
17	Jiro	1937	B	Np	Nj	S	**
18	João	1936	B	Np	Ø	N	Comerciante
19	Julio	1950	B	Np	Nj	S	
20	Justino	1936	B	Np	Nj	S	**
21	Lídia	1962	B	Np	Nj	N	Comerciante
22	Luís	1958	B	Np	Nj	S	Comerciante
23	Maria	1931	J	Nj	Ø	N	
24	Maria Igues	1929	J	Np [Maria]	Ø	N	Comerciante
25	Mário1	1929	J	Nj	Ø	N	
26	Mário2	1958	B	Np	Nj	S	
27	Maura	1934	J	Nj	Ø	N	
28	Nelson / Pedro	1941	J	Nj	Ø	N	
29	Paulo1	1931	J	Nj	Ø	N	Agricultor
30	Paulo2	1972	B	Np	Nj	S	Só em port.
31	Roberto	1973	B	Np	Np	S	Só em port.
32	Roseli	1962	B	Np	Np	S	Só em port.

33	Tereza	1934	B	Np	Nj	N	***
34	Valdemar	1959	B	Np	Nj	S	Comerciante
35	Valquíria	1964	B	Np	Np	S	

Legenda: B: Brasil; J: Japão; Np: Nome em português; Nj: Nome japonês; S: Sim; N: Não; Ø: não informado;

\*: nome considerado híbrido;

\*\* : irmãos, nascidos na capital do Paraná.

\*\*\*: Obaássan: /batchã/; /batjã/: como as crianças da comunidade a ela se referem (avó).

Na Tabela 1 acima, apresenta-se os nomes em português, nestas gerações passaram a ser registrados no ato do nascimento a partir de 1937<sup>75</sup>, mas este é um caso isolado, pois o nomeado foi registrado na capital, do Estado do Paraná, em Curitiba. Segundo entrevistados, o processo de não-registro de nomes estrangeiros era mais rígido nas capitais e cidades maiores. Mas quanto aos nomes *Justino*, *Jiro*, *Irina*, tidos como portugueses, também são veladamente nomes japoneses, pois, pela sonoridade que possuem, remetem a respectivos ideogramas, que, mesmo não interpretados agora, naquele momento da nomeação, teve seu valor significativo, visto que a mãe, uma senhora hoje com 94 anos, fala fluentemente a língua japonesa e conserva a tradição escrita da língua, como pôde ser averiguado durante a entrevista, que foi entrecortada pela fala em língua japonesa.

Um outro fato a ser considerado é que entre os entrevistados, sejam da geração *issei* ou *nissei*, nascidos em anos diversificados: 1929, 1931, 1936, 1958, 1959, 1958 e 1960, todos informaram serem mais conhecidos pelo nome português, por isso “comerciante” está indicado na observação, pois, a profissão pode ser o dado significativo que os levou a serem conhecidos pelo nome que culturalmente, naquele momento, melhor se adequava à interação verbal.

<sup>75</sup> O nome destes irmãos foram assinalados com “\*\*\*”.

**TABELA 2 INFORMANTES POR PERÍODO DE ANOS E COMO SÃO CHAMADOS, GERAÇÃO ISSEI E NISSEI**

Nº.	Período	Nacionalidade		Conhecido como		Chamado pelos pais			Registro de nascimento		Nº. de Pessoas Total
		J	B	Nj	Np	Nj	Np	Ø	S	N	
1	Até 1930	03	01	01	03	-	-	04	-	04	04
2	1931 a 1940	05	08	07	06	05	-	08	02	11	13
3	1941 a 1950	01	01	01	01	01	-	01	01	01	02
4	1951 a 1960	01	06	01	06	07	-	-	06	01	07
5	1961 a 1973	-	09	01	08	04	05	-	08	01	09
	Subtotal	10	25	11	24	17	05	13	17	18	35

Legenda: B: J: Nascidos no Japão, B: nascidos no Brasil; Np: Nome em português; Nj: Nome japonês; S: Sim, o nome “brasileiro” consta no registro de nascimento; N: Não, o nome “brasileiro” não consta no registro de nascimento; Ø: não informado, pois os avós são falecidos ou não moram aqui.

Dos entrevistados nascidos no período de 1931 a 1940, oito deles, ou seja, 61,53%, foram nascidos no Brasil e cinco entre estes entrevistados, 38,46%, nasceram no Japão, mas entre todos (100%), somente dois deles declararam que tinham o nome português no registro de nascimento, representando que somente 15,38% tinham o nome no registro de nascimento contra 84,61% que eram os que não os tinham, predominando a escolha social pelo nome japonês. Mas, na geração de 1951 a 1960, com exceção de uma pessoa, todos os outros já são nascidos no Brasil, sendo que estas pessoas já tinham o nome português oficialmente registrado, e verifica-se que o nome português se sobressai com 85,71% sobre o nome japonês quanto ao reconhecimento social, e um outro fato registrado é que os pais são os mantenedores da cultura, continuando a optar pelo nome japonês ao se dirigirem aos filhos. Os grupos de 1931 a 1940 e de 1961 a 1973 são numericamente semelhantes quanto aos nascidos no Brasil: respectivamente nove e oito *nisseis*, mas mesmo pertencentes à segunda geração, o espaço temporal é diferente e a tabela demonstra que o uso do nome japonês vai decaindo significativamente no convívio social, apontando que 53,84% dos *nisseis* entrevistados da faixa de 1931 a 1940 optavam pela denominação japonesa, mas comparativamente à faixa de nascidos entre os anos 1961 a 1973, revelou que o conhecimento

social pelo nome japonês cai para 11,11% . Por outro lado, parece haver uma adaptação ou desejo de adaptação da parte dos pais desta mais nova geração *nissei*, que, conforme os números demonstraram mais da metade dos pais preferiram chamar os filhos pelo nome português.

Como também comprovou a Tabela 2, um dado é que, mesmo tendo recebido nome português e vivendo no Brasil, as gerações de faixa etária de pessoas mais velhas continuaram sendo nomeados socialmente pelo nome de origem japonesa, mas esta tendência vai desaparecendo na proporção que a mesma geração ainda sendo *nissei* torna-se mais jovem. Mas ainda é bem significativo o número de nomes japoneses que o nome próprio identificador preferencial é de sua origem étnica, o que comprova que, se, aos brasileiros, os nomes estrangeiros causavam estranhamento, os nomes “brasileiros” adotados, especialmente aos *isseis*, causavam, além de estranhamento, crise de identidade. Sob este aspecto, alguns entrevistados referiram-se aos nomes que lhes foram dados, como *apelidos*, como se verifica na fala de YM: “Meu nome brasileiro é *Carmem*, mas ninguém conhece, acho que nem ele conhece [apontando para o marido]”. E o diálogo com A.T : “O nome *Nelson* é apelido, esse nome não existe, ele só existe aqui no Brasil”!, [com entonação expressiva]. Além da explicação dada, mais expressiva foi a risada pelo seu nome em português.

O relato de N.G. reitera a idéia anterior:

E= O senhor tem um nome em português?

N.G.= Tem apelido... é Joaquim [ele ri]. É um apelido que andou por aí, mas lá em Terra Roxa ninguém sabe.

E= Mas o senhor não se reconhece como *Joaquim*, se chamar o senhor de *Joaquim*, vai falar “será que é comigo”?

N.G.= As pessoas antigas me chamam de *Joaquim*, mas o certo é *Seu Nagao* mesmo.

O nome em português, afastado no tempo, causa até mesmo dúvidas e confusões, como relata R.N.:

Uma vez a minha filha, a *Daniela*, estava aqui em frente de casa e passou um primo nosso de São Paulo e perguntou se ela sabia onde morava o Dr. *Mário*, ela respondeu que ele devia estar enganado, porque por ali não tinha nenhum Dr. *Mário*. Ela saiu e quando voltou, aquele primo estava dentro de casa. Aí ele falou: “você disse que não conhecia nenhum Dr. *Mário*, como, se ele é seu avô”? Ela respondeu que nunca tinha ouvido que o avô dela se chamava *Mário*.

Ao que o “Dr. Mário”, dentista durante mais de 35 anos no Município, acrescentou: “Só os conhecidos muito antigos sabem do apelido, os outros não sabem, não dou importância”.

Na Tabela 1, a profissão *comerciante* foi registrada porque este dado cruza com nomes daqueles que, sem o nome “brasileiro” na identificação jurídica, foram assim reconhecidos por ele, demonstraram aceitá-lo melhor e a causa certamente é a *citacionalidade*, como proposta por Derrida (1991) e o interesse econômico, pois havia maior necessidade de interagir além de seu grupo lingüístico específico da etnia.

Na geração dos brasileiros com nome japonês, à medida que esta geração é representada por mais jovens, comparados a ela mesma, os nomes em português vão sendo os mais divulgados para o reconhecimento social tanto fora do grupo étnico, quanto no interior do próprio grupo, sendo que, mesmo sem o nome no registro de nascimento, alguns *nisseis* conforme os dados apresentam, escolheram um nome em português. Como cita a entrevistada M.M.:

- Por que todo mundo chama a senhora de Dona Helena?
- [Riso], é que via a alegria das festas da Igreja Católica, então perguntei para o padre o que devia fazer para ser batizada. Ele falou que precisava encontrar uma madrinha, então conversei com a professora de catequese e disse que gostava muito dela e queria que ela fosse minha madrinha e ter o seu nome.
- Então a senhora emprestou o nome da madrinha de batismo?
- É, eu não tenho o nome na carteira, é só no de batismo.
- E como a senhora prefere ser chamada?
- Os “brasileiros” sempre me chamam por Helena, e eu gosto assim.

Pela necessidade de adaptação, houve uma integração cultural e vários integrantes da etnia escolheram o nome pelo qual preferem ser chamados pelos “brasileiros”. Este foi um costume entre os nipo-brasileiros de sua faixa etária: escolher para si um nome brasileiro de batismo e ser chamado por ele. Sobre o designativo *Helena*, ela não soube definir o significado etimológico, mas o relato biográfico demonstrou que houve efeito de sentido positivo entre o nome da madrinha e o nome designativo de sua pessoa.

Nesta geração, o batismo e a certidão do batistério são muito utilizados, para obter socialmente um nome em português. O entrevistado T.M. relata neste diálogo com a entrevistadora:

- A gente chama o senhor de *João*, mas na carteira de identidade, o senhor não tem João, então o senhor lembra por que foi escolhido *João*?
- Porque quando nós crescemos estava todo mundo conversando, aí de vez em quando a gente ia no terço e daí falava pra gente: “você são batizados? Você não querem batizar?” Daí nos juntamos todos, os irmãos também, e fomos na Igreja. Juntou tudo lá com os padrinhos. Aí o padre falou: “Infelizmente, não dá pra batizar com esses nomes estrangeiros, tem que pôr nome brasileiro”. Na hora o padre falou: “Vou pôr pra você *João*, pra você *Vítor*, o outro *Mário* e assim por diante”.

Por sua vez, o entrevistado S.M., que é somente conhecido pelo nome em japonês, assim se referiu ao próprio nome em português: “Não tem como explicar, eu estava no primário, ficou *Paulo*”; ou seja, o nome foi utilizado na escola, mas não teve a aceitação pelo identificado, ficando somente na aplicação prática.

#### 4.3.2 Nomes brasileiros: da Terceira Geração

Na Tabela 3, apresentam-se todos os nomes em português da terceira geração, denominada de *sansei*, mas há também os que se declararam *meio-sansei*, ou porque o pai, imigrante, ao chegar ao Brasil já se naturalizou brasileiro então estes pais já não são considerados *isseis* e, portanto, seus filhos, mesmo fazendo parte da primeira geração nascida



no Brasil, são considerados *sanseis*, e os que seriam *sansei* ficariam chamados de *yonsei* (quarta geração). Como este trabalho tem por objetivo limitar-se até a terceira geração, utilizando o critério de nascimento no Japão ou no Brasil, optou-se por reconhecer estes *meio-sanseis* incluídos/considerados também como *sanseis*. Para evitar distinções, também todos os que se declararam por parte de um dos pais “meio”, esta observação não foi levada em conta, validando a geração imediatamente mais velha, como no exemplo de W.Y.: representante *meio-sansei*, com 15 anos, sexo masculino, que é neto de avô nascido no Japão e avó nascida no Brasil, W.Y, foi relacionado como *sansei*.

**TABELA 3 NOMES “BRASILEIROS” DA GERAÇÃO SANSEI**

Nome	Ano de nascimento	Como conhecido é	Como chamado pelos pais é	Como chamado pelos avós é	Observação
1. Adriana	1988	Nj	Nj	Nj	
2. Adriana	1999	Np	Np	Nj	
3. Alex	1999	Np	Nj	Nj	
4. Aline	1988	Np	Np	Nj	
5. Alisson	1986	Np	Np	Nj	
6. Anderson	1996	Np	Nj	Nj	
7. Celso	1963	Np	Np	∅	
8. Christian	1992	Np	Np	Nj	
9. Cristiane	1993	Np	Np	Nj	
10. Ednilza	1967	Np	Np	Nj	
11. Edson	1969	Np	Np	Nj	
12. Elena	1964	Np	Nj	∅	
13. Eliane	1974	Np	Np	Nj	
14. Elza	1960	Np	Np	∅	
15. Emílio	1961	Np	Nj	∅	
16. Érika	1988	Np	H	Nj	Ériko: híbrido
17. Eunice	1973	Nj	Nj	∅	
18. Fátima Regina	1963	Np	Np	∅	
19. Flávio	1972	H (Tati/Tadashi)	H Tashi (apel.)	∅	Hibridismo Cultural
20. Hercílio	1962	Np	Nj	∅	
21. Igor	1993	Np (Apel.port.)	Np	Np	
22. Jader	1987	Nj	Nj	Nj	
23. Jéssica	1997	P/J	Nj	Nj	*

24. João	1966	Np	Np	∅	
25. Marcos Antônio	1965	Np	Np	∅	
26. Maria Lúcia	1958	Np	Nj	∅	
27. Marli	1966	Np	Np	Nj	
28. Mateus	1959	Np	Np	∅	
29. Matilde	1982	Np	Np	∅	
30. Meire	1966	Np	Nj	Nj	
31. Paulo	1961	Np	Nj	∅	
32. Roberto	1961	Np	Np	∅	
33. Silvia	1995	P/J	Np	Nj	*
34. Silvia	1963	Np	Nj	Nj	
35. Vanderléia	1978	Np	Np	∅	
36. Vilson	1969	Np	Nj	∅	
37. Willian	1991	Sobrenome	Sobrenome	Sobrenome	

Legenda: Np: nome português; Nj: nome japonês; P/J: Português e Japonês (tanto faz); ∅: não informado; Sobrenome; H: hibridismo cultural imanescente no nome.

\* A resposta foi “tanto faz”, para a pergunta “Com qual nome você é mais conhecido(a)? Por qual você prefere ser chamado(a)?”

Nas reflexões abaixo, apresentam-se os dados da Tabela 4, sobre o período e de sua denominação de geração *sansei*.

**TABELA 4: INFORMANTES POR PERÍODO DE ANOS E COMO SÃO CHAMADOS, GERAÇÃO SANSEI**

Nº.	Período	Como é chamado socialmente					Chamado pelos pais				Chamado pelos avós					No- mes/ Pes- soas
		Nj	Np	Sn	H	P/J	Nj	Np	Sn	H	Nj	Np	Sn	H	∅	
<b>1</b>	Até 1960	-	02	-	-	-	01	01	-	-	-	-	-	-	02	02
<b>2</b>	1960 a 1970	-	16	-	-	-	07	09	-	-	05	-	-	-	11	16
<b>3</b>	1971 a 1980	01	02	-	01	-	01	02	-	01	01	-	-	-	03	04
<b>4</b>	1981 a 1990	02	04	-	-	-	02	03	-	01	05	-	-	-	01	06
<b>5</b>	Após 1991	-	06	01	-	02	03	05	01	-	07	01	01	-	-	09
	Subtotal	03	30	01	01	02	14	20	01	02	18	01	01	-	17	37

Legenda: Np: nome português; Nj: nome japonês; P/J: Português e Japonês (tanto faz); ∅: não informado; Sobrenome; H: hibridismo cultural imanescente no nome.

No grupo de nomes de pessoas situado entre 1960 a 1970, o nome português demonstrou o maior índice de assimilação, com a aceitação social do nome em língua portuguesa em 100% dos entrevistados e foi demonstrado que, os pais estão divididos em chamá-los pelo nome japonês, 43,%, contra 56% em chamá-los pelo nome português. Entre os

que tinham conhecimento de como eram chamados pelos avós, todos indicaram ser exclusivamente pelo nome japonês, significando que os avós representam-se mais conservadores da língua.

No grupo situado no período de 1971 a 1980, encontra-se a designação denominativa *Tati*, entendida inicialmente pela entrevistadora e certamente pelos “brasileiros” como a um hipocorístico português, mas quando da explicação dos pais, foi relatado que “eu ia colocar *Tadashi*, mas eu esqueci o nome lá, então ficou *Tashi*” (S.M). E o nome registrado português ficou só no documento, pois a identidade e identificação social dos papéis sociais de filho, irmão, amigo, trabalhador, estudante, entre outros, nesta comunidade ficou na preferência por aquele que poderia ter sido o nome, mas não chegou a ser registrado.

No grupo de 1981 a 1990, encontra-se o nome *Erika*, que tem o correspondente japonês *Eriko*, mas na gramática portuguesa, geralmente os nomes femininos terminam com a desinência de gênero *a*, sendo a vogal *o*, da desinência de gênero masculina; realizou-se aqui uma transposição cultural, tanto que os avós pronunciam *Eriko*. O nome é o resultado do hibridismo cultural que se refletiu no aspecto morfológico e sintático.

Neste grupo de nascidos após 1990, entre nove pessoas entrevistadas, para a pergunta: “como é/prefere ser chamado(a) socialmente?”, duas pessoas fizeram o apontamento “tanto faz” o pode estar revelando a crise de identidade e de identificação e/ou a dificuldade de um pertencimento cultural, ou o “descentramento da identidade na pós-modernidade” (HALL, 2003). Neste grupo os avós enfocam a tradição de origem, pois se referem aos netos com o nome japonês. Outro dado foi o jovem que tem “apelido” na escola, mas o apelido se restringe ao ambiente escolar. Se a alcunha é positiva, por que não reconhecê-la, como é aceita na escola? Já, se o apelido é semanticamente negativo, especialmente dirigido à língua ou à etnia, o nome provoca crise de identidade e identificação, mas a intervenção deve ser feita pela escola, com estratégias competentes para dissolver preconceitos étnicos e para promover a

aceitação de ser nipo-brasileiro e para haver melhor interação entre grupos de origens diversificadas.

Referente ao nome que é dado ao adolescente em seu meio social, sua aceitação ou não, além do sentido semântico, também depende de quem fala, como, se, por exemplo, é outro jovem do grupo, especialmente do sexo oposto, pois o(a) jovem está definindo sua identidade/identificação e quer ser aceito pelo grupo de convivência, no caso, a escola é um ambiente “privilegiado para a formação de identidades” (PCN – Introdução –, 1998b, p. 126). Neste aspecto de reconhecimento de representação social, também está implícita a afirmação de Guimarães quando aponta a discussão realizada por Orlandi, com a afirmação que “a pessoa é interpelada em sujeito pela ideologia de um processo simbólico” (2004, p. 15). Guimarães argumenta que

antes de tudo, parece necessário descartar o conceito de representação na medida em que, do ponto de vista discursivo, o que se tem são efeitos imaginários. Pode-se começar, então, por definir o sentido de um enunciado como os efeitos de enunciação. Ou seja, são efeitos do interdiscurso constituídos pelo funcionamento da língua no acontecimento. Assim, o sentido não é efeito de uma circunstância enunciativa, nem é só memória. O sentido são efeitos de memória e do presente do acontecimento: posições de sujeito, cruzamentos de discurso no acontecimento (2005, p. 70).

A partir da época de ditadura militar brasileira, os nomes em português estão registrados, mas como a tabela demonstra, nem sempre seus nomeados foram referidos por estes nomes, tendo os avós como os fortes conservadores da tradição, referindo-se aos netos geralmente pelo nome que recorda sua origem. À proporção que os representantes *sanseis* são mais jovens, comparados ao próprio grupo, e/ou já perderam os avós ou não tiveram grande convivência com eles, aumenta o auto-reconhecimento pelo nome em língua portuguesa.

Mas se, na *Tabela 2*, a partir das gerações mais velhas, gradualmente o nome japonês vai caindo em desuso, a *Tabela 4* demonstra que a partir das gerações nascidas em 1980, há,

mesmo timidamente, formas de aceitação e auto-identificação pelo nome japonês. O que se pode verificar em *Adriana Hiromi*, que firmemente disse “ Prefiro ser chamada por *Hiromi*. Aqui e na escola meu nome é *Hiromi*” e por *Jader Hiroshi*, que assim dialogou:

- Como as pessoas te chamam, por *Jader* ou por *Hiroshi*?
- Na faculdade me chamam de *Jader*, mas meus amigos me chamam de *Hiroshi*.
- E você prefere...
- *Hiroshi*.

Como foi demonstrado na entrevista e na tabela, duas irmãs *sanseis*, respectivamente com treze e com onze anos, ficaram em dúvida quanto ao nome pelo qual são mais reconhecidas na escola. Convém esclarecer que no momento da entrevista, a mãe estava presente e as adolescentes mostraram-se bastante tímidas e pensaram muito antes de responder à pergunta: “Como você prefere ser chamada: pelo nome português ou pelo seu nome japonês?” A resposta dada rapidamente foi que “em casa é somente pelo nome japonês”, olhou para a mãe, refletiu e respondeu: “mas na escola e em outros lugares tanto faz”. Foi observado que essa resposta foi dada de olhos baixos, como se a presença da mãe não permitisse dizer que a preferência era pelo nome português, então, ao que indica, elas decidiram pela neutralidade. Este fato registra a divisão cultural vivida pelas adolescentes entre o vínculo que têm com a família e sua origem e o auto-reconhecimento no grupo em que freqüentam. Já, como demonstra outra entrevista com dois adolescentes um pouco mais velhos, ela, com 15 anos e ele com 19 anos, à mesma pergunta responderam com veemência, que é pelo nome japonês, demonstrando que já se decidiram, o que aponta para a liberdade de posicionamento entre uma e outra cultura e reflete vitalidade da cultura de origem dos pais.

Quanto aos nomes japoneses, um mesmo étimo pode ter vários significados. Shindo explica que:

São mais de dois mil *kanjis* autorizados pelo governo japonês para o uso em nomes próprios. Devido a essa enorme variedade de letras, um mesmo nome

pode ser escrito de inúmeras formas (...) A situação se complica ainda mais pelo fato de um mesmo *kanji* poder ser lido de mais de uma maneira. São os pais quem escolhem qual a leitura que querem utilizar (2006, p.10).

Por isso, a informação só pode ser conseguida com o portador do nome, ou com seus pais e/ou avós, tanto sobre o significado etimológico do *kanji*, quanto do sentido simbólico expresso pelo pai no momento da nomeação/registro dos filhos. Nomeação que é esquecida, segundo Guimarães, porque o nome que é dado do lugar de pai/responsável pela criança é alterado no processo sócio-histórico em que a pessoa está inserida e assim o percurso social do nome com as predicções do sujeito vai se alterando, cristalizando, reduzindo, ou modificando – e esse processo não é igual para todas as pessoas. Com isso, o nome personativo vai sofrendo o processo de significação e ressignificação, seja na família, na escola, na corporação, no grupo de amigos, pois essa reformulação inclui a voz de um enunciador-coletivo, ou genérico que reformula a enunciação formulada/registrada pelo enunciador-individual, em parte dividida por aquele que foi o locutor-pai.

Quando há dúvida sobre que pessoa é representada por aquele nome, se a sociedade a confunde, a corporação trata de repô-la, porque a identificação social leva o indivíduo a responsabilidades, por isso ele não pode nem deve ser confundido. Mesmo assim, segundo Guimarães (2002), esta é uma hipótese fraca para a unicidade, pois há uma longa distância entre ser necessário para a vida social manter a unicidade de um nome designando uma pessoa única (por motivos de responsabilidade, por exemplo) e esta unicidade realmente existir. De acordo com o autor, a unicidade do nome próprio de pessoa é uma construção da disparidade que acompanha seu funcionamento, porque falar enunciativamente é tomar a palavra de uma posição de sujeito e isto só é possível no universo interdiscursivo, quando o Locutor se tornar díspar de si e, porque no percurso vivencial, o nomeado “precisa ter” um nome que o identifique como a ele mesmo.

O processo de nomeação inicial, dado pelo locutor-pai (lugar social) e pelo enunciador individual, é esquecido para manter a unicidade daquele nome. É esquecido porque o pai primeiro falou de uma posição ideológica de sujeito, ou seja, da posição de sujeito do interdiscurso.

Nesta investigação sociolinguística, constatou-se que os nomes em português na geração *nissei* e *sansei* seguiram o que Guimarães (2002) chama de “a memorialidade do sujeito famoso”, ou “do sujeito religioso”, assim, a escolha do nome do(a) filho(a) geralmente recai sobre um nome do momento, veiculado nos meios de comunicação. Prevaleceram os nomes masculinos: Roberto, João; e os femininos: Adriana, Jéssica, Sílvia, Celina, Marli, entre outros, como em português, ou seja, não há uma busca etimológica e/ou morfossintática do nome. Segundo os entrevistados, geralmente a escolha recai pelo “som”, ou porque “é bonito”, ou “porque combina”, “ou porque conhecia alguém que admirava”, “ou era o nome de um(a) artista bonito(a) e/ou inteligente.

Diferentes fatores são motivos de “escolha” de nomes personativos que, segundo Guimarães, “acontece em um agenciamento enunciativo específico, pois este acontecimento de nomear recorta como memoráveis os nomes disponíveis como contemporâneos, próprios daquele período, daquela época” (2002, p. 37), por isto há nomes que representem regionalismos e também nomes religiosos, dependendo do nível de religiosidade dos pais. A terceira filha da entrevistada T.T. “nasceu no dia de Santa *Luzia*, então pôs o nome de *Luzia*”.

A entrevistada I.K., *nissei*, com 75 anos, sexo feminino, sem o nome em português no registro de nascimento, mas chamada pela comunidade e pelos filhos por *Cecília*, declarou-se ter feito ela mesma a escolha do seu nome e dos filhos, também nomeou as filhas com o nome em português: *Aparecida*, outra, Maria Lúcia e outra *Fátima Regina*, relatou: “no Brasil, os japoneses pegavam o nome na bíblia, colocava o nome de santos, como acontece hoje”. Ela se declarou pertencente ao grupo de Congregado Mariano, da Igreja Católica. Nesta família estes

dados foram diferenciados dos demais, porque entre os três filhos, todos têm o nome em português, e, entre as quatro filhas, as três mais velhas têm nomes de santa, estão em português com o sobrenome patronímico, fazendo um composto de três nomes, mas sem o nome em japonês; já o nome da filha caçula é composto pelo pré-nome em português, o nome em japonês e o sobrenome. A informante também declarou que sua família antes de vir para o Brasil, morava na região de Nagasaki e a família do marido era de Hiroshima e, de acordo com a filha desta entrevistada, S.K., “na região do Japão onde meus antepassados moravam, a religião era católica”. Informação semelhante foi transmitida por Okabayaski: “Jesuítas chegaram ao Japão em 1549 e São Francisco Xavier, destacou-se na evangelização. Acredita-se que, depois de um século, ao serem expulsos os missionários, havia dois milhões de católicos entre os vinte milhões de japoneses” (Okabayaski *apud* ACBJP, 2006, p. 32), informação complementada em:

Depois da expulsão dos cristãos do Japão, por volta de 1600, o *romaji* tornou-se fora de uso, e somente utilizado em textos estrangeiros, até por volta de 1800, quando então o Japão abriu-se para o mundo novamente. Os sistemas de linguagem, entre eles, o *romaji*, utilizado atualmente, se desenvolveu depois da metade do século XIX.<sup>76</sup>

Referente ao *romaji*, complementou o entrevistado A.T.: “por isso que às vezes a pessoa não sabe nada da língua japonesa, mas consegue falar com o outro, porque lê”. Ele estava se referindo aos brasileiros-*decasségui* que, no Japão, conseguem interagir em língua japonesa no trabalho, com parcial ou total desconhecimento prévio da língua japonesa quando se aventuram para trabalhar no Japão.

---

<sup>76</sup> Disponível em <[www.wikipedia.org/?wiki/Romaji+Romanization+of+Japanese](http://www.wikipedia.org/?wiki/Romaji+Romanization+of+Japanese)>. A informação está registrada em inglês: “following the expulsion of Christians from Japan in early 1600s, *romaji* fell out of use, and were only used sporadically in foreign texts until the mid-1800s, when Japan opened up again. The systems used today is developed in the latter half of the 19th century”.



Na pesquisa de campo não foram citadas observações quanto ao significado morfológico do nome “brasileiro”; quanto a ele, a escolha é pela beleza, pelo conjunto harmonioso do nome e pela relação do nome famoso e/ou religioso.

#### 4.3.3 Nomes Masculinos Japoneses: de Primeira a Terceira Geração

Muitos nomes japoneses foram registrados durante as entrevistas e os informantes disseram o significado do *kanji*. Os nomes personativos japoneses foram separados em masculinos e femininos, aqui se apresentam os masculinos:

**TABELA 5: NOMES MASCULINOS JAPONESES**

Seqüência	Nomes japoneses masculinos	Significado etimológico revelado pelos entrevistados
1.	Akifumi:	“aki” é claro, alegre e “fumi” vem de estudo.
2.	Akira:	claro, sábio, para ter sabedoria na vida.
3.	Hideo:	∅
4.	Hiromiti:	∅
5.	Hiroshi:	“hiro” é grande, da família do Imperador.
6.	Hiroyuki:	“hiro” é largo, yuki é claro.
7.	Hissao:	∅
8.	Hitoshi:	anda por caminho bem direito, não vai errado.
9.	Jiro	∅
10.	Ken:	∅
11.	Massayoshi:	homem correto, direito.
12.	Minaji:	∅
13.	Minokichi:	kichi é pela escrita, mino: ∅
14.	Mitsuro:	∅
15.	Nagao:	é coisa comprida, é vida comprida, vida longa.
16.	Sakae:	evolução.
17.	Shoji:	homem honesto.
18.	Sussumo	quer dizer vai pra frente, que sempre segue para frente
19.	Suyoshi:	é final bom.
20.	Tadashi:	∅
21.	Takeo :	é forte, boa saúde, bambu cede.
22.	Tati	(forma hipocorística de Tadashi): ∅
23.	Tatsuo:	∅
24.	Tetsuo:	∅
25.	Tokuji:	“uji” é uma letra que significa felicidade.

26.	Toshio:	é pessoa de mais idade, pessoa com mais sabedoria.
27.	Tsutomo:	∅
28.	Yassuo:	∅
29.	Yoshio:	é homem bom, tem dois <i>kanjis</i> .
30.	Yukihiro:	∅

Legenda: ∅: a informação não foi dada como conhecimento do *kanji*.

Obs: alguns nomes foram repetidos nas entrevistas, mas na tabela não foram repetidos, salvo quando o valor semântico atribuído foi diferente por diferentes informantes.

Assim relacionados, parecem poucos os nomes com explicação, nesta relação estão na frente dos étimos somente o significado que, segundo os entrevistados, reportam ao *kanji*, mas muitos tiveram o recorte do memorável da ocasião em que a denominação foi atribuída à pessoa, fosse recém-nascido ou adulto. Por exemplo, como do nome *Hiroshi* que não teve a informação do significado do radical, mas o pai da criança disse que “era o nome de um soldado que estudou na história”, portanto, longe do sentido literal, mas que representa semanticamente alguém para quem se desejasse valentia, coragem, força. Como também foi apontado para o nome *Susumo*: “que tem progresso financeiro, com um *kanji*”.

O nome *Takeo*, com significado tão simples, se interpretado somente como relacionado acima, ganha um valor diferente ao ter seu sentido explicado pelo pai: “Ele é agrônomo. Nasceu em 1967. *Takeo* significa *forte*, *bambu*, tem dois *kanji*. Bambu cede, bambu não quebra, né?” (S.M. e Y.M.). Certamente estavam se referindo ao desejo de equilíbrio para a criança e para sua vida e, pela colocação em primeiro lugar, referindo-se à profissão, vindo de família de agricultores, o discurso em torno do nome do filho reitera o orgulho e sugere que o nome dirigiu o destino daquele que um dia foi criança. Como se os pais, ao lhe escolherem o nome, tivessem o poder de escolher a direção guiada pelo nome, o qual dirigiria o destino do filho.

#### 4.3.4 Nomes Femininos Japoneses: de Primeira a Terceira Geração

Na Tabela 6, apresenta-se uma relação de nomes femininos, referenciando o significado etimológico revelado pelos entrevistados quando da investigação.

**TABELA 6 NOMES FEMININOS JAPONESES**

Seqüência	Nome japonês feminino	Significado etimológico revelado pelos entrevistados
1.	Aiko:	filha do amor.
2.	Akiyama:	∅
3.	Chihoko:	∅
4.	Eiko:	∅
5.	Fujio:	proveniente do nome do monte Fuji.
6.	Fumiko:	∅
7.	Haru:	“Haru” é primavera e “mi” é fruto. É fruto da primavera.
8.	Hatsu:	pessoa sofrida, mas que mesmo em situação adversa, torna-se vencedora
9.	Hikari:	é brilho, claridade, que deu luz.
10.	Hiromi:	é espaço aberto, iluminado.
11.	Iemiko:	∅
12.	Kaori:	é cheiro suave.
13.	Koiada:	∅
14.	Mayumi:	∅
15.	Mitiko:	é bonita.
16.	Miwako:	∅
17.	Satsuki:	nasceu no mês de maio.
18.	Sayuri:	“yuri” é um lírio, “sayuri” é o nome de um lírio
19.	Setuko:	É da família do Imperador. É filha forte, com energia.
20.	Shizue:	∅
21.	Suemi:	“Sue”, é caçula; “mi” significa beleza.
22.	Takiko:	significa muito contente, estar alegre.
23.	Tami:	era para ser “Tamiko”: filha
24.	Tatsuko:	∅
25.	Teruko:	∅
26.	Tiemi:	filha.
27.	Yoko:	“yo”: mar, oceano; “ko”: criança
28.	Yoneko:	∅
29.	Yoshiko:	∅
30.	Yukari:	claridade, pois “yuk” é neve.

Legenda: ∅: a informação não foi revelada.

Obs: alguns nomes foram repetidos durante a entrevista, mas na tabela não foram repetidos, salvo quando o valor semântico atribuído foi diferente por diferentes informantes.

O significado de *Yoko*, segundo a entrevistada, que veio ao Brasil em 1960, com quatro meses de idade é “atravessar o mar, mas não é o significado do *kanji*” (Y.H.), “é o

desejo dos pais, porque eles iam atravessar o mar, então tirou *yo*, que significa mar, oceano”. (Ta.H.) Considerando seu nascimento e a idade que tinha quando a família veio ao Brasil, certamente o nome foi escolhido porque sabiam que iam viajar e o nome é presságio de esperança na nova terra. Quanto ao nome *Chihoko*, não foi reportado ao *kanji*, mas a entrevistada lembrou que “diz que era o nome de uma ex-namorada do meu pai que ficou no Japão, pois ela não quis vir com ele para o Brasil”, mas esta lembrança daquele significado ficou perdido no tempo histórico, pois o sentido semântico está inerente ao tempo do acontecimento, à presentificação, como também no outro exemplo *Yoko*, a informante não citou para si o significado do *kanji ko*, que é comum nos nomes femininos, com o significado de criança, filha, mas atualmente a criança cresceu e está com mais de 45 anos, então, tanto ela quanto a sogra somente pronunciaram sobre o primeiro *kanji*.

Outro nome feminino, *Takiko*, que, explicado pela entrevistada foi citado como “fica muito contente, acho que fala contente, né?, porque veio uma menina. Meu marido gostou, estava esperando que fosse uma menina” (Sa.Y), ou seja, sem o valor semântico-enunciativo de explicação do sentido, somente os étimos que compõem o nome não esclarecem suficientemente, pois citou “contente”, mas, “contente”, por quê? Pode-se interpretar que, segundo a entrevistada, a alegria do nascimento do bebê do sexo feminino foi celebrada no próprio registro do nome próprio o que, sem a explicação da mãe, ficando o *kanji* pelo *kanji* teria sido muito vago. Shindo implicitamente reitera esta afirmação quando cita como exemplo o nome *Yui* e explica que “o nome feminino *Yui* é composto pelos ideogramas que significam amarrar e vestido. O que vem a ser? O nome se refere a um matrimônio feliz, já que o ato de amarrar o vestido faz parte dos preparativos da noiva para o casamento” (2006, p. 8).

Nas entrevistas foi citado o nome *Eiko*, do qual se perguntou: “o seu nome, é um *kanji* ou dois?”. E ouviu-se a resposta dada pelo esposo: “Não é *kanji* não. Escrito com o alfabeto

*hiragana*. Naquele tempo lá escolheram um nome mais difícil que não tem muito na região e não tem muito no Japão também” (A.T.). Segundo foi possível depreender, o nome *Eiko* foi originalmente escrito em *hiragana*. Shindo cita que "um recurso para transmitir a idéia de doçura ao nome de garotas é registrá-lo em vez de *kanjis*, com o alfabeto *hiragana*. Este alfabeto com traços mais simples e de formas arredondadas, é considerado mais feminino que os ideogramas, cheios de traços e com aparência ‘dura’” (2006, p. 15). Assim, qual a ideologia oculta nos étimos japoneses para nominalizar uma pessoa? Para conhecer o valor semântico do nome, faz-se necessário situar o nome com seus respectivos elementos lingüísticos em seu tempo cultural, histórico e social.

Ainda segundo Shindo, “no sistema lingüístico da onomástica japonesa, seus significados não são explícitos, como em diversos nomes da cultura ocidental, como por exemplo, *Vitória*, *Sol*, *Glória*, mas a interpretação, ocorre de maneira indireta” (2006, p. 6).

#### 4.3.5 Fatores para a Escolha de Nomes de Pessoa

Guimarães (2002), afirma que o funcionamento dos nomes próprios de pessoa se dá no processo social de subjetivação, isto é, passa a ser uma questão do sujeito. Ao falar em subjetividade, há uma relação com o sujeito, o dono do nome, que, ao se produzir nas relações sociais, é, de fato, produzido nas relações sociais; que, ao interagir, constrói a si e ao seu nome, ou seja, ressignifica-se. É como aponta Derrida: “a escrita é repetível, isso vale para a linguagem em geral. Ele [a palavra é de Silva, referindo-se ao autor] chama essa característica, essa repetibilidade da escrita e da linguagem de *citacionalidade*” (1991 *apud* SILVA, 2003, p. 94). Quando se diz que a realização do nome no seu tempo histórico é subjetiva, está-se relacionando com a pessoa denominada, cuja designação está no processo de identificação social daquele a quem se nomeia, pois, durante o processo, a comunidade/sociedade vai re-nomeando a pessoa, dependendo da fama, ou do estigma, de

fatos particulares ou amplos. É o processo de significação, que é justamente a interpretação, que coaduna com o processo semântico, especialmente do acontecimento de linguagem. Por exemplo: ao enunciar que “Fulano tem um sobrenome rico”, ou “Beltrano tem um sobrenome de respeito”, ou “Sicrano tem um nome sujo”, está-se fazendo uma metáfora semântica tendo em vista a representação para o meio social.

A opção de escolha de um nome feito pelos pais para seus filhos, na cultura do Brasil, parece envolver aspectos da beleza alcançada com a sonoridade e, entre os brasileiros descendentes de japoneses, este motivo também foi referido, mas são citados diversos outros para a seleção de um nome quando este é um nome composto curto, sendo fácil de ser pronunciado, que não permita um som de cacofonia: “Alex é nome bonito, pouca letra, nome fácil. *Ichiro*, porque é o primeiro filho; geralmente o nome em japonês acaba com *o*”; ter a inicial que coincida com o nome personativo da mãe ou do pai, ou com a inicial dos outros irmãos: “O significado eu não sei porque foi meu sogro quem colocou. Tirou de mim: “*Yo*”, porque eu sou *Yoshiko*, e meu sogro que falava, né, vamos tirar o seu nome primeiro, porque em japonês para o menino não fala *Yoshiko*, então ficou *Yoshio*. Os nome são terminados com *i* e com *o* para os homens e para a mulherada é tudo com *ko* e com *i*” (T.M e I.M.); fazer uma combinação que resulte em um som bonito, sem *cacofonia*: “Pra todos os filhos, a gente queria um nome que soasse bonito, que combinasse” (E.Y.); preocupação também relatada em: “Meu marido escolheu nome mais fácil pra todo mundo falar direito, senão todo mundo confunde e não fala nome completo, certinho. Então meu marido escolheu nome mais fácil e significado bom, então em casa, na escola, no trabalho, em todo lugar eles são chamados pelo nome em japonês” (Y.M); ter sido nome de uma pessoa prezada e admirada pelos pais, ou em sinal de gratidão, como em:

*Edgar* teve motivo, porque foi o Dr. *Bardhal* que operou, e o nome é *Edgar*. Ele quase morreu, deu sinal de criança nascer e nada, depois quando chegou

lá em Guaíra já estava um pouco atrasado, pensa naquela época de 1964, quando chegou lá ele não garantiu vida do *Suyoshi*, então agradecido, nós colocamos o nome do médico. Agora os outros não, foi nascendo, foi escolhendo (N.G.).

Neste exemplo verifica-se o agradecimento ao se referir ao nome do médico, mas, na vida familiar, o filho é lembrado pelo nome japonês, a presença do multiculturalismo: o agradecimento no registro do nome de um filho, mas que recorde a cultura do homenageado, mas cujo portador é referido pelos familiares através do étimo que recorde sua própria tradição cultural e lingüística. O nome *Suyoshi*, segundo os pais, tem o significado de “*final bom*, porque nasceu difícil, mas teve um final bom”. Hoje tem 42 anos.

Há casos em que se verifica que o nome em português foi escolhido porque os brasileiros tinham dificuldade em falar o nome japonês da pessoa, (Y.H., A.T., T.T., A.K. L.H., S.H.), relato observado em pessoas que trabalharam no comércio; sendo relatados também motivos como se matricular na escola, ou porque o fazendeiro mandava batizar para ter um nome “brasileiro”.

Também foi relatado como motivo, o sorteio para a escolha, como em: “A gente escreveu nomes que agradavam num papelzinho, depois tirou e saiu *Toshio*. Mais ou menos escolhe os nomes que gente agrada e escolhe. Todos eles foi assim, também com o Mário e o Valdomiro” (N.G. T.T). Havia uma seleção prévia, tanto de nomes referenciados no Brasil, quanto aos de origem japonesa.

O envolvimento da família foi registrado em relatos como: “*Alisson* foi a madrinha dele quem escolheu, depois de uma lista; já *Hiro* foi o avô. *Hiro* é largo, *uki* é claro (Y.H.) e em “*Aline* é porque minha tia gostou do nome” (Al.H.). “*Akira* foi o avô que escolheu, é um nome bem comum no Japão, significa *claro*, *sábio*, é para ter sabedoria na vida” (M.N.)

Foram encontrados durante a pesquisa, nomes constituídos com o pré-nome em português e o sobrenome, como em: *Paulo*, *Jorge*, *Roberto*, de uma mesma família; e também

com mesma característica em: *Roseli, Valquíria* de uma outra família, mas nesta, os três irmãos têm nome em português e em japonês, e a outra irmã do sexo feminino tem nome composto, mas com dois nomes em português, sendo, um deles, o nome de uma santa. Nesta segunda família, os três nomes masculinos têm registrado o pré-nome em português e o nome em japonês. É provável que seja esta uma influência do sistema patriarcal japonês, pois “até 1853, a maioria das mulheres não tinham sobrenome, até mesmo a filha de um *bushi*, possuía apenas o nome, porque de acordo com a tradição, uma mulher não poderia ser a sucessora de sua família”<sup>77</sup>. E, no Brasil, também o reflexo do sistema patriarcal é observado como determinativo nos dois sistemas onomásticos, pois na língua portuguesa, o sobrenome da origem do pai, quando não é o único, é aposto ao patronímico de origem da mãe ou o nome completo do pai e acrescenta-se *Junior*, ou *Filho*, se for do avô, acrescenta-se *Neto*, e também esses são determinados pelo processo morfossintático, a questão é, por que não existe o semelhante para nomes femininos na língua portuguesa?, é um exemplo do modelo patriarcal.

Entre os entrevistados da pesquisa, foi regra geral, a esposa retirar seu sobrenome de solteira e trocá-lo pelo sobrenome do marido. O nome dos filhos, também, foi composto de forma semelhante: os *nisseis* tiveram seus nomes compostos de nome e sobrenome japonês; já os nascidos no Brasil a partir de 1942 quando, segundo os relatos, “os cartórios não registravam nomes estrangeiros, especialmente nas capitais” (T.M., Se.M., F.K., A.K., I.K., M.N.), então os descendentes brasileiros passaram a ter nome composto por pré-nome em português, nome em japonês e o sobrenome paterno. Houve momentos em que, certamente, apesar das forças coercitivas da sociedade brasileira, que agia em nome de um nacionalismo, impedindo o registro de nomes estrangeiros, os filhos dos imigrantes tentaram encontrar meios de conservar a cultura onomástica, como, quando o pai (falecido em 1993) registrou a

---

<sup>77</sup> Disponível em <[www.geocities.com/sobreojapao](http://www.geocities.com/sobreojapao)>



filha, nascida em 1951, com o nome de *Irina*; a observação de Ta.H.: “Eu não sei o que significa *Irina*, foi meu marido quem escolheu né? Ele não falou nada pra mim. Nunca vi outra pessoa com o nome de *Irina* até hoje”. Segundo a mãe, *Irina* mora atualmente no Japão, mas, consultando o dicionário de nomes japoneses, foi encontrado registrado o nome japonês *Erina*, composto por três *kanjis*, sendo que “a) *e*: enseada; b) *ri*: aldeia, *vila*; c) *na*: maçã vermelha” (Shindo, 2006, p. 156). Talvez o pai conhecesse os elementos significativos, mas ao registrar a filha, trocou *E* por *I*, ficando assim, a criança com o pré-nome culturalmente híbrido e com mais um nome japonês. Na mesma página do dicionário, também se encontra o nome *Eriko*, demonstrando ser um nome composto por três *kanjis*, sendo: a) *e*: bênção, graça divina; b) *ri* – com *kanji* respectivo que poderia ser o mesmo do nome anterior, mas está registrado com outras possibilidades de *kanjis* –, significando: verdade; com outro *kanji*: benefício; com outro: pês; e, onde c) *ko* é *criança, filha*. A mãe de *Érika*, assim se declarou quando lhe foi perguntada sobre o nome personativo da jovem: “quem escolheu foi o pai, ele queria dizer, assim, filha abençoada, com bastante inteligência”. Esta jovem é *sansei* e tem o segundo nome em japonês, mas o pré-nome também é da origem de seus pais, mas o *kanji ko* foi alterado para terminar com a desinência de gênero feminino *a*, característica da gramática da língua portuguesa, o que se revela uma transposição cultural.

Um forte motivo que leva à escolha criteriosa do nome japonês é devido à tradição, pois culturalmente, acredita-se na influência do nome sobre seu portador, que foi registrada em diversos relatos, mas cita-se: “É como minha mãe fala: ‘*Hatsu*: é tudo pessoa sofrida’. E é verdade todo mundo que tem esse nome *Hatsu* é pessoa sofrida. E é verdade, minha mãe sofreu, sofreu, mas hoje é uma pessoa mais feliz, eu acho” (L.H.). “Às vezes as mães colocam em seus filhos, nome muito grande, aí não consegue falar, não consegue progredir, ou ficar rico, ou alguma coisa” (S.M.). “Meu sogro dizia que precisa ter cuidado para escolher o nome escrito, a letra, era assim, igual *Tadashi*, tem um significado, mas eu não sei” (I.M.). “As

peessoas mais antigas explicam assim: esse nome é bom, bom significado, esse nome é bom, né?, já esse nome é pesado...” (L.H). Também A.T. afirmou: “o nome japonês é mais escolhido, porque coloca esperança em criança, né?”. A crença é que o nome atua sobre o destino da criança, de acordo com o sentido que o étimo represente, por isso a escolha se refere à expectativa dos pais para seu filho(a). O diálogo com Y.M. rememora a escolha de *Harumi*:

- *Haru* é primavera e *mi* é fruto. É fruto de primavera.
- Era tempo de primavera, estação do ano, quanto ela nasceu?
- Era outubro, início de primavera, em 1968.
- Quando você pensa numa criancinha fruto da primavera, o que você planeja pra ela, tem como falar?
- Pensa filha bonita, estudiosa, ela é bem paciente. Formou em Biologia. Está em São Paulo.

De certa forma, no nome recebido pela criança, estão os votos de desejo recebidos por ela na ocasião do nascimento, votos que a acompanharão, registrados, durante a vida e também que “caracterize ou realce um atributo ou qualidade desejada à criança. Essa tradição tem estreita relação com os princípios éticos da sociedade japonesa e encontra na escrita por ideogramas, variadas opções para expressar o desejo dos pais a seus filhos” (SHINDO, 2006, p. 7).

Também foram registrados três nomes referentes à família imperial: “*Setuko* vem da família do Imperador, era a nora do Imperador. Lê-se /tsu/, é quando vai cumprimentar e/ou parabenizar alguém. É filha forte, com energia. Foi a primeira filha” (F.K.), e em “era para o nome dela ser Mitiko, mas não registrou”. Segundo M.N., o nome é da Imperatriz do Japão” e em “*Hiro* é da família do Imperador”(A.H.). Ainda hoje, muitos brasileiros com ascendência japonesa escolhem nomes para seus filhos, emprestados da família imperial. A ideologia da ação parece ser homenagem de obediência, veneração, respeito e admiração pela família

imperial, mas também de desejo de importância, valorização, imponência pela sugestão do nome.

E, unindo dois fatores, nomes imperiais e celebridade, “um exemplo da influência de nomes de celebridades na escolha dos nomes de bebês, é quando nasceu a princesa *Aiko*, em 2001. Nos meses seguintes, nunca teve tantos registros deste nome, que significa *filha do amor* no Japão” (SHINDO, 2006).

#### 4.3.6 Sobrenomes de Família de Japoneses

Estas informações recolhidas são partes de falas literais dos informantes e, em alguns nomes citados, não foram registradas informações sobre o sentido literal do étimo. Verificou-se que este fato tem relação com o maior ou menor nível de letramento dos entrevistados. Quanto aos patronímicos, foram assim sistematizados:

**TABELA 7: PATRONÍMICOS JAPONESES**

Seqüência	Patronímicos	Significado semântico reunindo o <i>kanji</i> e seu sobrenome, atribuído pelos entrevistados
1.	Akyama:	“aki” é outono, e “yama” /-má/ é montanha.
2.	Endo	“acho que significa decisão” (Y.H.)
3.	Hata:	com sílaba tônica /tá/ é bandeira.
4.	Hata:	com sílaba tônica /há/, é da agricultura, da roça, trabalhador da roça.
5.	Kakimori:	campo de caquis
6.	Kawase:	curvas do rio, parte mais rasa.
7.	Massuoka:	“oka” é montanha.
8.	Matsubara:	espinho de rosa.
9.	Matsui:	pinheiro alto, pinheirão.
10.	Miyakawa:	∅
11.	Mori:	muita mata.
12.	Nakamura:	vila do meio.
13.	Takahashi:	ponte alta.
14.	Takayama:	no alto da montanha.
15.	Tanabe:	beira da lavoura
16.	Tokumi:	nome antigo de samurais
17.	Yassue:	∅
18.	Yamaguti:	“yamá” é montanha, “guti” ∅
19.	Yamamoto:	base da montanha
20.	Yamazato.	“yamá” é montanha, zato ∅

Legenda: Ø: a informação não foi revelada.

Os dois patronímicos citados e cujos entrevistados não responderam sobre as letras do *kanji*, estes foram buscados no dicionário onomástico da língua japonesa (SHINDO, 2006) e foram encontradas as seguintes possibilidades de significações com a mesma pronúncia, mas com *kanjis* diferentes para o sobrenome *Miyakawa*, com três *kanjis* distintos para *Mi*, um para *Ya*, cinco para *Ka* e um para *Wa*, sendo seu significado explicado como: “*Mi*: três; beleza; serpente (sexto signo do horóscopo chinês)” (p. 335-336). “*Ya*: ser, estar” (p. 375). “*Ka*: beleza, formosura; flor; fragrância, perfume; rio; verão” (p. 179). “*Wa*: paz, harmonia, suavidade, Japão” (p. 262). Em quais *kanjis* o sobrenome *Miyakawa* se originou? O uso do dicionário é válido, mas não esclarece o sentido atribuído ao nome na sua temporalidade, outro problema é o que o entrevistado T.M. afirmou “que o seu sobrenome é composto por três letras e também quando o entrevistado justificou: no Japão, uma letra depois de um novo traço se transforma em outra e, cada *kanji* diferente traz significados diferentes!”. Mas mesmo sem a exatidão, pode-se depreender que o sobrenome *Miyakawa* tem significação positiva.

Referente ao sobrenome *Yassue*, no dicionário (SHINDO, 2006), foram encontrados quatro *kanjis* diferentes para a leitura de *Yasu* e quatro *kanjis* para *e*, sendo eles: “*Yasu*: paz; calmo, tranqüilo; acalmar-se, aquietar-se; segurança, proteção” (p. 263). Para “*e*: pintura; bênção, graça divina; enseada, angra; galho, ramo de árvores” (p. 155). Resultando que, seja em qual dos *kanji*, tem o significado de esperança, para uma vida com votos de felicidade. O entrevistado mais velho desse tronco patronímico, quando chegou ao Brasil, com quatro anos de idade, era o terceiro filho e, certamente não teve a informação, pois logo seu pai faleceu. Atualmente, ele sendo o mais velho representante do tronco familiar, os entrevistados do mesmo sobrenome, mesmo que em ocasiões diferentes, não arriscaram uma explicação do étimo. Só foi sugerido pelo próprio entrevistado: “sei que veio da região de Gifu. Dona

Helena também veio de Gifu e o sobrenome de solteira é *Yassue*, mas acho que ela também não sabe”.

O brasileiro sem ascendência japonesa, ainda que não tenha o conhecimento do significado do sobrenome japonês, no entanto, ao lê-lo ou escutá-lo, é capaz de compreender de qual origem étnica ele é representativo. O que leva a interpretar que os sobrenomes *Yassue* ou *Miyakawa* sejam japoneses? Provavelmente o uso das letras *y*, *k*, ou *w*, mas o que dizer dos sobrenomes como *Endo* e *Mori*, que têm as letras próprias do alfabeto brasileiro? O uso de sílabas curtas, sem ditongo e/ou a preferência pelos fonemas /u/ e /i/, /y/ e /w/ pode ser um sinalizador para este reconhecimento, mas, de qualquer forma, tanto o uso dos fonemas vocálicos, quanto da consoante /k/, são empréstimos lingüísticos usados na situação concreta de fala, e configura-se em uma integração cultural e lingüística. Este processo teve início com os primeiros imigrantes, pois, mesmo os entrevistados mais velhos e, que disseram não são mais reconhecidos pelo nome em português, quando iam e, ou vão ao banco, ou à cooperativa, a identificação é realizada, além do sobrenome, pelo nome japonês.

Uma outra entrevistada assim dialogou sobre seu sobrenome:

– E *Mori*, a senhora sabe de onde vem o sobrenome *Mori*?

Ela ficou pensativa e desenhou em *kanji* e disse:

– Um assim é árvore. No ideograma tem um desenho que significa *árvore*, mas o nosso sobrenome tem três árvores, então significa *muita mata*, mas ninguém mais pensa nisso hoje em dia.

Uma tendência mostrada na pesquisa é que as famílias com tradição escrita definem com confiança o sentido morfossintático de seu sobrenome e, na assertiva “mas ninguém pensa nisso hoje em dia”, está implícita a afirmação de Guimarães de que “o nome próprio de pessoa é uma construção em que relações semânticas de determinação constituem o nome, o

que já nos afasta de posições estritamente referenciais ou cognitivas no estudo do nome próprio” (2002, p. 35).

Para Orlandi, “o falante não opera com a literalidade como algo fixo e irredutível, uma vez que não há um sentido único e prévio, mas um sentido instituído historicamente na relação do sujeito com a língua e que faz parte das condições de produção do discurso” (2001, p. 52); como a enunciação personativa, tanto na forma do nome e/ou do sobrenome. O discurso “não deve ser pensado somente como um conjunto de textos, mas como uma prática discursiva” (MAINGUENEAU, 2005, p. 15). A enunciação personativa acontece em um discurso, em um momento pontual regido por forças coercitivas da estrutura social que se refletem na linguagem. Guimarães considera o enunciado como uma unidade discursiva. Nesta medida, “o enunciado se caracteriza como elemento de uma prática social e que inclui, na sua definição, uma relação com o sujeito, especificamente, com posições de sujeito e seu sentido se configura como um conjunto de formações imaginárias do sujeito e seu interlocutor e do assunto de que se fala” (1989, p. 73). Segundo as afirmações de Orlandi,

todos os mecanismos de funcionamento do discurso repousam em formações imaginárias. Assim não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, o que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições de sujeito no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição. (...) O que significa no discurso são essas posições. E elas significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória (o saber discursivo, o já-dito) (2001, p. 40).

Atualmente, o sobrenome *Mori*, como tantos outros, representa uma família “de japoneses” com muitas qualidades reconhecidas na comunidade terra-roxense.

#### 4.4 O ENUNCIADO DE NOMES PERSONATIVO NO ACONTECIMENTO DA LINGUAGEM

Os sobrenomes da forma em lista como foram expostos, parecem dicionarizados e perdem o seu real sentido, pois é preciso buscar, como nos nomes em japonês o contexto situacional familiar que deu origem ao nome, já que busca o significado etimológico do *kanji* ou do nome completo, é uma característica cultural que persiste, refletindo também na cultura no meio ocidental, como afirma Makio, há “também entre os *não-nikkeis*, tem crescido o interesse pelos nomes japoneses” (2006 *apud* SHINDO, p. 7), pela globalização da cultura. Mas, de qualquer forma, quanto à origem significativa do sobrenome, o processo formador foi designativo, lembrando elementos da natureza. Por ser um povo ligado a tradições da agricultura, como sugerem as informações da pesquisa e confrontadas com pesquisa em meio eletrônico: “o significado dos nomes de famílias japonesas geralmente tem relação com o local em que vivia a família quando esta começou a utilizar os sobrenomes, após a restauração *Meiji* (1868)”<sup>78</sup>, mas, na atualidade, muitos dos sobrenomes antigos perderam o seu referencial e assumiram o significado do acontecimento atual, que, se a família não tem no Brasil o conhecimento da escrita ideográfica, porque há enunciados fonéticos idênticos, que possuem *kanjis* diferentes e, por isso, expressam significados diferentes e, se os descendentes não conhecem de qual *kanji* originou o nome/sobrenome, também não apontam para a tradução e o significado atual ficou ainda mais distante do original, apenas refeito no memorável do acontecimento atual.

O radical na gramática da língua portuguesa terá o seu semelhante transposto para a gramática da língua japonesa no *kanji*/ideograma, embora os resultados demonstrem que para entender o significado quando da origem do nome, é preciso conhecer a história, o contexto

---

<sup>78</sup> Disponível em : <[www.geocities.com/sobreojapao/...](http://www.geocities.com/sobreojapao/...)>. Último acesso em 5 de junho 2005.

familiar de quando se originou para aquela pessoa, pois enquanto o processo morfossintático traz especialmente os determinantes restritivos para a construção do nome próprio de pessoa, a construção semântico-enunciativa não é menos importante, nela estão presentes os elementos e figuras do discurso. Pêcheux sustenta que “as relações entre exterioridade-anterioridade e do retorno do saber no pensamento, produzem uma evocação sobre a qual se apóia a tomada de posição do sujeito. Essas relações, no interior das quais se constitui o *pensável*, é que formam o terceiro elemento” (1988, p.125).

Bakhtin cita que

o terceiro em questão não tem nada de místico ou de metafísico (...) Ele é o momento constitutivo do enunciado total, que numa análise mais profunda, pode ser descoberto. O fato decorre da natureza da palavra, que sempre quer ser ouvida, busca a compreensão responsiva, não se detém numa compreensão que se efetiva no imediato e impele sempre mais e mais adiante (2000, p. 333).

O *momento constitutivo* é o que Guimarães chamou de *acontecimento na linguagem*, quando se refere a que “não é o sujeito que temporaliza, é o acontecimento com suas temporalidades próprias” (2005, p.12); e Maingueneau afirma que “os sentidos não se esgotam no imediato [do tempo]. Tanto é assim que fazem efeitos diferentes para diferentes interlocutores” (2005, p. 50).

Conforme cita Guimarães, “uma cena enunciativa se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra, dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas lingüísticas” (2002, p. 23) e o processo sofre uma disparidade. De acordo com o autor (2002), isso sucede porque o Locutor é díspar a si. No acontecimento de linguagem, ele sofre uma divisão e se torna díspar: de um lado, pertence a um lugar de dizer, em que é chamado de enunciador, que pode ser: individual, como quando fala em seu nome próprio pela escolha que fez, no caso, o pai (e fala como se estivesse acima de todos, demonstra-se independente dos demais); ou se generaliza, quando assume em si como se fosse a voz que fala em comum



com todos os outros; ou se universaliza – como se estivesse fora da história, acima da história (e submetido ao regime de verdadeiro e, ou falso). Esses enunciadores parecem desligados da enunciação, como se só o Locutor tivesse voz, mas este só terá voz se apoiado no lugar social do locutor-X, que, embora se apresentem independentes do acontecimento, são lugares próprios no interdiscurso.

Como quando relatou que o filho “*Takeshi*, era para ser *Nagao*, mas a gente achou que era um nome antigo, quase já não existe no Japão” (Me.Y.) e “A gente perguntou para as tias que viviam no Japão se tinha um nome diferente e lá tem bastante com esse nome *Kaoli*<sup>79</sup>. É o nome de uma cantora. *Kaoli* é cheiro, perfume, é uma palavra que tem cheiro”(Y.H.), referindo-se ao perfume, odor agradável e suave, e, a razão apontada por L.H., para o nome dos filhos: “*Sílvia* eu vi de uma jornalista, bonita e inteligente. *Adriana* foi de uma artista de novela que eu achei muito bonita, né?, aí eu coloquei. Da *Jéssica* eu vi um filme muito bonito que daí a gente tirou”. Mas estas lembranças ficaram no passado; atualmente, o nome e o sobrenome perderam o seu valor referencial, mas conserva traços culturais, sociais e relacionais. Um enunciado deslocado de seu campo semântico não se torna enunciação, fica sem efeito de sentido, pois o discurso é mais que transmissor de informação é um efeito de sentido entre interlocutores, pois, segundo Bakhtin, “o discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora de outra forma” (2000, p. 293).

Retomando a cena enunciativa: o Locutor tem em si um elemento díspar que é o enunciadador – em seu lugar de dizer e, ao mesmo tempo, um locutor-X – em seu lugar social, no caso, o pai. Segundo afirmações de Guimarães, “o funcionamento do locutor dividido pelo próprio jogo de se representar como idêntico a si, quando se lhe é díspare, é o processo pelo

---

<sup>79</sup> No momento da entrevista, foi entendido como a sílaba /-li/, mas depois foi averiguado que o nome da adolescente é *Kaori*, com /-ri/.

qual a enunciação apaga seu caráter social e histórico” (2002, p. 30). No espaço interdiscursivo, Locutor e locutor-x constituem-se em um único sujeito, que podem ocupar várias regiões desse espaço, como a de sujeito jurídico-liberal e a de sujeito religioso, de sujeito moderno, ou administrativo, ou do senso comum, ou científico, entre outros. No primeiro porque é o responsável pela nomeação e nas demais regiões porque representará o responsável pela busca de uma das opções dentro da memorialidade do acontecimento, que levará à seleção de um recorte para a escolha de determinado nome. Guimarães afirma que

nomear uma pessoa é uma enunciação que funciona por um processo de determinação semântico-enunciativa em virtude de se dar no interior do processo social de identificação, mas que, ao apagar, pela representação do enunciador, o lugar social do locutor, se mostra como meramente referencial. Este apagamento do locutor-x (lugar social da enunciação) se dá porque o Locutor não sabe que fala de uma posição ideológica de sujeito. A referencialidade do nome próprio é produzida por este apagamento em virtude deste esquecimento (2002, p. 41).

Mainueneau citando Bakhtin (1999) afirma que “esses enunciados têm um ‘direito’ e um ‘avesso’ indissociáveis: deve-se decifrá-los sobre seu ‘direito’ (relacionando-os com sua própria formação discursiva), mas também sobre um ‘avesso’, na medida que estão voltados para a rejeição do discurso de seu Outro” (2005, p. 40). A imbricação do enunciado em seu Mesmo e seu Outro é que faz, por exemplo, que uma criança designada com o prenome “Laura”, não seja “Lara”, “Marcos”, não seja “Márcio”, o que atesta que o enunciado personativo sofre uma batalha regrada consigo mesmo e reflete o caráter relacional da linguagem. A afirmação de que “é este o nome”, porque “não é o outro”.

#### 4.4.1 A Não-Unicidade do Nome Próprio de Pessoa

Um recém-nascido identificado pelo seu nome personativo não tem rostinho específico, estritamente referencial da designação recebida, no entanto, parece que o nome adapta-se à pessoa ou a pessoa adapta-se ao nome.

O nome personativo parece então se referir a alguém especificamente e esta impressão de referência do qual se tem a ilusão de que não poderia ser nenhum outro, é uma construção morfossintática do funcionamento da língua, com suas regularidades determinativas do nome, sobrenome e conjunções, preposições, justaposição com ou sem hífen e a anteposição de sobrenomes (como sendo da parte do pai ou da mãe), que exercem sua força coercitiva no espaço enunciativo da língua, mas ainda muito mais, segundo Guimarães, pelo processo semântico do acontecimento, que tem um presente no momento da enunciação, e que festeja em si uma latência de futuro, ou seja, em que momento do acontecimento de linguagem um conceito lingüístico se constitui, permanece ou se torna outro (GUIMARÃES, 2004, p. 12-13). Assim, desmancha-se a convicção de um nome único para uma pessoa única, dilui-se a convicção de que uma nomeação é única desde a sua origem. Ao contrário, ela, no seu surgimento, já é a construção do recorte de várias vozes que um Locutor realizou e depois, na trajetória de vida, o sujeito recebe designações pela sua identidade social. Estabelece-se a construção da relação entre o implícito (a carga semântica) e o explícito (a materialidade do signo).

Um nome próprio para uma pessoa única é uma construção de relações lingüísticas e não uma relação entre nome e objeto. Mesmo com a impressão de que se dá um nome para a pessoa porque ela é única, a relação do nome-pessoa está no desejo, porque não há relação entre o enunciado e a pessoa (salvo casos muito específicos em que os pais dizem “Vou deixar nascer para ver com quem se parece” e nomeia a filha de “Clara”, ou “Inocência”, com referência a caracteres físicos ou emocionais); a nomeação geralmente no ato do nascimento

não é por uma relação direta entre o enunciado personativo e seu referencial, no caso, os predicativos da criança ao longo de sua vida.

Segundo Guimarães, “as pessoas não são pessoas em si. O sentido do nome próprio lhes constitui, em certa medida. O sentido constitui o mundo que povoamos. E o constitui enquanto produz identificações sociais que são o fundamento do funcionamento do indivíduo enquanto sujeito (2002, p. 41)”. Orlandi (2001) afirma que “o sentido é história. O sujeito do discurso se faz e se significa *na e pela* história”. História que não é o tempo cronológico, empírico, pois “o interdiscurso – a memória discursiva – sustenta o dizer em sua estratificação de formulações já feitas, mas esquecidas e que vão construindo a história de sentidos” (ORLANDI, 2001, p. 54). E o nome próprio de pessoa constitui-se em um enunciado personativo, identitário, do qual se tem a ilusão de ser único e unívoco, mas por ser relacional, vai construindo sentidos. São as práticas discursivas que condicionam que uma pessoa, ao longo de sua trajetória de vida, seja conhecida/representada através do nome da profissão, ou mesmo por uma designação referencial pejorativa/depreciativa, ou por um título, ou por um hipocorístico. A enunciação personativa adquire, na cena enunciativa, sentidos permitidos pela cultura, pela sociedade, pelo grupo e/ou pela percepção individual.

A palavra está para a base das relações humanas, assim como a língua(gem) para a formação da sociedade. Nesse diálogo constante, por meio da interação verbal, o sujeito do discurso torna-se sujeito empírico e constrói seu mundo e vai sendo construído por ele; a pessoa constrói o nome e o nome a constrói, eles têm implicações recíprocas.

De certa forma, a opção no registro de nascimento pelo nome que recorde sua origem identitária/cultural parece representar uma forma de preservação, uma “brecha nos feudos todo-poderosos da cultura” (PAIS, 2003, p. 45). E, quando justamente alguns mais jovens optam pelo nome em japonês, pode-se concluir que sua cultura tem vitalidade, sobrevivendo

enunciativamente no aspecto onomástico, que representa uma simbiose entre a língua e a cultura através destas unidades terminológicas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar o nome personativo sob a perspectiva da língua e da cultura étnica, percebe-se que há uma interpenetração recíproca entre estes aspectos e o nome próprio de pessoa. Levando-se em consideração que, anteriormente ao nome, há um sujeito que é o portador da palavra, mas que está “assujeitado pelas forças lingüísticas” (ORLANDI), culturais e históricas, que pode tudo dizer, desde que se submeta à língua para dizê-lo, como no caso, o nome personativo na língua japonesa que se encontra em uma situação lingüístico-onomástica, dentro de um espaço enunciativo, que é a língua e a cultura do português brasileiro.

A construção de nomes próprios de nipo-brasileiros está dividida entre dois códigos de usos lingüísticos: o brasileiro e o japonês, com seus determinativos morfossintáticos e da construção semântico-enunciativa. Os nomes de brasileiros provindos de diferentes etnias estiveram e, ou estão sob o poder do: jurídico, lingüístico, social, cultural e individual da sociedade brasileira. Estes diferentes campos enunciativos agem quando da efetiva nomeação documentada de um recém-nascido, mas também agem quando da denominação realizada pelos pais e através do percurso do sentido do nome adquirido pela vivência da pessoa. Assim é que *Hideo*, ou outro, *Mário*, é conhecido por *Japa*, *Japinha*, o *Japonês*; *Maria* é conhecida por *Maria Japonesa*, ou *a Mulher do Japonês*, entre outros, utilizados como hipocorísticos ou pejorativos, ficando esquecido na memória de sentidos aquele que agiu no ato de nomear. Assim também com os sobrenomes, que significam e, ou ressignificam no acontecimento de linguagem.

O nome personativo é uma parte do discurso, torna-se enunciação, como quando uma mãe chama o filho pelo nome, essa enunciação tem um sentido semântico dessemelhante se quem o estiver chamando for um juiz que o acusa, ou se for um colega em sua idade de

escolarização. Há diferentes sentidos para se ter um mesmo enunciado em diferentes momentos de interlocução, a que Guimarães se refere que o “enunciado se caracteriza como elemento de uma prática social e que inclui uma relação com o sujeito, especificamente, com posições de sujeito e o sentido se configura como um conjunto de formações imaginárias do sujeito e seu interlocutor e do assunto que se fala” (1989, p. 73). A pessoa dona do nome é o portador da linguagem, mas a linguagem também identifica seu locutor. E o nome identifica e é identificável, pois ele nomeia e também “fala”, tem força de expressão, pois o nome traz imbricado em si características indicativas de sua formação lingüística e sociocultural.

De acordo com a pesquisa etnográfica social, observou-se que os imigrantes japoneses apresentam na carteira de identidade o nome formado pelo nome japonês e pelo sobrenome de família, mas, para melhor interação com os falantes de língua portuguesa e melhor integração cultural e social, permitiam ser chamados por um nome considerado *brasileiro*<sup>92</sup>. Buscou-se com esta atitude um nome com o qual a população já estivesse habituada e, para não incorrer em erros, geralmente o nome era copiado de alguém conhecido, visto que o nome japonês causava estranhamento aos nativos brasileiros, mas, quanto ao nome em língua portuguesa, muitos dos entrevistados se referiram ao próprio nome como apelido, demonstrando assim, uma divisão na designação de sua identificação: alguns *isseis* e alguns *nisseis* procuraram uma forma para receber para si um “nome brasileiro” e outros que o receberam na escola ou porque trabalhavam no comércio, utilizaram-no de forma prática, mas não o internalizaram como seu. A pesquisa demonstrou também que entre as pessoas de nacionalidade japonesa nascidas até o ano de 1940 e entre as pessoas da geração *nissei* também nascidas até 1940 – com exceção de dois nomes *Jiro* e *Justino*, porque foram, pela sonoridade, tabulados como nomes “brasileiros” – , todos têm somente o nome japonês no registro de nascimento, mas foram conhecidos socialmente por um nome português, ainda que na família fosse exclusiva a

---

<sup>92</sup> Por exemplo, Tatsuko Yassue Hata, nascida em 1929 em Aichi-ken, Japão, adquiriu através do batistério, o nome de sua madrinha de batismo: Maria Igenes, ou seja, o nome adquirido não apresenta a origem cultural etimológica.

nominalização japonesa. Também as pessoas da geração de *isseis* e de *nisseis* nascidas desde o ano de 1941 até 1973 são conhecidas socialmente pelo seu nome “brasileiro”, apresentando, entre os nascidos no Brasil, na sua grande maioria, o nome português no registro de nascimento e, de igual forma, aqueles que não o possuíam, buscaram, através do batismo e do batistério fornecido pela Igreja Católica, um nome considerado brasileiro, demonstrando com esta ação uma busca de pertencimento cultural pacífico e ordenado. Entre os informantes da geração *sansei*, nascidos desde 1958 até 1999, foi relatado que todos têm o nome português em seu registro de nascimento, sendo que seus nomes são compostos por duas designações de nome: um pré-nome português, um nome japonês e o sobrenome paterno e que, na escola, socialmente e pelos pais, são geralmente chamados pelo nome português, sendo que aqueles que têm os avós vivos relataram que são chamados pelo nome japonês, demonstrando serem os avós os conservadores de traços culturais e lingüísticos da etnia. Também entre a geração de *sanseis*, alguns nomes se revelaram híbridos culturalmente, pois transitam entre a língua japonesa e a língua portuguesa, revelando criatividade e inclusão de valores étnicos e culturais que levam ao multiculturalismo. Entre a geração de *sanseis*, em alguns casos apontados, também foi registrada a dúvida quanto à preferência do adolescente pelo nome que lhe é designado, visto que em casa pelas pessoas da família é chamado pelo nome japonês e, na escola e socialmente, é conhecido pelo nome português, revelando uma ambigüidade de identificação que caracteriza a “identidade cultural na pós-modernidade” (HALL, 2003). Ainda mais que, também os diversos enunciados para esses brasileiros que são chamados de: *nipons*, *nipo-brasileiros*, *isseis*, *nisseis*, *sanseis*, *yonseis* e *goseis* sugerem, mais que identificação, uma classificação que sinaliza e comprova que a representatividade envolvida em tantos “eles” faz inferência a significados da diferença e da estigmatização.

Todas as tentativas de inclusão e/ou de exclusão étnica têm conseqüências na formação da identidade de um país que se manifesta discursando como “*coeso e aberto* para a



diversidade étnica/cultural”, como é citado no PCN’s (1998) e este aspecto delicado vem demonstrando que as escolas, e a mídia, pelo poder de formação de valores que têm, deveriam se unir para efetivar, dentro e fora do cenário escolar, a pedagogia culturalmente sensível (ERICKSON, 1987 *apud* BORTONI-RICARDO; DETTONI, 2001), uma prática educativa que se evitem expressões que marginalizam as minorias culturais, lingüísticas e/ou étnicas.

Se for dado um nome japonês para um recém-nascido sem ascendência nipônica, este se tornará japonês? Fisicamente não, mas se o gesto representar uma atitude sociolingüística de compartilhamento social através de pré-nome de diferentes etnias, estará aproximando pessoas, construindo “pontes de interação”, como se refere Bakhtin (1999) e estará assinalando possibilidades de coexistência respeitosa e pacífica entre pessoas que não são diferentes, apenas têm características diferentes, pois dependendo da postura do sujeito e de seu pertencimento cultural, os “outros” passam a ser “nós”, e esses sujeitos se situam em um mesmo espaço geográfico e temporal/histórico. O desconhecimento cultural produz o preconceito e a estigmatização destas minorias, que são, paradoxalmente, percebidas como diferentes, mas cujas diferenças são tratadas como invisíveis, são julgadas pelo outro através da análise de alguns atributos não compatíveis com a estereotipia e por isso, o julgamento, mesmo que sutilmente observado nas falas, nas brincadeiras, nos olhares, torna a convivência tensa e não-natural, pois somente a afinidade e a identificação levam ao sentimento de pertencimento cultural e de grupo e, por extensão, de nacionalidade; caso contrário, um dos prejuízos é que, sem o sentimento de pertencimento, a identidade fica dilacerada.

O conhecimento e respeito pelo multiculturalismo não são motivados por generosidade ou por comiseração, mas porque a integração cultural e étnica favorece o diálogo e a convivência de pessoas em um mesmo espaço geográfico e estará assinalando possibilidades de coexistência respeitosa e pacífica entre pessoas. “O mito do Brasil como um país monolíngüe” (CAVALCANTI, 1999) deve ser revisto com o estudo das culturas lingüísticas e

identitárias de minorias e de imigrantes, dando visibilidade a grupos humanos com sua interação social, as relocalizações geográficas e a recriação temporal. Nesse cenário, é necessário perceber que dar um nome a um recém-nascido em uma língua que recorda sua origem, esta pode ser considerada como tentativa de preservação de seus valores étnicos, de suas identidades, de suas pluriculturas, afinal, o nome de pessoa não é algo simples, é o primeiro patrimônio sociocultural e lingüístico do recém-nascido.

E quando se faz uma reflexão sobre o significado de nomes personativos e de configuração cultural específica ao imigrante japonês e sua relação com o espaço cultural brasileiro, a relação assim entendida queria dar conta do relacionamento entre um “nós” com um “outro”. Essa relação se dá pela concepção de sua identidade e alteridade. Reforça-se as considerações de Elias, para quem

o conceito *kultur* reflete a consciência de si mesma de uma reação que teve de buscar e constituir incessante e novamente suas fronteiras, tanto no sentido político como espiritual, e repetidas vezes perguntar a si mesma: qual é realmente nossa identidade? (1990, p. 23).

Portanto, é importante pesquisar a pluralidade cultural de grupos étnicos nas várias regiões brasileiras. Os documentos oficiais brasileiros reforçam estas iniciativas assim como no caso, o PCN's – Pluralidade Cultural – justifica a necessidade de estudos sobre a linguagem multilíngüe e o multiculturalismo:

Conhecer a existência do uso de outras línguas diferentes da Língua Portuguesa, idioma oficial, significa não só, ampliação de horizontes, como também compreensão de complexidade do país. A escola tem possibilidade de trabalhar com esse panorama rico e complexo, referindo-se à existência, estrutura e uso de várias línguas. Pode, com isso, além de oferecer informações e possibilitar reflexões sobre a língua materna, promover a compreensão de como se constituem identidades e singularidades de diferentes povos e etnias, considerando as diferentes línguas (o bilingüismo e o multilingüismo) e linguagem presente nas diversas regiões do Brasil (1998, p. 133).

O presente estudo poderá, assim, oferecer subsídios preliminares que permitam construir a compreensão do entrelaçamento de aspectos lingüísticos, sociais e culturais, respeitando a língua e as multiculturas no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ABDALLAH-PRETCEILLE, Martine. A comunicação intercultural: do clichê ao enigma. In: *Sob o céu da cultura*. Brasília: Casa das Musas: Thesaurus, 2004. p. 75-94.
- ALIANÇA CULTURAL BRASIL-JAPÃO DO PARANÁ. *História da imigração japonesa no Paraná*. Ministério da Cultura, 2006.
- ANDRÉ, Marli Eliza D. A de. *Etnografia da prática escolar*. 11. ed. Campinas/SP: Papirus, 2004.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- \_\_\_\_\_, *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BARBARA Leila; KATO Mary A. Fatores intervenientes na proficiência oral em japonês dos descendentes de japoneses radicados na cidade de São Paulo. In: *Linguagem oral, linguagem escrita*. Publicação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba. Minas Gerais, 1982. (Série estudos – 8).
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. 13. ed. Revisto por Frei João Pedreira de Castro, O.F.M., e pela equipe auxiliar da Editora. São Paulo: Ave-Maria, 1998. (Edição Claretiana).
- BORSTEL, Clarice N. von. A discursividade semiótica dos nomes personativos. *II Congresso Internacional da ABCS*, v. 2, p. 1-6, 2005a.
- \_\_\_\_\_. A enunciação identitária de nomes próprios. *8ª JELL – Jornada de Estudos Lingüísticos e Literários*. Marechal Cândido Rondon/Paraná: Unioeste, v. 8, p. 27-36, 2005b.
- \_\_\_\_\_. Identidades étnicas e situações de uso de línguas. In: SAVEDRA Monica; HEYE, Jürgen (orgs.). *Palavra – Revista do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras*, PUC-Rio. Rio de Janeiro: Trarepa, v. 11, p. 134-145, 2003a.
- \_\_\_\_\_. Poliglossia em contextos de ilhas lingüísticas. *Anais 6ª JELL: Jornada de Estudos Lingüísticos e Literários: Literatura e diversidade da linguagem*, Marechal Cândido Rondon/PR: Unioeste, v. 6, p. 110-125, 2003b.
- \_\_\_\_\_. Sociolingüística: abordagens quantitativa e qualitativa. In: *Línguas & Letras – Revista do Curso de Letras*, v. 2, n. 7, 1º semestre/2003c, p.165-172.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- \_\_\_\_\_; DETTONI, Rachel do Valle. Diversidades lingüísticas e desigualdades sociais: aplicando a pedagogia culturalmente sensível. In: COX, Maria Inês Pagliarini; ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de (orgs.). *Cenas de sala de aula*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2001, p. 81-103.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998a.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: pluralidade cultural*. Brasília: MEC/SEF, 1998c.

CAVALCANTI, Marilda C. Um evento de letramento como cenário de construção de identidades sociais. In: COX, Maria Inês Pagliarini; ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de (orgs.). *Cenas de sala de aula*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2001. (Coleção Idéias sobre Linguagem). p. 105-159.

\_\_\_\_\_. Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil. *Revista D.E.L.T.A.* São Paulo. Vol.15, nº Especial, p. 385-418, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995.

CHARAUDEAU, Patrick .El discurso mediático, legitimidad, credibilidad y captación. In: HARVEY, Anamaria (org.). *En torno al discurso*. Chile: Ed. Universidad Católica de Chile, 2005. p. 311-316.

\_\_\_\_\_. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, Agostinho... et alii. *Série Investigações Lingüísticas*. RJ: Oficina do Autor, 1996, p. 5 – p. 41. 2 v.

CHMYZ, Igor; CHMYZ, João C. G.; BROCHIER, Laércio L. *Relatório de levantamento dos bens arqueológicos associados às ruínas de Ciudad Real Del Guayrá: propostas para o desenvolvimento turístico e gestão patrimonial*. Curitiba: UFPR/Centro de Estudos de Pesquisas Arqueológicas, mar. 1999.

COX, Maria Inês Pagliarini; ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de (orgs.). *Cenas de sala de aula*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2001. (Coleção Idéias sobre Linguagem).

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. TEZZA, Cristóvão ; CASTRO, Gilberto de. (orgs); Beth Brait... et alii. *Diálogos com Bakhtin*. 3 ed. Curitiba: UFPR, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. (4ª impressão).

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

\_\_\_\_\_. *Elementos da análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 1997.

FISHMAN, Joshua. *Algunos conceptos básicos de sociolingüística*. Madrid: Cátedra, 1968. p. 47-59.

GIROUX, Henry A. *Atos impuros – a prática política dos estudos culturais*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GUÉRIOS, Rosário F. Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

GUIMARÃES, Eduardo. *Línguas do Brasil*. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n2/a14v57n2.pdf>> . Acesso em 11 junho 2006.

\_\_\_\_\_. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. 3. ed. Campinas/SP: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *História da Semântica: sujeito, sentido e gramática no Brasil*. Campinas/ SP: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas/SP: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. Enunciação e história. In: \_\_\_\_\_ (org). *História e sentido na linguagem*. Campinas/SP: Pontes, 1989. (Linguagem crítica). p. 71-79.

GUMPERZ, John J. Interactional sociolinguistics in the study of schooling. In: Look-Gumperz, J. (ed.). *The social construction of literacy*. Cambridge: Cambridge University Press: 1986. p. 45-68.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz T. da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês: história e sua vida no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz e Centro de Estudos nipo-brasileiros, 1987.

HEYE, Jürgen. Considerações sobre bilingüismo e bilingüidade: revisão e questão. In: SAVEDRA; \_\_\_\_\_ (orgs.). *Palavra – Revista do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras*, PUC-Rio. Volume Temático n. 11. Rio de Janeiro: Trarepa, 2003. (Série Linguagem). p. 30-38.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. 1.07. Instituto Antônio Houaiss. Objetiva: 2002. Impressão realizada em 24/04/2006.

INFANTE, Ulisses. *Curso de gramática aplicada aos textos*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

INNERARITY, Daniel. Educar para uma sociedade multicultural. In: CASTRO, Gustavo de; DRAVET, Florence (orgs.). *Sob o céu da cultura*. Brasília: Casa das Musas: Thesaurus, 2004. p. 19-24.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002. p. 90-113.

LOPES, Luiz Paulo da Mota e BASTOS, Luciana Cabral (orgs.). *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2002. p. 97-118.

LOUREIRO, Stefânie Arca Garrido. *Identidade étnica em re-construção: a resignificação da identidade étnica de adolescentes negros em dinâmica de grupo na perspectiva existencial humanista*. Belo Horizonte: O Lutador, 2004.

MAINGUENAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba/PR: Criar, 2005.

MEIRELES, Cecília. Romanceiro da Inconfidência. In: \_\_\_\_\_. *Flor de Poemas*. Rio de Janeiro: Aguilar, INL, 1972.

MEY, Jacob L. Etnia, identidade e linguagem. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Tradução de Maria Glória da Glória de Moraes. Campinas/SP: Mercado de Letras: 2002 (2ª reimpressão) p. 69-88.

\_\_\_\_\_. *As vozes da sociedade: seminários de pragmática*. Tradução de Ana Cristina de Aguiar, revisão da tradução: Viviane Veras. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2001. (Coleção Idéias sobre Linguagem). p. 16-30.

NAWA, Takako. Bilingüismo e mudança de código: uma proposta de análise com os nipo-brasileiros residentes em Brasília. In: TARALLO, Fernando (org.). *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas/SP: Pontes, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989. (Coleção linguagem crítica).

\_\_\_\_\_. *Bilingüismo e mudança de código: uma proposta de análise com os nipo-brasileiros residentes em Brasília*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília – UNB, Brasília, 1988.

NICOLA, José de. *Lingua, Literatura e redação*. São Paulo: Scipione: 1993. v. 1. p. 205-219.

OGAWA, Yoshio; SATO, Jun'ichi. *Colloquial Japanese in four Weeks*. Tokyo: Daigakusyorin, 1963. p. 274-295.

OGUIDO, Homero. *De imigrantes a pioneiros: a saga dos japoneses no Paraná*. Londrina: Ipê, 1988.

OLIVEIRA, Roberta P. de. Uma história de delimitações teóricas: trinta anos de semântica no Brasil. *Revista D.E.L.T.A.* São Paulo. Vol.15, nº Especial, p. 291-222, 1999.

OLIVER, Nelson. *Todos os nomes do mundo: origem, significado e variantes de mais de 600 nomes próprios*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *O que é lingüística*. 1.ed. São Paulo, Brasiliense, 1986. 9ª reimpressão. (Coleção primeiros passos, 184).

PAIS, José Machado. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

PENTEADO, Dílson F. (comp.) *Turismo pelo município*. Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo de Terra Roxa/PR, 2006. 1 CD-ROM.

PEREIRA, Maria Ceres. Negociando a entrada no campo de pesquisa: a perspectiva metodológica etnográfica. In: *Revista de II Jornada de Estudos Lingüísticos e Literários (2. 1999, Marechal Cândido Rondon)*. Cascavel: EDUNIOESTE, 1999. p. 97-104.

\_\_\_\_\_, Maria Ceres; JUNG, Neiva Maria. Quando o familiar se torna “estranho” e o “estranho” se torna familiar: duas experiências surpreendentes no campo de pesquisa. In: *Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras*, nº 23 e 24, Edição Especial. Porto alegre: 1998. p. 305-317.

PÊCHEUX, Michel. Da filosofia da Linguagem à Teoria do Discurso. In: \_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1988. p. 86-139.

PONTES FILHO, Almir; KLÜPPEL, Cristina Carla. *Área de Proteção ambiental Municipal de Ciudad Real del Guayrá: aspectos históricos e arqueológicos*. Centro de Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná, 2002.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Os caminhos da pragmática no Brasil. *Revista D.E.L.T.A* . São Paulo. Vol.15, nº Especial, 1999. p. 323-338.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (orgs.) *Sociolingüística interacional: antropologia, lingüística e sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.

SARUP, Madan. *Identity, culture and the postmodern world*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.

SAVEDRA, Mônica. Política lingüística no Brasil e no Mercosul: o ensino de primeiras e segundas línguas em um bloco regional. In: \_\_\_\_\_ ; Jürgen Heye (orgs.). *Palavra – Revista do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras*, PUC-Rio. Volume Temático n. 11. Rio de Janeiro: Trarepa, 2003. (Série Linguagem). p. 39-54.



SHINDO, Noriko. *Dicionário de nomes japoneses*. São Paulo: JBC, 2006.

SILVA, Antônio C. A. Nascimento. *Vara dos Registros públicos. Retificação de registro civil: Processo nº 00118141697, Reqte: F.E.R. Porto Alegre, 2004*. Disponível em <[www.espacovital.com.br/sentenca11032005.htm](http://www.espacovital.com.br/sentenca11032005.htm)>. Acesso em 20 julho 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 7ª. impressão. (Série Princípios).

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sócio-lingüística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.

TERRA, Ernani; NICOLA, José. *Gramática, literatura e redação para o ensino médio*. São Paulo: Scipione, 1997.

Disponível em [www.google.com.br](http://www.google.com.br)>. Último acesso em 11 nov. 2006.

Disponível em <http://www.noticiasdobrasil.com.br/mapajapao.htm>> Último acesso em 4 nov. 2006.

Disponível em <[www.ibge.gov.br/ibgeteen/mapas/imagens/brasil\\_regioes\\_gde.gif](http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/mapas/imagens/brasil_regioes_gde.gif)> Acesso em 02 nov. 2006.

Disponível em [www.espacovital.com.br/sentenca11032005.htm](http://www.espacovital.com.br/sentenca11032005.htm). Acesso em 20 julho 2006.

Disponível em [www.wikipedia.org/wiki/Romaji#Vogais\\_longas](http://www.wikipedia.org/wiki/Romaji#Vogais_longas)>. Acesso em 29 setembro 2006.

Disponível em <[www.japaoonline.com.br/pt/nomes.htm](http://www.japaoonline.com.br/pt/nomes.htm)> Último acesso em 26 de junho 2006

Disponível em: <http://www.terraroxa.pr.gov.br>> Acesso em 18 junho 2006.

Disponível em:

<[http://216.239.51.104/search?q=cache:y32HPH5b000J:pt.wikipedia.org/wiki/Subdivis%C3%B5es\\_do\\_Jap%C3%A3o+provincias+do+Jap%C3%A3o&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=1](http://216.239.51.104/search?q=cache:y32HPH5b000J:pt.wikipedia.org/wiki/Subdivis%C3%B5es_do_Jap%C3%A3o+provincias+do+Jap%C3%A3o&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=1)>  
Acesso em 17 junho 2006.

Disponível em : <[www.geocities.com/sobreojapao/](http://www.geocities.com/sobreojapao/)>. Último acesso em 5 de junho 2005.

Disponível em: <[www.wikipedia.org/wiki/Romaji](http://www.wikipedia.org/wiki/Romaji)>. Acesso em 5 junho 2006.

Disponível em: <[www.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua\\_japonesa](http://www.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_japonesa)>. Acesso em 5 junho 2006.

Disponível em <[www.wikipedia.org/wiki/Romaji+Romanization of Japanese](http://www.wikipedia.org/wiki/Romaji+Romanization_of_Japanese)>. Acesso em 5 junho 2006.

Disponível em <[www.iej.uem.br/katakana.html#Katakana](http://www.iej.uem.br/katakana.html#Katakana)>. Acesso em 15 maio 2006.

Disponível em <<http://www.iej.uem.br/hiragana.html#hiragana>>. Site consultado: <[www.iej.uem.br](http://www.iej.uem.br)> Último acesso em 15 maio 2006.

Disponível em <[http://www.iej.uem.br/fr\\_ideogramas.html](http://www.iej.uem.br/fr_ideogramas.html)>. Site consultado: <[www.iej.uem.br](http://www.iej.uem.br)>. Último acesso em 15 maio 2006.

## **APÊNDICES**

APÊNDICE A Entrevistas individuais.....146

APÊNDICE B Entrevistas com as famílias.....154

## **ANEXOS**

ANEXO A Roteiro de entrevista para nipo-brasileiros imigrantes.....185

ANEXO B Roteiro de entrevista para os nipo-brasileiros da 2<sup>a</sup> geração.....186

ANEXO C Roteiro de entrevista para os nipo-brasileiros da 3<sup>a</sup> geração e da 4<sup>a</sup> gerações..187

ANEXO D Mapa do Brasil situando estados e regiões.....188

ANEXO E Mapa do Japão.....189

ANEXO F Divisões administrativas do Japão: Nomes de províncias, regiões e principais cidades.....190

## APÊNDICE A Entrevistas individuais

### 1- Entrevistada: M.M. (1ª parte)

#### Contexto

A primeira entrevistada, participante e atuante na comunidade e líder reconhecida entre os etno-descendentes. A entrevistadora foi acompanhada pela filha da entrevistada, que, após alguns minutos ausentou-se da sala. A entrevistada, *nissei*, com 70 anos de idade, expressa-se muito bem em língua portuguesa.

E= Dona M.M, a senhora pode me dizer seu nome completo?

M.M.= É *Miwako Yassue Mori*.

E= Onde a senhora nasceu? E Quando?

MM= Em São Paulo, Birigui, em 20/05/1936.

E= A senhora então nasceu no Brasil, então a senhora é *nissei*?

M.M.= É.

E= E seus pais? A senhora pode contar um pouco sobre a história deles?

M.M.= Meu pai veio do Japão, de uma região chamada Província Gifu-ken, a palavra “ken” significa capital, [ela fez questão de ensinar] e minha mãe veio da Província Wakayama-ken. O nome da mãe da minha mãe era Koto-Kamine. Meu pai e minha mãe moravam em províncias próximas, mas lá no Japão, eles não se conheciam. Meu pai veio do Japão em 1912, ele tinha 17 anos. A viagem durou sessenta dias e eles estudavam com uma cartilha do povo brasileiro para aprender a língua. Meu pai chegou em São Paulo na terceira expedição de imigrantes em Santos, no *Navio Santo's ao Mar*, que quer dizer Navio Azul. Quando desembarcou era delegado [fazia parte da delegação como intérprete no Brasil, por saber um pouco da língua portuguesa]. Ele foi trabalhar na fazenda Cafelândia, São Paulo. Por lá entrou todo<sup>44</sup> imigração, foi por Cafelândia, o custeio foi pago pela fazenda. Morou lá vinte anos, desbravando a terra.

E= Dona M.M., mas e sua mãe, quando seu pai e sua mãe se conheceram?

M.M.= As famílias no Japão moravam perto, mas não se conheciam, meu pai e minha mãe se conheceram aqui no Brasil e se casaram em 1935. Ele tinha 40 anos e minha mãe 30 anos. Eu nasci um ano depois em Birigui, perto de Araçatuba. Fui a primeira neta do lado do meu pai e do lado da minha mãe, mas quando eu tinha 5 anos, minha mãe faleceu. Meu pai logo se casou de novo com uma moça da família *Mori*.

E= [Nesse ponto, a entrevistadora fez expressão de indagação, pois não estava entendendo, porque *Mori* é o sobrenome de casada da entrevistada. Ela percebeu e continuou:]

M.M.= Ela cuidou de mim, foi boa para mim. Depois que eu conheci meu marido, porque com 12 anos (1948) fui morar em Araçatuba com minha avó da parte da madrasta para poder estudar.

E= A senhora estudou até que ano?

M.M.= Até o quarto ano. Em 1949 meu pai comprou terra no Paraná e eu fiquei com minha avó. Foi lá que conheci meu marido.

E= Como assim?

M.M.= A gente cresceu junto, ele era da família da minha madrasta. Quando eu tinha 17 anos e ele 26 anos, começamos a namorar. Ele esperou eu completar 20 anos para casar porque na tradição japonesa tem que ter 20 anos para a moça casar, porque se casar vem logo filho,

---

<sup>44</sup> Dito por ela no gênero masculino.

então antes a moça tem que ter estudado a língua, corte e costura, coisas de casa... porque depois que casa em que cuidar dos filhos. É diferente da tradição brasileira, que não esperam e com 37 anos já tem quem é avó.

E= Então a senhora se casou com 20 anos e veio morar em Terra Roxa?

M.M.= Não... em 1956, fomos morar em Assis Chateaubriand, no Paraná. É que meu pai já tinha vindo no Paraná, comprou terra em Alto Paraná para trabalhar com horta.

E= Quando viera a Terra Roxa?

M.M.= Foi em 1964, Nelson colocou posto de gasolina. Nelson morreu em 1970.

E = Dona M.M., uma curiosidade: a senhora falou que seu nome é *Miwako*, então por que todo mundo chama a senhora de *Dona Helena Mori*?

M.M. = [Riso], é que via a alegria das festas da Igreja Católica, então perguntei para o padre o que devia fazer para ser batizada. Ele falou que precisava encontrar uma madrinha, então conversei com a professora de catequese e disse que gostava muito dela e queria que ela fosse minha madrinha e ter o seu nome.

E = Então a senhora emprestou o nome da madrinha de batismo?

M.M = É, eu não tenho o nome na carteira, é só no de batismo.

E = E como a senhora prefere ser chamada?

M.M. = Os “brasileiros” sempre me chamam por *Helena* e eu gosto assim.

E = E *Mori*, a senhora sabe de onde vem o sobrenome *Mori*?

M.M = [Ela ficou pensativa e desenhou em *kanji* e disse:] Um assim é árvore. No ideograma tem um desenho que significa *árvore*, mas o nosso sobrenome tem três árvores, então significa *muita mata*, mas ninguém mais pensa nisso hoje em dia.

E = E seu sobrenome de solteira?

M.M. = É *Yassue* [foi-lhe pedido para soletrar], com “e”, o sobrenome do meu pai, mas não é parente de *Yassue* daqui de Terra Roxa.

E = A senhora tem quantos filhos?

M.M = Cinco: *Regina, Olga, Sérgio Yukihiro, Marli Akiko, Kátia..*

[Para não se tornar inconveniente, neste ponto terminou esta entrevista, sendo continuada em data marcada posteriormente].

## 1 Entrevistada: M.M. (2ª parte)

### Contexto

Como M.M. foi a primeira entrevistada – julho de 2005 – , ao fazer o relatório, sentiu-se a necessidade de rever e de acrescentar alguns dados. Por isso, será demonstrada outra parte da entrevista, realizada em outra ocasião.

E = O nome do seu sogro e sua sogra? Que ano faleceram?

M.M. = *Juniti* e de seu sogra *Shigee*, em 17 de novembro de 1995, aos 94 anos e ela em primeiro de agosto de 1992. Nasceram em Gifu-ken.

E= Fala o nome de seus filhos?

M.M.= Regina, casada com Mário Murakami, Olga, casada com Edenir Rosso, Sérgio Yukihiro, casado com Dalila Silva, Marly Akiko, Kátia Tiemi, casada com Eduardo Saito.

[Neste ponto a entrevista foi interrompida, porque chegaram muitas pessoas em sua casa].

## 2 Entrevistada: A.H.

## Contexto

A aproximação aconteceu naturalmente, pois a entrevistada fora aluna da entrevistadora na 5ª série. Foi-lhe explicado que foi ela que despertou a curiosidade sociolinguística, motivo que suscitou a pesquisa. Foi pedido autorização para gravar. Na ocasião, a entrevistadora também levou um jornal em que aparecia a foto de 15 anos, celebrados recentemente pela família e amigos da entrevistada.

E= Bem, seu nome completo é...

A.H.= *Adriana Hiromi Hata*.

E= Você nasceu em Terra Roxa?

A.H.= Em Palotina.

E= Você fez aniversário nestes dias?

A.H.= Em 18/02/1991.

E= Adriana, você é de qual geração?

A.H.= Sou da terceira, sou *sansei*.

E= Você está em que ano [de estudo]?

A.H.= No segundo ano do ensino médio

E= E a religião?

A.H. Meu pai é católico, minha mãe é da Assembléia e eu sou da Adventista.

E= Você entende bem o português, entende o [idioma] japonês também?

A.H.= Ah, bastante coisa.

E= E você escreve?

A.H.= É

E= Então você lê e escreve o *hiragana*, *katakana* e o *kanji*?

A.H.= O *hiragana* e o *katakana*, mas o *kanji* só alguns que eu ainda estou aprendendo.

E= Como, assim, quando você utiliza a língua japonesa?

A.H.= Aqui em casa é quase tudo português, mas quando eu vou na casa da minha avó, lá só fala em japonês.

E= A sua avó mora aonde?

A.H.= Em Guaíra.

E= *Hiromi*, olha, fala pra mim, o seu nome do meio, você sabe o que ele significa, você se lembra o porquê da escolha, o que papai e mamãe contou pra você, fala pra mim...

A.H.= Olha, o significado eu não sei, a escolha... também não lembro...

E= E *Adriana*?

A.H.= Foi porque minha mãe assistia uma novela e tinha uma mulher, bem, minha mãe gostou...

E= Então quer dizer que o nome em português é por causa da escolha da televisão, agora você não imagina se a palavra *Hiromi* significa flor, casa, árvore, qualidade...

A.H.= Não, só sei o das minhas irmãs.

E= Adriana, qual a vantagem de saber falar em japonês num país onde a grande maioria só fala em português? Fala pra mim...

A.H.= Ah, falar a língua japonesa é só um conhecimento a mais, quando eu precisar eu vou ter.

(...)

E= Referente ao teu sobrenome? Tem algum significado?

A.H.= Eu não sei.

E= Como você prefere ser chamada?

A.H. = Prefiro ser chamada por *Hiromi*. Aqui e na escola meu nome é *Hiromi*.

3 Entrevistada: Me.Y.

Contexto:

A aproximação aconteceu naturalmente, quando a entrevistada foi fazer a entrega de produtos de beleza na casa da entrevistadora. Após o diálogo sobre o objeto da pesquisa, ela aceitou que lhe fossem feitas perguntas, que foram assim respondidas:

E= Você pode me dizer seu nome completo?

Me.Y.= É *Meire Mitiko Hata Yassue*.

E= Quando você nasceu?

Me.Y.= Em 18 de janeiro de 1966.

E= Em Terra Roxa?

Me.Y.= Sim.

E= Qual o nome de seus pais?

Me.Y.= É *Takeshi Hata* e *Lídia Maeda Hata*.

E= Meire, você é de qual geração?

Me.Y.= Meu pai tem dupla nacionalidade, mas nasceu em Lucélia, São Paulo; minha mãe nasceu em Uberaba, então eu sou *sansei*.

E= Você sabe dizer o porquê da escolha do seu nome?

Me.Y.= Bem, meu nome é porque a filha de uma amiga da minha mãe. Minha mãe achou o nome bonito e gostava dela, que era querida, educada, com 12 anos.

E= E *Mitiko*?

Me.Y.= É o nome de uma princesa do Japão. Foi escolhido pelo avô, e o pai e a mãe.

E= Você sabe o significado de *Hata*?

Me.Y.= É *da roça, da mata, da floresta*.

E= E o seu sobrenome de casada: *Yassue*, você sabe?

Me.Y.= Não sei...

E= Você fala pra mim o nome dos seus filhos?

Me.Y.= O primeiro se chama *Anderson Takeshi* [soletrado] *Yassue*.

E= Onde e quando ele nasceu?

Me.Y.= Em Guaíra, em 31 de agosto de 1996.

E= Você saberia dizer o que levou você e seu marido a escolherem este nome para o primeiro filho?

Me.Y.= Bem, *Anderson*, porque [eu] gostava do nome, conheci muita gente, é simpático, com respeito. Já *Takeshi*, era para ser *Nagao*, mas a gente achou que era um nome antigo, quase já não existe no Japão, aí era para ser *Sueyoshi*, o nome do pai, mas ele [o pai do recém-nascido] foi e registrou escondido o nome do avô materno: *Takeshi*.

E= E o nome de sua filha?

Me.Y.= É *Adriana Suemi Yassue*, nasceu em Terra Roxa, em 26 de maio de 1999. *Suemi*, *Sue*, é caçula, igual ao do pai, que também é o caçula; *mi* significa *beleza* e é o início do nome da mãe.

## 4 Entrevistada: Ta.H

Contexto:

A entrevista foi marcada após a família com quem mora ter sido entrevistada. A nora esteve presente durante a entrevista, auxiliando a sogra na tradução e compreensão de algumas palavras e expressões da língua portuguesa.

E= Fala pra mim o seu nome completo?

Ta.H.= É *Tatsuko Yassue Hata*.

E= A senhora nasceu quando?

Ta.H.= Em 20 de janeiro de 1929.

E= Aonde?

Ta.H.= Em Aichi-ken, Japão.

E= E como veio para o Brasil?

Ta.H.= Veio [palavra literal] com quatro anos. Minha família veio em 1933, no navio *Hawai-Maru*. Parou em Mogiana, São Paulo.

E= Qual o nome de seu marido?

Ta.H.= É *Tetsuo Hata*.

E= Ele é falecido, né? Mas quando ele nasceu?

Ta.H.= Ele faleceu em 14 de dezembro de 1993.

E= Conta pra mim como vocês se conheceram?

Ta.H.= Ele morava lá em Lucélia e lá a gente se conheceu... casou... trabalhava como meeiro de café.

E= Em que ano vocês se casaram?

Ta.H.= Foi em 1950.

E= E quando vocês vieram para Terra Roxa?

Ta.H.= ViemoØ para Terra Roxa? Foi ano de Ø59, veio aqui, né? Mas não na cidade, meu marido comprou sítio, Santa Rita.

E= E quando vocês vieram para Terra Roxa, já tinham filhos?

Ta.H.= Já, tinha os quatro filhos.

E= Quando veio já comprou sítio, e como foi para conseguir dinheiro?

Ta.H.= Nós trabalhamoØ como meeiro [em Lucélia], ele ajuntava dinheiro direto, direto, aí começou a compraØ

E= E aqui em Santa Rita, comprou terra e foi trabalhar em quê?

Ta.H.= Comprou mato, né? Teve que derrubar árvoreØ e plantou café. Dava trabalho... plantei café e café tudo [todo] ano morria, todo ano, geadas, geadas... Quando tem mato bastante já [tem geadas] mais, sempre dois grauØ, zero grau. Geou muito, nunca deixou criar café, era muito trabalho.

(...)

E= Bem, a senhora tem quatro filhos, diz pra mim, o que levou a senhora e seu marido, por exemplo, escolher o nome de *Luís* para o *Luís*?

Ta.H.= [Silêncio]

E= Deixa eu ver... olha o nome dos seus filhos, estão aqui, por exemplo, *Irina*, é o nome em português, tem algum motivo para ter escolhido para ela esse nome?

Ta.H.= Eu não sei, foi meu marido que escolheu, né? Ele não falou nada pra mim. Nunca encontrou uma *Irina*, até hoje.

E= E a *Irina* nasceu quando, a senhora lembra?

Ta.H.= Ela nasceu acho que em 1951, agora não sei bem, heim?

E= A senhora casou em 1950...



Ta.H.= Mas é sim, *Luis* é Ø58, *Hideki* é Ø53, *Irina* é Ø51...

E= Olha, é *Irina Takiko*, e vocês a chamam por *Irina* ou por *Takiko*?

Ta.H.= Por *Takiko*.

E= Então a preferência é pelo nome em japonês. E todo nome em japonês é feito por dois *kanjis*?

Ta.H.= Não todo, todo, *Irina* é dois. *Mitsuro*, um(a) *kanji* só, do *Luis*, *Hitoshi* também um *kanji*. Aqui é tudo *kanji*.

E= Diz que o nome em japonês, dependendo do *kanji*, tem um significado, igual *Tadashi*, se feito com um *kanji* significa uma coisa, se for com dois significa outra coisa, é verdade?

Ta.H.= Ele também é um só *kanji*, mas o mesmo *Tadashi*, outro *kanji*, tem bastante *kanji*, o jeito de ler, mesmo nome é outro *kanji*.

E= Quando escolhe o nome da criança, como escolhe o nome em japonês?

Ta.H.= Igual *Takiko* significa muito contente (acho que fala contente, né) porque veio uma menina. Meu marido gostou, estava esperando [que fosse] uma menina.

E= Depois de dois meninos, né? A *Irina* não mora mais aqui?

Ta.H.= Ela está no Japão.

E= Então a *Irina* ficou *Irina Takiko Hata*. Lembra quando ela foi?

Ta.H.= Ela foi em 2003, voltou no ano passado, foi de novo.

E= Ela é solteira?

Ta.H.= Não, ela é casada, tem três filhos.

E= Fala pra mim o nome dos filhos?

Ta.H.= Ih, agora eu não sei em português.

Y.H.= É *Jader Hiroshi Matsui*, *Juliana Matiko Matsui*, *Solange Hidemi Matsui*.

E= Cada nome bonito, né? É bom saber que *Takiko* tem o significado de *muito contente*. Parece que os nomes em japonês têm sempre um significado. Bem, o *Luís* é o caçula, *Mitsuro*, por que foi escolhido?

Ta.H.= Tem sempre um significado, mas é difícil de falar. Tem só um *kanji*. Foi meu marido que Ø escolheu, ele pesquisou bastante nome Ø, daí ele falou que esse era o melhor e eu também gostei.

E= E *Hitoshi*?

Ta.H.= O nome dele é bem bonito. [fala em japonês com a nora]. É difícil de explicar, mas é: anda por caminho bem direito, não vai assim errado, caminha direito, acho que fala assim.

E= Eu escrevi “anda por caminho direito sem errar na vida”, mas eu posso tirar.

Ta.H.= Não, não é sem errar não, senão fica outro jeito [diálogo em japonês].

Y.H.= Ela está dizendo que é um nome bem bonito.

E= E é mesmo, até para a gente ouvir. Bem, todos os seus filhos têm o nome em português e em japonês, já estão no registro de nascimento?

Ta.H.= Sim.

E= E o seu marido, ele tinha o nome em português no registro de nascimento?

Ta.H.= Não, ele não batizou, né? Tem nome, *João*, mas não no registro. Eu batizei, coloquei Maria Ines, ele não.

E= Mas e na carteira de identidade, a senhora sabe se tinha o nome em português?

Ta.H.= Não, não tinha.

E= Então ele não tinha, igual, *Alcides* tem, *Irina* também.

E= E o nome dele, *Tetsuo*, tem um significado?

Ta.H.= Esse é difícil mais ainda pra mim, mas tem um significado.

E= Então vamos pensar no sobrenome, e *Hata*?

Ta.H.= É *na roça*, em português, fala *na roça*.

E= Falaram para mim que era bandeira?

Y.H.= Tem gente que fala.

Ta.H = Mas aí é outro *kanji*. Esse *Hata* |TA| (sílabo tônica) é outro *kanji*, significa *bandeira*. Mas o nosso é *Hata* |Ha| (sílabo tônica), é *na roça*. É outro *kanji* bem difícil.

E= Então quer dizer que o *kanji* de sua família é *Hata* /Há/ (sílabo tônica), e significa *na roça*

Ta.H.= É *Hatake*, /ra/ta/KE/ é *na roça*. Tem bastante gente que fala *Hatake*, mas é só *Hata* |RA|ta|. Tem gente que fala *Hatake-san* [ela sorri].

E= Dona Ta.H., a senhora tem um nome em português?

Ta.H.= Madrinha falou: “vou escolher um nome bem bonito pra você: *Maria Ignes*, escreve assim I-g-n-e-s, mas se lê *Inês*.

E= Como é a questão da língua? Continua falando a língua japonesa?

Ta.H.= Eu falo mal o português, as crianças dão risada.

E= As orações?

Ta.H.= Em japonês.

E= Ontem a senhora estava assistindo a um filme, era em que língua?

Ta.H.= Era um vídeo, né? tudo em japonês.

## 5 Entrevistado: J.M.

### Contexto

A entrevista aconteceu no dia seguinte à entrevista de seus avós.

E= Seu nome completo é...

J.M.= *Jader Hiroshi Matsui*.

E= Em que ano você nasceu?

J.M.= Em 1987.

E= Como as pessoas te chamam, por *Jader* ou por *Hiroshi*?

J.M.= Na escola [faculdade] me chamam de *Jader*, mas meus amigos me chamam de *Hiroshi*.

E= E você prefere...

J.M.= *Hiroshi*.

E= E a língua japonesa, com quem você fala?

J.M.= Com os avós é em japonês, com meus pais é uma mistura, porque meu pai fala em português.

E= Você sempre morou no Brasil?

J.M.= Não. Saí daqui na quarta série e continuei no Japão até o Colegial.

E= E como foi para os seus estudos?

J.M.= Legal porque passava o tempo, lá eu fiquei numa Colônia de brasileiros, no prédio tinha muito brasileiro e a gente ia junto para o estudo.

E= De ônibus?

J.M.= Não, a pé para aprender, a gente ia junto.

E= Era fácil, ou difícil?

J.M.= Igual. Eu passei sempre.

## 6 Entrevistada: F..K.:

### Contexto

A entrevistada tem 94 anos e se expressa quase exclusivamente em língua japonesa, por isso esta entrevista foi realizada na casa da filha e acompanhada também pelo genro. Houve a necessidade desta entrevista, pois a primeira entrevistada, Se.M., preferiu que as perguntas referentes ao seu nome fossem feitas à mãe. A entrevista foi intermediada por To.M. e ainda mais por Se.M. A entrevistada mesclava a língua japonesa com a língua portuguesa, fazendo o code-switching.

E= Bem, eu sou, E, qual o seu nome?

F.K.= É *Fujio Kawase*.

E= Assim?

F.K.= É Fu-ji-o, que vem do Monte Fuji.

E= E qual o sobrenome de solteira?

F.K.= É Yamamoto.

E= A senhora disse que *Fujio*, tem origem no nome do monte Fuji, e o sobrenome, tem alguma origem, ou significado?

F.K.= *Yama* quer dizer monte, *moto* quer dizer base.

E= É certo dizer que seria *base da montanha ou de um monte*?

Se.M.= É base da montanha e *Fujio* é do monte Fuji.

E= Então, Se.M., aqui fica realmente a tradução?

F.K.= É.

E= E *Kawase*?

F.K.= É de tradução complicado [fala literal], significa *curvas do rio, parte mais rasa*.

E= E os sobrenomes, em qual “alfabeto” é escrito?

F.K.= Pode ser escrito de qualquer forma, começa com *katakana*, com 6 anos na escola, vai para o *hiragana* e já vai misturando o *kanji*.

E= Onde a senhora nasceu? Quando?

F.K.= Eu nasci em Yakayama-ken, em 29 de fevereiro de 1912. De quatro em quatro...

E= É em ano bissexto...!

Se.M.= A mãe só faz aniversário de quatro em quatro anos.

E= E o nome de seu marido?

F.K.= Era *Hisashi Kawase* (falecido).

E= Quando ele veio para o Brasil?

F.K.= O nome do pai do meu marido era *Toro* no Japão e ele era general. É de família de *samurai*. Ele construiu um templo em cima do monte e construiu uma escola, quatro famílias tomavam conta e cada uma de uma parte. Nessa época [em torno de 1932], a família dele tomava conta de uma parte. Naquela época o Japão não permitia a entrada de *gaijin*.

Se.M.= De estrangeiros.

E= E seu marido veio para Brasil...

F.K.= Ele queria se aventurar, em primeiro, veio sozinho, solteiro. Ele entrou numa escola (*Hikokai*) [antes de vir] e aprendeu Inglês na intenção de vir para a América. Daí ele veio e falou com o embaixador japonês na Argentina e ele disse que tinha terra boa no Brasil. Ele comprou dez alqueires de mato na Aliança, mas precisava tirar água do poço, sabe, filho de general no Japão, não sabia, teve que aprender todo serviço. Ele pegou malária e por um amigo [influente] foi se tratar no Rio de Janeiro. Aí saiu um anúncio de trabalho no jornal e um amigo mostrou, daí ele foi trabalhar na casa de um General do Brasil, que tinha sofrido derrame.

E= Ele trabalhou como enfermeiro?

F.K.= Ele dava banho. Naquela casa tinha ele [trabalhando] e a cozinheira, lavadeira, passadeira, faxineira, motorista e uma costureira só para a família... ele achava que no Brasil fosse tudo rico, porque o pai dele no Japão também era general, mas era pobre. Daí ele teve

decepção [ênfase], o clima no Rio de Janeiro era quente, dormia em colchão de palha de milho... Mas não dava para ficar sozinho, ele queria casar.

E= Então vocês se casaram?

F.K.= Não, através de um amigo que tinha estudado na mesma escola que ele, esse amigo arrumou duas esposas, uma pra ele e outra para o amigo aqui do Brasil, mas no navio, a [noiva] que era para ela se casar com ele preferiu o filho de um do navio, porque assim ela não teria que trabalhar na roça. Aí ele voltou para o Japão.

E= Voltou?

F.K.= Ele gastou tudo que tinha ganhado para voltar, ia trazer amigos para morar aqui e casar.

E= Ele casou com a senhora lá no Japão?

F.K.= Ele procurou uma esposa durante três meses, mas não queria vir para o Brasil. Ia na vila, não deu jeito. Aí, meu tio que era amigo dele arranjaram o casamento. Ele ia lá em casa, “brincar de jogo” e meu pai falou que eu gostava [dele]. Aí meu pai ficou com dó dele voltar de novo sozinho para o Brasil então meu pai mandou eu casar e vir. E quando o pai mandava tinha que obedecer. Ficamos três meses no Japão, depois viemos. O primeiro presente de casamento que recebi foi uma calça comprida [nesse ponto ela faz uma expressão de indignação].

Se.K.= Minha mãe foi uma das primeiras mulheres a usar calça comprida.

F.K.= Meu pai era professor, era diretor de escola no Japão [aqui com expressão de orgulho]. Ele era o único filho da família dele. Meus irmãos são todos ricos no Japão, só eu fiquei pobre [em tom de lamentação].

E= E como foi a vida aqui no Brasil?

F.K.= Primeiro comprou terras na Aliança em São Paulo, mas a vida era muito difícil, teve que aprender tudo. Tinha que tirar água do poço e tinha que mexer com café. Depois o pai dele morreu e ele era filho único, não precisava ter vindo para o Brasil, ele recebeu herança e aí comprou terra em Curitiba. Construiu a casa [pelo quadro, é uma casa de dois andares] e foi lidar com criação e com horta.

E= Dona F.K., e quantos filhos vocês tiveram?

F.K.= Foram sete, mas o primeiro morreu com vinte anos.

E= A senhora sabe explicar o nome da Se.M.?

F.K.= *Setuko* vem da família do Imperador, era a nora do Imperador. Lê [-se] [TSU], é quando vai cumprimentar, parabenizar. É filha forte, com energia. Foi a primeira filha.

## 7 Entrevistados: M.N., R.N.

### Contexto

M.N. ficou viúvo a pouco tempo e a filha R.N. mora em sua casa. Os dois filhos dela estão morando no Japão. A entrevista foi marcada através de R.N., que, na adolescência, estudou junto com a entrevistadora.

E= Qual é o nome completo do senhor?

M.N.= É *Minokichi Nakamura*.

E= Onde o senhor nasceu?

M.N.= Nasci em Aomori, Japão.

E= Quando?

M.N.= Em 19 de julho de 1929.

E= Então o senhor está com 77 anos. O senhor se aposentou, né?

M.N.= É agora a gente atende só algumas pessoas aqui em casa mesmo [Ele foi um dos primeiros dentistas do município de Terra Roxa].

E= Senhor M.M., o senhor nasceu no Japão e quando veio para o Brasil?

M.N.= Viemos em 1933, eu tinha quatro anos incompletos.

E= E do Japão, para onde vocês vieram no Brasil?

M.N.= Chegou na região de Araraquara. Foi na fazenda de café.

E= E quem veio da sua família além do senhor?

M.N.= Veio com dois irmãos e duas irmãs, o pai faleceu na viagem por um mal repentino. Meu irmão mais velho tinha quatorze anos. Veio também os avós da parte do meu pai e um tio solteira que tinha mais ou menos dezoito anos.

E= Vocês trabalharam na fazenda de café?

M.N.= É durante quatro anos. Depois mudamos para a cidade, colocou tinturaria, lavanderia.

E= O senhor sabe me dizer sobre o seu sobrenome, se tem significado em português?

M.N.= *Naka* quer dizer *meio, entre*; e *mura* quer dizer *vila*, então significa *vila do meio*.

E= E sobre o nome *Minokichi*?

M.N.= *kichi é pela escrita*.

E= Fala pra mim o nome de sua esposa [falecida]?

M.N.= Era *Alzira Midori Nakamura*. Olha, interessante pra você ver quanto *Nakamura* que tem, interessante que não era parente, não era nada de parente antes de casar [e ele foi buscar a certidão de casamento].

E= Que interessante, o sobrenome de solteira é *Nakamura* e depois de casada também, como o senhor disse, consta aqui; "... encontra-se o assento do matrimônio de *Minokichi Nakamura* com dona *Alzira Nakamura*... passando a contraente a chamar-se *Alzira Nakamura*".

R.N.= Daí pra ver quanto *Nakamura* que tem no Japão. Meus filhos que estão lá, dizem que lá, a primeira coisa que fala é o sobrenome de família.

E= Olha, aqui na certidão consta que seu pai e sua mãe se casaram em 1961 e aqui também não está escrito o nome dela em japonês, somente o nome em português...

M.N.= Mas no registro ela tinha o nome *Midori*, agora não sei porque que não colocaram...

E= Em que ano ela nasceu?

M.N.= Em Bandeirantes, São Paulo, em três de outubro de 1934.

E= Será que ela só quis o nome em português?

M.N.= Acho que não, é porque naquela época estava proibido os nomes estrangeiros. *Alzira* era só o nome de batismo.

E= Tinha no registro de nascimento?

M.N.= Não, porque ela foi registrada em 1934...

E= O senhor é *issei* e sua esposa...

M.N.= Ela era *nissei* porque nasceu no Brasil, os pais dela vieram do Japão.

E= Bem, eu estudei com duas filhas do senhor, meu irmão estudou com um filho, o senhor fala pra mim o nome completo dos seus filhos?

M.N.= A primeira é a *Roseli*, de 1962.

E= É *Roseli Nakamura*, não tem o nome do meio em japonês?

M.N.= Era pra ter *Mitiko*, nome da imperatriz, mas não registrou no registro.

R.N.= Mas se meu nome é *Roseli* eu não aceito que chamem por outro.

E= E os outros filhos, fala o nome deles?

M.N.= É *Estéfano Hiroshi Nakamura*.

E= Está registrado assim?

M.N.= Sim.

E= Quando ele nasceu?

M.N.= Foi em vinte e quatro de agosto de 1965.

E= O senhor sabe dizer o que levou à escolha?

M.N.= *Estéfano* é porque morava perto de nós um vizinho muito simpático e *Hiroshi* era o nome de um soldado que estudou na história, porque para eu estudar fui morar em um internato japonês para concluir meus estudos.

E= E o nome dos outros filhos?

M.N.= Valquíria Nakamura, de 1964.

E= Também só o nome em português...

M.N.= É que tinha o nome em japonês, mas não registrou no registro, nem ela nem a Andréia.

E= Como é o nome da *Andréia*?

M.N.= É *Andréia Aparecida Nakamura*, ela é de 1972. É que minha mulher era muito religiosa e colocou no meio o nome da santa.

E= E outros filhos?

M.N.= *Flávio Akira Nakamura*, ele nasceu em 1968. O nome *Flávio* eu não lembro, mas Akira foi o avô que escolheu, é um nome bem comum no Japão.

E= O senhor sabe se tem tradução?

M.N.= Significa *claro, sábio* para ter sabedoria na vida.

E= Olha, a gente conhece o senhor pelo seu sobrenome, o senhor tem um nome em português?

M.N.= [Risos dele e da filha]. Tem um apelido: *Mário*.

R.N.= Uma vez a minha filha, a *Daniela*, estava aqui em frente de casa e passou um primo nosso de São Paulo e perguntou se ela sabia onde morava o Dr. *Mário*, ela respondeu que ele devia estar enganado, porque por ali não tinha nenhum Dr. *Mário*. Ela saiu e quando voltou, aquele primo estava dentro de casa. Aí ele falou: “você disse que não conhecia nenhum Dr. *Mário*, como, se ele é seu avô”? Ela respondeu que nunca tinha ouvido que o avô dela se chamava *Mário*.

[Risos]

M.N.= Só os conhecidos muito antigos sabem do apelido, os outros não sabem, não dou importância.

## APÊNDICE B Entrevistas com as famílias

### 1 Entrevistados: E.Y., M.Y., Er.Y.Ig.Y., W.Y., C.Y.

#### Contexto:

Esta é a primeira entrevista em família. É o núcleo familiar de E.Y., mãe da jovem Er.Y., de quem a entrevistadora foi professora e com quem manteve laços de amizade. Estão presentes o pai, a mãe, e os filhos. O pedido de gravação deixa as pessoas tímidas, mas pouco a pouco, a conversa flui normalmente.

E = Emília, você pode me dizer seu nome completo?

E.Y. = *Emília Fumiko Nakashima Yassue*.

E = Onde você nasceu? Em que ano?

E. Y. = Morava em Iporã. Em 1963.

E = E seus pais, moram em Iporã?

E.Y. = Meu pai era *issei*, faleceu em 1982, com 93 anos de idade. Minha mãe também *issei*, faleceu com 75 anos.

E = Quantos irmãos você tem?

E.Y. = Nós éramos em 11 irmãos.

E = Bem, agora, o senhor, diz pra mim seu nome completo?

M.Y. = *Mário Toshio Yassue*.

E = Em que ano o senhor nasceu? Em que cidade?

M.Y. = Em 1958.

E = Pode me dizer o nome de seus pais e onde eles nasceram?

M.Y. = *Nagao Yassue*, nasceu na região chamada de Guifu-ken, no Japão, e minha mãe é *Satsuki Akiyama Yassue*, nasceu no Brasil, no estado de São Paulo.

E = O senhor é *nissei*?

M.Y. = Sou *meio nissei*, porque da parte da mãe sou *sansei*. As gerações são *issei*, *nissei*, *sansei*, *yonsei* e depois eu não sei [ele riu e depois dele, nós todos]

E = Você pode dizer quando seus pais vieram para Terra Roxa?

M.Y. = Foi em 1963, vieram trabalhar na agricultura, compraram terra em Alto Alegre [distrito de Alto Alegre].

E = O seu sobrenome é *Yassue*, você sabe dizer se tem um significado? É uma palavra em japonês, tem uma tradução? [percebendo a dúvida, a entrevistadora acrescentou: olha, eu estou te fazendo uma pergunta que se perguntassem pra mim eu também não saberia responder].

M.Y. = Ah, isso tem que perguntar pro meu pai, porque se tiver eu não sei.

E.M. = Sabe que eu nunca pensei nisso, vou perguntar para o meu sogro.

E = E.Y., então me fala, e o seu nome, você lembra se tem significado?

E.M. = Bom, *Emilia* eu não sei, agora *Fumiko* foi por causa de um programa japonês, é o nome de uma cantora, artista do Japão, foi a irmã do meu pai que escolheu. [Silêncio] Agora Nakashima não dá pra perguntar [choro].

E = Érika, fala pra mim seu nome completo?

Er.Y. = *Érika Mayumi Yassue*.

E = Escrito com *k*.

E = Você nasceu em...

Er.Y. = Em 1988

E= Como você prefere ser chamada?

Er.Y.= Por *Érika*. Aqui em casa e na escola todos me chamam por *Érika*, mas meus avós me chamam de *Eriko*, eles dizem que é um nome bonito e eu gosto do meu nome.

E= Você fala em japonês?

Er.Y. = Bem, com a *batchã* e com o *ditchã* [avó e avô] a gente só fala em japonês. Mas entende quando está misturado [com o português]. [Depois pesquisado: *oba-san* e *odi-san*, segundo a outra informante]

E= E você, qual seu nome completo? Em que ano você nasceu?

Ig.Y.= *Igor Yoshio Yassue*. Nasci em 1990.

E= Você fala em japonês?

Ig.Y. = Só entendo pouco.

E = Como você prefere ser chamado?

Ig.Y. = Tanto faz, alguns me chamam de *Igor* e outros me chamam de *Yassue*. Até na camiseta de jogo é *Yassue*.

E= E.Y., tem como você responder sobre o que levou vocês a escolherem estes nomes para os filhos?

E.Y. = Bem, a *Érika* foi a primeira e quem escolheu foi o pai, ele queria dizer, assim, filha abençoada, com bastante inteligência, mas pra todos os filhos, a gente queria um nome que soasse bonito, que combinasse.

E = Com o quê?

E.Y. = Com o sobrenome e também o nome em português com o nome japonês e que não ficasse, assim, um som feio, que representasse feio em português.

## 2 Entrevistados: R.I., C.I.,A. I.

Contexto:

O casal jovem com seu filhinho foi à casa da entrevistadora. R.I. é afilhado de batismo da tia da entrevistadora.

E= Seu nome completo é...

R.I. = *Roberto Akira Yamazato*.

E= Você nasceu em...

R.I. = Em 1973, em Terra Roxa.

E= Você sabe dizer o significado do seu sobrenome?

R.I. = Você sabe que no Japão, quando só tem uma filha, pra não morrer a raiz da família pode ficar o sobrenome da mãe. *Yamazato* não é da parte do pai, é da minha mãe.

E = A tia me disse que você morou lá no Japão...

R.I.= Fui no Japão com 17 anos, 12 anos fiquei lá, só voltei duas vezes. Fiquei um ano e meio no Japão na Escola pra aprender a ler e escrever [em japonês]. Fui tradutor, a gente aprendeu lá.

E= Que bacana, ser tradutor!

R.I.= É, mas as confusões que os brasileiros fazia~~o~~ eu tinha que interpreta~~o~~.

E= Quando você veio para o Brasil?

R.I. = Foi em 2002, ia voltar, mas a gente se casou.

E = E o seu nome?

C.I.= É *Cristina Yukari Marumo Yamazato*

E= Você nasceu em que ano?



C.I. Em 1976, em Guaíra [Paraná].

E= Como vocês se conheceram?

C.I.= Tinha uma tia que morava do outro lado, em Guaíra. A gente casou eu tinha 26 anos.

E= Como é o nome completo dele?

C.I.= É *Alex Ichiro Marumo Yamazato*.

E= O que levou vocês a escolherem exatamente estes nomes?

R.I.= Alex é nome bonito, pouca letra, nome fácil. *Ichiro*, porque é o primeiro filho; geralmente o nome em japonês acaba com “o”. *Yamazato*: vem do estado de Fokoka, região sul do Japão. Meu avô tinha dois filhos, herdou o nome da esposa. O nome em japonês geralmente é relacionado com montanha, dinheiro, alegria.

E= Você sabe dizer sobre os nomes?

R.I.= *Roberto* entra no *katakana*, porque veio do estrangeiro. [E escreveu o nome em três alfabetos] Em japonês não tem o som |er|. Em japonês é: |A|, |I|, |U|, |E|, |O|. O *hiragana* é do Japan e o *kanji* [também]. Akira, tem um cantor no Japão com esse nome.

E= E o nome da Cristina?

R.I.= *Akarui* deve ser claridade, porque *yuk* é neve.

E= Você gostaria que o Alex aprendesse a língua japonesa?

R.I.= Sim, mas é difícil porque não tem [escola].

E= Qual a língua que vocês mais falam?

R.I.= Em casa e em tudo é português.

### 3 Entrevistados: L. H., J. H., Si. H., A.H.

Contexto:

A jovem de 18 anos já havia sido entrevistada individualmente. Nesta, apresenta-se o retorno a casa para entrevistar a mãe e os filhos. O pai não está presente.

E= A senhora sabe que a sua filha foi o motivo que trouxe a curiosidade desta pesquisa? É que quando eu fui professora dessa menina querida aqui, lá na escola eu a chamava por Adriana, e ela não dava atenção, aí eu percebi que os coleguinhas a chamavam por *Hiromi*, mas eu não sabia, queria chamar pelo primeiro nome do livro de chamada, então comecei a prestar atenção e daí eu descobri *Hiromi* é também o nome, não é sobrenome. Então a senhora pode me responder algumas perguntas sobre o nome dela?

L.H.= Se a gente souber...

E= A Adriana se chama Adriana *Hiromi Hata*, está assim no registro de nascimento?

L.H.= Está. O nome dela e das filhas e do Luís estão. O meu é que não está.

E= Como é o nome completo da senhora?

L.H.= Engraçado, eu sou *nissei*, mas não tenho o nome em português. No registro é *Chihoko* (soletrado) *Endo Hata*.

E= Continua *Endo*?

L.H.= Continua.

E= Mas e *Lídia*, por que nós a chamamos de *Lídia*?

L.H.= *Lídia* é o nome da madrinha, não tem no registro. *Chihoko* é o nome de uma ex-namorada que meu pai gostava muito, mas ela não quis vim[r] para o Brasil e meu pai Øtava procurando uma moça que viesse para o Brasil e onde que ele encontrou minha mãe, então eu acho que não casou por amor, sabe, porque naquela época era obrigado vir para o Brasil por causa da guerra e o Japão Øtava pobre, né? Diz que meu pai na primeira filha que ele tinha

ele queria colocar esse nome, mas meu tio falou: “não, não vai colocar esse nome”, aí nasceu a segunda, também não colocou porque ficava esquisito, mas aí nasceu a terceira, eu, aí colocou.

E= A senhora sabe se tem significado o seu nome de solteira, *Endo*?

L.H.= *Endo* significa destino, acho que é. Olha que vou pegar o telefone e perguntar para a minha mãe.... [risos]. Olha, eu não sei muito gramática, eu sei falar mais em *yamagata*.

E= E você conversa em português ou em japonês?

L.H.= Só com minha mãe e meu pai, em japonês.

E= Eles moram em Guaíra?

L.H.= É, eles são japonês mesmo.

E= E referente ao seu sobrenome de casada “*Hata*”, você sabe o significado?

L.H. Não sei bem, mas acho que significa bandeira, é bandeira, né? [com sílaba tônica em |HÁ| que tem o som de |RÁ|].

E= E a senhora sabe explicar por que a senhora e seu marido escolheram o nome da *Hiromi*?

L.H.= Não sei bem como explicar... bem, eu coloquei dois nomes: *Adriana*, nome brasileiro, *Hiromi*, nome japonês, geralmente coloca dois nomes.

E= E tem significado?

L.H.= Eu não sei explicar... mas *Hiromi* é espaço aberto, iluminado; *Hikari* é brilho, claridade, que deu luz.

A.H.= *Sayuri* é flor...

L.H.= As pessoas mais antigas explicam assim: esse nome é bom, bom significado, esse nome é bom, né?, já esse nome é pesado... Eu não pus por causa da letra, sabe? Eu pus porque combinoØ.

E= E você? [para a outra entrevistada], vamos entrevistar você hoje também? O seu nome?

S.H.= É Silvia *Hikari Hata*.

L.H.= Só não entrou *Endo*.

E= Me ajuda aqui ...!

L.H.= Soletrando...

E= Parece com o dela, né?

L.H.= É, geralmente o nome japonês é com final /RI/, /MI/...

E= Quase que não tem |O| [som aberto], né?

A.H.= Tem /KO/ [som fechado].

E= Mas o som aberto...

A.H.= É as palavras igual Hi/DE/ki, Hi/DE/mi, o som é fechado, não tem Hi/DÉ/ki, Hi/DÉ/mi...O som é fechado igual Hi/RO/uki, Hi/RO/chi...

E= Quando você nasceu? Aonde?

S.H.= Em 31 de maio de 1995. Em Terra Roxa.

E= Você sabe por que a mamãe escolheu o nome Silvia pra você?

S.H.= [Silêncio...]

E=EHikari?

S.H.= *Hikari* foi minhas tias do Japão.

E= Você prefere ser chamada por Sílvia ou por *Hikari*?

S.H.= Tanto faz...

E= É? E na escola, como você é chamada?

S.H.= Mais de *Sílvia*.

E= E em casa?

S.H.= Mais de *Hikari*.

E= E a avó, os tios... como é que chamam?

S.H.= Me chamam de *Hikari*.

E= O que que você sente quando uma pessoa que você não conhece [muito bem] te chama pelo seu sobrenome, *Hata*?

S.H.= Como assim?

E= Se não chamar você por *Sílvia* ou por *Hikari*, dá a impressão que é com você?

S.H.= Se não tiver mais ninguém da minha família...!

E= Obrigação! Depois vou lembrar mais perguntas pra *Sílvia*.

E= *Jéssica*, fala pra mim o seu nome completo, por favor?

J.H.= *Jéssica Sayuri*.

E= Soletra pra mim?

J.H. S-a-y-u-r-i, *Hata*!

E= Na escola, como é que te chamam mais, de *Jéssica* ou de *Sayuri*?

J.H.= De *Jéssica*!

E= E você prefere que te chamem como?

J.H.= Não tenho preferência.

E= É como você falou, a Adriana que fez a escolha pelo nome.

E= E em casa?

L.H.= Em casa é pelo nome em japonês: *Hiromi*, *Sayuri* e *Hikari*, dificilmente é pelo nome em “brasileiro”.

E= Agora de novo pra mãe, por que você escolheu *Jéssica*, você tem lembrança?

L.H.= *Jéssica* eu tirei de um filme que eu gostei muito.

E= Igual a *Adriana*, então.

L.H.= *Sílvia* eu vi de uma jornalista, bonita e inteligente. *Adriana* foi de uma artista de novela que eu achei muito bonita, né?, aí eu coloquei. Da *Jéssica* eu vi um filme muito bonito que daí a gente tirou.

E= É claro...

L.H.= Agora *Hiromi* foi eu e o Luís que  $\emptyset$  escolheu, até as tias lá do Paraguai falaram: “coloca *Hiromi*”; agora *Sayuri* foi, o Luís ia viajar, quando voltou falou: “coloca *Sayuri*”, saiu os dois juntos [referindo-se que mãe e pai falaram ao mesmo tempo o nome que seria dado à filha]. Da *Hikari* foi as tias dela que  $\emptyset$  colocou, as tias do Japão, foi as tias que  $\emptyset$  deu.

E= Você disse que “*Sayuri*” você e seu marido falaram ao mesmo tempo, mas você lembra se esse nome tem alguma referência, um significado em português?

A.H.= É porque lá no Japão tem uma flor que se chama *sayuri*.

L.H.= Não sei como é que foi... Eu acho assim que *Sayuri* é um nome mais suave; *yuri* é um lírio, *sayuri* é o nome de um lírio.

E= E *Hikari*, as tias não falaram?

L.H.= *Hikari* é luz, claridade, brilho, né?

E= Como é a gente que é mãe, quanta coisa pra escolher o nome do filho, né?

L.H.= É como minha mãe fala: “*Hatsu*: é tudo pessoa sofrida”. E é verdade todo mundo que tem esse nome *Hatsu* é pessoa sofrida.

E= Então fala pra mim, soletra...

A.H.= H-a-t-s-u.

L.H.= E é verdade, minha mãe sofreu, sofreu, mas no final é feliz. Uma pessoa que vence e é feliz. Minha mãe mesmo sofreu, mas hoje é uma pessoa mais feliz eu acho.

E= Agora falta seu marido, mas eu venho outro dia perguntar...

L.H.= *Mitsuro*: eu não sei o que significa, tem que perguntar, as pessoas mais antigas sabem...

E= Isso, eu venho outro dia e a gente conversa rapidinho.

## Contexto

A entrevista foi marcada antecipadamente com a comunicação através de um dos filhos dos entrevistados. Quando os entrevistadores chegaram, eles estavam esperando-os. Ressalta-se que ele é o pioneiro da cidade de Terra Roxa.

E= Como era o nome dos seus pais?

T.M.= É *Minaji Miyakawa* e *Shizue Miyakawa*.

E= E o nome dos seus irmãos?

T.M.= Meus irmãos eraØ: *Mário*, *Shiguo* e eu.

E= O senhor é o mais novo?

T.M.= Não, eu sou o segundo.

E= Seu T.M., quando o seu pai veio para Terra Roxa?

T.M.= Em 1955.

E= O seu pai veio em 1955 e já ficou?

T.M.= Não. ViemoØ, derrubamoØ um pouquinho de mato e voltamos. Depois em agosto é que nós viemoØ mesmo pra cá, em agosto de 1955.

E= Foi para o sítio, não?

T.M.= Não, nós viemoØ aqui dentro da cidade, mesmo. Quando viemoØ nossa casa só Øtava armada, faltava cobrir...!

E= E quantos anos o senhor tinha nesta época?

T.M.= Em vim com 18 anos.

E= Olha, seu T.M., então o senhor é também um dos pioneiros?

T.M.= Quase todos os pioneiros já morreram, meu pai mesmo já morreu.

E= Seu T.M., pelas informações que eu tenho, foram oito os pioneiros e destes só tem dois vivos.

T.M.= É o *Nagao Yassue* e o *Takayama*, de Alto Alegre.

E= Nessa pesquisa, seu João, a gente está pensando em ir visitar a família dos pioneiros e daí vai na família dos filhos dos filhos e assim vai indo. Olha, seu João, a gente tem procurar com as famílias, porque a gente não encontra esses dados da vinda de vocês a Terra Roxa em livro nenhum.

T.M.= É, a primeira missa que nós rezemoØ, não tinha nem capelinha. Nós mesmoØ fomos no mato, cortamos pau, fizemoØ a cruz e amarramoØ com cipó.

I.M.= Foi aqui na frente, né?

T.M.= É, juntamoØ meia dúzia de gente e fomoØ buscar o padre de Guaíra, que lá tinha, que é cidade velha e rezamos”. Antigamente o cartorário ia fazer casamentos...

E= Seu T.M., e como que era a questão da língua? Falava em português ou falava em japonês?

T.M.= Geralmente falava tudo em “brasileiro”, agora quando a gente morava em estado de São Paulo, aí era tudo em língua japonesa, né?

E= Lá eram várias famílias, uma comunidade, como era?

T.M.= Lá era uma Colônia Japonesa, portanto que quando a gente chegou aqui em Terra Roxa, a gente quase não sabia falar em brasileiro.

E= E onde era a Colônia?

T.M.= Em Alto Pimenta, na região onde hoje é Barretos, São Paulo.

E= E os pais?

T.M.= Os pais continuaram falando em japonês.

E= Então o senhor foi o do meio, que fazia o diálogo.

I.M.= Seu *Minaji* [o sogro, falecido em 26 de agosto de 1989] falava depois tudo em português, ele era homem inteligente, ele que levava essas coisas de banco.

T.M.= Diz que, diz que meu pai era cartorário lá no Japão.

(...)

E= Seu T.M., e seus pais vieram de lá fugidos da Guerra... ou por quê?

T.M.= Não, não. É que naquele tempo (1932) o governo japonês viu que Øtava muito cheio, lá não cabia o pessoal, porque o Japão é um país pequeno, lá não tinha ganho nenhum, era só guerra, porque o Japão é desse tamanho, agora é que cresceu porque entupiu aqueles mar... agora está tudo entupido. Quando eu fui para o Japão mesmo, eles falavam: “sabe essa região onde a gente está aqui hoje, era tudo água”.

E= O senhor lembra o ano que o senhor foi para o Japão?

T.M.= Eu fui em 94.

E= Aqui no Brasil, em que ano o senhor se casou?

I.M.= Casamos em 1963.

E= Fala o seu nome pra mim? Soletra?

I.M.= *Yoshiko Hata Miyakawa*.

E= Então a senhora era da família Hata?

I.M.= Filha do *Hideo Hata*.

E= Você e seu João tiveram quantos filhos? Fala o nome deles pra mim?

I.M.= *Hercílio, Edson, Ricardo e Fábio*.

E= Todos meninos?

I.M.= Todos meninos.

(...)

T.M.= Porque mesmo, nos meus documentoØ você não acha *João*.

E= Olha aí...! E o nome da senhora em português, tem?

I.M.= É *Celina*.

T.M.= *Celina* você também não encontra no documento, é só de batismo.

E= Então está só no batistério? E o sobrenome *Miyakawa* tem um significado?

T.M.= Eu não sei... porque quando meu pai veio do Japão eles vieram mas para não morar aqui no Brasil, vieram para ajeitar alguma coisinha, ajeitar a vida, mas daí, os filhos, nós, nascemos aqui no Brasil e não tinha[m] como voltar.

E= Seu T.M., então o nome do senhor é... soletra pra mim?

T.M.= T-a-d-a-s-h-i M-i-y-a-k-a-w-a.

E= Então a gente chama o senhor de João, mas no registro do senhor não tem João, então o senhor lembra por que foi escolhido João?

T.M.= Porque quando nós crescemos Øtava todo mundo conversando, aí de vez em quando a gente ia no terço e daí falava pra gente: “vocêØ são batizadoØ? VocêØ não querØ batizaØ?” Daí juntamos tudo [todos], os irmãos também e fomoØ na Igreja. Juntou tudo lá com os padrinhoØ. Aí o padre falou: “Infelizmente, não dá pra batizar com esses nomes estrangeiros, tem que pôr nome brasileiro”. Na hora o padre falou: “Vou por pra você *João*, pra você *Vítor*, o outro *Mário*”. [Risos]

E= E com a senhora também foi assim?

I.M.= Não, não, eu não.

T.M.= Pra nós foi assim porque nós juntamos toda a família.

I.M.= Eu morava em cidade grande, foi preciso todos os padrinhos...

(...)

E= Vocês falando assim, eu nunca vi o registro disso em lugar nenhum. Por isso tem que escrever, vocês sabem, mas se não escrever, esquece.

[Ele foi buscar a carteira de identidade].

E= Olha aqui, *Tadashi Miyakawa*, filho de *Minaji*, *Minaji* é com j!

K.M.= *Ditchã*, o que você está ouvindo? Deixa eu ouviØ!

(...)

T.M.= Faz 55 anos que moro só aqui, nunca mudei! Quer dizer, no sítio, aqui, mas do município nunca saí.

E= E o nome dos filhos: Hercílio, Ricardo, Fabio, por que que escolheu?

I.M.= Eu não pensei em nada. Fui eu que escolhi. Achei bonito: o *Fábio*, o *Ricardo*, O *Hercílio*, o *Edson*, achei bonito e coroquei [coloquei]. Agora o nome em japonês foi meu sogro queØ escolheu. O *Ricardo*, o terceiro filho, fui eu que escolhi.

E= A senhora fala pra mim? E o nome deles já tem no registro de nascimento?

T.M.= Já tem.

I.M.= *Hercílio Yoshio Miyakawa; Edson Yassuo Miykawa; Ricardo Tsutomu Miyakawa; Fábio Ken Miyakawa.*

E= Assim?

I.M.= É.

E= E *Yoshio* tem significado que a senhora pode dizer?

I.M.= Eu não sei, porque foi meu sogro quem colocou. Tirou de mim “*Yo*”, porque eu sou *Yoshiko*, e meu sogro que falava, né, vamos tirar o seu nome primeiro, porque em japonês para o menino não fala *Yoshiko*, então ficou *Yoshio*.

E= A gente percebe que os nomes são terminados com *i* e com *o*.

T.M.= É os homens tudo com *o*, a mulherada tudo com *ko* e com *i*. É, mas eu não sei.

E= Como é o seu nome? [Para a menininha curiosa que estava rodeando a avó].

K.M.= É *Karen Harumi Miyakawa*.

E= Olha aí, o nome das meninas é sempre terminado com *i*, né?

T.M.= Essa nossa neta nasceu no Japão. É filha do *Edson* [já falecido por hemofilia].

E= Quando vai fazer oração é em que língua que fala?

T.M.= É tudo em português.

E= E em casa é em que língua?

T.M.= É tudo em português.

E= E para contar historinhas, você fala com ela em japonês?

T.M.= Só algumas palavrinhas.

K.M.= *Bachã* não conta histórias, é porque ela está doente, ela operou do olho [cirurgia de piterígio].

E= Seu João, onde o senhor nasceu?

T.M.= Lá em Alto Pimenta, agora Øtá em Barretos. Esses dias que descobri. Com esses filhos que está no Japão, eles precisam muito de documento e pelo cartório daqui eu descobri o de lá. Mas o certo mesmo era Alto Pimenta. ´

E= Dona I.M., quando a senhora nasceu?

I.M.= Nasci em 1939.

E= A senhora prefere ser chamada por *Celina* ou *Yoshiko*?

I.M.= *Yoshiko*, né, porque é o meu nome.

E= Seu T.M., e o senhor, quando nasceu?

T.M.= Foi em 1936.

E= E agora, seu T.M., nós só chamamos o senhor de seu João?

T.M.= Aqui em Terra Roxa, ninguém me chama de *Tadashi*.

I.M.= Só no Banco.

T.M.= Nem no Banco.

I.M.= Mas quando telefona, pergunta: “seu *Tadashi* está?”

T.M.= A gente que tinha comercio, até no depósito escrevia *João Miyakawa*.

E= E o que o senhor acha disso, seu João?

T.M.= [Silêncio]

E= Acha que é porque o povo não sabia falar?

T.M.= É.

E= Eu tenho que perguntar: e *Miyakawa*? O senhor sabe se tem um significado?

I.M.= Na nossa época é colocado porque acha o nome bonito, mas no tempo do pai dele, ele escolheu porque tinha um significado: esse nome é bom. Eu não sei, mas o nome dele se escreve assim [e escreveu *Tadashi* em *kanji*, *hiragana* e em *katakana*].

T.M.= Em japonês, os nomes têm muito significado, de modo que uma letra se transforma em dez! Tem muita palavra que você fala aquilo e depois se transforma em dois três. Por isso que lá no Japão nunca aprende a escrever, porque uma perninha que você põe já muda tudo.

E= Parece... não sei... que os brasileiros não têm muito cuidado ao escolher as letras do nome, já com os descendentes de japoneses parece diferente. Mas parece, não sei se estou certa, que igual o teu sogro, ao escolher o nome dizia: precisa ter muito cuidado.

I.M.= Meu sogro dizia que precisa ter cuidado para escolher o nome escrito, a letra, era assim, igual *Tadashi*, tem um significado, mas eu não sei.

T.M.= O brasileiro escreve *Tadashi* só de um jeito.

E= Pode ser com *c* ou com *s*?

T.M.= Não, não é com *h*, já muda o significado.

E= Ah, o senhor quer dizer em escrita japonesa.

T.M.= É na escrita japonesa.

I.M.= É difícil, olha, escreve assim, assim, e com uma letra se escreve *Tadashi*. Essa letra tem um significado, mas eu nunca perguntei, eu não sei.

T.M.= Tem outro jeito de escrever *Tadashi*.

I.M.= Mas o seu nome é este sim.

T.M.= É, mas escreve em *hiragana*.

I.M.= Eu não sei porque é como no primeiro ano, igual letra a, b, c, d, que se escreve com a mão e com a letra de forma. Cada ano se escreve um tipo de letra

T.M.= Aí é letra de primeiro ano, depois é letra de segundo ano e depois vai multiplicando. Cada grau vai mudando a perninha. Por isso que lá no Japão, o cheque principalmente não tem assinatura. Porque o que você escreve todo mundo copia.

E= Não tem assinatura, então como que é?

T.M.= Tem um carimbo, a prefeitura fornece um carimbo.

I.M.= Carimbo e número, né?

(...)

E= Seu T.M., como é que foi chegar, como é que foi a convivência com os brasileiros aqui, o seu pai e sua mãe? Como eles vieram? Vieram de navio, né? Quanto tempo demorou?

I.M.= Foi quarenta dias e quarenta noites, diz que gastou quarenta dias e quarenta noites, tem que atravessar o Oceano Atlântico, ia na frente quebrando o gelo, porque daqui no Japão tem que atravessar o Oceano. Lá é [são] doze meses de gelo. Quando a criança acaba de nascer tem que jogar numa bacia de gelo pra se acostumar com o frio. Diz que é assim. (...) Lá é tudo asfaltado, você fica bobo como é que o pessoal lá trabalha. O asfalto estragou, o pessoal trabalha vinte e quatro horas, enquanto não acabar, não pára, mas também lá o pedágio é caro. Mas também você pode esquecer. Tem aquele negócio de pôr refrigerante, nem mexe, nem treme, só de vez em quando você percebe “truu, truu”.

E= É para acordar o motorista?

I.M.= Não, é porque lá é país de muito terremoto, então o asfalto é tudo cortado, igual atravessar uma ponte, não pode ser colado e a casa do mesmo jeito: quatro cantos, um canto não é colado. Eu trabalhei um ano no Japão fazendo casa.

E= Quando o senhor foi?

T.M.= Fui em 1994. Por que muita gente vai para o Japão e não consegue guardar dinheiro?

I.M.= Porque gasta, gasta, igual ele, foi para conhecer, só ganhou o dinheiro da passagem.

T.M.= Cem real vai assim, num sopro. Quem segura tem.

I.M.= Se não segura, não tem.

(...)

## 5 Entrevistados: Y.H., Ali.H., Al.H., C.H.

### Contexto

A entrevista foi marcada antecipadamente por telefone, visto que a principal entrevistada tem conhecimento com a entrevistadora, que foi professora da jovem Al.H. e também através da amiga E.Y., que tem ajudado a entrevistadora e é amiga particular da entrevistada Y.H., que ficou viúva recentemente.

E= Y.H., fala seu nome completo para mim?

Y.H.= *Elisa Yoko Hata*.

E= E o seu nome de solteira?

Y.H.= *Elisa Yoko Endo*.

E= Então você é da família *Endo*. Quando você nasceu?

Y.H.= Nasci em 8 de dezembro de 1959. Vim do Japão com mais ou menos dois meses.

E= Então você não nasceu no Brasil! Você tem nacionalidade brasileira ou japonesa?

Y.H.= Japonesa.

E= Onde você nasceu?

Y.H.= Na província de Yamagata.

E= E o seu nome é em português?

Y.H.= Elisa, não é registrado, viu? É que chamar *Yoko* era difícil, então o nome de batizado é Elisa.

E= Repete pra mim o seu nome de solteira, como no registro, ta?

Y.H.= É *Yoko Endo*.

E= E de casada?

Y.H.= É *Yoko Hata*.

E= Você lembra, por exemplo, o significado de *Yoko*?

Y.H.= É atravessar o mar, mas não é o significado do *kanji*. É o desejo dos pais, porque eles iam atravessar o mar, então tirou *yo*, que significa *mar*.

E= É porque você veio novinha, então os pais já sabiam que iam viajar e colocaram em você, como o nome é importante!

Y.H.= É, tem pessoa que chama, por exemplo, *Massayoshi*, aí todo mundo fica chamando de Massa. Massa em português é feio, mas em japonês é um nome bonito, homem bem direito.

E= E você sabe por que foi escolhido o nome *Elisa* pra você?

Y.H.= Para batizar, porque muita gente achava difícil, então a madrinha que escolheu.

E= Era o nome da madrinha?

Y.H.= Não, foi ela que escolheu.

E= E a língua? Fala em português ou em japonês?

Y.H.= Em casa os filhos só fala o português.

E= E com a avó?

Y.H.= Com a avó também português. A gente está ensinando, mas é difícil.

Y.H.= A pequena sabe escrever. Ela foi premiada em letra, né, de letra, como é que fala? Ganhou três troféus.

E= Caligrafia?

Y.H.= É, ela foi premiada em primeiro, terceiro e quinto num concurso de todo o Brasil.



- E= Elisa, fala pra mim o nome dos seus filhos?  
 Y.H.= O mais velho *Alisson Hiroyuki Hata*, *Aline Tiemi Hata* e *Cristiane Kaoli Hata*.  
 E= C.H., fala pra mim, quantos anos você tem?  
 C.H.= Tenho 13 anos.  
 E= Já fez ou vai fazer? Quando é seu aniversário?  
 C.H.= Nasci em 06 de janeiro de 1993.  
 E= Que série você estuda?  
 C.H.= Estou na 8ª série.  
 E= Como você prefere ser chamada, pelo seu nome em português ou em japonês ou pelo sobrenome?  
 C.H.= Em casa e na escola eu prefiro *Cristiane*.  
 E= Você sabe o significado do seu nome?  
 C.H.= [Silêncio]  
 Y.H.= A gente perguntou para as tias que viviaØ no Japão se tinha um nome diferente e lá tem bastante com esse nome “*Kaoli*”. É o nome de uma cantora. *Kaoli* é cheiro [perfume], é uma palavra que tem cheiro [Depois verificado que é /R/, ficando *Kaori* /Ô/].  
 E= E você, *Alisson*, qual seu nome completo? Quando nasceu?  
 Ali.H.: É *Alisson Hiroyuki Hata*, nasci em 03 de junho de 1986, em Terra Roxa.  
 E= Então você tem 20 anos?  
 Ali.H.= É.  
 E= Você sabe o significado do seu nome em japonês?  
 Ali.H.= A mãe fala que foi a tia *Teruko* queØ escolheu.  
 Y.H.= É, *Alisson* foi a madrinha dele que escolheu, depois de uma lista; já *Hiroyuki* foi o avô. *Hiro* é largo, *uki* é claro.  
 E= Como seus colegas te chamam?  
 Ali.H.= Todos me chamam de *Alisson*.  
 E= E você, *Aline*, quando nasceu?  
 Al.H.: Em 19 de março de 1988.  
 E= Teu nome completo é...  
 Al.H.= *Aline Tiemi Hata*.  
 E= Você sabe o porquê da escolha do seu nome?  
 Al.H.= Meu nome tem três *kanji*. Parece que significa filha. *Aline* é porque minha tia gostou do nome.  
 E= E você é mais chamada como: *Aline* ou *Tiemi*?  
 Al.H.= É sempre *Aline*.

## 6 Entrevistados: S.M., Y. M., J.M.

### Contexto

A entrevista foi marcada antecipadamente com a comunicação através de um encontro em um jantar típico japonês. A entrevista ocorreu na casa dos entrevistados. Como não havia relação de conhecimento anterior, antes do início da entrevista, foi muito providente que o jovem neto do casal se fez presente na sala e explicou que os entrevistadores eram pais de uma amiga da idade dele, que ele conhecia bem e que havia estudado inglês com ele. O assunto versou sobre esta amizade, para depois começar a entrevista. Também foi comentado o motivo da entrevista.

E= O senhor me diz seu nome completo?

S.M.= É *Sussumo Matsui*.

E= Quando o senhor nasceu?

S.M.= Em 24 de junho de 1931.

E= Aonde?

S.M.= Eu nasci em São Paulo, em lugar chamado Primeira Aliança, município de Mirandópolis.

E= Seu S.M., o senhor tem um nome em português?

S.M.= É, o nome de batizado é *Paulo*.

E= Mas e na carteira de identidade?

S.M.= Na carteira de identidade é *Sussumo Matsui*.

E= E a senhora, fala para mim o seu nome?

Y.M.= É *Yoneko Matsui*.

E= Está certo assim?

Y.M.= Está.

E= A senhora também tem um nome em brasileiro?

Y.M.= Eu tenho, mas todo mundo só chama só esse, o do batizado não pegou. Eu nasci no Japão.

E= A senhora lembra da província, o quando é capital?

Y.M.= Eu nasci [fala literal] no Yamagata-ken.

S.M.= Só tem monte.

E= Então, certo, a palavra *yamagata* tem significado então?

Y.M.= É onde foi filmada a novela de “*Ochin*”.

E= Fala quando a senhora nasceu?

Y.M.= Eu nasci em 24 de julho de 1938.

E= Voltando ao nome, o senhor que escolheu o nome *Paulo*, o senhor já era adulto, que idade tinha mais ou menos foi por causa do batizado?

S.M.= Foi por causa do batizado.

E= Como é que foi para começar a chamar *Paulo*, você foi batizado... tem como explicar?

Y.M.= Depende, estava no primário, né?

E= O senhor estudou até quanto?

Y.M.= O primeiro grau, antigamente não tinha o ginásio, não é como agora.

S.M.= Meus irmãos estudaram ginásio depois segundo grau... Tinha escola, mas ficava longe, então não era qualquer um que podia...

Y.M.= Ele perdeu o pai quando tinha treze anos, começou a trabalhar, com treze anos precisou trabalhar na roça, “puxou enxada”.

E= Nessa época, o senhor era o mais velho, que idade tinha os seus irmãos?

Y.M.= Tinha de três, o caçula, o outro tinha acho que cinco, o outro tinha nove e outro onze anos.

E= Referente ao nome, o senhor foi chamado por um nome em brasileiro, seu Paulo, e não tem no registro de nascimento a senhora é *Yoneko* e também não tem o nome no registro de nascimento...

Y.M.= Por causa do batizado.

S.M.= Igreja de japonês, também tem batizado.

E= A senhora tem um nome brasileiro?

Y.M.= Carmem, mas ninguém conhece, acho que nem ele conhece [apontando para o marido, risos].

S.M.= Significa *pinheirão*.

E= Muitas vezes, o sobrenome é dado pela região onde mora,

Y.M.= Talvez, pode ser.

S.M.= Não sei, é que vem de longe no Japão, diz que tem um  $\emptyset$  vila chamado *Matsui*, lá no Japão, então todo que mora lá tem esse nome *Matsui*, vila grande, então tudo que mora lá chama *Matsui* e se espalhou pelo mundo, veio até no Brasil.

E= A senhora antes de ser *Matsui*, a senhora era...?

Y.M.= Era Takahashi, o *kanji* significa ponte alta.

S.M.= *Ponte alta*, vai ver que lá tinha ponte alta.

E= Eu sempre vou invocar muito com o nome, ta? E a palavra *Sussumo*?

S.M.= Quer dizer vai pra frente, que sempre vai pra frente.

E= Fala se eu estou falando verdade, as pessoas de etnia japonesa tem um cuidado muito grande para escolher o nome vai lá no *kanji* ver o significado da palavra, é assim?

Y.M.= É

S.M.= Às vezes as mães põe  $\emptyset$  nome muito grande, aí não consegue falar, não consegue progredir, ou ficar rico, ou alguma coisa.

E= E o senhor sabe se *Sussumo* é um *kanji* ou dois?

S.M.= É um *kanji*.

E= Mas um *kanji* e significa tudo isso?

Y.M.= É.

E= Mas não é todo mundo que sabe a respeito do próprio *kanji*, né?

S.M.= Porque não estudou.

Y.M.= Os jovens não sabem.

(...)

E= Vocês tiveram quantos filhos? Fala pra mim?

Y.M.= *Yoshio, Shoji, Mitiko, Takeo, Harumi*.

E= Qual deles que estão em Terra Roxa?

Y.M.= É o *Shoji* e o *Takeo*.

E= Eles são chamados pelo nome em japonês?

Y.M.= É.

E= Aqui em casa, mas e na escola, no trabalho também?

Y.M.= Em todo lugar. Meu marido escolheu nome mais fácil pra todo mundo falar direito, senão todo mundo confunde e não fala nome completo, certinho. Então meu marido escolheu nome mais fácil e significado bom.

E= Vou pedir significado de cada um, ta?

Y.M.= *Yoshio* é homem bom, tem dois *kanji*.

E= Tem o nome em brasileiro?

S.M.= Não, e nem no registro do nascimento. Ele estuda Ciências Econômicas lá em Curitiba.

E= E *Shoji*?

Y.M.= Homem honesto, tem dois *kanji*. Nasceu em 1962.

E= Esqueci de perguntar: e *Matsui* é um ou dois?

Y.M.= Tem dois.

E= E a *Mitiko*, ela nasceu quando?

S.M.= Em 1965. É bonita.

E= Quando foi dado o nome *Mitiko*, tenta lembrar...

Y.M.= *Haru* é primavera e *mi* é fruto. É *fruto de primavera*.

E= Era tempo de primavera, estação do ano, quanto ela nasceu?

Y.M.= Era outubro, início de primavera, em 1968.

E= Quando você pensa numa criancinha filha da primavera, o que você planeja pra ela, tem como falar?

[Risos]

Y.M.= Pensa filha bonita, estudiosa, ela é bem paciente. Formou em biologia. Ortá em São Paulo.

E= E agora, *Takeo*, tem significado?

Y.M.= *Takeo* é agrônomo. Nasceu em 1967. É forte, boa saúde, bambu, tem dois *kanjis*.

S.M.= Bambu cede, ele não quebra, é?

E= E *Mitiko*, quantos *kanji*?

Y.M.= Tem três. Ela estudou pedagogia em Maringá, na Estadual.

(...)

E= Em que ano vocês vieram para Terra Roxa?

S.M.= Em 1967.

Y.M.= Mas ele comprou terra em 1965. Começou café, depois a gente veio.

E= Em que região?

Y.M.= Perto de São Benedito.

E= Por que escolheu Terra Roxa?

S.M.= Porque tinha vendedor que fazia propaganda de terra boa e barata. E lá na Aliança com dez alqueires não era suficiente para a família.

E= Tem como explicar sobre a Aliança?

S.M.= É que não dava pra viver lá no Japão, tinha gente demais, então o Governo Japonês comprou 2.300 alqueires aqui no Brasil e colocou imigrante, com dez alqueires para cada família. Teve a segunda e a terceira Aliança, depois Formosa com 1.200 famílias. A colonização era muito grande, o governo ejetou dinheiro aqui, por isso Pereira Barreto e Bastos formou Colônia Japonesa, onde trabalhou como dono da terra. Meu pai lá no Japão diz que trabalhava na siderurgia.

E= Então vocês tinham dez alqueires lá em Mirandópolis?

S.M.= É, quando vendeu lá veio direto para Terra Roxa.

Y.M.= Tinha os quatro filhos e veio também minha sogra. Ela morreu com noventa anos. Ela veio do Japão com vinte anos, ela estudou para enfermeira no Japão e fazia os partos na Colônia.

E= Vocês com seus filhos falam em português ou em japonês?

Y.M.= Acho que cinquenta por cento; quando tem pressa, fala em português.

E= E uma última pergunta: o que vem a ser *gaijin*?

S.M. [Risos], é o que veio de fora, de outro país, mas lá na Aliança só tinha japonês, era o contrário: quando via um brasileiro, ele que era *gaijin*.

## 7 Entrevistados: Se.M., To.M.

Contexto:

Ela é professora aposentada. A entrevista foi marcada com antecipação e sob indicação da entrevistada, foi combinado para ser no local de trabalho do marido. Após a entrevista ela entregou três livros para empréstimo.

E= Fala seu nome completo e quando e onde você nasceu?

Se.M.= *Setuko Matsubara*. Meu nome de solteira é *Setuko Kawase*. Nasci em Curitiba em 1946.

E= E seus irmãos, também nasceram em Curitiba?

Se.M.= Sim.

E= Tem algum motivo para seus pais terem escolhido Curitiba, a capital do Paraná?

Se.M.= Olha, meus pais moravam em São Paulo, mas depois com a herança que meu pai recebeu do Japão, do pai dele, eles não quiseram mais continuar em São Paulo, então foram para Curitiba. Compraram terra lá onde hoje é o parque Barigüi, que o Governo depois desapropriou.

E= No Parque Barigüi?

Se.M.= Hoje a casa da minha mãe [e mostrou um quadro na parede] é igual aquela figura lá, continua igualzinha, até o poço, mas a casa da minha mãe fica no meio do mato. Por isso ela fica lá e um pouco na casa dos filhos.

E= Mas o Parque Barigüi é importante, não é?

Se.M.= É, mas eles não tiveram muita sorte nisso. Meus pais compraram terra onde só havia mato e ele foi trabalhando com hortaliças, vaca leiteira, suínos e frango. Depois formou o cinturão verde. Aí a cidade foi crescendo e não dava mais pra vender ali, que as pessoas iam roubar, então meu pai vendia só na feira. Meu pai estudou todos os filhos só com o dinheiro da feira. [Silêncio emocionado].

E= Fala pra mim o nome de seus irmãos?

Se.M.= O primeiro, Justino Kawase.

E= Ele não tem o nome em japonês?

Se.M.= Não. Mas o nome dele era para ser *Ichiro*. Ele trabalhava com o pai, faleceu com vinte anos. O segundo é *Jiro Kawase*, é oficial da marinha, capitão de corvete, aposentado. Depois veio eu, sou formada pela Faculdade de Filosofia do Paraná. Depois minha irmã é *Yoshiko Kawase Yamamoto*, formada em bioquímica pela UFPR. O sogro dela é da primeira Colônia em Antonina. A outra é *Tami*, era para ser *Tamiko*, também formada pela UFPR em medicina, atuando em pediatria homeopática. Depois veio *Julio Kawase*, é técnico em desenho, aposentado pela Telepar. A caçula é *Ana Kawase Mazaroto*, enfermeira padrão. A Ana você conheceu não?

E= É aquela japonesa bonita, casada com um médico que vieram para Terra Roxa? Faz bastante tempo... eu me lembro que ela era muito bonita. Mas Se.M., por que alguns de seus irmãos tem nome em português e outros só em japonês?

Se.M.= É que no cartório não aceitava registrar nomes estrangeiros, principalmente nas capitais.

E= E o senhor, também nasceu em Curitiba?

To.M.= Não, eu nasci em Presidente Prudente, São Paulo.

E= Pode me dizer seu nome completo, data de nascimento?

To.M.= É *Tokuji Matsubara*, nasci em 29 de março de 1937.

E= E como o senhor de Presidente Prudente conheceu Se.M., que morava em Curitiba?

To.M.= [Riso]. Foi na Universidade. Inclusive era para eu casar com a irmã dela, mas aí nós preferimos casar. [Riso].

E= E quando vocês vieram para Terra Roxa?

To.M.= Foi em 1975. Viemos porque o cunhado (médico) já estava em Terra Roxa, e viemos trabalhar na mesma área da saúde [ele é bioquímico].

Se.T.= Naquela época era o Hospital Santa Lídia. Tinha tanta gente nessa cidade e vinha gente de todo lado para fazer exames de saúde.

E= Seu To.M., o senhor sabe o significado do seu nome?

To.M.= [Silêncio]. Bem, *uji* é uma letra que significa *felicidade*, agora, do sobrenome, *Matsu*, significa *espinho* e *bara* significa *rosa*. Então significa *espinho de rosa*.

E= O senhor sabe dizer por que seu sobrenome foi formado assim?

To.M.= Olha, eu não sei dizer não.

E= E você, Se.T., sabe o significado do seu nome?

Se.T.= Olha, você poderia ver com a minha mãe, ela está lá em casa neste mês.

E= Você concordaria em eu entrevistá-la?

Se.T.= Se você quiser...

To.M.= Mas ela fala quase tudo só em japonês...

E= Bem, então eu só vou poder com a ajuda de vocês...

Se.T.= É bom, assim ela fala da história dela, que é comprida, heim? Daria um romance de tanta coisa que tem.

(...)

E= Olha, fala pra mim o nome dos filhos de vocês?

Se.M.= *Ednilza Aiko Matsubara*, nasceu em 31 de julho de 1967 em Curitiba; *Edson Luis Matsubara*, nasceu em 11 de agosto de 1969, em Curitiba; *Eliane Matsubara*, nasceu em 24 de outubro de 1974, em Curitiba. [Ela relatou com orgulho os cursos nos quais os filhos estão formados, onde estudaram e a profissão].

E= Você pode me dizer o porquê, como foi a escolha do nome deles?

Se.M.= *Ednilza* foi porque eu tinha uma amiga com o nome de *Nilza*, e *Aiko* é o nome de uma das tias. Depois nos outros filhos só colocamos o nome em português, que achamos bonito.

## 8 Entrevistados: A.T., E.T.

### Contexto

Os entrevistados foram procurados em seu local de trabalho. A entrevistada estava sozinha, mas reconheceu a entrevistadora que fora professora de seus filhos na terceira série do primário. Foi marcada uma entrevista na casa dos entrevistados para um domingo, às 14 horas. A entrevistada se expressa muito pouco em português, o entrevistado se expressa em ambas as línguas, tendo inclusive sido professor de língua japonesa durante três anos na década de 70, mas estava bem reservado durante o início da entrevista, mas no final presenteou a entrevistadora com um dicionário português/japonês.

E= O nome do senhor é...

A.T.= *Akifumi Tokumi*.

E= Mas o senhor também é chamado de *Nelson*, não é?

A.T.= É "*Nelson do Bar do Ponto*".

E= Quando o senhor nasceu?

A.T.= Em 25 de julho de 1941.

E= O senhor nasceu aonde?

A.T.= Eu nasci [fala literal] no Japão.

E= Então o senhor é imigrante?

A.T.= É...

E= Em que local do Japão o senhor nasceu?

A.T.= Em Kyushu, no sul do Japão.

E= Senhor A.T., aqui no Brasil, o senhor é chamado de *Nelson*, provavelmente a sua esposa não [a entrevistadora queria se referir a como a esposa o chamava, mas foi entendido de outro jeito, e ele respondeu:]...

A.T.: *Maura*, ela é chamada de *Maura*, nome católico, né, foi batizada depois que chegou aqui, depois de velha, né? [Riso].

E= A curiosidade é por que alguns que têm o nome em português no registro de nascimento e só são chamados pelo nome em português e muitos que têm o nome em português são chamados só pelo nome em japonês... Por exemplo, por que os brasileiros chamam o senhor de Nelson?

A.T.= [Riso]. É apelido, esse nome não existe, ele só existe aqui [no Brasil]!

E= Mas por que é *Nelson*, não é *Luís*, ou *João*...

A.T.= Isso aí... é porque quando eu cheguei aqui e quase não Øtava podendo falar porque não entendia [a língua portuguesa], então eu fui trabalhar na casa Primavera pra aprender um pouco, aí achou ruim de falar [risos], então dona *Geni* achava *Akifumi* muito difícil, aí colocou *Nelson*, mas meu nome de batismo mesmo é *Pedro*; mas se falar *Pedro* ninguém conhece, é *Akifumi* ou *Nelson*.

E.T.= Gente, olha! [Ela estava trazendo bombons e refrigerante, com muita alegria!].

E= Gente, não quero dar trabalho... muito obrigada!

(...)

E= Como é o nome da senhora?

E.T.= *Eiko Masuoka Tokumi*.

E= Está certo assim?

A.T.= A senhora tem um nome em português?

E.T.= Na certidão de batismo está *Maura*.

E= Por que escolheu *Maura*?

E.T.= Foi aquele tempo estava padre mandou escolher aí ponhei [pus] *Maura* mesmo.

E= Quando?

E.T.= Em 29 de janeiro de 1943.

E= E o lugar?

E.T.= Em Kyushu também.

E= Nossa, então vocês vieram para o Brasil, quando?

A.T.= Em 1964.

E= Veio para o Brasil, já vieram casados?

A.T.= Não, depois de três anos se casou, né?

E.T.= Em 1967 por aí.

E= Ela veio em 1967? E quando vieram para o Brasil, vocês vieram para que região primeiro?

A.T.= ViemoØ pra Guaíra.

E= Então veio do Japão e foi pra Guaíra, então vocês já se conheciam?

A.T.= Não, só de vista, quer dizer se conhecia na escola, lá no Japão, eu quase saindo e ela entrando, quer dizer, nem se conhecia.

E= Eu tenho ouvido que os nomes em japonês, alguns têm um *kanji*, outros têm dois, e o nome *Akifumi*, tem quantos?

A.T.= Tem dois.

E= E o senhor sabe dizer o significado?

A.T.= Eu ouvi falar do meu pai uma vez assim: que seja criancinha assim... alegre e estudioso, porque *aki* é *claro*, *alegre* e *fumi* é vem de *estudo*, né, em japonês. Foi mais ou menos assim que ouvi falar.

A.T.= Do meu sobrenome eu não ouvi falar não, porque meu tradição é muito velho, meu sobrenome é muito antigo, antes da guerra. Então ele foi escolhido, não sei como é que chama, tipo imperador, mas não é imperador, naquele tempo falava dois tipo de comunidade: um guerreiro e outro que era trabalhador.

E= Tem a ver com *samurai*?

A.T.= É, isso. É um tipo lá do *samurai* e outro que era trabalhador, da roça. Foi escolhido esse nome pra ele ir lá perto assim, divisa, quer dizer, cada um tinha um território para cuidar, né?

E= Então é por isso que tinha os *samurais*?

A.T.= É isso mesmo. Não era espionagem, mas servia como espionagem que cuidasse dessa parte da divisa pra não ter invasão.

E= Parece que só os samurais tinham um sobrenome, né?

A.T.= Meu é mais antigo, quase duzentos, duzentos e cinquenta anos, acho que mais ainda... É assim que ouvi falar, e a gente Øtá lembrando agora. Se fosse no Japão, eu saberia dizer tudo.

E= E da dona *Eiko*, o nome, é um *kanji* ou dois?

A.T.= Não é *kanji*, é escrito no alfabeto *hiragana*. Naquele tempo lá escolheram um nome mais difícil que não tem muito na região e não tem muito no Japão também. O meu mesmo, *Tokumi*, nem no Japão não acha, agora tem alguns que repete muito: *Murakami*, *Nakamura*, *Takahara*.

E= E por que é que não encontra?

E.T.= É primeira geração, né?

A.T.= Não sei porque, deu certo, que não encontraram outro nome, assim... Se achar *Tokumi* mesmo, é tudo parente.

E.T.= *Massuoka* também é parente.

(...)

E= Isso que o senhor está falando, o seu *Sussumo* falou pra gente: que na região onde ele morava, uma vila, uma região até bem grande, todo mundo ficou sendo chamado *Matsui*, então quando encontra nem todos são parentes. Chamou de *matsui* é pinheiro grande [A.T. interrompeu dizendo “pinheirão”] então é por causa da região onde morava.

A.T.= Naquele tempo no Japão existia muito aquele pinho mesmo, que ficava como sinalização, como marca pra eles andarØ. E também aquele que morava na cidade, tinha como dizeØ o chefe e fazia aquela comunidade e ninguém entrava.

E= A senhora falava de *Massuoka*.

A.T.= Ele corrigiu: *Massu/O/ka*, hiato, sílaba tônica O.

E= A gente tem mania de falar o |O| aberto, né? [risos]. A senhora falou que se encontrar é parente, e é formado por dois *kanji*?

A.T.= Não, não é *kanji*.

E.T.= É *katakana*.

A.T.= São três letras.

E.T.= São três letras.

E= O *katakana* é para os nomes ocidentais? O *katakana* é para os nomes estrangeiros?

E.T.= Não. É que no japonês tem o *katakana*, o *hiragana*, e o *kanji*. O *katakana* vem também da China, usa muito lá também, mas se é uma coisa que não tem significativo, daí, igual, o nome... eu chamo *Akifumi*, mas se chama de *Mário*, que não tem o nome em japonês, costuma se escrever com *katakana*, é letra totalmente diferente, é letra completamente diferente o *katakana* e o *hiragana*.

E= O nome *Eiko*, quem escolheu o nome da senhora?

E.K.= Eu não sei, acho que pai e mãe, né?

E= Por que parece que o nome em japonês parece que é mais escolhido do que os brasileiros escolhem...

A.T.= É porque colocava esperança em criança, né?

E= *Ko*, é criança?

A.T.= É *criança*.

E= E *Massuoka*, tem um significado, de onde ela vem, assim como *Eiko* que tem um significado? Tem um significado assim, de onde a palavra vem...

A.T.= Não sei se tem alguma a coisa a ver com o significativo, mas, *mas é mais*, *oka* é uma *montanha*, né? Não sei o significativo.



E= O costume, geralmente a mulher fica com três nomes [foi interpretado como kanji]. Aí foi mostrar uma palavra escrita.

E.T.= É

E= Eu queria pegar uma palavra pra eu perguntar de exemplo para o senhor. Por que essa escrita é assim: /SAKURA/ Ela não é o *kanji*, nem o *katakana*, nem o *hiragana*. Significa árvore, não é, emprestei esse livro<sup>45</sup>, porque aqui está escrito *blossom, tree* ou *cherry*, em inglês.

A.T.= É cerejeira, o nome do meu pai.

E= Então por que está escrito por que essa escrita não é nem o *kanji*, nem o *katakana*, nem o *hiragana*...

A.T.= Esse daí se chama o *lomanji* [*romaji*].

E= Porque do jeito que está escrito aqui é o jeito que se lê, não é? Por exemplo, o senhor que fala em japonês, o senhor lê do jeito que está escrito, por que o senhor deu aula de língua japonês, não foi?

A.T.= Eu dei aula sim, eu fui professor de *Sílvia*, da irmã dela, *Mario, Edson*, muita gente que foi embora para o Japão.

E= Por que eu vi assim *História de Imigração Japonesa no Paraná* ||, como é que a gente lê? A Se.M. me falou que aqui é para ficar comprido, dar um espaço pra falar forte. Como é que lê pelo menos essa palavra, que é Japão, né?

A.T.= Esse aí é *Nippon*, o certo é *Nippon*, mas muitos falam /NI/HON/.

E= Pôxa, eu achava... como é que se chama mesmo o nome dessa letra?

A.T.= Esse é o *romaji* [ele leu *lomanji*]. É que esse daí é abecedário igual em brasileiro.

E= Então, tem isso também?

A.T.= De lá aqui não sabe nada, mas se fosse pra ler, a gente lê tudo.

E= E se fosse, por exemplo, em *hiragana*, aí a gente já não lia [leria].

(...)

E= Por que resolveu vir para Terra Roxa? Por que escolheu Guaíra?

A.T.= Guaíra? Eu vim porque meu pai estava aqui e meu pai veio porque o irmão dele estava ali [aqui já]. Outra, meu pai pegou aquele tempo de guerra quando o Japão tomou quase a metade do território chinês.

E= E seu pai veio quando?

A.T.= Foi em 1962. E eu fiquei lá pra acabar de me formar [ele é “dentista” formado, mas não conseguiu exercer a profissão no Brasil]. Meu pai sempre trabalhou fora do Brasil, então ele trabalhava lá, no território chinês, mas quando conheceu a terra aqui, terreno bonito ele ficou “doido”, porque a terra lá no Japão. O terreno que ele tinha lá se vaca deitasse, cobria [o terreno], né? [Risos]

E= Vocês tem três filhos, não é? Fala o nome deles?

A.T.= É *Paulo, Roberto* e *Jorge*.

E= É *Paulo* [... fazendo uma entonação na voz para saber se tinha o nome em japonês, ele logo respondeu:]

A.T.: É só *Roberto*, eu não coloquei o nome em japonês em nenhum dos três.

E= Você não colocou o nome em japonês? E pode dizer por quê?

A.T.= Porque pra mim, a terra deles vai ser Brasil mesmo, então coloquei só o nome em brasileiro. Queria ser mais brasileiro, porque quando eu vim aqui no outro ano eu já me nacionalizei [brasileiro] também.

E= A senhora foi batizada quando?

E.T.= Tinha mais ou menos 21 ou 22 anos.

E= E a religião no Japão?

<sup>45</sup> SATO; OGAWA (1963, p. 21).

E.T.= A religião no Japão era budista.

E= O senhor também foi batizado no Brasil, até recebeu o nome.

E.T= Primeiro estudou um ano, depois batizou. (Entregaram para a entrevistadora um dicionário de presente).

E= Olha, onde está o Jorge?

A.T.= Ele está dando aula na Faculdade em Santa Catarina.

## 9 Entrevistados: I.K., S.K.

### Contexto

A entrevista foi combinada com uma das entrevistadas, S.K, que tem uma loja na cidade. Foi combinado para um sábado à tarde, na casa das entrevistadas. A senhora I.K. há cinco anos foi vítima de um acidente vascular cerebral e desde então não sai de casa.

E= Qual é o nome completo da senhora?

I.K.= É *Iemiko Kakimori*.

E= E o seu nome de solteira?

I.K.= É *Iemiko Yamaguti*.

E= A senhora nasceu quando? Aonde?

I.K.= Em 10 de agosto de 1932, em Araçatuba, São Paulo.

E= Então a senhora é *nissei*?

I.K.= É.

E= Seu nome é *Iemiko*, mas eu conhecia a senhora por *Cecília*...

I.K.= Non [não], *Cecília* é o nome de batizado, foram os padrinhos que escolheram o nome!

E= Então *Cecília* não está nos seus documentos?

I.K.= Não, é que aqui em Terra Roxa me chamam pelo nome brasileiro, o outro é difícil. Para todos da cidade eles me chamam de *Cecília*.

E= Fala pra mim o nome do seu marido?

I.K.= É *Guilherme Hiroshi Kakimori*.

E= Quando ele nasceu?

I.K.= Foi em 1932.

S.K.= Meu pai faleceu em 1985, com 53 anos.

E= E ele nasceu aqui no Brasil?

S.K.= Foi em Araçatuba, São Paulo, mas registrou em Londrina, Paraná.

E= Você sabe o significado do nome *Hiroshi*?

S.K. olhando para I.K.= Não sei, mas *Hiro* é grande.

E= E o sobrenome *Kakimori*?

S.K.= Todos os nomes e sobrenomes têm um significado no Japão. Então o nosso sobrenome é *Kakimori*, vem de *kaki*, que significa *caqui* [a fruta], *mori* significa campo, então é um *campo de caqui*.

E= Então é campo de caqui.

S.K.= Eu pelo menos aprendi no Japão que dependendo da região em que a pessoa morava, levava o sobrenome, então certamente a nossa família morava perto de um campo de caqui. Igual quando fala *Yamaguti*, *Yamá* é *montanha*. Só que *guti* eu não sei. Esse sobrenome é muito comum no Japão.

E= Fala pra mim, S.K., você é brasileira, mas quando foi para o Japão?

S.K.= Foi em 1998. Fiquei lá durante quatro anos. Lá no Japão conserva a tradição antiga. Lá os museus ficam como era naquela época.

E= Dona K.I., fala pra mim o nome dos filhos?

I.K.= É *Maria Lúcia Yoshiko Kakimori*, depois casou ficou *Perissato* [também], depois é *Mateus Kakimori*, tem 47 anos; depois o *Roberto Tadao*, depois *Fátima Regina*, que está no Japão; depois a *Silvia*; depois o *Marcos Antonio*, depois o *João Toshio*, ele seguiu carreira no exército de sargento.

E= A senhora lembra por que escolheu, por exemplo, *Maria Lúcia*?

I.K.= No Brasil, os japoneses pegavam o nome na bíblia, colocava o nome de santos, como acontece hoje.

E= A senhora segue a religião católica, não é?

I.K.= É, sou do Congregado Mariano.

E= Olha, praticamente todos que entrevistei seguem a religião católica...

S.K.= Na região do Japão onde meus antepassados moravam, a religião era católica. A família do meu pai veio de Hiroshima e a família de minha mãe veio de Nagasaki.

E= Lá onde estourou a bomba?

S.K.= É se meus pais não tivessem vindo para cá...[silêncio], por isso eles são agradecidos pelo Brasil. Lá no Japão a gente vai lá e vê onde caiu a bomba, ficou tudo branco, como se tivesse um vidro por cima.

E= Dona E.K., vi que seus filhos, alguns têm o nome em japonês e outros não, tem algum motivo?

I.K.= Eu mesmo escolhi, aí fiz pesquisa com o marido e ele aceitou. É que como os filhoØ estáØ no Brasil, a gente usa o nome deles em brasileiro. Menos o João, meu marido mandou colocar *Toshio*, que é pessoa de mais idade, pessoa com mais sabedoria.

S.K.= Lá no Japão eles põem o nome pelo significado, como a filhinha com o nome *estrela da manhã*, *raio de sol*, mas lá eles não chamam pelo nome, só pelo sobrenome, igual o local da fábrica onde eu trabalhava.

E= E a senhora, como prefere ser chamada: pelo nome em português ou o nome em japonês?

I.K.= Øestou acostumada com *Cecília*.

S.K.= Os filhos também chamam ela de *Cecília*. Só quando vai no Banco, aí tem que falar o nome que está no registro.

E= Fala pra nós alguma dificuldade que a senhora sentiu aqui no Brasil?

I.K.= Ahhh, acho que foi o estudo, né?

E= A senhora veio casada para Terra Roxa, em que ano?

I.K.= Em 1963, mas já tinha aqui os *Miyakawa*, *Minaji-sanI*, que foi pioneiro, e os *Murakami*.

E= E aqui em Terra Roxa, quando vocês chegaram, como estava a cidade, por que se vocês vieram em 1963...

I.K.= Nossa Senhora, naquele tempo que nós viemos aqui não tinha casa de material ou de tábua, era tudo coberto de prancha de palmito.

E= Dona I.K., o que fez a senhora e o seu marido escolherem vir a Terra Roxa?

I.K.= ViemoØ procurar progresso, aqui tinha umas quarenta e cinco casas só. A Companhia [referindo-se à Codal] colocou bastante capangaØ.

E= E a senhora e seu marido vieram comprar terra?

I.K.= Não, nós trouxemos uma loja de armarinho, bazar com tecido, sabe, onde tem gente tem que ter essas coisas. Nós já tinhaØ dois filhos e vieram também o pai e a mãe e a irmã, depois foram buscar meu sogro, sogra, cunhada e eles vieram também.

Esta entrevista foi marcada e desmarcada algumas vezes, por motivos como chuva, doença e casamento. O local da entrevista é no distrito de Alto Alegre. A entrevistadora foi acompanhada pela nora dos entrevistados.

E= Senhor N.G, qual o seu nome completo?

N.G.= *Nagao Yassue*.

E= O senhor nasceu quando? Onde?

N.G.= Em 09 de fevereiro de 1931, em Guifu-ken, lá no Japão.

E= E a senhora, qual o seu nome completo?

As.Y.= É *Satsuki Akiyama Yassue*.

E= A senhora nasceu em...

As.Y.= Em estado de São Paulo, no sítio em Valparaíso.

E= Dona As.Y., e a senhora tem um nome em brasileiro?

As.Y.= Nosso tempo não tinha assim direto, nome brasileiro, só tinha nome japonês, aí o povo aí começou a tratar de *Maria, Maria*, ficou Maria mesmo, já era o nome do batismo mesmo. Porque batizou aqui em Alto Alegre, depois que nós viemo<sup>Ø</sup> aqui depois de grande mesmo.

E= Então a senhora batizou aqui em Alto Alegre, depois de casada.

Sa.Y.=Batizou depois de casada, já tinha os quatro filhos.

E= Sr. N.G., o senhor tem um nome em português?

N.G.= Tem apelido... é Joaquim [ele ri]. É um apelido que andou por aí, mas lá em Terra Roxa ninguém sabe.

E= Mas o senhor não se reconhece como *Joaquim*, se chamar o senhor de *Joaquim*, vai falar “será que é comigo”?

N.G.= As pessoas antigas [me] chamam de *Joaquim*, mas o certo é “*Seu Nagao*” mesmo.

E= O senhor sabe por que escolheu *Joaquim* pro senhor?

N.G.= [Risos] Ohhh, não sei, viu!

E= Igual a dona *Maria* trata por *Maria* porque é o nome de batismo...

As.Y.= É eles achava<sup>Ø</sup> o meu nome difícil, mas lá em Terra Roxa me chamam de As.Y., documento mesmo é tudo nome em japonês. Eles falam que o meu nome é difícil, então trata por *Maria*, aqui, né, porque lá em Terra Roxa não me conhece<sup>Ø</sup> por *Maria*.

E= Seu N.G., tenta lembrar pra mim quando começaram a chamar o Senhor de *Joaquim* e onde que era...

N.G.= Era estado de São Paulo onde nós morava<sup>Ø</sup>, nós tinha<sup>Ø</sup> namorada, começou a chamar de *Joaquim* e ficou assim mesmo.

(...)

E= O senhor nasceu no Japão e veio para cá com quantos anos?

As.Y.= Eu vim com quatro anos.

E= Então veio no ano 1935. E de que região o senhor veio?

As.Y.= É de Gifu-ken.

E= Então deixa eu ver como escreve aqui no mapa...

As.Y.= Fala /GUi/fu|, mas escreve Gifu. Não sei por que, mas lá no Japão fala /GI/fu|, mas aqui no Brasil fala GUI|.

E= É por isso que eu vejo no mapa, dos entrevistados já teve quem veio de Aichi-ken, de Guma-ken, teve até de Hiroshima e Nagasaki, de Yamagata...

(...)

E= Quem veio com o senhor do Japão? O senhor é o primeiro, segundo... filho na sua família...

N.G.= Eu era o terceiro. ViemoØ com cinco irmão, quer dizer irmão e irmã, mas no primeiro ano no Brasil faleceu um homem.

E= Quando vieram para o Brasil, vocês foram direto morar onde?

N.G.= Eu lembro assim café de quatro ou cinco metros, que precisava pegaØ com uma escada e depois com uma varinha. Meu pai trabalhou como colono, imagina, colono, a gente paga colono. Colono é mesada [que recebe]. Eu não, que eu era criança e ficava brincando debaixo do pé de café. Meu pai trabalhou dois anos lá, sofreu, ainda perdeu o filho, né? Igual meu primo que pegou doença no começo tinha remédio, remédio americano, então ele sarou, mas aquele meu irmão que faleceu ele era muito forte, então não pegou doença no começo, pegou depois e aí não tinha o remédio.

E= O senhor sabe de que doença que foi?

N.G.= Foi tifo.

E= Quantos anos ele tinha quando morreu?

N.G.= Acho que um ano e pouco.

(...)

E= Bem, o senhor falou pra mim que veio morar em Piratininga e quando veio morar em Piratininga. Outro entrevistado, S.M. disse que veio na Aliança, a sua família veio na Aliança ou veio como imigrante... explica pra mim, o que é *Aliança*, eu estou perguntando porque eu não sei mesmo.

Sa.Y.= Não a família deles não.

N.G.= Não, meu pai veio como imigrante mesmo, como colono.

E= Então não tem nada a ver?

N.G.= Não, o navio que nós viemoØ é o *Santos-Marú*, depois foi para Piratininga, trabalhou por dois anos. Depois tinha amigo do meu pai da mesma região de Gifu, aí foi para Birigui, perto de Araçatuba, estado de São Paulo, e ali trabalhou durante cinco anos. Essa história é comprida... Aquele ano eu era ainda menininho de oito, nove anoØ.

E= E depois?

N.G.= Depois quando nós saímos era 1942, fomos pra formar café lá, lá também sofreu. O ano que meu irmão nasceu, fomoØ viajar com trem e ele chorava a noite inteira.

E= Então me fala quando vocês se casaram?

N.G.= Ainda tem mais história bastante!

E= Então me conta?

N.G.= Aí venceu três anos e nós fomoØ formar pasta no [a] Companhia Inglesa aqui no [tempo para lembrar], perto de Valparaíso, cidade pequena, ficou lá um ano, ali também era formar pasto...

E= Pasto então, não era café?

N.G.= Não era pasto, aí venceu ali, aí foi para Mirandópolis, ficou três anos lá, aí que acertou, deu bastante arroz e algodão e comprou trinta alqueires em Alto Paraná. Depois nós casamos em 1957, né?

E= Trinta alqueires, o senhor falou em Alto Paraná?

N.G.= É, nós trabalhamoØ dezesseis anos e não tinha comprado terra, depois que conseguiu comprar. O Brasil cresceu por causa do estrangeiro que queria ficar rico e trabalhava... Quando a gente entrou em Alto Paraná não tinha bóia-fria, então a gente tinha que trabalhar dobrado, até domingo a gente trabalhava.

(...)

E= Bem, vocês casaram em 1957 em Alto Paraná, foi lá que vocês se conheceram?

As.Y.= Foi por parente dele, né? Porque eu morava em Arapongas.

N.G.= Ficou até 1963 morando lá. Veio para Terra Roxa em 1963, maio.

E= Por que escolheu Terra Roxa?

N.G.= Porque não tinha mais para onde ir.

E= E vocês vieram para Terra Roxa?

As.Y.= Era um ranchinho. Veio ele e o irmão dele e comprou terra.

E= Vocês vieram juntos?

N.G.= Não nós viemoØ na frente, ele ficou lá em Alto Paraná.

As.Y.= *Ichiro-san* veio depois com a família.

(...)

E= Olha, agora vou perguntar dos nomes, mas vou perguntar para o senhor uma coisa que eu também não sei do meu. *Yassue*, tem significado?

N.G.= Esse sobrenome tem naquela região... Dona *Helena*, também é *Yassue*, da mesma região de Gifu, mas eu não sei o significado... Dona *Helena* acho que também não sabe, ou ela falou alguma coisa?

E= Eu entrevistei a dona *Helena* e ela só falou do sobrenome do marido.

N.G.= Então, acho que ela também não sabe. A família dela veio no mesmo navio, o Santos-Marú... Esse sobrenome só tem naquela região de Gifu.

E= Bem, já que o senhor falou de dona *Helena*, e parentesco seu com a família dela, vocês têm?

N.G.= Com dona ela? Nós não é parente, não, é porque é de Gifu também.

E= Da mesma província, região, né?

(...)

E= O senhor sabe dizer o significado de *Nagao*?

N.G.= *Nagao* é *coisa comprida*, então eu acho que é *vida comprida*, *vida longa* [risos], pode ser assim, eu acho, né?

E= E o da senhora?

N.G.= Ela nasceu no mês de maio, lá no Japão é cinco, então *satsu* é o mês de maio, então *Satsuki* significa que ela nasceu no mês de maio, mas no nascimento não está...

As.Y.= No nascimento está no mês de julho, talvez atrasou...

E= E o seu sobrenome de solteira...

As.Y.= *Akiyama*.

E= A senhora sabe [o significado]?

As.Y.= Nunca eu ouvi falar significativo, heim?

N.G.= *Aki* é *outono* e *yama*[tônico aberto na segunda sílaba] é *montanha*.

E= E os filhos, fala pra mim os nomes dos filhos de vocês...

N.G.= Significa?

E= Não, os nomes...

As.Y.= *Mário Toshio Yassue*, nasceu em 1958; *Valdomiro Hissao Yassue*, nasceu em 1960; *Emílio Mitio Yassue*; nasceu em 1961; *Luis Tatsuo Yassue*, nasceu em 1962 e *Edgar Suyoshi Yassue* [soletrando], nasceu em 1964.

E= Mas me fala, o nome *Toshio*, tem um significado?

N.G.= Ihhh [risos].

E= Assim, o que levou para escolher, ou o significado...

N.G.= *Toshio* a gente escreveu nomes que agradaØ num papelzinho, depois tirou e saiu *Toshio*. Mais ou menos escolhe os nomes que gente agrada e escolhe. Todos eles foi assim.

E= E os nomes em português também?

As.Y.= É que aquele tempo já era assim: tem que colocar nome português em frente, né? Então motivo nenhum, só chamar de *Mário*, *Valdomiro*...

E= Então os nomes *Toshio*, *Hissao*, *Mitio*, *Tatsuo* e *Suyoshi* não tiveram nenhum motivo especial como ser o nome de um avô, ou do tio...

N.G.= Não, agora *Edgar* teve, porque foi o Dr. *Bardhal* que operou [e o pré-nome é *Edgar*]. Ele quase morreu, deu sinal de criança nascer e nada, foi para o Doutor daqui e segurou mais um pouco, depois quando chegou lá em Guaíra já estava um pouco atrasado, pensa naquela

época de 1964, quando chegou lá ele não garantiu vida do *Suyoshi*, então agradecido, nós colocamos o nome do médico. Agora os outros não, foi nascendo, foi escolhendo.

E= E *Suyoshi*, tem algum significado? Por exemplo, tem nome com um, dois, três *kanji*...

N.G.= A maioria é dois *kanji*, agora *Suyoshi* é *final bom*, porque nasceu difícil, mas teve um final bom.

E= Agora, me fala, assim... e *Tatsuo*, tem um significado?

N.G.= Não, esses daí não, escolhia, depois tirava a sorte e o que saía...

E= E todos eles já tem o nome em português, o nome em japonês e o sobrenome...

As.Y.= É, tem.

E= Lembra pra mim o ano de nascimento deles, por exemplo, o Luís nasceu em 1962...

As.Y.= *Tatsuo* [ela se referiu ao *Luís* pelo nome em japonês] nasceu em 1962, o *Emílio* nasceu em 61, o *Hissao* em 60.

N.G.= O *Edgar* em 1964.

E= E o Senhor, a sua família, quando veio para o Brasil, em 1935, assim, por que foi que veio para o Brasil?

N.G.= Pensar que no Japão era muito pequeno [fala literal] a área, não tinha oportunidade de crescer e pensar que no Brasil juntava dinheiro como papel e nisso aí caiu e veio, mas aí demorou, juntou dinheiro, comprou terra, aí não quis vender e daí não quis voltar mais.

E= Quem será que no Japão fazia propaganda?

N.G.= Quem, quem começou não sei, mas acho que Governo mesmo, porque país pequeno tem muita gente, então tem que sair porque não tem jeito de crescer, né?.

## 11 Entrevistados (1ª parte): S.T., T.T.

### Contexto

Esta entrevista aconteceu na casa dos entrevistados no distrito de Alto Alegre e foi marcada com antecipação. Uma pessoa bem conhecida da família é quem marcou, acompanhou e apresentou a entrevistadora. O entrevistado não estava muito bem de saúde. No domingo, dia da entrevista, estavam presentes filhos, netos e bisnetos.

E= O nome completo do senhor é...

S.T.= *Sakae Takayama*.

E= O senhor nasceu no Japão?

S.T.= Sou natural de Guma-ken.

E= E quando o senhor nasceu?

S.T.= Em 21 de agosto de 1929.

E= E o senhor chegou em Alto Alegre aqui no ano...

S.T.= Foi em 1961, em novembro, fim de 61 né?

E= Quando o senhor chegou ao Brasil o senhor tinha quantos anos?

S.T.= Dois anos.

E= E quando o senhor chegou no Brasil, o senhor foi morar com a família em que lugar do Brasil?

S.T.= No Brasil fui para Barretos.

E= Barretos, São Paulo, né? e foi trabalhar...

S.T.= Foi trabalhar no café, colono.

E= O senhor tinha só dois aninhos, e o senhor tinha quantos irmãos?

S.T.= Tinha quatro irmãos.

- E= Cinco com o senhor, então?  
 S.T.= É.  
 E= O senhor era o primeiro, o segundo... o caçula...  
 S.T.= Era o caçula.  
 E= Então o senhor era o caçula e foi para Barretos, ficou lá quanto tempo?  
 S.T.= Ficou lá seis anos.  
 E= E de lá foi para onde?  
 S.T.= De lá foi para Votuporanga.  
 E= Também é São Paulo?  
 S.T.= É.  
 E= E lá também foi trabalhar com café?  
 S.T.= Não, foi trabalhar com algodão.  
 E= E sua família tinha experiência em trabalhar com algodão?  
 S.T.= Não, foi tudo aprendendo...  
 E= Ficou em Votuporanga mais ou menos quanto tempo?  
 S.T.= Uns doze anos.  
 E= E lá trabalhou como colono?  
 S.T.= Não, conta própria, como arrendatário.  
 E= E foi bom trabalhar lá, conseguiu dinheiro com a família?  
 S.T.= Consegui, porque deu pra comprar terra aqui no Paraná, né? [Ele riu].  
 E= Quando veio para o Paraná depois de 12 anos, mais 4 anos, é dezesseis anos, veio direto para Terra Roxa?  
 S.T.= Não, veio para Nova Esperança.  
 E= Quantos anos morou lá, sabe?  
 S.T.= Até nós casarØ.  
 E= Então vamos para o casamento...  
 T.T.= Conheceu lá em Nova Esperança, também.  
 S.T.= Mais ou menos uns seis anos.  
 E= E o nome completo da senhora?  
 S.T.= É *Tereza Mitiko Tanabe Takayama*.  
 E= E a senhora nasceu aonde?  
 T.T.= Em Bauru.  
 E= E seus pais?  
 T.T.= Eles vieram do Japão.  
 E= E a senhora nasceu quando?  
 S.T.= Em 15 de abril de 1934.  
 E= A senhora tem quantos irmãos?  
 T.T.= Vivo tem um só, mas tudo é seis.  
 E= Como a senhora prefere que eu chame a senhora, por *Tereza* ou por *Mitiko*?  
 S.T.= É por *Tereza*, né?  
 T.T.= Aqui em Alto Alegre é tudo *Tereza* e as criançada, tudo chama de vó em japonês, fala *bachã*.  
 S.T.= E o meu de batismo é *Francisco*, né? a turma trata de *Chico*. Non, non [não} Øtá no registro, não, é só nome de batismo, sabe como é, fui trabalhar como colono então fazendeiro mandava batizar todo mundo e pôr nome em brasileiro.  
 E= E foi o senhor que escolheu?  
 S.T.= Não, foram eles, a gente Øtava com sete anos e não compreendia nada, então para fazer matrícula na escola só tem o passaporte e o passaporte fica com os pais.



E= Veja se concorda com o que estou escrevendo certo: “Pra mandar fazer o documento na escola, porque só vem com o passaporte e o passaporte fica com os pais”. E do batismo da igreja depois fazia os documentos?

S.T.= Não, não fazia não.

E= E com quantos anos o senhor foi para a Escola?

S.T.= Com sete anos.

E= E tinha escola onde o senhor morava?

S.T.= Mas a escola era na Colônia da fazenda, tirei até o segundo ano primário.

(...)

E= Vamos voltar na parte do casamento. Que ano vocês se casaram?

S.T.= Esqueci agora... [ele riu], é que japonês naquele tempo não fazia casamento no cartório, fazia, apresentava para a turma lá. No cartório veio fazer aqui em Terra Roxa.

T.T.= Depois de quatro filhoØ que casou [eles riem].

E= E por que escolheram pra vir para Terra Roxa?

S.T.= Porque achava que eram bom, né?

E= Já tinha conhecido aqui que tinha vindo antes?

S.T.= Nós tinhaØ vindo em 1960 comprar terra. PassamoØ num terreno que tinha cafezal, que acho que era do seu sogro, então achava que dava muito café aqui, né?

(...)

E= Quando vocês se casaram, vocês ficaram morando com o sogro?

S.T.= FicamoØ morando perto do meu pai.

E= E lá também trabalhava com algodão?

T.T.= Não, lá era café.

E= Lá em Nova Esperança era café. Lá em Votuporanga como trabalhava como arrendatário já consegui dinheiro para Nova Esperança, de Nova Esperança, de novo, pra comprar terra aqui [em Terra Roxa]... porque achava que era bom.

S.T.= Isso.

T.T.= Era puro mato aqui, tinha só dois casas [ela ri]. Poço também tinha um só [ele ri]. Cedo, levantava seis horas, tinha cinqüenta barde [fala literal] pra tirar no sarril [sarrilho<sup>46</sup>]. Pra tomar banho tinha que sair de caminhão lá no São João [um rio], lá num ponte lá.

S.T.= Caminhão, não tinha caminhão....

T.T.= Mas tinha um caminhão velho que tinha lá!

S.T.= Aquele é depois... caminhão veio depois... a gente ia a pé mesmo.

E= Nossa, quanta coisa!

E= Eu vou fazer uma pergunta: como que é quando escolhe o nome para um filho... Igual o seu sobrenome é *Takayama*, tem algum significado?

S.T.= Ter, tem... Lá no Japão era que nem aqui antigamente, a turma não tinha sobrenome, então brasileiro pnhava [punha] tudo *Silva*... só os mais velhos, soldados assim, que tinhaØ, assim, até uns quatrocentos anos para trás, então só os poderosoØ que tinha o sobrenome. Os outros falava “Comerciante tal, ou senão Lavrador tal”, aí quando chegou um duzentos anos pra trás, então todo mundo foi obrigado a fazer [documento com sobrenome] então como nós moravaØ em cima da montanha, então foi *Takayama*, que quer dizer, *no alto da montanha*.

E= E... quando o senhor encontra alguém hoje com o mesmo sobrenome, quer dizer que é do seu sangue, ou não?

S.T.= Não, não é não.

E= Mas é daquela mesma região?

---

<sup>46</sup> Cilindro disposto horizontalmente e no qual se enrola corda, cabo ou corrente de um aparelho de levantar pesos (FERREIRA, 1999, p. 1820).

S.T.= Não, é colocava assim, igual esse deputado, a gente nem conhece...

T.T.= Aquele também é *Takayama*, mas não é sangue nosso.

S.T.= Acho que não é, não.

E= Então é porque morava em cima da montanha. O senhor sabe se é em um *kanji* ou dois?

S.T.= É dois.

E= E a senhora é *Tanabe*, a senhora lembra?

S.T.= É *beira da lavoura*, né? Assim, tem bastante lavoura...

T.T.= [Ela ri], é beira da lavoura, né?

E= E o nome *Sakae*, tem significado?

S.T.= *Sakae* é *evolução*.

E= E o senhor lembra o que levou seus pais a escolherem este nome para você, tem significado?

S.T.= Acho que não, igual meus filhosØ mesmo, eu só lembrava de pôr no cartório. Quando chegava no cartório, colocava qualquer nome.

T.T.= Eu encomendava: “Põe tal nome”, aí ele esqueceu e colocava outro. Ele lembrava e ponhava [colocava], lembra o nome da professora dele, pensou assim; “ah, aquele professora era boa, põe o nome da professora”.

E= Em qual dos filhos que teve o nome da professora?

T.T.= A mais velha, *Elza*.

E= Nossa, minha mãe chama *Elza* e ela foi professora, já é aposentada.

T.T.= Ela também era professora aqui, até na hora de casar era professora. Nunca fez cozinha, nada, não sabia nem fazer arroz. Casou deu arroz bem salgado para o marido [risos]. E pouco a pouco marido ensinou.

E= E agora, onde ela mora?

T.T.= Ela mora no Japão, sabe tudo, mora na colônia japonesa.

E= O senhor estava falando do seu nome, então se alguém chamar de *Francisco*, o senhor aceita ou não?

S.T.= Aceita, né? Aqui me chamam de *Chico*, na Terra Roxa, também. Bem, a turma meu quase tudo já morreu.

(...)

E= O senhor tinha comércio aqui, então, foi quantos anos?

S.T.= Foi por trinta e cinco anos.

E= E a senhora, como é que o chama?

T.T.= (...) [risos]. Perdoa eu. Na maioria das vezes eu chamo ele de *Pai*, por causa da criançaØ. Então um dia um freguês perguntou “cadê o seu *Chico*?”, aí eu chamei: *Pai!*, aí o freguês falou: “você mora com o pai?” [risos], será que não percebeu que eu sou mulher dele? Aí eu falei: “esse aqui é meu esposo”.

E= Quem é que chama o senhor por *Sakae*?

S.T.= A maior parte a Cooperativa, o Banco, porque está registrado, né?

## 12 Entrevistados (2ª parte): S.T., T.T.

### Contexto

Este casal teve onze filhos, então como a entrevista já estava muito longa, esta parte da entrevista foi realizada no domingo posterior à aquela.

E= O nome da senhora é *Mitiko*, tem bastante japonesa com este nome, né?

T.T.= Tem, tem bastante *Teresa* também. Aqui em Alto Alegre não tem *Mitiko*.

E= Quem escolheu, foi sua mãe?

S.T.= Foi ela mesmo.

T.T.= Minha mãe morreu eu tinha quatorze anos.

(...)

E= Você tem *Tereza* no registro de nascimento?

S.T.= Tem, ficou: *Tereza Mitiko Tanabe Takayama*.

E= Então ficou os quatro nomes?

S.T.= É, ficou ladrão de cavalo.

T.T.= Eu queria tirar um, só deixar três.

S.T.= Vê, minha nora tirou o sobrenome do pai dela, ficou só *Takayama*.

E= Porque não é comum os quatro nomes... Em que ano foi registrado?

S.T.= Assim... 1968, o casamento no civil.

E= Quando escolheu o nome dos filhos, a senhora escolhia, ele ia lá e trocava o nome dos filhos?

T.T.= É. *Elza*, a primeira. Depois veio *Paulo Seichi*. A terceira filha nasceu no dia de Santa *Luzia*, então pôs o nome de *Luzia*, esta faleceu. Ela ficou *Luzia Koiada Takayama*, ficou só dez, está tudo espalhado tem em Minas [Gerais], em São Paulo, no Japão.

S.T.= Depois? É *Celso*.

T.T.= Japonês fala *Cerso*.

E= E essa moça bonita, como é o nome dela?

T.T.= É *Jaqueline*, filha do meu filho.

E= Ela é *sansei*?

S.T.= É porque eu naturalizei, fiquei brasileiro, depois casei com *nissei*, então o meu filho já é *sansei*, então ela é *yonsei*. O filho do meu filho, meu neto, tanto que pra ir pro Japão Øtá dando um trabalho danado. É que lá no Japão, pra passear não é problema, mas se for pra ir pra trabalhar, eles não consideraØ que é filho de japonês. Então tem muito, mais ou menos cinco mil brasileiro *yonsei*, mestiço preso lá no Japão, né?, então eles estão exigindo pra danar, tirando certidão negativa do documento geral, de delegacia e espera mais ou menos uns seis meses, depois que aprovar tudo é que vai, porque o sangue japonês está muito fino, já.

E= Bem, quando vocês vieram morar aqui em Alto Alegre, aqui era mato, e o que tinha aqui?

T.T.= Nossa Senhora! Aqui tinha cobra, tinha onça tamanho grande assim... Uma vez fez uma casinha, como é que chama? é uma casinha... arapuca<sup>47</sup>... pôs o frango lá dentro e quando entrou, prendeu, era onça pintada, tinha foto, mas filho levou.

S.T.= Aqui era puro mato.

E= Então, gente, e nesse mato, porque não tinha luz elétrica, não tinha água... a senhora e ele...

T.T.= Não, mas nós tinhaØ trazido peão pra ajudar derrubar mato, plantar tudo, né?

S.T.= Depois que plantou é que nós mudamos.

T.T.= Acabou de plantar tudo, é que nós viemos de mudança de lá.

E= E a primeira planta foi...

S.T.= Café.

E= Mas e quanto tempo demorou para produzir?

S.T.= Quatro anos, porque naquele tempo plantava com semente.

T.T.= Aí quando o café Øtá bonito aí já vem geada!

E= E naquele tempo plantava com semente?

S.T.= Tudo semente, agora planta com muda.

(...)

E= Tinha palmito, árvore baixinha, árvores alta, como que era?

<sup>47</sup> Armadilha pequena para apanhar pássaros, formada de pauzinhos cada vez mais curtos dispostos em forma piramidal. P. ext. cilada, armadilha. (FERREIRA, 1999, p. 180).

S.T.= Era árvore alta.

T.T.= Da altura dessa casa.

E= Por que eu vim vendo com a E.Y. e tem reserva, mas as árvores boas já tiraram tudo.

S.T.= Tinha árvore alta que era uma beleza! Tinha palmito, cada metro quadrado tinha cinco palmitoØ.

E= E a casa?

S.T.= A casa nós fez com tábuas, quando nós entramosØ aqui, a gente morou um mês debaixo da lona, que nem bóia-fria, até fazer a casa, né?

T.T.= Nós cortava com serrote, pegava trançador cortava redonda, depois pegava facon [facão] eu e ele, né?, batia, batia e depois com esses tabuinha que nós cobriaØ a casa depois da lona, né? Carregava da roça até aqui.

E= Tinha medo dos bichos? Os bichos rondavam?

S.T.= Não.

T.T.= Até que não vê a gente não tem medo, né? Eu levava almoço nas costas, era almoço na cabeça e criança nas costas.

S.T.= O bicho que tinha aqui era cobra, cobra tinha bastante demais. A gente sabia que onça não pegava a gente, né?

T.T.= Levava almoço na roça, criança, nenezinho nas costas e outro na mão, eu vi oncinha, não muito grande, sabe que meu pé tremeu, tremeu, quase não deu pra chegaØ lá, pula galho, pula galho.

E= Quem já morava aqui?

S.T.= Nós viemos depois veio o *Shimokawa* e depois os *Yassue*.

E= Nome dos filhos... A senhora falou: *Elza, Paulo, Luzia e Celso*. Vocês tiveram onze filhos, fala pra mim o nome dos outros?

S.T.= Depois *Elena Yuriko*, depois *Vilson Hiromiti*, depois *Flavio, Tashi* [foi ouvido como *Tati*].

E= Vocês chamam ele de *Tati*?

S.T.= *Tashi* é apelido, ia colocar *Tadashi*, eu esqueci, então ficou *Tashi*. Depois é *Eiko, Vanderléia, Vandrezza e Matilde*, é a caçula.

E= Vamos falar da caçula, fala o nome dela inteirinho...

S.T.= *Sueko Matilde Takayama*.

T.T.= *Sueko*, caçula, em japonês, fundo de panela.

E= Aqui em casa, vocês chamam a *Matilde* por *Matilde* ou por *Sueko*?

N.T. e N.T.= *Sueko*.

E= E a *Vanderléia*?

S.T.= *Miako*, em japonês.

E= Prefere em japonês?

E.T.= É.

E= Vocês me falaram em português, agora fala o nome dos outros em japonês? O Paulo?

T.T.= É *Seichi*.

E= E o *Celso*?

S.T.= O Celso é só Celso, não tem o nome em japonês,

E= Em que ano ele nasceu?

S.T.= Em 1963.

E= Ele se chama então *Celso Takayama*. Onde ele mora?

T.T.= Mora em Minas Gerais.

E= E a *Elena*?

[Dúvida]

S.T.= É *Yuriko*.

E= Vocês chamam-na por *Elena* ou por *Yuriko*?

S.T.= Por *Yuri*.

T.T.= Em casa é *Yuri*, fora é *Elena*.

E= E o *Vilson*?

S.T.= O *Vilson* é *Hiromiti*, trata de *Hiro*.

E= E o *Flávio* tem nome em japonês?

S.T.= Não, nós iaØ colocar *Tadashi*, mas eu esqueci o nome lá, então ficou *Tashi*.

E= E a *Eiko*, tem nome em português?

T.T.= É *Eunice*.

E= Então fechei, gente! [Mas daí ele complementou, e a gravação continuou...]

S.T.= Mas lá no Japão não chama pelo nome não, né? Lá, o pessoal para trabalhar lá no Japão, se é *Takayama*, por exemplo, “Ô *Takayama*”, só é assim, tanto homem como mulher.

E= É pelo sobrenome, então?

T.T.= Não chama pelo nome, não.

S.T.= Lá assinatura também não vale, tem que ter carimbo.

E= Ainda é assim, igual seu filho vai agora para lá trabalhar, e é assim?

S.T.= É pelo sobrenome e lá a assinatura também não vale, tem que ter carimbo, o que vale lá é o carimbo.

E= E por que é assim, por que será?

S.T.= Você pode assinar e tem que bater carimbo, o carimbo seu, bate o carimbo assim.

E= É compreensível, igual, seus filhos são todos *Takayama*, se não souber, dá uma confusão, né? Por que vai saber se é um ou se é o outro?

S.T.= Lá pra fazer qualquer coisa, para tirar dinheiro, tem que ter carimbo, esse carimbo é registrado.

E= É com um número?

S.T.= Não, é letra que ninguém compreende, só eles que fazØ é que compreendeØ. Lá no Japão, para tirar dinheiro tem que ter carimbo [ele ri].

T.T.= Igual esses dois molequeØ que está [estão] aqui também são *Takayama*.

## ANEXO A Roteiro de entrevista para nipo-brasileiros imigrantes

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU – MESTRADO EM LETRAS  
MESTRANDA: ROSANGELA MARTINS NABAO

### A – DADOS PESSOAIS, ÉTNICOS E SOCIOCULTURAIS

1. Nome do(a) entrevistado(a)
2. Local e data de nascimento
3. Sexo:
4. Idade:
5. Qual geração pertence:
  - 5a. Com quantos anos chegou no Brasil? Com quem? Por quê? Como? Casado(a)? Solteiro(a)? Onde morou? Em que trabalhou? Local e trabalho dos pais no Japão. Narrar a história.
6. Em que ano veio a Terra Roxa? Como foi? Onde se estabeleceu: cidade; Santa Rita; Alto Alegre; São José?
7. Escolaridade do(a) entrevistado(a):

### B- FUNÇÃO

1. Que língua ou dialeto você tem preferência por falar? Em que ambiente?

### C- DADOS SOBRE O NOME

1. A história do nome pessoal
  - 1a Referente ao seu sobrenome, de que região do Japão ele vem? Você conhece o *kanji* do seu sobrenome? Tem tradução, ou um significado específico em português? Explique. Outros
  2. Referente ao seu nome do meio, você se lembra o porquê da escolha e/ou o significado?
  3. Seu prenome está escrito no registro de nascimento?
  4. Você se lembra o porquê da escolha e/ou o significado?
  5. Como você prefere ser chamado: pelo prenome; pelo nome em japonês, pelo sobrenome; pelo apelido? Explique.

### D- OUTROS

1. O que é gaijin?
2. O que é degasségui?

## ANEXO B Roteiro de entrevista para nipo-brasileiros imigrantes

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU – MESTRADO EM LETRAS  
MESTRANDA: ROSANGELA MARTINS NABAO

### A – DADOS PESSOAIS, ÉTNICOS E SOCIOCULTURAIS

1. Nome do(a) entrevistado(a)
2. Local e ano do nascimento
3. Sexo:
4. Idade:
5. Qual geração pertence:
  - 5a. Onde nasceu?
  - 5b. Se for *nissei* de pais já falecidos, procurar rememorar a história deles: Com quantos anos eles chegaram ao Brasil? Com quem? Por quê? Como? Casado(a)? Solteiro(a)? Aonde? Moraram em Terra Roxa? Quando? Em que trabalharam? Local de trabalho dos pais. Narrar a história.
6. E o entrevistado, nasceu nesta cidade, ou veio para cá com quantos anos? Quando? Em que localização do Município: cidade, Santa Rita, Alto Alegre, São José?
7. Escolaridade do(a) entrevistado(a):

### B- FUNÇÃO

1. Que língua ou dialeto você tem preferência por falar? Com quem?

### C- DADOS SOBRE O NOME PRÓPRIO

1. A história do nome pessoal
  - 1a Referente ao seu sobrenome:
    - 1b De que região do Japão ele vem? Você conhece o *kanji* do seu sobrenome?
    - 1c Tem tradução, ou um significado específico em português? Pode explicar? Outros.
  2. Referente ao seu nome do meio, você se lembra o porquê da escolha e/ou o significado?
  3. Seu prenome está escrito no registro de nascimento?
  4. Você se lembra o porquê da escolha e/ou o significado? Pode explicar?
  5. Como você prefere ser chamado: pelo prenome, pelo nome em japonês, pelo sobrenome; pelo apelido? Pode explicar?

ANEXO C Roteiro de entrevista para os nipo-brasileiros da 3ª geração e da 4ª geração

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU – MESTRADO EM LETRAS  
MESTRANDA: ROSANGELA MARTINS NABAO

A – DADOS PESSOAIS, ÉTNICOS E SOCIOCULTURAIS

1. Nome do(a) entrevistado(a)
2. Local e ano do nascimento
3. Sexo:
4. Idade:
5. Qual geração pertence: ( ) *issei* ( ) *nissei* ( ) *sansei* ( ) *yonsei*
- 5a. Onde nasceu?
- 5b. Se for *sansei* de pais já falecidos, procurar rememorar a história deles: Eles moraram em Terra Roxa? Quando? Com quem? Por quê? Como? Casado(a)? Solteiro(a)? Aonde? Em que trabalharam? Local de trabalho dos pais. Narrar a história.
6. E o entrevistado, nasceu nesta cidade, ou veio para cá com quantos anos? Quando? Em que localização do Município: cidade, Santa Rita, Alto Alegre, São José?
7. Escolaridade do(a) entrevistado(a):

B- FUNÇÃO

1. Que língua ou dialeto você tem preferência por falar? Com quem?

E- DADOS SOBRE O NOME PRÓPRIO

1. A história do nome pessoal
  - 1a Referente ao seu sobrenome:
    - 1b De que região do Japão ele vem? Você conhece o *kanji* do seu sobrenome
    - 1c Tem tradução, ou um significado específico em português? Pode explicar? Outros.
  2. Referente ao seu nome do meio, você se lembra o porquê da escolha e/ou o significado?
  3. Seu prenome está escrito no registro de nascimento?
  4. Você se lembra o porquê da escolha e/ou o significado? Pode explicar?
  5. Como você prefere ser chamado: pelo prenome, pelo nome em japonês, pelo sobrenome; pelo apelido? Pode explicar?



## ANEXO D Mapa do Brasil, dividido em estados e regiões



FONTE: <[www.ibge.gov.br/ibgeteen/mapas/imagens/brasil\\_regioes\\_gde.gif](http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/mapas/imagens/brasil_regioes_gde.gif)>

NOTA: O estado do Paraná localiza-se na região sul do Brasil, fazendo limites, dentro da federação brasileira, com os estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul e Santa Catarina.

## ANEXO E Mapa do Japão



FONTE: <<http://www.noticiasdobrasil.com.br/mapajapao.htm>>

NOTA: O Japão constitui-se em um arquipélago e é dividido pelas regiões apontadas no Mapa.

## ANEXO F Divisões administrativas do Japão: Nomes de províncias, regiões e principais cidades

<b>Divisões administrativas do <a href="#">Japão</a></b>	
<b>Províncias</b>	
<a href="#">Aichi</a>   <a href="#">Akita</a>   <a href="#">Aomori</a>   <a href="#">Chiba</a>   <a href="#">Ehime</a>   <a href="#">Fukui</a>   <a href="#">Fukuoka</a>   <a href="#">Fukushima</a>   <a href="#">Gifu</a>   <a href="#">Gunma</a>   <a href="#">Hiroshima</a>   <a href="#">Hokkaido</a>   <a href="#">Hyogo</a>   <a href="#">Ibaraki</a>   <a href="#">Ishikawa</a>   <a href="#">Iwate</a>   <a href="#">Kagawa</a>   <a href="#">Kagoshima</a>   <a href="#">Kanagawa</a>   <a href="#">Kochi</a>   <a href="#">Kumamoto</a>   <a href="#">Quioto</a>   <a href="#">Mie</a>   <a href="#">Miyagi</a>   <a href="#">Miyazaki</a>   <a href="#">Nagano</a>   <a href="#">Nagasaki</a>   <a href="#">Nara</a>   <a href="#">Niigata</a>   <a href="#">Oita</a>   <a href="#">Okayama</a>   <a href="#">Okinawa</a>   <a href="#">Osaka</a>   <a href="#">Saga</a>   <a href="#">Saitama</a>   <a href="#">Shiga</a>   <a href="#">Shimane</a>   <a href="#">Shizuoka</a>   <a href="#">Tochigi</a>   <a href="#">Tokushima</a>   <a href="#">Tóquio</a>   <a href="#">Tottori</a>   <a href="#">Toyama</a>   <a href="#">Wakayama</a>   <a href="#">Yamagata</a>   <a href="#">Yamaguchi</a>   <a href="#">Yamanashi</a>	
<b><u>Regiões</u></b>	
<a href="#">Hokkaido</a>   <a href="#">Tohoku</a>   <a href="#">Kanto</a>   <a href="#">Chubu</a> ( <a href="#">Hokuriku</a> - <a href="#">Koshinetsu</a> - <a href="#">Tokai</a> )   <a href="#">Kansai</a>   <a href="#">Chugoku</a>   <a href="#">Shikoku</a>   <a href="#">Kyushu</a>	
<b><u>Principais cidades</u></b>	
<a href="#">23 bairros de Tóquio</a>   <a href="#">Chiba</a>   <a href="#">Fukuoka</a>   <a href="#">Hiroshima</a>   <a href="#">Kawasaki</a>   <a href="#">Kitakyushu</a>   <a href="#">Kobe</a>   <a href="#">Quioto</a>   <a href="#">Nagoya</a>   <a href="#">Osaka</a>   <a href="#">Saitama</a>   <a href="#">Sakai</a>   <a href="#">Sapporo</a>   <a href="#">Sendai</a>   <a href="#">Shizuoka</a>   <a href="#">Yokohama</a>	

FONTE:

<[http://216.239.51.104/search?q=cache:y32HPH5b000J:pt.wikipedia.org/wiki/Subdivis%C3%B5es\\_do\\_Jap%C3%A3o+prov%C3%a3ncias+do+Jap%C3%A3o&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=1](http://216.239.51.104/search?q=cache:y32HPH5b000J:pt.wikipedia.org/wiki/Subdivis%C3%B5es_do_Jap%C3%A3o+prov%C3%a3ncias+do+Jap%C3%A3o&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=1)>

NOTA: Os nomes das províncias foram pesquisados anteriormente, pois às vezes não era entendido como deveria ser escrito, por exemplo, os informantes, diziam “Guifu-ken” e escreve-se “Gifu”.